

UNIVERSIDADE PAULISTA – UNIP

WALACE LARA

DESINFORMAÇÃO NA PANDEMIA:

Vozes e estratégias de jornalistas do núcleo de imprensa do Governo de São Paulo

SÃO PAULO

2025

WALACE LARA

DESINFORMAÇÃO NA PANDEMIA:

Vozes e estratégias de jornalistas do núcleo de imprensa do Governo de São Paulo

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Midiática da Universidade Paulista – UNIP, para a obtenção do título de Doutor em Comunicação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Carla Montuori Fernandes.

SÃO PAULO

2025

Lara, Wallace.

Desinformação na pandemia: vozes e estratégias de jornalistas do núcleo de imprensa do Governo de São Paulo / Wallace Lara. - 2025.

249 f. : il. color. + CD-ROM.

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista, São Paulo, 2025.

Área de concentração: Comunicação e Cultura Midiática.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Carla Montuori Fernandes.

1. Desinformação. 2. *Fake news*. 3. Pandemia. 4. Comunicação. 5. Política. 6. Mídia. I. Fernandes, Carla Montuori (orientadora). II. Título.

WALACE LARA

DESINFORMAÇÃO NA PANDEMIA:

Vozes e estratégias de jornalistas do núcleo de imprensa do Governo de São Paulo

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Midiática da Universidade Paulista – UNIP, para a obtenção do título de Doutor em Comunicação.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

_____/_____/_____
Prof^ª. Dr^ª. Carla Montuori Fernandes (Orientadora)
Universidade Paulista – UNIP

_____/_____/_____
Prof^ª. Dr^ª. Issaaf Karhawi
Universidade de São Paulo – USP

_____/_____/_____
Prof. Dr. Luiz Ademir de Oliveira
Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF

_____/_____/_____
Prof^ª. Dr^ª. Barbara Heller
Universidade Paulista – UNIP

_____/_____/_____
Prof. Dr. Maurício Ribeiro da Silva
Universidade Paulista – UNIP

Dedico a presente tese para a minha família (Daniela e Rafael), que me incentivaram e me acompanharam nessa jornada. E a todos os jornalistas que enfrentaram com as suas famílias a terrível pandemia.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, eu agradeço a minha orientadora Carla Montuori, que desde que eu ingressei no Doutorado, me ajudou a produzir esta tese. Foi graças aos inúmeros incentivos, a troca de informações e ao conhecimento agregado dela que consegui avançar nos estudos necessários para avaliar as estratégias desenvolvidas pelo núcleo de jornalistas responsável pelas informações da Secretaria da Saúde do Governo de São Paulo.

Por falar neles, fica aqui o meu eterno agradecimento aos cinco jornalistas que me deram as informações durante as entrevistas. Eles foram muito generosos compartilhando histórias – muitas das quais acabamos nos emocionando – e ao mesmo tempo, reconhecendo erros e acertos tão essenciais para aqueles que um dia poderão ter que enfrentar um cenário pandêmico e infodêmico¹.

Por questão de confidencialidade, infelizmente, eu não posso identificá-los. Nesse trabalho, eles serão apresentados como “J1”, “J2”, “J3”, “J4” e “J52. Jornalistas experientes, que ao responder as mais variadas questões se emocionaram ao lembrar de amigos, parentes perdidos para a Covid-19 e para a onda de desinformação. Nenhuma pergunta ficou sem resposta. Graças ao desprendimento desses jornalistas, essa tese obteve informações que podem nos ajudar no futuro.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa concedida. O apoio financeiro foi fundamental para a realização da pesquisa.

Durante a pandemia, trabalhei com diversos profissionais que foram para frente de hospitais, postos de saúde e cemitérios – lugares onde era preciso coragem para estar e não se contaminar. Por diversas vezes, usamos máscaras duplas e sofremos ameaças e agressões daqueles que duvidavam das informações.

Nas ruas ou dentro das redações, companheiros valiosos estiveram ao meu lado durante todo o período da pandemia. Aqui eu os homenageio nas figuras do repórter cinematográfico Wellington Valsechi, do motorista Rodrigo Aguiar, do produtor Abrahão de Oliveira, do chefe de reportagem Walter Barroso, da editora Wanda Alviano e da diretora Ana Escalada.

¹ Disponível em: <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/infodemia>> Acesso em: 12 out.2025.

Homenageio também todos os jornalistas que se contaminaram com a Covid-19 e sobreviveram até a chegada da vacina. E as famílias daqueles que morreram lutando contra a desinformação e a doença, como o editor de imagens Antonio Alves Gomes, o nosso Toninho Asa, um mestre da edição, meu vizinho aqui no Ipiranga (o bairro do “Grito”). Toninho morreu em consequência dessa doença – uma triste ironia - no dia que deveria estar sendo vacinado.

Que um dia a Justiça faça história condenando os responsáveis pela perda de 693. 853 vidas².

² Disponível em: <<https://www.msn.com/pt-br/seguran%C3%A7a-p%C3%BAblica-e-emerg%C3%AAncias/geral/pandemia-de-covid-19-o-julgamento-que-jair-bolsonaro-n%C3%A3o-enfrentou/ar-AA1LV0hs>> Acesso em: 12 out.2025.

RESUMO

A pesquisa tem como propósito analisar como a equipe de comunicação do Governo do Estado de São Paulo desenvolveu e implementou estratégias de enfrentamento à desinformação durante a pandemia de Covid-19, buscando compreender de que maneira essas ações contribuíram para ampliar o acesso da população a informações confiáveis em um contexto de intensa disputa política e informacional. A relevância do estudo reside no fato de que a crise sanitária foi acompanhada por uma crise comunicacional caracterizada pela circulação acelerada de conteúdos falsos e pela atuação de agentes políticos que instrumentalizaram a desinformação como forma de disputa simbólica. Assim, compreender o papel da comunicação pública em momentos de emergência permite avançar na formulação de estratégias mais eficazes para futuras situações de crise, destacando a necessidade de transparência, credibilidade institucional e alinhamento às evidências científicas. O problema que orienta esta investigação consiste em identificar como a comunicação governamental estadual articulou respostas diante da dupla crise, sanitária e informacional, e quais desafios enfrentou para equilibrar a difusão de informações verificadas e o combate às narrativas falsas amplificadas pela polarização nacional. Parte-se da hipótese de que, embora o governo paulista tenha adotado práticas comunicacionais coerentes com os referenciais de gestão de crise e de comunicação pública, a eficácia dessas ações foi parcial devido ao ambiente político hostil e à oposição sistemática do governo federal, que utilizou discursos desinformativos como ferramenta estratégica para construir enquadramentos alternativos e deslegitimar instituições científicas. Essa hipótese dialoga com abordagens teóricas que compreendem a desinformação como instrumento de poder discursivo e como mecanismo de mobilização política baseado em afetos negativos. Metodologicamente, a pesquisa adota uma abordagem qualitativa sustentada por entrevistas semiestruturadas com cinco jornalistas que atuaram diretamente na comunicação governamental do Estado de São Paulo durante a pandemia. As entrevistas serão analisadas por meio da técnica de análise de conteúdo, permitindo relacionar as percepções dos profissionais às discussões teóricas sobre comunicação pública, desinformação e gestão de crises. O estudo também integra análise documental e revisão bibliográfica, de modo a contextualizar as estratégias comunicacionais no cenário político e informacional mais amplo. Dessa forma, busca-se produzir uma compreensão aprofundada sobre os limites e as potencialidades da comunicação governamental em contextos marcados pela emergência sanitária e pela disputa de narrativas.

Palavras-chave: 1. Desinformação. 2. *Fake News*. 3. Pandemia. 4. Comunicação. 5. Política. 6. Mídia.

ABSTRACT

The purpose of this research is to analyze how the communication team of the São Paulo State Government developed and implemented strategies to confront disinformation during the Covid-19 pandemic, seeking to understand how these actions contributed to expanding public access to reliable information in a context of intense political and informational dispute. The relevance of the study lies in the fact that the health crisis was accompanied by a communication crisis characterized by the accelerated circulation of false content and by the actions of political actors who instrumentalized disinformation as a form of symbolic dispute. Thus, understanding the role of public communication in moments of emergency makes it possible to advance in formulating more effective strategies for future crisis situations, emphasizing the need for transparency, institutional credibility, and alignment with scientific evidence. The central research problem consists in identifying how the state government's communication apparatus articulated its responses to the dual crisis—sanitary and informational—and what challenges it faced in balancing the dissemination of verified information with efforts to counter false narratives amplified by national polarization. The study assumes the hypothesis that, although the São Paulo government adopted communication practices consistent with established frameworks of crisis management and public communication, the effectiveness of these actions was limited by a hostile political environment and the systematic opposition of the federal government, which used misinformative discourse as a strategic tool to construct alternative framings and delegitimize scientific institutions. This hypothesis aligns with theoretical approaches that conceptualize disinformation as an instrument of discursive power and as a mechanism of political mobilization grounded in negative affections. Methodologically, the research adopts a qualitative approach supported by semi-structured interviews with five journalists who worked directly in the São Paulo state government's communication efforts during the pandemic. The interviews will be analyzed using content analysis, allowing the professionals' perceptions to be related to theoretical discussions on public communication, disinformation, and crisis management. The study also incorporates documentary analysis and a literature review to contextualize communication strategies within the broader political and informational landscape. In doing so, it aims to produce an in-depth understanding of the limits and potential of governmental communication in contexts marked by public health emergencies and narrative disputes.

Keywords: 1. Disinformation. 2. Fake News. 3. Pandemic. 4. Communication. 5. Politics. 6. Media.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Comemoração da eleição do candidato Jair Bolsonaro (PSL) à Presidência da República, na Barra da Tijuca. Foto: Fernando Frazão/Agência Brasil. 28 out.2018.

Figura 2 - Informe na rede social X (na época, Twitter) de Jair Bolsonaro. Fonte: Agência Brasil.

Figura 3 - Bolsonaro durante discussão com Maria do Rosário. Reprodução: Propaganda Eleitoral.

Figura 4 - Carlos Alberto Brilhante Ustra. Foto: Wilson Dias/ Agência Brasil.

Figura 5 - Meme/Reprodução/ *Gerarmemes.com.br*.

Figura 6 - Posse de Jair Bolsonaro. Carlos Bolsonaro (em pé atrás do casal). Foto: TV Brasil/Agência Brasil.

Figura 7 - Joice Hasselmann é ouvida na “CPI das *Fake News*”. Foto: Fábio Rodrigues Pozzebom/Agência Brasil.

Figura 8 - O deputado federal Alexandre Frota. Foto: Valter Campanato/ Agência Brasil.

Figura 9 - Foto postada por Doria no Twitter para mostrar parceria com o presidente no dia 14/11/2018. Foto: Reprodução.

Figura 10 - O presidente Jair Bolsonaro durante reunião com o governador de São Paulo, João Doria (PSDB). Foto: Marcos Correa / PR.

Figura 11 - O médico toxicologista Anthony Wong, em entrevista ao *Programa do Jô* em 2012. Foto: Reprodução/TV Globo.

Figura 12 - No Rio, o jornalista Caco Barcellos e a repórter Talita Marchiori passam 40 horas em plantão para acompanhar a rotina da emergência. Foto: Globo/Divulgação.

Figura 13 - Anthony Fauci. Fonte: NIH Image Gallery from Bethesda, Maryland, USA/Wikimedia Commons (2020).

Figura 14 - *Kit* de tratamento precoce da Prevent Senior, com prednisona, ivermectina, azitromicina, colchicina, hidroxicloroquina e vitamina D. Reprodução/ Arquivo Pessoal.

Figura 15 - A cidade de São Paulo durante a pandemia. Foto: Rovená Rosa/ Agência Brasil.

Figura 16 - Reprodução da rede social de João Doria.

Figura 17 - Comentários sobre *post* de Doria em sua rede social X.

Figura 18 - Reprodução da rede social (Instagram) de João Doria. Fonte: Instagram Doria (2021).

Figura 19 - Presidente Jair Bolsonaro discursa na Assembleia Geral da ONU. Fonte: Santos (2021).

Figura 20 - Presidente Jair Bolsonaro discursa em manifestação de apoiadores em São Paulo. Fonte: Isac Nóbrega/Agência Brasil (2021).

Figura 21 - Memes de Trump na internet sobre *fake news*.

Figura 22 - Hannah Arendt em 1935 (Foto: Reprodução/Hannah Arendt Bluecher Literary Trust).

Figura 23 - Lançado em 1985 (quatro meses após o fim da ditadura), o livro *Brasil: Nunca Mais* foi relançado em 12 jul.2025 no Memorial da Resistência em São Paulo. Foto: Paulo Pinto/Agência Brasil.

Figura 24 - Fonte da imagem Wardle e Derakhshan (2017).

Figura 25 - Selo usado pela Câmara dos Deputados para desmentir a *fake news* sobre o médico Adib Jatene.

Figura 26 - O jornal *Le Monde* demonstrou que a bandeira foi acrescentada digitalmente à foto original. Fonte da imagem: *Observador*.

27. Figura 27 - Estátua reproduz a imagem (de Joe Rosenthal) da 2ª Guerra Mundial, quando os fuzileiros navais americanos hastearam uma bandeira norte-americana no ponto mais alto de Iwo Jima, em 23 de fevereiro de 1945. Foto: Michal Packo/ *Pexels*, 2014.

Figura 28 - O médico e professor Alexandre Vargas Schwarzbald.

Figura 29 - CoronaVac. Foto Rovená Rosa /Agência Brasil.

Figura 30 - Bonde virado na Revolta da Vacina, de 1904. Fonte: SILVA, Marianno da. 14 nov.1904. *Portal Terra*, 3 dez.2024, on-line.

Figura 31 - *A varíola bovina ou Os efeitos maravilhosos da nova vacina* (1802), de James Gillray. Gravura. Biblioteca Nacional de Medicina (Bethesda).

Figura 32 - Manifestantes da Revolta da Vacina detidos pelas autoridades no Rio (foto: Casa de Oswaldo Cruz). Fonte: Agência Senado.

Figura 33 - Jornal noticia a “Revolta da Vacina” e tentativa de golpe militar (imagem: *Gazeta de Notícias*/Biblioteca Nacional Digital. Fonte: Agência Senado.

Figura 34 - 24 de dezembro de 2021 – ceia de Natal da população em situação de rua em São Paulo. Foto: Wallace Lara/ Arquivo Pessoal (reprodução autorizada com os devidos créditos).

Figura 35 - Homem em situação de rua morre de frio na fila do café da manhã no centro São Martinho, na Zona Leste de São Paulo. Foto: Wallace Lara/Arquivo Pessoal. Data: 18 maio.2022.

Figura 36 - Papa Francisco. Foto: Tomaz Silva/Agência Brasil.

Figura 37 - Tarcísio de Freitas, já governador, durante o leilão da Empresa Metropolitana de Água e Esgoto (EMAE), na Bolsa de Valores de São Paulo, no dia 26 dez.2024. Foto: Paulo Pinto/Agência Brasil.

Figura 38 - Carro de transporte de cadáveres trafega por São Paulo, no dia 30 de março de 2020. Foto: Wallace Lara/Arquivo Pessoal.

Figura 39 - Bruno Covas, João Doria e o então secretário da saúde do Estado, José Henrique Germann, na coletiva do dia 19 de março de 2020. O governo dava sinais de que as regras poderiam endurecer. Foto: Wallace Lara/Arquivo Pessoal.

Figura 40 - O mapa com as regiões dispostas por cores conforme o número de casos e óbitos. Fonte: Governo de São Paulo/ Reprodução.

Figura 41 - As fases – o que podia ou não funcionar. Fonte: Governo de São Paulo/ Reprodução.

Figura 42 - Os números que mostravam o que seria o avanço da doença sem o isolamento social. Fonte: Governo de São Paulo/ Reprodução.

Figura 43 - Hospitais, leitos de UTI, profissionais, testes e respiradores. Fonte: Governo de São Paulo/ Reprodução.

Figura 44 - Antes e depois da sala pintada de preto do Palácio dos Bandeirantes. Foto: Divulgação/Governo de São Paulo.

Figura 45 – “Meme” produzido pelas redes bolsonaristas. Fonte: Reprodução/UOL.

Figura 46 - Praça da Sé, centro de São Paulo: população de rua aguardando comida e abrigo. A pandemia agravou a situação dos vulneráveis. Foto: Wallace Lara/Arquivo Pessoal. 22 jun.2021.

Figura 47 - Letreiro na frente do prédio da Prefeitura de São Paulo, no Centro de São Paulo. Foto: Wallace Lara/Arquivo Pessoal. 27 jul.2020.

Figura 48 - O ex-ministro da saúde, Luiz Henrique Mandetta. Foto: Marcello Casal Jr./Agência Brasil. 15 abr.2020.

Figura 49 - Em Diadema, região metropolitana de São Paulo, moradores protestam contra desocupação no dia 18 de agosto de 2020 na rodovia dos Imigrantes (km 20). No dia 3 de junho de 2021, STF proibiu ações desse tipo durante a pandemia. Foto: Wallace Lara/Arquivo Pessoal.

Figura 50 - Muriçocas e percevejos: homem em situação de rua mostra as marcas dos insetos, após ficar num abrigo da Prefeitura de São Paulo, no dia 3 de abril de 2022. Foto: Wallace Lara/Arquivo Pessoal.

Figura 51 - Os primeiros representantes do centro de contingência de São Paulo com especialistas em saúde para ajudar Doria a tomar decisões. Com o agravamento da pandemia, o número foi sendo reduzido. Fonte: Governo de São Paulo/ Reprodução.

Figura 52 - Com apoio de Doria, Bruno Covas, do PSDB, toma posse do segundo mandato na Prefeitura de São Paulo. Ele morreria cinco meses depois (16 maio.2021) de câncer deixando o cargo para o vice, Ricardo Nunes, do MDB. Doria participou de maneira virtual para evitar as aglomerações. Foto: Wallace Lara/Arquivo Pessoal.

Figura 53 - A Constituição Federal de 1988. Foto: Joédson Alves/Agência Brasil.

Figura 54 - O ex-presidente da República, Fernando Henrique Cardoso (PSDB). Foto: Valter Campanato /Agência Brasil.

Figura 55 - Fernando Henrique Cardoso observa Lula e o vice José de Alencar subirem a rampa do Planalto. Posse ordeira e democrática em 2002. Foto: Wilson Dias/ Agência Brasil.

Figura 56 - Doria anuncia sua desistência da candidatura à Presidência da República. Foto: Valter Campanato/Agência Brasil (2022). Fonte: Agência Brasil. Acesso em: 29 set.2025.

Figura 57 - O ministro da propaganda de Hitler, o nazista Joseph Goebbels – Foto: Alfred Eisenstaedt (1933).

Figura 58 - Zé Gotinha, símbolo da vacinação nacional. Foto: José Cruz/ Agência Brasil.

Figura 59 - Charge satírica retratando o presidente Jair Bolsonaro oferecendo cloroquina a uma ema, em referência a episódios ocorridos durante a pandemia de Covid-19. Chargista Duke, 24 jul.2020 (on-line).

Figura 60 - O pastor Silas Malafaia. Fábio Rodrigues Pozzebom/Agência Brasil.

Figura 61 - *Post* do Governo de São Paulo no Facebook. Reprodução.

Figura 62 - Comentários de algumas pessoas abaixo do *post* do governo de São Paulo no Facebook. Reprodução.

Figura 63 - Andrew Wakefield - venerado pelas pessoas que são contra a aplicação da vacina, ele teve o registro cancelado em 2010, pelo Conselho Médico Britânico.

Figura 64 - João Doria, o porta-voz, em coletiva no Palácio dos Bandeirantes. Fonte: Divulgação/ Governo do Estado.

Figura 65 - Selo da campanha virtual criada pelo Instituto Butantan e pelo governo de São Paulo.

Figura 66 - MC Fioti no Instituto Butantan - Foto: Divulgação / KondZilla.

Figura 67 - Meme sobre “virar jacaré”. Reprodução: *Museu de Memes*.

Figura 68 - Inauguração do Hospital de Urgência em São Bernardo do Campo: dos 80 leitos da UTI, apenas 40 tinham respiradores. Foto: Wallace Lara/Arquivo Pessoal.

Figura 69 - Sepultadores da Prefeitura de São Paulo enterram primeira pessoa do dia, às 8h15 de uma segunda-feira. 11 maio.2020 - Foto: Sindicato dos Funcionários Públicos Municipais/Divulgação.

Figura 70 - A entrevista de Tarcísio Filho foi reproduzida na rede social do Instituto Butantan. Reprodução.

Figura 71 - Lave as mãos. Pia móvel instalada pela Sabesp (na época, não havia sido privatizada) na área de saída do Hospital de Parelheiros, na Zona Sul de São Paulo. Foto: Wallace Lara/Arquivo Pessoal.

Figura 72 - Junho de 2021: na avenida Paulista, enquanto algumas pessoas de máscaras caminham, um reciclador puxa a carrocinha com a bandeira americana: de um lado a doença, do outro a miséria. Foto: Wallace Lara/Arquivo Pessoal.

Figura 73 - Na periferia de São Paulo, o registro das mãos de crianças e adolescentes numa bandeira do Brasil desbotada. Milhares ficaram sem aulas na rede pública, aumentando a diferença para os alunos das escolas particulares. Foto: Wallace Lara/Arquivo Pessoal.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 ENTRE A POSSE E A PANDEMIA: A GESTÃO GOVERNAMENTAL DE JAIR BOLSONARO DURANTE A CRISE DA COVID-19	19
1.1. A aproximação de João Doria e Jair Bolsonaro: o impacto da desinformação e a ascensão conservadora	29
1.2. Doria x Bolsonaro: o rompimento marcado pela pandemia da Covid-19	38
2 DESINFORMAÇÃO, POLARIZAÇÃO POLÍTICA E EMBATES NA CONDUÇÃO DA PANDEMIA DA COVID-19	51
2.1. Desinformação e <i>fake news</i> : bases conceituais	60
2.3. Narrativas desinformantes e neoliberalismo: isolamento, aglomeração e a prioridade do mercado	80
3 COMUNICAÇÃO PÚBLICA E GOVERNAMENTAL - GESTÃO DE CRISE.....	88
3.1. Conceituando comunicação pública, governamental e gestão de crise	96
3.2. A comunicação governamental do Governo de São Paulo durante a pandemia da Covid-19	104
4 O PAPEL DA ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO NA PANDEMIA DA COVID- 19	111
4.1 Perfil dos jornalistas entrevistados	113
4.2. Mentiras mais marcantes	119
4.3. Estratégias para desmentir as mensagens enganosas	125
4.4. O que funcionou e o que não funcionou	129
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	142
REFERÊNCIAS	146
Livros/ <i>E-books</i> (Kindle)	146
Dissertações, teses e artigos acadêmicos em revistas e periódicos/sites	149
Textos e reportagens presentes em sites/ <i>posts</i> em redes sociais	157
Imagens (Referências completas)	173
ANEXOS	181

INTRODUÇÃO

A pandemia da Covid-19, declarada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 11 de março de 2020, desencadeou uma crise sanitária global sem precedentes, acompanhada de um fenômeno igualmente desafiador: a *infodemia*. De acordo com a OMS (2020), a infodemia refere-se à disseminação massiva e veloz de informações, muitas vezes falsas ou imprecisas, que dificultam o acesso da população a dados confiáveis e comprometem a adoção de medidas de proteção. No contexto brasileiro, tal fenômeno foi potencializado pela intensa polarização política e pelo uso estratégico da desinformação como arma de disputa narrativa (Fernandes, 2022; Gomes, 2021; Ferreira & Christofolletti, 2024).

Essa dinâmica reflete o que Castells (2018) denomina “crise da democracia liberal”, agravada pela difusão de narrativas populistas que exploram o medo e a desconfiança nas instituições. No caso da pandemia, a comunicação governamental federal assumiu um papel central na circulação de *fake news*, defendendo medicamentos sem eficácia comprovada e questionando a validade de vacinas, como a CoronaVac, frequentemente associada a discursos de cunho político e xenófobo (Gomes, 2021; Fernandes *et al.*, 2023). A postura do então presidente Jair Bolsonaro (PL), ao deslegitimar orientações científicas e atacar governadores que defendiam o isolamento social, ilustra o que Eatwell e Goodwin (2020) identificam como estratégias nacional-populistas baseadas na construção de inimigos internos e externos.

Por outro lado, o governo paulista, sob a liderança de João Doria (PSDB), adotou medidas de contenção alinhadas às recomendações científicas e investiu na produção e aquisição da CoronaVac, em parceria com o Instituto Butantan (Gomes, 2021). Tal cenário configurou um embate direto entre dois projetos de comunicação política: um ancorado em evidências científicas e na tentativa de mobilizar a opinião pública para medidas de prevenção, e outro sustentado por narrativas de descrédito à ciência e à imprensa.

Conforme Bruno e Roque (2019), narrativas que despertam medo ou raiva tendem a circular com mais rapidez e intensidade do que informações verificadas, o que potencializou o alcance das mensagens desinformativas. Nesse contexto, a comunicação governamental estadual precisou operar em um ambiente de gestão de crise dupla: a crise sanitária e a crise de desinformação. Como destacam Charaudeau (2012) e Coombs (2014), a comunicação em situações de crise exige não apenas rapidez e clareza, mas também legitimidade e capacidade de construir confiança pública.

No entanto, a sobreposição de disputas políticas dificultou esse processo, transformando a esfera da comunicação pública em um campo de batalha simbólico (Miguel, 2019).

A presente pesquisa tem como objetivo geral investigar as estratégias adotadas pela equipe de imprensa do governo do Estado de São Paulo, no âmbito da gestão de crise, para ampliar o acesso à informação e combater a propagação de notícias falsas durante os 40 meses ou 1.121 dias que duraram a pandemia (30 jan.2020, quando a OMS declarou estado de emergência de saúde internacional até 5 maio.2023)³.

Especificamente busca: (1) identificar as ações de comunicação voltadas à conscientização da população; (2) compreender como foram enfrentadas narrativas desinformativas e (3) avaliar a efetividade dessas ações à luz da literatura sobre comunicação governamental, comunicação pública e gestão de crises.

A escolha pela entrevista qualitativa baseia-se nas considerações de Ribeiro (2008), que defende a relevância dessa técnica no contexto de pesquisa quando o objetivo é acessar dados relacionados ao tema em análise. Tal abordagem é valorizada por sua eficácia em revelar as percepções, emoções e valores que subjazem às ações dos sujeitos, oferecendo, portanto, a oportunidade de explorar além das manifestações superficiais. Isso facilita uma compreensão mais profunda e permite que os pesquisadores avaliem e interpretem os dados coletados com maior *insight*.

O problema de pesquisa que orienta este estudo é: como a comunicação governamental do governo do Estado de São Paulo, durante o primeiro ano da pandemia da Covid-19, articulou estratégias para enfrentar simultaneamente a crise sanitária e a crise de desinformação? Que desafios a equipe de comunicação enfrentou ao tentar equilibrar a informação e combate à desinformação durante a pandemia?

Parte-se da hipótese de que os esforços empreendidos pela assessoria de imprensa estadual, embora tecnicamente consistentes e alinhados às recomendações científicas, tiveram eficácia parcial devido ao ambiente de polarização política e ao confronto direto com o governo federal, que utilizou a desinformação como estratégia de comunicação.

Tal hipótese dialoga com a concepção de Eatwell e Goodwin (2020) sobre a comunicação populista, na qual líderes políticos mobilizam afetos negativos (medo, raiva, desconfiança) para enfraquecer adversários e instituições. No caso da pandemia, essa estratégia

³ Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2023/05/05/oms-declara-o-fim-da-emergencia-global-de-covid.ghml>> Acesso em: 19 ago.2025.

implicou deslegitimar a ciência, atacar governadores que defendiam medidas restritivas e promover narrativas alternativas sobre a doença e as vacinas.

Além disso, considerando o que Van Dijk (2017) discute sobre a relação entre discurso e poder, a produção e a circulação de mensagens pelo governo federal não podem ser vistas apenas como ruído comunicativo, mas como ação discursiva estratégica para manter hegemonia simbólica sobre parte da opinião pública. Essa perspectiva reforça a importância de compreender a comunicação governamental estadual não apenas como transmissora de informação técnica, mas como agente em uma disputa de enquadramentos (*frames*), como aponta Entman (1993), em que a seleção e a ênfase de determinados aspectos da realidade buscam moldar a percepção pública.

Assim, a hipótese se sustenta na ideia de que, embora o governo de São Paulo tenha adotado práticas de comunicação coerentes com os manuais de gestão de crise, a eficácia dessas ações foi limitada pelo ambiente informacional hostil e pela predominância de narrativas desinformativas amplificadas por redes sociais, em consonância com a lógica de circulação e engajamento discutida por Recuero e Soares (2020).

Metodologicamente, a pesquisa adota uma abordagem qualitativa, com entrevistas semiestruturadas a jornalistas que atuaram na comunicação governamental do Estado de São Paulo durante o período estudado, complementadas por análise documental e bibliográfica. As entrevistas serão analisadas a partir da metodologia de análise de conteúdo (Bardin, 2016), articulando as falas dos entrevistados com a literatura de referência (Fernandes, 2022; Castells, 2018; Bruno e Roque, 2019; Charaudeau, 2012).

A relevância desta pesquisa reside na possibilidade de compreender, como a comunicação pública pode atuar para neutralizar narrativas desinformativas em contextos de crise sanitária e alta polarização política. Além disso, pretende contribuir para o desenvolvimento de estratégias de comunicação mais eficazes em futuras emergências de saúde pública, reforçando a importância da credibilidade, da transparência e do embasamento científico na formulação de mensagens governamentais.

Nesse sentido, o trabalho está organizado em quatro capítulos. No capítulo 1 foi realizado um levantamento de dados com os principais pontos da campanha eleitoral de 2018, quando Jair Bolsonaro sofreu um atentado. E que, depois, venceu a eleição sobre o candidato Fernando Haddad no segundo turno, após a prisão do primeiro colocado nas pesquisas, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. A gestão governamental de Bolsonaro é analisada durante a crise da Covid-19. Nesse capítulo, também é apresentada a aproximação eleitoral com o

candidato João Doria ao Governo de São Paulo. Doria vence a eleição e o relacionamento dos dois políticos dura pouco por conta da chegada da doença no país e a São Paulo, o estado mais populoso da nação.

No capítulo 2 é destacada os embates entre os dois agentes políticos durante a condução das políticas sanitárias durante a pandemia, o uso da desinformação – e as bases conceituais – o embate em torno da vacina (eficácia x riscos dos imunizantes) e as narrativas desinformante e o neoliberalismo (isolamento, aglomeração e a prioridade do mercado).

No capítulo 3 é iniciada a análise da comunicação pública e governamental e a gestão de crise. É resgatada a origem da comunicação pública (no governo de Getúlio Vargas), a transformação que ela passa nos regimes democráticos (Fernando Henrique - Lula) e a invasão da comunicação política durante a pandemia no Governo de São Paulo, em que Doria vislumbrou a oportunidade de se projetar como candidato à Presidência da República – o que, por sua vez, elevou a pressão do então presidente Jair Bolsonaro, que buscava a reeleição. Os investimentos feitos por Doria, como as mudanças internas no Palácio dos Bandeirantes (sede do governo paulista) e o aumento de gastos em propaganda e publicidade em meios de comunicação também são abordados.

No último capítulo, o de número 4, é apresentado o perfil dos jornalistas entrevistados, que ocupavam cargos importantes dentro da estratégia de comunicação do governo paulista, as principais mentiras que tiveram que ser combatidas durante a pandemia da Covid-19; as estratégias de comunicação adotadas para evitar a desinformação e como eles observaram o uso das redes sociais – se na visão deles, elas ajudaram ou prejudicaram na gestão da crise. Um questionário com 10 perguntas foi aplicado no sentido de tentar entender de que forma eles enfrentaram a pandemia (inclusive, com os relatos de dor pela perda de pessoas próximas) e de que maneira, eles combateram o que era produzido de desinformação no chamado gabinete do ódio, que funcionava dentro do Palácio do Planalto, edifício sede da Presidência da República do Brasil.

1 ENTRE A POSSE E A PANDEMIA: A GESTÃO GOVERNAMENTAL DE JAIR BOLSONARO DURANTE A CRISE DA COVID-19

Para compreender melhor o fenômeno da desinformação durante a pandemia da Covid-19, é preciso efetuar um breve retorno à campanha eleitoral de 2018 quando – sob o lema “Deus acima de tudo e Brasil acima de todos” – a campanha do então candidato à Presidência da República, Jair Bolsonaro (na época, no PSL), usou, de forma excessiva, a vinculação de mensagens enganosas, conhecidas popularmente como *fake news*, como arma política para destruir os adversários políticos, mais especificamente o candidato de oposição na disputa, Fernando Haddad (PT)⁴.

Bolsonaro compôs forte aliança com políticos de direita após se apresentar como candidato antissistema. Embora possa parecer contraditório, o candidato, oriundo do baixo clero, que já havia assumido sete mandatos em cargos públicos, conseguiu construir uma imagem de alguém “avesso à política e aos políticos” e fixar na mente de boa parte do eleitorado um novo perfil, o do “capitão”, o do “herói”, o do “paraquedista” e o do “militar incorruptível, durante a campanha à Presidência da República. Campanha que o levou efetivamente a assumir o cargo, conforme a “Figura 1”, que mostra a sua posse.



Figura 1 - Comemoração da eleição do candidato Jair Bolsonaro (PSL) à Presidência da República, na Barra da Tijuca. Foto: Fernando Frazão/Agência Brasil. 28 out.2018.⁵

⁴ Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/18/actualidad/1539847547_146583.html> Acesso em: 10 jun. 2024.

⁵ Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/foto/2018-10/eleitores-de-bolsonaro-comemoram-vitoria-na-barra-da-tijuca-1582311613-5>> Acesso em: 29 set.2025.

Essa construção de imagem não é um fenômeno novo no contexto da política brasileira (que já havia elegido o “caçador de marajás” Fernando Collor de Mello na primeira eleição após o processo de redemocratização; o “professor” Fernando Henrique Cardoso; o “trabalhador” Luiz Inácio Lula da Silva e a “gerente” Dilma Rousseff), refletindo como narrativas pessoais podem ser manipuladas para criar figuras políticas carismáticas independentemente de suas trajetórias prévias.

Leal e Vieira (2009) observam que vivemos a “era da política centrada nos candidatos”, na qual o eleitor é capaz de julgar seus interesses no momento da decisão do voto. Nesse cenário, o personalismo, entendido como estratégia política que simula uma proximidade direta entre o líder carismático e seus seguidores (Weber, 2004), surge como um recurso eficaz para angariar votos em um contexto de desgaste partidário.

Jair Bolsonaro, porém, não desconstruiu a própria imagem de político do baixo clero e a reconstruiu como um líder populista de extrema-direita, especificamente no período de campanha. Ele já vinha trabalhando nesse processo alguns anos antes, conforme aponta a pesquisa de Aggio e Castro (2019). Uma análise de 4.306 mensagens publicadas na conta oficial de Jair Bolsonaro no Twitter (atualmente X), entre 1º de janeiro de 2016 e 15 de novembro de 2018, revelou que 37,7% dos *tweets* coletados foram classificados em pelo menos uma das categorias utilizadas para mensurar o teor populista da comunicação política, correspondendo a um total de 1.622 *tweets*. Esses índices variaram ao longo do período analisado, com 32% dos *tweets* em 2016 contendo conteúdo populista, totalizando 349 mensagens, enquanto, em 2017 e 2018, esses números aumentaram para 37,9% e 40,9%, respectivamente (Aggio; Castro, 2019). Durante o seu governo, Bolsonaro continuou usando a plataforma para fazer comunicados institucionais, como mostra a “Figura 2” :



Figura 2 - Informe na rede social X (na época, Twitter) de Jair Bolsonaro. Fonte: Agência Brasil. ⁶

Longe de explorar as diferentes abordagens sobre o conceito de populismo, adotamos a perspectiva alinhada às definições contemporâneas, que entendem o populismo como um conjunto de ideias que concebem a sociedade em termos de um conflito moralmente carregado, no qual um povo supostamente virtuoso se opõe a uma elite supostamente corrupta, especialmente no que diz respeito à soberania e à tomada de decisões políticas (Mudde; Kaltwasser, 2017; Rooduijn; Lange; Brug, 2014).

Na linha populista, Santos (2019) aponta que a construção da imagem de “herói” e “militar incorruptível” foi fundamental para atrair eleitores descontentes com a classe política tradicional, que enxergavam no candidato Bolsonaro uma figura capaz de combater a corrupção e a criminalidade. Isso também está relacionado com as sucessivas derrotas do PSDB nas eleições para o PT, entre o período de 2003 e 2016, o que demonstrou um profundo desgaste da imagem do partido, que até então desempenhava um papel de oposição aos governos do PT e que, por sua vez, tinha uma imagem conservadora.

No entanto, conforme pontua D’Araújo (2021, p. 87), a postura de Bolsonaro não poderia ser comparada a outras correntes políticas, pois ele representava e ainda encarna uma figura particular: “um ator político adormecido que defendia tortura e torturadores, humilhava

⁶ Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2018-12/bolsonaro-garante-apoio-profissionais-da-area-de-inteligencia>> Acesso em: 30 set.2025.

as mulheres, criminalizava as orientações sexuais que não fossem hétero, aderiu ao criacionismo (*design intelligent*), atacava a *Constituição* e o Poder Judiciário, entre *outras coisas*”.

Em 2014, por exemplo, Bolsonaro atacou a deputada federal Maria do Rosário (PT), ao dizer na Câmara dos Deputados e ao jornal *Zero Hora*, que a deputada não merecia ser estuprada por ser “muito feia” e por “não fazer o seu tipo”. O caso de injúria foi parar na Justiça e depois arquivado por prescrição (demorou mais do que três anos para ser julgado)⁷. Em 2018, portanto, quatro anos depois, Maria do Rosário passou a ter que andar com seguranças por sofrer ameaças dos apoiadores de Bolsonaro durante o período eleitoral⁸.



Figura 3 - Bolsonaro durante discussão com Maria do Rosário.
Reprodução: Propaganda Eleitoral⁹.

Dois anos depois da discussão com Maria do Rosário (“Figura 3”), Bolsonaro, ao anunciar o seu voto pelo *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff, homenageou o Coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, morto em 2015, e que havia sido condenado por tortura praticada durante o período da ditadura. Bolsonaro votou “pela memória do Coronel”, acrescentando, inclusive, que ele “era o pavor de Dilma Rousseff”, que chegou a ser presa e torturada na época da ditadura militar. Primeiro militar brasileiro a responder por um processo de tortura durante a ditadura, Ustra foi condenado em outubro de 2012 (portanto três anos antes

⁷ Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/07/24/justica-arquiva-acao-em-que-bolsonaro-e-reu-por-injuria-contra-maria-do-rosario.ghtml>> Acesso em: 30 set.2025.

⁸ Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/politica/deputada-que-discutiu-com-bolsonaro-na-camara-passa-andar-com-segurancas-23188070>> Acesso em: 30 set.2025.

⁹ Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/politica/deputada-que-discutiu-com-bolsonaro-na-camara-passa-andar-com-segurancas-23188070>> Acesso em: 30 set.2025.

da sua morte) a pagar indenização para os parentes do jornalista Luiz Eduardo da Rocha Merlino, que foi preso na casa da sua mãe em Santos em 1971 e levado para a sede do DOI-CODI Destacamento de Operações de Informações (DOI-CODI). O processo, porém, foi extinto pelo Tribunal de Justiça de São Paulo (TJSP) em 2017 por prescrição (a família pedia uma indenização de 100 mil reais)¹⁰.

Merlino foi um dos primeiros jornalistas a divulgar que o Brasil estava praticando tortura (ao publicar o livro na França, junto com os jornalistas Bernardo Kucinski e Ítalo Tronca: *Pau de Arara - La violence militaire au Brésil* (1971), editado no Brasil apenas em 2013¹¹), morreu após ser torturado durante 24 horas. O exército – na época – informou a família que Merlino havia morrido após tentar fugir e ser atropelado a caminho do Rio Grande do Sul (RS), onde deveria reconhecer companheiros de luta revolucionária. Um laudo que distorcia as informações das escoriações no corpo chegou a ser emitido para garantir a versão oficial.

Nos anos 1990, a pedido da Comissão de Familiares de Mortos e Desaparecidos Políticos, o laudo de necropsia de Luiz Eduardo da Rocha Merlino foi analisado pelo médico Antenor Chicarino que constatou que a fotografia do corpo revelava marcas de instrumentos de tortura (que não estavam apontadas no laudo), como manchas roxas no braço direito, no nariz e na testa¹². O coronel morreu negando que tivesse cometido atos de violência contra os presos e nunca admitiu acusações gravíssimas como a de torturar famílias, sequestrar crianças e usar equipamentos nas celas como “a cadeira do dragão”¹³.

¹⁰ Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/justica/noticia/2018-10/justica-paulista-extingue-condenacao-por-tortura-contracoronel-ustra>> Acesso em: 30 set.2025.

¹¹ Disponível em: <<https://memoriasdaditadura.org.br/livros-uma-arma-subversiva/>> Acesso em: 30 set.2025.

¹² Disponível em: <<https://memorialdaresistenciasp.org.br/pessoas/luiz-eduardo-da-rocha-merlino/>> Acesso em: 30 set.2025.

¹³ Disponível em: <<https://g1.globo.com/Noticias/Politica/0,,AA1346783-5601,00.html>> Acesso em: 30 set.2025.



Figura 4 - Carlos Alberto Brilhante Ustra. Foto: Wilson Dias/ Agência Brasil¹⁴

Em 2019, Bolsonaro – já presidente chamou Ustra (“Figura 4”) de “herói nacional”¹⁵. Ao mesmo tempo que divulgava aquilo em que acreditava, Bolsonaro causava repercussão e ocupava parte do noticiário. Além disso, o uso estratégico das redes sociais digitais amplificou essa narrativa, permitindo que o candidato alcançasse um público mais amplo e diversificado (Mendonça; Campos, 2020). Bolsonaro atuou em parceria com seus filhos, alguns dos quais foram eleitos por diferentes Estados para cargos como o de deputado federal. Um exemplo notável é Eduardo Bolsonaro, que contribuiu para a aprovação do único projeto de Bolsonaro durante toda a sua carreira parlamentar, relacionado à pílula contra o câncer, um medicamento sem eficácia comprovada¹⁶.

Para seguir na disputa presidencial, Bolsonaro seguiu as recomendações de seus filhos, que encontraram inspiração no ideólogo da direita, Steve Bannon, tendo em vista sua atuação na campanha que elegeu Donald Trump como presidente dos Estados Unidos da América no ano de 2016 (Albuquerque; Quinan; Araújo, 2021). Utilizando um tom irônico, piadas politicamente incorretas e expressões como “Brincadeira sadia ‘taokei’?! ” (Figura 5), em formato de meme (Chagas, 2021), Bolsonaro, gradualmente, começou a se inserir em uma

¹⁴ Disponível em: <<https://www.gov.br/memoriasreveladas/pt-br/assuntos/noticias/stj-adia-julgamento-de-recurso-para-restabelecer-condenacao-de-ustra>> Acesso em: 30 set.2025.

¹⁵ Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/08/08/bolsonaro-chama-coronel-ustra-de-heroi-nacional.ghml>> Acesso em: 30 set.2025.

¹⁶ Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45778959>> Acesso em: 10 jun. 2024.

sociedade que havia descoberto o uso de ferramentas tecnológicas, como as redes digitais, em especial o WhatsApp.



Figura 5 - Meme/Reprodução/ *Gerarmemes.com.br*.¹⁷

Dos três filhos de Jair Bolsonaro, aquele que mais se destacou no acompanhamento das estratégias em mídias digitais foi Carlos Bolsonaro, vereador pelo Rio de Janeiro e que sempre atuou ao lado do pai como o seu maior colaborador. Coube a Carlos – apelidado de “Carluxo” – instrumentalizar toda a máquina de propaganda durante a campanha eleitoral.

Ao longo dos anos, Carluxo, à frente da estratégia digital do pai, estimulou a criação de uma infinidade de grupos no WhatsApp e no Facebook e identificou influenciadores, as pessoas mais ativas na difusão e criação de mensagens. Jair Bolsonaro e os três filhos políticos também se transformaram em influenciadores digitais, documentando pelo YouTube e pelas mídias sociais suas vidas e se comunicando diretamente com seus apoiadores (Mello, 2020, p. 22-23).

Entretanto, Carlos Bolsonaro não se limitava a atuar apenas nessa frente. Entre as suas estratégias, torna-se imperativo organizar uma legião de agentes virtuais que pudessem

¹⁷ Disponível em: <<https://www.gerarmemes.com.br/meme/1008745-brincadeira-sadia-taokei>>
Acesso em: 30 set.2025.

disseminar a mensagem do candidato de maneira mais direta e eficaz (Mello, 2020). Para tanto, a plataforma WhatsApp mostrou-se particularmente vantajosa, uma vez que a criptografia das mensagens impede a possibilidade de controle externo, conferindo, assim, maior credibilidade por parte da população. A disseminação ocorria, sobretudo, por intermédio de grupos familiares e de amigos:

Os grupos funcionam como listas de transmissão, em que os administradores, aqueles que criaram o grupo, mandam mensagens para os 256 integrantes, número máximo permitido pelas regras da ferramenta. Se uma pessoa acessou um link para se inscrever em um grupo, ela tende a ter um viés de confirmação, ou seja, está predisposta a acreditar no conteúdo que vai receber. Integrantes do grupo, por sua vez, distribuem esse conteúdo para familiares e amigos (Mello, 2020, p. 23).

Inspirados pelos articuladores de campanha da nova direita, como Dominic Cummings (diretor da campanha do Brexit), Steve Bannon (o estrategista de Trump), Milo Yiannopoulos (blogueiro inglês) e Arthur Finkelstein (conselheiro do presidente húngaro Viktor Orban), as ações de Bolsonaro nas redes sociais seguiam a estratégia de tumultuar o debate, impedindo o diálogo por vias tradicionais. Ao analisarem o conteúdo programático dos candidatos da eleição de 2018, como Geraldo Alckmin (PSDB), João Amoedo (NOVO), Alvaro Dias (PODEMOS), Henrique Meirelles (MDB), José Maria Eymael (DC), Cabo Daciolo (PATRIOTA) e Jair Bolsonaro (PSL), os autores Gregório e Contrera (2020) observaram que os partidos se distanciavam em alguns pontos (como o PSDB, preocupado com a questão do bem-estar social) e que Bolsonaro era o que se posicionava mais à direita dos demais, alinhado ao liberalismo:

Com efeito, a análise das frequências temáticas das distintas dimensões ideológicas da nova direita no Brasil demonstra que esta está calcada sobretudo no ideário econômico liberal, isto é, na defesa da livre iniciativa, da abertura comercial e da diminuição do tamanho do Estado. O PSL, vencedor da disputa eleitoral, não ofereceu um forte contraponto conservador no âmbito programático ao ideário liberal. Ao contrário, a candidatura do PSL liderou a ênfase programática da ‘Direita Liberal’. Ademais, a nova direita, constituída por PSL, NOVO e PODEMOS, é caracterizada fortemente por um discurso anti-*establishment*, que estabelece um contraponto entre suas propostas e os governos anteriores, sobretudo aos governos petistas (2003-2016). (Gregório; Contrera, 2020, p. 43).

Lynch e Cassimiro (2023, p. 131) apontam que, entre as técnicas de comunicação aplicadas para “ganhar” o debate nos grupos e nas redes sociais, e que foram incorporadas na campanha de Bolsonaro, destacam-se:

- 1) Simular um poder maior do que aquele que você realmente tem;
- 2) Falar apenas a linguagem do seu próprio público;
- 3) Não jogar no terreno em que seu adversário tenha vantagem, obrigando-o, ao contrário, a jogar no seu, onde ele não tem familiaridade, a fim de causar confusão, temor e retirada;
- 4) Ridicularizar o adversário, porque é quase impossível contra-atacar o ridículo;
- 5) Desenvolver táticas compreensíveis para seus companheiros;
- 6) Manter pressão constante, com táticas e ações diferentes, e utilizando tudo que acontecer para alcançar o seu propósito.

Nesse contexto, Cesarino (2020) oferece uma contribuição relevante ao realizar uma análise antropológica das redes digitais do então candidato Jair Bolsonaro. A autora argumenta que as redes digitais passaram a posicionar o liberalismo em uma postura antagônica à democracia, enquanto Bolsonaro, de maneira populista, utilizou plataformas, como o WhatsApp, para construir um discurso antissistema. Nesse discurso, qualquer indício de modernidade tornava-se alvo de críticas e desinformação, mobilizando, assim, voluntários que se opunham às políticas de reconhecimento.

Cesarino (2020) aponta que as minorias que antes eram reconhecidas como grupos oprimidos passaram a ser mobilizadas pelo mecanismo populista como inimigos ou ameaças, sendo apresentadas como elites corruptas. Assim, movimentos e grupos como a suposta “ditadura gayzista”, as “feminazis”, o MST, o movimento negro e outros passaram a ser interpretados como fontes de opressão ou segmentos indevidamente privilegiados. A **memética** reforçava essa visão por meio de significantes vazios, como “bolsa-travesti”, “bolsa-prostituta”, “bolsa-presidiário” ou, no caso de artistas, a “Lei Rouanet”. Em contraposição, construía-se uma cadeia de equivalências articulada a identidades vagas, indivíduos, cristãos, trabalhadores ou “patriotas”, retratados como preteridos ou oprimidos diante da militância pelo direito à diferença (Cesarino, 2020).

Para obter visibilidade digital, Bolsonaro usava a simbologia das cores e outros elementos estéticos (como a camisa da seleção brasileira) e ainda recorria à lógica do homem simples como busca retórica para se aproximar do eleitor (Cesarino, 2020). A incompetência gerencial de Bolsonaro, conforme apontam Lynch e Cassimiro (2023), emerge como um sinal de autenticidade, evidenciando a proximidade do líder com o eleitor comum, igualmente inexperiente em questões políticas. Para obter engajamento digital, “as mentiras – referidas geralmente pelo eufemismo de *fake news* – são propositadamente produzidas e emitidas em linguagem chula, sempre sob a marca da urgência, do deboche e da violência” (Lynch; Cassimiro, 2023, p. 16).

“É uma brincadeira saudável”, disse Bolsonaro algumas vezes após usar o recurso da comédia para criticar um adversário¹⁸. Fechine e Demuru (2022, p. 300) destacam esse aspecto, utilizando o termo “bufão” para caracterizar o político:

Bolsonaro é talvez o líder político que mais se aproveitou deste estilo de comunicar. Em sua carreira, ele debochou de inúmeros sujeitos: fez piada sobre as dimensões sexuais dos homens japoneses, disse ter virado “boiola igual maranhense”, provocou várias vezes rivais políticos como Lula, Alckmin, Doria e personalidades do mundo do espetáculo como a cantora Anitta e o ator Leonardo de Caprio com sua risada escrachada: “kkkkkkkkkkkk”, “rsrsrsrsrs”, como se pode ler em muitas de suas postagens no Twitter, Facebook e Instagram. Bolsonaro pode ser considerado como um verdadeiro “bufão” da política (Fechine; Demuru, 2022, p.300).

Assim, em função das frases polêmicas, proferidas ao longo da campanha eleitoral de 2018 (e depois na própria presidência)¹⁹, a presença de Bolsonaro nas redes sociais era muito superior à dos outros candidatos. Bolsonaro possuía na rede social Facebook 6,9 milhões de seguidores e no Instagram reunia 3,8 milhões de seguidores. Haddad tinha 689 mil (Facebook) e 418 mil (Instagram) (Mello, 2020). No segundo turno das eleições presidenciais de 2018, Bolsonaro foi eleito com 55,13% dos votos válidos, derrotando o candidato Fernando Haddad, que obteve 44,87%.

¹⁸ Disponível em: <<https://blogs.oglobo.globo.com/lauro-jardim/post/bolsonaro-ironiza-peso-de-maia-e-alcolumbre-brincadeira-saudavel.html>> Acesso em: 31 jun. 2024.

¹⁹ Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2018/04/14/interna_politica,951685/10frases-polemicas-de-bolsonaro-que-o-deputado-considerou-brincadeira.shtml> Acesso em: 31 jun. 2024.

1.1. A aproximação de João Doria e Jair Bolsonaro: o impacto da desinformação e a ascensão conservadora

A posse de Bolsonaro, em 1º de janeiro de 2019 (“Figura 6”), já trazia indícios da aproximação dos seus filhos no governo. Naquele dia, a chegada de Carlos Bolsonaro em um carro aberto, com a arma à cintura e os pés sobre o banco do Rolls-Royce, transcendeu o mero gesto de proteção ao pai, revelando um simbolismo mais profundo:

A informalidade foi um dos traços da posse. Desde a postura de Carlos Bolsonaro, à vontade no Rolls-Royce presidencial, ao discurso do presidente, que manteve o tom de campanha e a defesa da pauta conservadora, além de abordar economia, crise econômica, segurança pública, uma de suas bandeiras mais características e relações exteriores. Carlos Bolsonaro vinha se mostrando personagem de destaque desde a campanha eleitoral. Gerindo as redes sociais do pai, Carlos deu o tom informal que aproximou o então candidato de grande parte da população que se sentiu representada pela alcunha do “mito” (Simonetta; Cioccarei, 2023, p.44).



Figura 6 - Posse de Jair Bolsonaro. Carlos Bolsonaro (em pé atrás do casal). 2019.
Foto: TV Brasil/Agência Brasil²⁰.

Carlos Bolsonaro carregaria para o Palácio do Planalto toda a experiência em criar narrativas de desinformação, com o único propósito de ajudar o governo do pai – naquilo que ficou conhecido como “gabinete do ódio”:

Dois ex-assessores de Carlos Bolsonaro, Tercio Arnaud Tomaz e José Matheus Sales Gomes, ligados aos perfis “Bolsonaro Opressor” e “Bolsonaro Zuero”, também ganharam cargos no governo federal e estabeleceram o que passou a ser conhecido por gabinete do ódio. “Jair Bolsonaro levou para dentro do Palácio do Planalto uma ‘máquina’ de promover linchamentos virtuais e assassinar reputações de qualquer adversário externo ou mesmo interno”, escreveu em sua conta do Twitter em 7 de março de 2019 o jornalista Marlos Ápyus (Mello, 2020, p. 87-88).

²⁰ Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/foto/2019-01/sessao-solene-do-congresso-nacional-para-posse-de-bolsonaro-1581287466-0>> Acesso em: 30 set.2025.

Mello (2020, p. 88) explica que Ápyus fazia parte de grupos bolsonaristas, conservadores, desde 2013, chegando a integrar movimentos de direita:

Ele continuou: Mas antes, durante e depois da campanha, observou-se um fenômeno que ia muito além da proliferação de notícias falsas. Tocado (*sic*) por milhares de contas, as redes sociais foram tomadas por hordas que assassinavam a reputação de alvos específicos até que a vítima restringisse o acesso aos próprios perfis, calasse sobre o tema que deu origem aos ataques ou, em casos mais graves, deixasse de fazer uso público da internet como um todo. Esse nítido ato de censura é o que chamamos aqui de “linchamento virtual”. Qualquer cidadão que surja como um obstáculo ao discurso político de Jair Bolsonaro pode ser convertido em alvo de um linchamento virtual. Mas a preferência clara é por jornalistas que apresentam fatos ou opiniões incômodas (Mello, 2020, p.88).

Nesse sentido, destacam-se os depoimentos de duas pessoas que apoiaram a candidatura de Bolsonaro, mas que após sofrerem inúmeros ataques do “gabinete do ódio”, explicaram como era a máquina de desinformação que funcionava em Brasília. Em depoimento à Comissão Parlamentar Mista de Inquérito da *Fake News* (“CPMI da *Fake News*”), a deputada federal Joice Hasselmann (PSL-SP) (“Figura 7”), apoiadora de Bolsonaro durante a campanha eleitoral, detalhou como funcionava o gabinete. Comandados por Carlos Bolsonaro, diversos assessores promoviam ataques virtuais contra adversários do Governo, desafetos da família, jornalistas, ou seja, quem, por qualquer motivo, discordasse do Governo. “Carlos e Eduardo são os cabeças, os mentores”, afirmou a deputada aos integrantes da CPMI²¹.



Figura 7 - Joice Hasselmann é ouvida na “CPI das *Fake News*”.
Foto: Fabio Rodrigues Pozzebom/Agência Brasil.

²¹ Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/12/04/ex-aliada-de-bolsonaro-joice-detalha-cpmi-da-fake-news-como-atua-gabinete-do-odio.ghtml>> Acesso em: 20 jun. 2024.

Outro aliado de campanha, que detalhou como funcionava o “gabinete do ódio”, foi o deputado federal Alexandre Frota (PSL-SP) (“Figura 8”), que entregou milhares de páginas à CPMI, as quais foram anexadas ao inquérito 4.781 do Supremo Tribunal Federal (STF), relatado pelo Ministro Alexandre de Moraes:

O depoente entregou à CPMI milhares de páginas detalhando o “*modus operandi*” desses grupos. Pelo que pode apurar, esses grupos são coordenados pelo chamado ‘Gabinete do Ódio!’ de que fazem parte José Mateus e Tércio Arnaud, todos assessores presidenciais que trabalham sob a coordenação de Felipe Martins, Assessor para Assuntos Internacionais do Presidente da República. Nessa organização há uma clara organização de funções, podendo indicar a existência de “criadores”, “coordenadores”, “publicadores” e “replicadores”. Os alvos dos ataques dessa organização são definidos por algumas poucas pessoas, podendo o depoente citar dentre elas Olavo de Carvalho, Carlos Bolsonaro e o próprio Felipe Martins. Como exemplo dessa máquina de destruição de reputações, o depoente pode mencionar uma questão envolvendo o General Santos Cruz, à época Ministro da Secretaria de Governo – SEGOV. O ministro tomou uma decisão de vetar publicidade e patrocínio a sites e portais de Olavo de Carvalho e seus discípulos como Alan dos Santos e Bernardo Kuster; por essa razão passou a ser atacado violentamente, inclusive sendo chamado de traidor e outras mensagens do gênero, chegando a alcançar três mil ataques em apenas nove dias. O mesmo “*modus operandi*” foi adotado para atacar ministros do STF, notadamente o ministro Gilmar Mendes. O *impeachment* deste nunca existiu na realidade, mas foi criado e disseminado virtualmente por esse grupo, alcançando enorme repercussão (Brasil, 2024, on-line).



Figura 8 - O deputado federal Alexandre Frota. Foto: Valter Campanato/ Agência Brasil.

A campanha de Bolsonaro, oficial e de simpatizantes, fez uso recorrente de desinformação, particularmente nos grupos de WhatsApp, que em 2018, assumiram uma função importante, de informar o eleitor. Uma pesquisa feita pelo DataSenado com 2 mil pessoas

apontou que 79% da população brasileira usava o aplicativo para se informar. O WhatsApp ficou na frente de outros meios de comunicação, como a TV, o rádio e o jornal²².

Nos grupos da família, era possível ver o uso da desinformação como uma arma de ataque (contra adversários e o sistema eleitoral) e de defesa (quando alguma notícia publicada após apuração jornalística atingia o então candidato). Em Minas Gerais, um grupo de pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) criou o projeto “Eleições sem *Fake*” e monitorou 272 grupos que debatiam política, 37 apenas de Bolsonaro²³. As mensagens entregavam o que o leitor desejava: o espetáculo. Esse foi um dos principais segredos da campanha de Bolsonaro para atrair e engajar um número de pessoas dispostas a defender “a honra e a eleição do Capitão”.

Silveira (2020) aponta que conteúdos espetaculares predominam no ambiente digital. O algoritmo não favorece o radicalismo em si, mas sim o espetáculo, o que acaba favorecendo a disseminação de desinformação. Um exemplo, segundo aponta o autor (2020) é o “*kit* vagabundo”, um material que circulou amplamente antes da campanha eleitoral brasileira de 2018 e ainda circula embora em menor escala. Apesar de o produto ser criado de forma profissional, sua aparência é intencionalmente simples. Em poucas frases, esse material atacava os direitos sociais com afirmações como “não trabalhou, o governo te dá ‘Bolsa família’” e “teve filho com qualquer um, o governo te dá ‘vale-leite’”. Tais afirmações geram grande impacto por serem icônicas, e sua refutação exige não apenas respostas curtas, mas uma quantidade significativa de argumentos.

Esse trabalho de desconstrução tem sido realizado constantemente, com fins de fomentar preconceitos e elementos do senso comum e eles são disseminados para determinados grupos e detectados por inteligência de máquina para ganhar força, além do impulsionamento, pago por empresários que têm interesse na destruição de tais direitos.

Isso aconteceu em 2018: uma campanha de ódio e desinformação organizada – vindas até de fora do país – com uma campanha distribuída e paga por empresários de diversos portes, que geraram a onda de desinformação, principalmente pelo aplicativo WhatsApp, mas não somente por essa via. As plataformas são um lugar com um sistema algoritmizado, que trabalha para a maior permanência das pessoas e nos vende em amostras o tempo todo para esses empresários que financiam a desinformação (Silveira, 2020, p. 99-100).

²² Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2019/12/12/pesquisa-aponta-que-whatsappe-a-principal-fonte-de-informacao-de-79-dos-entrevistados>> Acesso em: 1º ago. 2024.

²³ Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/26/politica/1537997311_859341.html> Acesso em: 1º ago. 2024.

É importante destacar que, durante as eleições presidenciais de 2018, o então candidato na disputa para governador de São Paulo, João Doria, declarou apoio a Bolsonaro no segundo turno (“Figura 9”). Doria, filiado ao PSDB, havia inicialmente apoiado Geraldo Alckmin, candidato do seu partido, no primeiro turno. Entretanto, após a eliminação de Alckmin, Doria passou a apoiar Bolsonaro, justificando sua escolha como uma oposição ao PT e à candidatura de Fernando Haddad.



Figura 9 - Foto postada por Doria no Twitter para mostrar parceria com o presidente. 14 nov.2018. Foto: Reprodução²⁴.

Naquele ano, após 23 anos consecutivos de governo do estado de São Paulo pelo PSDB, o partido enfrentava, um adversário considerado competitivo na disputa eleitoral: o então governador empossado Márcio França (PSB). O PSDB chegou ao governo de São Paulo em 1994, com a eleição de Mário Covas – que assumia um governo marcado pela tragédia do massacre do Carandiru (Governo Luiz Antônio Fleury, MDB, 1990). Covas assumiu o governo, conseguiu se reeleger, mas não sobreviveu até o fim, morrendo de câncer em março de 2001. Geraldo Alckmin, que era seu vice, assumiu o governo e ficou até 2006 (quando saiu candidato à presidência e perdeu a eleição para Luiz Inácio Lula da Silva, do PT), passando para Cláudio Lembo, que, por sua vez, ficou até a eleição de José Serra (que abandonou a Prefeitura para a eleição do governo do estado).

Serra deixou o governo de São Paulo para se candidatar à presidência em 2010, sendo derrotado por Dilma Rousseff (PT). O governo estadual foi então assumido por Geraldo Alckmin, que governou de janeiro de 2011 até abril de 2018. Alckmin concorreu novamente à

²⁴ Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/politica/bolsonaro-doria-do-voto-bolsodoria-troca-de-elogios-guerra-politica-da-vacina-24850178>> Acesso em: 4 out.2025

presidência, mas perdeu para Bolsonaro. Com a sua saída, o governo paulista foi transferido para o seu vice, Márcio França (PSB). Ainda que o candidato do PSDB, João Doria, tivesse o poder da máquina política, enfrentava, por outro lado, um candidato que dividia parte do apoio do próprio partido:

As pesquisas de segundo turno ao governo do estado indicavam uma disputa muito parelha. Pior, para João havia uma tendência de queda. Em 17 e 18 de outubro, ele apareceu com pequena margem à frente de França – 52% a 48% no Ibope e 53% a 47% no Datafolha. Em 27 de outubro, as pesquisas davam empate técnico: o Ibope marcou 50% para cada um, e o Datafolha já apontava uma virada de França, com 51% a 49%. O mapa da votação em primeiro turno mostrou que a decisão de deixar a prefeitura tinha custado muitos votos na capital, mas no restante do estado João avançava (Guaracy, 2023, p.183-184).

João Doria, porém, um *outsider*, que passou boa parte da infância na Europa (o pai foi exilado político) e depois teve formação na capital, contava com um aliado importante: Marco Vinholi, filho de um ex-deputado do interior de São Paulo (cidade de Catanduva), ex-líder do Governo Alckmin e com muitas conexões no interior de São Paulo. Marco Vinholi, de Catanduva, destacava que sua equipe, formada por integrantes dos governos anteriores do PSDB, possuía ampla experiência e sólidas bases na política do interior paulista, e ressaltava que seu trabalho consistia em ampliar a projeção de João na região (Guaracy, 2018, p. 183-184).

Além disso, a equipe dele monitorava as redes digitais e percebeu um crescimento na candidatura de Bolsonaro no interior de São Paulo. E o que agradava a esse público? O discurso liberal, “anti-Lula”, contra a corrupção, que o próprio Doria havia utilizado para se tornar prefeito em 2016. Foi o que alertou Daniel Braga, responsável pelo monitoramento:

“João, você vai continuar com esse discurso ‘picolé de chuchu’ do Alckmin, ou vai ser o João Doria, aquele cara forte, que encantou as pessoas?”, perguntou Braga. “Ou a gente muda o discurso e você volta a ser o anti-PT, como na campanha da prefeitura, ou vamos perder” (Guaracy, 2018, p. 183-184).

Doria então voltou ao seu discurso que o elegeu à Prefeitura de São Paulo dois anos antes e passou a incorporar o “nacionalismo” difundido por Bolsonaro na própria campanha. Aderiu ao “verde-amarelo! e passou a usar o termo “BolsoDoria”²⁵.

Segundo Guaracy (2018), o termo não foi criado pela campanha, mas recebeu impulso com o lançamento da *hashtag* “#B17D45” — “B” de Bolsonaro, “17” do PSL e D de Doria, “45” do PSDB. A partir disso, a associação entre os dois nomes e a criação do termo

²⁵ Disponível em: <<https://ibpad.com.br/politica/como-joao-doria-se-apropriou-dos-discursos-de-bolsonarona-eleicao-de-2018/>> Acesso em: 8 ago. 2024.

“BolsoDoria” ocorreu de forma quase instantânea. Braga explica que, ao monitorar as redes sociais, perceberam manifestações espontâneas do tipo “Eu vou de Bolsonaro e Doria” e a *hashtag* “#B17D45”, que foram então compartilhadas com a militância de João. O termo “BolsoDoria” surgiu de maneira orgânica, associando João a Bolsonaro, sem que houvesse qualquer acordo prévio entre eles.

Braga observa ainda que esse movimento refletia valores compatíveis com os da campanha de João. Muitos amigos do candidato, como Flávio Rocha, dono da rede de magazines Riachuelo, apoiavam Bolsonaro e dentro do próprio PSDB havia considerável número de aliados do ex-presidente. O “BolsoDoria” foi sacramentado em um comício na avenida Paulista, associando Márcio França à esquerda, por ser do PSB (Partido Socialista Brasileiro), conforme aponta Guaracy:

O termo ganhou ainda mais visibilidade quando ele, em comício na avenida Paulista, no dia 21 de outubro, em cima de um caminhão do MBL, usou publicamente o termo BolsoDoria, inscrito em uma camiseta com as cores do Brasil, ao lado do vereador Fernando Holiday. “Eu defendo o Brasil com Bolsonaro presidente!”, bradou. “Não quero mais o PT no Brasil e em São Paulo, chega de esquerda!” (Guaracy, 2018, p.185).

Para tentar sacramentar a aliança, Doria tentou se encontrar com Bolsonaro, indo ao Rio de Janeiro. No entanto, Bolsonaro não o recebeu. Isso porque um dos principais apoiadores de Bolsonaro em São Paulo, o Major Olímpio (que naquela eleição foi eleito senador, vindo a morrer pouco tempo depois de Covid-19), apoiava Márcio França (PSB)²⁶.

Na batalha discursiva para o Governo do Estado, um vídeo de um homem nu, cercado de mulheres surgiu. Doria acusou um ex-aliado, que tinha migrado para a campanha de França, o então vereador Camilo Cristóforo²⁷, do PSB, como o autor da divulgação. Anos depois, a Justiça não conseguiu chegar a uma conclusão e arquivou o caso²⁸.

²⁶ Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/doria-vai-ao-rio-para-encontrarbolsonaro-mas-nao-e-recebido-por-candidato.shtml>> Acesso em: 10 jul. 2024.

²⁷ Disponível em: <<https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2023/09/24/camilo-cristofaro-1o-vereador-desao-paulo-a-perder-mandato-por-racismo-e-investigado-tambem-por-rachadinha.ghtml>> Acesso em: 10 jul. 2024.

²⁸ Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/justica/juiz-confirma-arquivamento-de-inquerito-sobre-video-intimo-atribuido-a-doria/>> Acesso em: 10 jul. 2024.

Na manhã do debate em segundo turno com Márcio França, no SBT, em 23 de outubro de 2018, começou a circular pelo WhatsApp um vídeo com um homem nu, deitado na cama com seis mulheres, que seria João. ‘Era um absurdo, dava para ver que era montagem’, diz Leticia Bragaglia. ‘Eu nunca tinha ouvido a expressão *deep fake*, foi a primeira vez’. *Deep fake* era o conteúdo falso, no qual muitas vezes se aplicam feições de alguém num vídeo com outro contexto, muito utilizado mais tarde pela milícia digital bolsonarista. O vídeo não teve efeito eleitoral, virando um inquérito policial para apurar quem fez e distribuiu. Típica deturpação da comunicação digital que se tornou depois cada vez mais usada no jogo político (Guaracy, 2018, p. 185-186).

O vídeo não teve o efeito eleitoral esperado. Doria foi eleito com forte desempenho no interior do estado, obtendo 10,9 milhões de votos, equivalentes a 51,75% dos votos válidos, enquanto França, que venceu na capital, recebeu 10,2 milhões de votos, correspondentes a 48,2%. Segundo Guaracy (2018), o resultado foi anunciado na noite do domingo da votação e na segunda-feira pela manhã, Doria realizou sua primeira reunião de governo.

Guaracy (2018) lembra que o primeiro e único encontro de Doria com Bolsonaro em Brasília (“Figura 10”) ocorreu para garantir a não revogação do benefício da Lei Rouanet para as empresas. Doria havia conseguido recursos empresariais para a reforma do Museu do Ipiranga, desde que a Lei Rouanet pudesse ser aplicada. O governador de São Paulo ainda encontraria com Bolsonaro em Davos.



Figura 10 - O presidente Jair Bolsonaro durante reunião com o governador de São Paulo, João Doria (PSDB).Foto: Marcos Correa / PR²⁹.

²⁹ Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/politica/em-davos-bolsonaro-cita-doria-como-possivel-presidente-da-republica-no-futuro-23396546>>

Acesso em: 4 out.2025.

Mas, pouco tempo depois, cerca de três meses, nele já sentia que o rompimento iria acontecer:

Em fevereiro de 2019, seu segundo mês no governo, contra a afirmação na campanha de que era favorável ao mandato único, e apesar dos acenos a João de que gostaria de vê-lo como seu sucessor, Bolsonaro já falava em reeleição – e trabalhava quase exclusivamente para isso. “Aí começou a guerra entre eles”, diz Letícia Bragaglia. Em lugar de governar para todos os brasileiros, buscando uma posição mais moderada e agregadora, o presidente manteve o discurso de candidato, radical e segregacionista, como se estivesse ainda em campanha, apontando contra o lulismo, a esquerda e toda aquela fatia do eleitorado que representava o “outro lado” – metade da população brasileira, para quem devia também governar (Guaracy, 2018, p. 211).

Letícia Bragaglia atuou como principal assessora de Doria ao longo de todo o governo, acompanhando de perto os diversos conflitos enfrentados. Desde o início da gestão, Bolsonaro deixou de cumprir o “Pacto Federativo”, que prevê contrapartidas do governo federal pelos recursos arrecadados pelos estados; São Paulo, que contribuía com 60% da arrecadação federal, deixou de receber qualquer recurso.

De acordo com Guaracy (2018, p. 212), Doria destacou que nem os governos do PT haviam interrompido repasses federais para programas sociais e de infraestrutura, como saneamento e habitação, e que a situação sob Bolsonaro, em que o estado passou a não receber nada, não tinha precedentes nem mesmo durante a ditadura militar.

1.2. Doria x Bolsonaro: o rompimento marcado pela pandemia da Covid-19

Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou uma nova pandemia ocasionada pelo vírus SARS-CoV-2, causador da Covid-19, que teve início em Wuhan, na China, no dia 17 de novembro de 2019. O vírus se espalhou rapidamente por todos os continentes e enquanto já provocava sérios danos a alguns países, ameaçava tantos outros dada a iminência do aumento de contaminações e consequentemente, de mortes (Gomes, 2021). No Brasil, depois do Carnaval, autoridades de saúde monitoravam a situação sem ter a noção exata do nível de gravidade. Sabia-se, por exemplo, que o vírus se alastrava onde havia maior concentração humana, o que, por demografia, colocava o estado de São Paulo e a capital como alvos principais.

Em 25 de fevereiro de 2020, o ex-governador Doria recebeu um telefonema de David Uip informando sobre o primeiro caso de Covid-19 em São Paulo³⁰. Em 11 de março de 2020, a OMS declarou pandemia global. O governo brasileiro, sob a liderança de Bolsonaro, adotou uma postura relativista, minimizando a gravidade do vírus e defendendo a continuidade das atividades econômicas, em contraste com as recomendações do Ministério da Saúde. Na conta do presidente do Instagram, foi verificado, por exemplo, entre 6 de março e 16 de abril de 2020, um alto volume de postagens, que se preocupavam em distribuir vídeos que difundiam o uso da cloroquina (remédio sem comprovação científica), ataques à imprensa e, em um momento que a doença avançava sobre a sociedade, o discurso de que era possível sobreviver sem a prática do isolamento social (que diminuía o volume da economia).

A quarta categoria mais acionada nas postagens se refere às críticas do presidente quanto ao isolamento social em prol da abertura do comércio e da retomada econômica. Nessa temática, algumas postagens se destacam, entre as quais um vídeo de um cidadão brasileiro, que estava em Tóquio, no Japão. No vídeo, aparecem pessoas em um parque, muitas sem máscara. A pessoa no vídeo afirma que a cidade não aderiu ao isolamento e os números de contágio permaneciam instáveis. Em outros momentos, Bolsonaro publicou vídeos de suas caminhadas pelas ruas de Brasília, cumprimentando os moradores e comerciantes, seguido, muitas vezes, de questionamentos e alertando sobre os impactos que o isolamento social poderia acarretar na vida dos indivíduos. Mais uma vez, percebe-se que o presidente se contrapõe aos especialistas, que insistem no isolamento como uma das únicas possibilidades de conter a disseminação do vírus (Fernandes *et al.*, 2020, p. 12).

Em momentos específicos, o ex-presidente Bolsonaro apontava nominalmente certos adversários políticos, como o governador de São Paulo, Doria (então no PSDB), marcando uma

³⁰ Disponível em: <<https://www.saopaulo.sp.gov.br/orgaos-e-entidades/>> Acesso em: 24 jul. 2024.

clara distinção entre aliados e opositores. Nos primeiros meses da pandemia, Doria apoiou as medidas sugeridas por cientistas e autoridades de saúde (Silva, 2021). Gomes (2021) destaca que o governador de São Paulo foi além, atuando como financiador da vacina CoronaVac, produzida pelo laboratório chinês Sinovac em parceria com o Instituto Butantan. Sobre a vacina, o Governo Federal desempenhou um papel significativo na ampliação da desinformação em torno do imunizante. A propagação da desinformação assumiu várias formas distintas, incluindo uma dimensão política e xenófoba, particularmente em relação à CoronaVac (Carvalho, 2020).

O ex-presidente Bolsonaro frequentemente referia-se à CoronaVac como “vacina chinesa do João Doria”, tentando desvalorizá-la em comparação com a possibilidade de desenvolver uma vacina totalmente brasileira, apoiada pelo seu Ministério da Ciência e Tecnologia (Gomes, 2021). Entre as afirmações enganosas feitas por Bolsonaro, estavam: “a maioria das pessoas é imune ao vírus”³¹; a possibilidade de formar uma “imunidade de rebanho”³²; as críticas ao isolamento social, classificando-o como medida errada que justificava a crise econômica²⁰; a alegação de que o diretor-geral da OMS, Tedros Adhanom, “não apoiou o *lockdown*”³³ e a declaração de que o uso de máscaras “reduziria a oxigenação”³⁴ e causaria pneumonia bacteriana”³⁵.

Essas declarações contribuíram para a desinformação e dificultaram a implementação de medidas eficazes para controlar a pandemia no Brasil. A atuação do Governo Federal e a disseminação de informações falsas aumentaram a polarização política e comprometeram os esforços para enfrentar a crise sanitária de maneira unificada (Fernandes, 2022).

Em uma entrevista coletiva, realizada em 17 de março na Secretaria Estadual de Saúde, o Governo de São Paulo, anunciava a primeira morte por Covid-19 no Estado. A vítima era um homem de 62 anos que tinha diabetes, hipertensão e hiperplasia prostática³⁶. Naquela época,

³¹ Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/confere/ultimas-noticias/2020/08/18/nao-e-verdade-que-amaioria-e-imune-a-covid-19-como-diz-bolsonaro-no-face.htm>> Acesso em: 17 set. 2024.

³² Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/06/17/bolsonaro-diz-que-contaminacao-emaais-eficaz-que-vacina-estrategia-pode-levar-a-morte-diz-sanitarista.ghml>> Acesso em: 17 set.2024.

²⁰ Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/governo/bolsonaro-critica-quem-faz-isolamento-temidiotas-ate-hoje-em-casa>> Acesso em: 17 set.2024.

³³ Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/confere/ultimas-noticias/2022/12/28/covid-vacina-eeleicoes-as-mentiras-que-marcaram-o-mandato-de-bolsonaro.htm>> Acesso em: 17 set.2024.

³⁴ Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/confere/ultimas-noticias/2021/06/17/nao-e-verdade-quemascaras-reduzem-oxigenacao-como-disse-bolsonaro-em-live.htm>> Acesso em: 17 set.2024.

³⁵ Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/governo/bolsonaro-sugere-que-usar-mascara-sem-lavar-pode-causar-pneumonia-e-matar/>> Acesso em: 17 set.2024.

³⁶ Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/03/17/estado-de-sp-tem-o-primeirocaso-de-morte-provocada-pelo-coronavirus.ghml>> Acesso em: 17 jun. 2024.

pouco se sabia sobre a verdadeira extensão dos danos que a nova doença poderia causar embora o noticiário internacional sugerisse consequências terríveis.

Cinco dias antes do anúncio da primeira morte, um áudio do médico Fábio Jatene começou a circular em grupos de WhatsApp. Nele, Jatene relatava discussões ocorridas em uma reunião no Instituto do Coração (InCor). A veracidade do áudio foi uma das primeiras informações que os jornalistas precisaram verificar sobre a pandemia³⁷. O áudio foi confirmado em uma entrevista coletiva pelo infectologista David Uip, que, na ocasião, era o coordenador do Centro de Contingenciamento do Novo Coronavírus em São Paulo.

Um dos trechos do áudio vazado e que viralizou foi a previsão de que não haveria leitos de Unidade de Terapia Intensiva (UTI) suficientes, algo que mais tarde se confirmou com o avanço da pandemia: “O David também disse que nos próximos quatro meses, na Grande São Paulo, estão prevendo 45 mil casos e que 10 a 11 mil casos vão precisar de UTI. E não há dez mil leitos de UTI disponíveis. Não há”³⁸.

A partir desse ponto, uma corrida intensa por informações foi iniciada. O anúncio da primeira morte no Estado, cinco dias depois, era mais do que esperado. Um novo cenário jornalístico rapidamente começou a se formar. Médicos começaram a questionar o cenário traçado. Um deles, Anthony Wong (“Figura 11”), chefe do Centro de Assistência Toxicológica do Instituto da Criança, do Hospital das Clínicas (HC), e pediatra, também gravou um áudio contestando as informações, que rapidamente se espalhou. Ele duvidava de um número de casos tão alto: “Em primeiro lugar, o David Uip é louco em falar em 25 mil casos. Acho que nem a Coreia, o Japão e mesmo a Itália com o inverno que estão tendo tiveram 25 mil casos somados”, disse na gravação³⁹.

Wong acabou morrendo de Covid-19, após ser submetido a um tratamento não convencional no hospital Prevent Senior, que, por sua vez, passou a ser investigado pela forma como tratava os pacientes, oferecendo *kits* de medicamentos sem eficácia comprovada. Dez dirigentes da empresa foram denunciados por homicídio culposo de sete pacientes que receberam tratamentos ineficazes contra a doença e outras 13 pessoas foram denunciadas em duas ações pelo crime de perigo, uma das ações por distribuição de milhares de “Kit Covid”

³⁷ Disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/12/audios-de-medicosrenomados-viralizam-com-informacoes-divergentes-sobre-o-coronavirus.ghtml>>

Acesso em: 17 jun. 2024.

³⁸ Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/03/12/audio-de-medico-do-incor-sobreavanco-do-coronavirus-em-sp-e-verdadeiro-mas-e-a-interpretacao-de-um-cirurgiao-diz-daviduip.ghtml>>

Acesso em: 17 jun. 2024.

³⁹ Disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/12/audios-de-medicosrenomados-viralizam-com-informacoes-divergentes-sobre-o-coronavirus.ghtml>> Acesso em: 17 jun. 2024.

para a residência de usuários do plano sem exames prévios e a outra ação por ministrar medicamentos ineficazes e de alto risco dentro da rede hospitalar⁴⁰.



Figura 11 - O médico toxicologista Anthony Wong, em entrevista ao *Programa do Jô* em 2012. Foto: Reprodução/TV Globo. Acesso em: 4 out.2025.⁴¹

No dia 24 de março de 2020, exatamente uma semana depois da entrevista coletiva realizada na Secretaria Estadual da Saúde de São Paulo, Bolsonaro fez um pronunciamento em rede nacional de rádio e televisão, colocando em dúvida as informações científicas sobre a pandemia de Covid-19:

Para ele, eram alarmistas as projeções da Organização Mundial de Saúde, e os meios de comunicação “espalharam exatamente a sensação de pavor”, contribuindo para o que chamou de “pânico” e “histeria”. Para o governante, a doença não passava de uma “gripezinha” ou “resfriadinho” (Ferreira; Christofoletti, 2024, p.139).

No contexto da pandemia de Covid-19, o Governo de Bolsonaro demonstrou uma incapacidade de separar a política da ciência. A preocupação com as implicações políticas da pandemia era evidente, particularmente no que diz respeito à potencial ascensão de candidatos que poderiam ameaçar sua reeleição. Nesse sentido, ele passou a atacar todas as iniciativas

⁴⁰ Informação disponível em: <<https://www.mpsp.mp.br/w/em-coletiva-promotor-e-procuradores-detalham-nova-acao-contra-a-prevent-senior>> Acesso em: 17 jun. 2024.

⁴¹ Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/01/15/medico-anthony-wong-morre-em-sao-paulo.ghtml>> Acesso em: 4 out.2025.

estaduais, como a do “isolamento social” implantado em São Paulo. No discurso de 24 de março de 2020, ele atacou quem tentava proteger a população:

“Devemos, sim, voltar à normalidade”, disse. “Algumas poucas autoridades estaduais e municipais devem abandonar o conceito de terra arrasada, como proibição de transporte, fechamento de comércio e confinamento em massa. O que se passa no mundo tem mostrado que o grupo de risco é o de pessoas acima de 60 anos. Então, por que fechar escolas?” A resposta era óbvia – crianças não sofriam os efeitos da doença, mas transmitiam o vírus –, e ficava claro que a Bolsonaro já não interessava a realidade. Pior, como ocorreu com Donald Trump, nos Estados Unidos, passou a confundir a população com falsas soluções. No seu pronunciamento, lançou a ideia da cloroquina, medicamento para malária e lúpus, sem eficácia comprovada contra o coronavírus, algo já feito por Trump, cujo manual parecia estar seguindo (Guaracy, 2018, p. 222-223).

Na contramão das prerrogativas indicadas pela OMS, Bolsonaro passou a organizar manifestações⁴², nas quais ele se misturava com os apoiadores, além de dificultar a compra de vacinas. Nos meses que se seguiram, o governo brasileiro se recusou a comprar vacinas que poderiam ser entregues ainda naquele ano e Bolsonaro alimentou tensões com governadores, prefeitos, imprensa e setores da sociedade que estavam preocupados com o avanço da epidemia (Ferreira; Christofolletti, 2024).

A ação do governo federal não ficou apenas na narrativa negacionista. Ela avançou sobre a tentativa de controlar toda a cadeia de informação. Jornalistas começaram a notar que – além da mudança de horário para a emissão dos boletins sobre o avanço da doença – existiam outros fatores, que só puderam ser superados a partir da criação de um consórcio de veículos de imprensa, alguns meses depois, no dia 8 de junho, quando os jornais *Folha de S.Paulo*, *O Globo*, *O Estado de S.Paulo* e *Extra* e os portais de notícias *UOL* e *GI* uniram forças para divulgar o número de contágio e óbitos a partir de boletins emitidos pelas secretarias estaduais de saúde, abandonando, assim, a dependência da informação do Ministério da Saúde:

Essas estatísticas eram antes disponibilizadas diariamente pelo Ministério da Saúde, mas atrasos frequentes, lacunas e inconsistências passaram a comprometer a rotina informativa dos veículos. Repórteres que cobriam o assunto queixavam-se da retenção de informações e da indisposição de funcionários públicos para entrevistas. Em abril e maio de 2020, o sistema de informática que era alimentado por técnicos do ministério apresentava oscilações e panes passageiras. A postura negacionista de Jair Bolsonaro fazia com que os jornalistas duvidassem do compromisso do governo federal com a transparência pública durante a pandemia. A saída foi a criação de uma força-tarefa entre jornalistas dos seis veículos para a contagem, sistematização, totalização e anúncio dos números que eram coletados junto às secretarias estaduais de saúde. O Consórcio de Veículos de Imprensa foi uma maneira para driblar resistência política e insuficiência de dados, e converteu-se num raro caso de jornalismo colaborativo multimidiático entre meios concorrentes. A iniciativa durou até 28 de janeiro de 2023 (Ferreira; Christofolletti, 2024, p. 146).

⁴² Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/19/bolsonaro-discursa-em-manifestacao-em-brasil-que-defendeu-intervencao-militar.ghtml>> Acesso em: 8 jul. 2024.

Essa apuração paralela precisou ser organizada para que os dados saíssem do papel e pudessem ser informados à população que, pelos grandes órgãos de comunicação, acompanhava atentamente. Ferreira e Christofolletti (2024) entrevistaram alguns jornalistas envolvidos, identificando-os apenas pela sigla “S”, acompanhados de um numeral. Eles revelaram que os jornalistas formaram um grupo de WhatsApp para as lideranças dos meios de comunicação e que as decisões eram tomadas de forma horizontal:

Na rotina de apuração, cada veículo se ocupava em média de cinco secretarias estaduais de saúde, e os dados alimentavam planilhas do *Google Sheets* – aplicativo gratuito que permite edição simultânea por múltiplos usuários. O Consórcio não tinha repórteres ou editores exclusivamente dedicados, o que significa dizer que os profissionais acumulavam suas funções habituais com a produção dos boletins diários colaborativos. S5 avalia que a iniciativa funcionou – apesar dessas condições – devido ao nível de organização e sistematização internas. Nenhum dos entrevistados soube dizer quantos jornalistas compuseram o Consórcio exatamente, mas alguns depoentes estimaram que entre 150 e 200 se envolveram nos quase mil dias de trabalho (Ferreira e Christofolletti, 2024, p. 148-150).

O jornalismo, marcado pela competição e pela busca pela notícia⁴³, desenvolveu, na adversidade, o cooperativismo entre os profissionais, que, além de contabilizarem os casos de infectados e mortos, passou também a monitorar o número de vacinados (quando a campanha começou em janeiro de 2021).

O depoente só contraria essa expectativa ao dizer que não detectou animosidade ou conflitos durante a vigência do Consórcio. “Realmente não lembro nenhum caso em que houvesse alguma discordância entre veículos ou entre colegas. Muito pelo contrário, todo mundo trabalhava com muito espírito de solidariedade e com muita cordialidade”, reforça o clima cooperativo e o recurso a uma função importante para o jornalismo: o atendimento ao interesse público. S2, por exemplo, lembrou em sua entrevista que os dados que o governo relutava em divulgar eram de caráter público, com desdobramentos sociais e amplos entre a população. Essa natureza motivava a equipe a agir (Ferreira; Christofolletti, 2024, p. 148-150).

Nos últimos anos, o jornalismo profissional tem enfrentado uma crise devido ao avanço das redes sociais no mercado publicitário⁴⁴. Contudo, sua importância ficou evidente durante a pandemia de Covid-19. Jornalistas, tanto nas redações, ao contabilizarem os boletins das secretarias, quanto no campo, expondo-se a riscos à saúde e aos de seus familiares, desempenharam um papel crucial. Mesmo diante das retaliações de parte da população influenciada pelo discurso presidencial, o contexto da epidemia destacou a relevância do

⁴³ Disponível em: <<https://www.observatoriodaimprensa.com.br/oitv/competicao-jornalistica/>> Acesso em: 8 jul. 2024.

⁴⁴ Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2022/05/jornalismo-profissional-nunca-estevetao-ameacado.shtml>> Acesso em: 8 jul. 2024.

jornalismo profissional na produção de informações verificadas e confiáveis. Em um momento em que dados corretos podiam significar a preservação de vidas, observou-se uma crescente desconfiança em relação a conteúdos informais e não verificados, como aqueles disseminados em redes sociais e aplicativos de mensagens. Nesse cenário, a atuação jornalística ganhou novo prestígio, não apenas pela coleta de informações, mas também pela capacidade de distinguir fatos de boatos e de estabelecer critérios de relevância. Um bom exemplo é a cobertura feita por Caco Barcellos e Talita Marchiori, que passaram 40 horas em um plantão de médicos atendendo pacientes com Covid-19 para mostrar como funciona a rotina de uma equipe que trabalha com emergências (“Figura 12”).



Figura 1 - No Rio, o jornalista Caco Barcellos e a repórter Talita Marchiori passam 40 horas em plantão para acompanhar a rotina da emergência - Foto: Globo/Divulgação.⁴⁵

Segundo Mello (2020, p. 177-178), pesquisas realizadas no Brasil e nos Estados Unidos indicaram um aumento da confiança da população em veículos tradicionais de mídia, como telejornais, jornais impressos, sites de notícias e programas de rádio, em contraste com a baixa credibilidade atribuída às redes sociais e ao WhatsApp, fenômeno interpretado como parte de um processo mundial de revalorização do jornalismo. Além disso, o trabalho dos repórteres em campo avançou sobre outros temas, como o da falta de insumos hospitalares, a falta de leitos e os inúmeros problemas enfrentados nos cemitérios públicos:

⁴⁵ Disponível em: <<https://redeglobo.globo.com/redebahia/noticia/profissao-reporter-acompanha-rotina-de-hospitais-publicos-com-tratamentos-de-alta-complexidade.ghtml>> Acesso em: 4 out.2025.

Não fosse a imprensa profissional, que trabalha com fatos, e não achismo, nada saberíamos sobre a subnotificação de casos de covid-19 no Brasil, a falta de insumos em hospitais, os avanços na pesquisa científica de tratamentos e vacinas, e o auxílio emergencial do governo que não está chegando para muita gente que precisa desesperadamente dos seiscentos reais. Jornalistas estão trabalhando como nunca para dar conta da quantidade avassaladora de informações que devem ser checadas e investigadas. Muitos repórteres precisam ir para a rua colher informações sobre a pandemia. Esses jornalistas têm família. Eles deixam em casa pais, maridos, mulheres, namorados, namoradas ou filhos, e expõem-se ao risco de se contaminar. E muitas pessoas voltaram a reconhecer que o trabalho dos jornalistas é essencial (Mello, 2020, p.178).

Uma parte da sociedade médica se posicionou ao lado dos governos de extrema direita, que, além de negarem a gravidade, passaram a difundir *fake news* de que o uso da cloroquina seria suficiente para controlar o avanço da doença (Fernandes, 2020). O ex-presidente americano, Donald Trump, entrou em conflito com o membro do “Coronavírus *Taskforce*” após Anthony Fauci (“Figura 13”) desmentir que a hidroxicloroquina tinha eficácia contra o vírus⁴⁶. Fauci enfrentou muita dificuldade com Trump.

Em uma entrevista à revista *Science*, Fauci disse que chegou a desmentir o presidente americano quando Trump disse que a China poderia ter revelado alguns meses antes que havia o surgimento de um vírus novo. Fauci disse “que isso não se encaixava, porque 2 ou 3 meses antes teria sido setembro” e que os assessores dele (Trump) deveriam ser mais cautelosos com a fala de Trump “mas eu não posso pular na frente do microfone e empurrá-lo para baixo”⁴⁷.

Em 2020, Fauci teve diversos embates com Trump. Funcionário público de carreira, ele manteve a sua posição, apesar das críticas públicas que ocorreram particularmente em fevereiro, quando Trump minimizou o vírus e Fauci alertou que ele não desaparecia com o calor. No mês seguinte, em março, Fauci divergiu com Trump sobre o uso de máscaras e a eficácia da hidroxicloroquina; a situação se agravou em março, quando Trump afirmou nas redes sociais que ele deveria ser demitido, ele afirmou que medidas mais rápidas teriam salvado vidas. Entre agosto e outubro, Trump volta a criticá-lo o chamando de “desastre”; Fauci critica eventos sem distanciamento social⁴⁸. Por questões políticas e de imagem, Trump não o demitiu. A retaliação, porém, veio no segundo mandato quando Trump tirou de Fauci (já aposentado), a segurança que tinha por ter liderado o Instituto Nacional de Alergias e Doenças Infecciosas dos Estados

⁴⁶ Disponível em: <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0124-40352023000200005&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 13 out. 2025.

⁴⁷ Disponível em: <<https://www.science.org/content/article/i-m-going-keep-pushing-anthony-fauci-tries-make-white-house-listen-facts-pandemic>> Acesso em: 4 out.2025.

⁴⁸ Disponível em: <<https://www.usatoday.com/story/news/politics/2020/10/28/president-donald-trump-anthony-fauci-timeline-relationship-coronavirus-pandemic/3718797001/>> Acesso em: 4 out.2025.

Unidos desde 1984. Fauci foi um dos principais especialistas do mundo em epidemias. Ele trabalhou para governos de seis presidentes (republicanos e democratas) como Ronald Reagan, George Bush, Bill Clinton, George W. Bush, Barack Obama e Donald Trump⁴⁹.

No Brasil, porém, Jair Bolsonaro não tinha a mesma estratégia. Quem se negava a aceitar a orientação do presidente perdia o cargo. Cimini, Ponte e Duarte Filho (2023) apontam que Bolsonaro enfrentou fortes atritos com seu então ministro da Saúde, Henrique Mandetta, que, além de apoiar o Sistema Único de Saúde (SUS) e promover medidas de distanciamento social, defendia uma abordagem baseada na ciência e criticava o uso da cloroquina sem comprovação científica de eficácia.

Essas discordâncias levaram à remoção de Mandetta do cargo. Ele foi substituído em 16 de abril de 2020 pelo também médico Nelson Teich, ele permaneceu menos de um mês no cargo, igualmente por discordar da postura negacionista adotada pelo presidente Jair Bolsonaro diante da Covid-19 (Campos, 2023).



Figura 13 - Anthony Fauci.
Fonte: NIH Image Gallery from Bethesda,
Maryland, USA/Wikimedia Commons (2020)⁵⁰

⁴⁹ Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52239163>> Acesso em: 5 out.2025.

⁵⁰ Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Anthony_Fauci.jpg> Acesso em: 4 out. 2025.

Mesmo sem ter comprovação científica, o governo Bolsonaro passou a propagar a informação de que um *kit* preventivo seria capaz de impedir o avanço da doença⁵¹. **E pelo menos uma rede hospitalar, a Prevent Senior – especializada em tratar idosos, que formavam um dos grupos vulneráveis à doença – encampou a ideia do tratamento.**

O resultado foi uma série de ações legais enfrentadas pela rede hospitalar⁵². Com a Promotoria de Saúde, o hospital teve de assinar um “Termo de Ajuste de Conduta”⁵³, comprometendo-se a não distribuir mais a medicação e à suspensão das pesquisas e à publicação em jornais de grande circulação da informação de que o estudo realizado pela própria rede hospitalar não tinha nenhuma validade científica. Além disso, a Prevent Senior também sofreu uma ação do Ministério Público do Trabalho⁵⁴ por obrigar os seus profissionais a receitarem a medicação sem eficácia do *kit* Covid (“Figura 14”). Nessa investigação, os procuradores ouviram 57 médicos, enfermeiros e outros profissionais, além de reunirem 37 mil documentos como conversas de aplicativos de mensagens da Direção da Companhia com os médicos, laudos periciais, protocolos e prontuários de pacientes (Alves, Oliveira e Silva, 2021).



Figura 14 - *Kit* de tratamento precoce da Prevent Senior, com prednisona, ivermectina, azitromicina, colchicina, hidroxicloroquina e vitamina D. Reprodução/ Arquivo Pessoal.⁵⁵

⁵¹ Disponível em: <<https://jornal.usp.br/ciencias/tratamento-precoce-e-kit-covid-a-lamentavel-historia-docombate-a-pandemia-no-brasil>>

Acesso em: 8 jul. 2024.

⁵² Disponível em: <<https://www.jota.info/tributos-e-empresas/saude/prevent-senior-e-alvo-de-acao-quepede-r940-milhoes-por-irregularidades-na-pandemia-06022024>>

Acesso em: 8 jul. 2024.

⁵³ Disponível em: <<https://www.mpsp.mp.br/w/prevent-senior-assina-tac-e-se-compromete-a-n%C3%A3o-mais-distribuir-kit-covid->>

Acesso em: 8 jul. 2024.

⁵⁴ Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2024/02/06/ministerio-publico-entra-comnova-acao-contra-prevent-senior-por-conduta-na-pandemia-e-pede-r-1-bi-de-indenizacao-na-justicado-trabalho.ghtml>>

Acesso em: 8 jul. 2024.

⁵⁵ Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-03-18/nao-e- apenas-bolsonaro-rede-privada-ainda-distribui-kits-de-tratamento-precoce-inefazes-contra-a-covid-19.html> Acesso em: 5 out.2025

A conclusão dos investigadores, em síntese, foi que a direção da companhia: “permitiu e incentivou que profissionais trabalhassem infectados pelo coronavírus nas unidades do grupo; não exigiu que os trabalhadores se vacinassem contra a Covid-19; só passou a exigir o uso de máscaras em novembro de 2020”. Eles ainda anotaram que o hospital transformou os pacientes em cobaia ao realizar experimentos de medicações sem aprovação dos órgãos de pesquisa; que médicos sofreram assédio moral ao obrigá-los a prescrever medicamentos ineficazes, entre eles os do ‘kit Covid’⁵⁶.

Os procuradores e promotores entenderam que “o conjunto probatório aponta para uma conduta dolosa e deliberada no sentido de colocar negócios e interesses econômicos acima da proteção da saúde e da vida de milhares ou até milhões de pessoas” (GI, 2024).

Por fim, a denúncia criminal contra o grupo hospitalar, resultante da insistência em administrar nos pacientes o protocolo apoiado por Bolsonaro, foi formalizada pelo Ministério Público de São Paulo após a ocorrência de sete mortes. Os irmãos Fernando e Eduardo Parrillo, proprietários do hospital, foram acusados de homicídio culposo de sete pacientes, omissão de notificação da doença e de causarem perigo para a vida e saúde de terceiros⁵⁷.

A investigação durou dois anos e oito meses e envolveu peritos médicos do próprio Ministério Público. A Prevent Senior informou que sempre “respeitou e colaborou com os promotores, mas reitera que seus médicos, funcionários e sócios sempre agiram para atender da melhor forma pacientes e beneficiários e jamais cometeram crimes”⁵⁸. As denúncias ainda estão sendo avaliadas na Justiça.

A falta de união entre governo federal e o estadual apresentava o seu saldo negativo. De acordo com Guaracy (2018, p. 246), no final de 2021, o estado de São Paulo registrava 152.098 mortes em decorrência da Covid-19, em um total de 4,4 milhões de casos confirmados. Nesse período, aproximadamente meio milhão de pessoas foram internadas e receberam alta hospitalar. A vacinação apresentou avanço de 3,5% da população em abril para 88% em novembro, o que resultou na redução do número de óbitos diários, que caiu de 890, em 1º de abril, para 62. A taxa de ocupação dos leitos de UTI também diminuiu, atingindo 25,94% no estado e 34,9% na região metropolitana.

⁵⁶ Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/brasil/2021-10-15/como-o-conselho-de-medicina-silencioudiante-do-negacionismo-de-bolsonaro-e-abracou-a-cloroquina.html>> Acesso em: 8 jul. 2024.

⁵⁷ Disponível em: <<https://www.mpsp.mp.br/w/em-coletiva-pgj-e-promotores-explicam-denuncias-contraintegrantes-da-prevent-senior>> Acesso em: 8 jul. 2024.

⁵⁸ Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/poder-justica/justica/mp-sp-denuncia-prevent-senior-porcrimes-na-pandemia-de-covid/>> Acesso em: 1º ago. 2024.

Um estudo feito pela Rede de Políticas Públicas e Sociedade (2023), grupo formado por mais de 100 cientistas e pesquisadores de instituições brasileiras e estrangeiras, publicado como “Covid-19: Políticas Públicas e as Respostas da Sociedade” (“Nota Técnica 31”), trouxe evidências de mensagens contrárias à vacina CoronaVac, que poderiam levar a população a recusar a vacina:

Os pesquisadores analisaram conteúdos coletados no Twitter e no Facebook (entre abril de 2020 e março de 2021) compartilhados por diferentes políticos e influenciadores e concluíram que houve uma confluência de narrativas contrárias à CoronaVac e à vacinação em si, incluindo a divulgação de notícias falsas. No período analisado, cerca de 5.203.933 usuários do Twitter fizeram postagens relacionadas à vacina, com a publicação de uma média de 115.642 *tweets* por semana sobre o imunizante. Também foram analisados dados de opinião pública sobre vacinação disponibilizados pela plataforma.

Na onda da desinformação em torno das vacinas contra a Covid-19, chegaram a circular alegações infundadas até mesmo sobre o falecimento de um voluntário da fase 3 dos testes da CoronaVac, que, embora decorrente de suicídio, foi mobilizado por setores contrários à imunização como suposta evidência de riscos da vacina, cuja aquisição pelo governo de São Paulo já havia se tornado alvo de controvérsias.

Nesse contexto, a Rede Políticas Públicas e Sociedade (2023) destaca que o Ministério da Saúde, em outubro de 2020, chegou a desistir da compra de 46 milhões de doses, decisão revertida posteriormente. Na mesma semana, pesquisadores identificaram 560.831 publicações no Twitter, sendo esse o maior volume de menções contrárias à CoronaVac entre março e dezembro de 2020. As análises ainda apontaram que a adesão da população à vacinação foi a menor em dezembro de 2020, mês em que as disputas políticas se intensificaram, voltando a crescer apenas em janeiro de 2021, quando a Anvisa autorizou o uso emergencial do imunizante (Rede Políticas Públicas e Sociedade, 2023).

Dentro desse universo, governadores e prefeitos precisavam conter a propagação do vírus da Covid-19 e administrar o caos sanitário gerado pelos efeitos da doença nos Estados e Municípios ao lado do combate à onda de desinformação. Tornou-se comum ver uma grande metrópole como São Paulo vazia (“Figura 15”). Eles também eram alvos de diversos ataques. Nesse sentido, o governador de São Paulo, João Doria, acabou se destacando – e tornando-se alvo principal – ao criticar a narrativa do ex-presidente negacionista:

“Como governador do estado, eu gostaria que o Brasil tivesse um presidente que liderasse o país em uma crise como essa, não minimizasse os problemas e não dissesse que o coronavírus é uma ‘gripezinha’, ou relativizasse uma questão tão grave para o país e os brasileiros neste momento”, disse. Com isso, passou a ser também o alvo preferencial dos ataques por parte da patrulha digital bolsonarista, que o acusava de liderar um movimento de governadores e prefeitos para fechar a economia, causando desemprego e danos futuros à nação (Guaracy, 2018, p. 223).

É importante destacar que, durante a pandemia, uma equipe de assessores de comunicação, de saúde, trabalhou ativamente no combate à desinformação durante a Gestão Doria. Um trabalho exaustivo e que muitas vezes exigiu um compromisso acima dos limites normais – como de ver parentes e amigos adoecendo ao redor (como veremos no capítulo 4). Já o próximo capítulo discutirá questões relativas à comunicação organizacional e à gestão de crise.

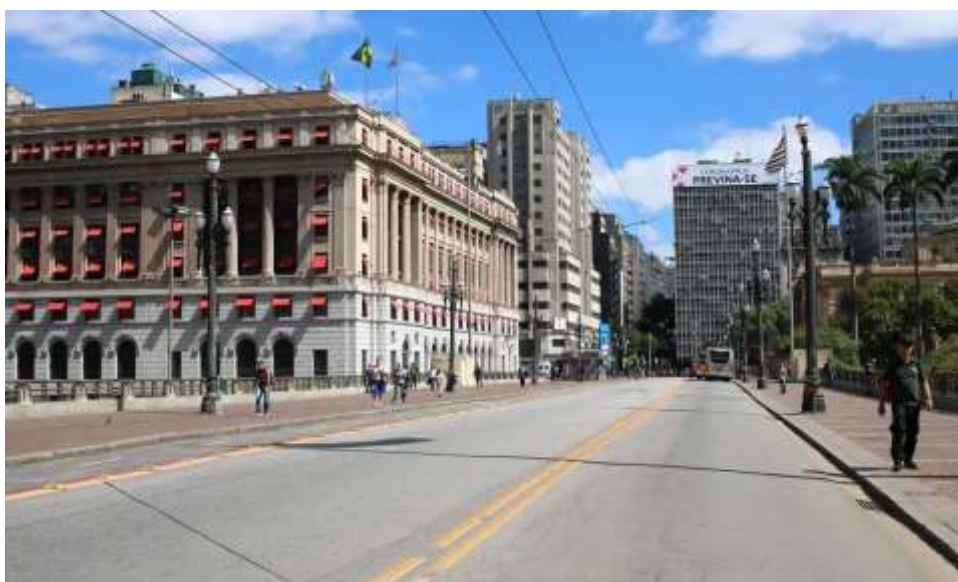


Figura 15 - A cidade de São Paulo durante a pandemia. Foto: Rovena Rosa /Agência Brasil⁵⁹.

⁵⁹ Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-05/taxa-de-isolamento-social-em-sao-paulo-se-mantem-abaixo-dos-55>> Acesso em: 5 out. 2025.

2 DESINFORMAÇÃO, POLARIZAÇÃO POLÍTICA E EMBATES NA CONDUÇÃO DA PANDEMIA DA COVID-19

A condução da comunicação governamental durante a pandemia da Covid-19, especialmente na área da saúde, evidenciou uma crise institucional agravada pelas estratégias adotadas pelo governo Bolsonaro. Em vez de atuar como agente central na coordenação e orientação das ações sanitárias, o governo federal adotou posturas que, por vezes, deslegitimaram medidas recomendadas por especialistas e instituições de saúde, contribuindo para um cenário de incerteza e desinformação. Essa postura contraditória comprometeu a credibilidade das políticas públicas de enfrentamento à pandemia.

Como já foi estudado no capítulo anterior, a crise foi intensificada, em particular, a partir da rápida mobilização do então governador do estado de São Paulo, João Doria (PSDB), que passou a ocupar espaço proeminente no debate público ao capitalizar iniciativas em prol da vacinação, em contraponto à hesitação e ao negacionismo demonstrados pelo governo federal.

Doria viu na pandemia a oportunidade para criar um outro personagem a do “João Vacinador”⁶⁰. No dia 22 de janeiro de 2021, João Doria escreveu isso na sua conta da rede X (antigo Twitter - “Figura 16”):

⁶⁰ Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/03/doria-encarna-joao-vacinador-e-promete-imunizar-ate-eduardo-bolsonaro.shtml>> Acesso em: 20 mar.2025.



Figura 16 - Reprodução da rede social de João Doria.
Acesso em: 5 out.2025⁶¹.

Ele faz referência à capa da revista *Isto É*, chegando inclusive, a republicar a capa na mesma postagem que acabou sendo alvo de diversos comentários contrários (“Figura 17”).

⁶¹ Disponível em: <<https://x.com/jdoriajr/status/1352581319939788800>> Acesso em: 5 out.2025.



Figura 17 - Comentários sobre *post* de Doria em sua rede social X.

Conforme aponta reportagem do portal *BBC News Brasil* (2022), enquanto Jair Bolsonaro manteve uma postura negacionista em relação à gravidade da pandemia e às soluções fundamentadas em evidências científicas, João Doria procurou construir uma imagem oposta. Desde o início da crise, ele aliou o seu discurso político as medidas científicas, mas nunca deixou de se colocar de forma antagonista, mantendo a postura de “nós contra eles”, tão cultivada pelo bolsonarismo (Discurso, 2021).

No dia 23 de março de 2020, o médico David Uip testou positivo para Covid-19. Doria fez o anúncio do contágio do médico e ao mesmo tempo informou que faria o teste e divulgaria o resultado (o que acabou ocorrendo dois dias depois – o exame deu negativo). “Assim que se faz, de forma clara, objetiva e transparente”, disse Doria durante uma coletiva de imprensa⁶². O discurso se colocava como um contraponto ao do presidente Jair Bolsonaro, que entre os dias 7 e 10 de março, viajou com uma comitiva para os Estados Unidos. Ele se encontrou com o presidente americano, Donald Trump⁶³.

⁶² Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/03/crise-do-coronavirus-antecipa-estrategia-de-doria-de-ser-o-anti-bolsonaro.shtml>> Acesso em: 14 out.2025.

⁶³ Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/03/07/bolsonaro-e-trump-se-encontram-nos-estados-unidos.ghtml>> Acesso em 14 out.2025.

Dias depois, 23 pessoas da comitiva de Bolsonaro contraíram Covid-19⁶⁴. Trump fez o exame e divulgou o teste negativo⁶⁵. Já Bolsonaro disse que tinha feito o teste e que o resultado era negativo. Ele, no entanto, não apresentou o resultado do exame. Isso só ocorreu em maio, por interferência do STF (Supremo Tribunal Federal)⁶⁶. “Assim a performance da divulgação do exame de Doria em coletiva, assim como seus comentários, devem ser entendidos num contexto de antagonismo com Bolsonaro, representando também o antagonismo entre um discurso científico e um discurso negacionista” (Discurso, 2021).

Essa contraposição também ficou simbolizada pela CoronaVac, desenvolvida pela farmacêutica chinesa Sinovac em parceria com o Instituto Butantan. Bolsonaro rejeitou a vacina, questionando sua qualidade e eficácia, ao passo que Doria buscou capitalizar politicamente a produção local do imunizante. O marco desse processo foi a aplicação da primeira dose no Brasil, em uma enfermeira (“Figura 18”), realizada em São Paulo com a CoronaVac (Fernandes *et al.*, 2021). Havia ainda um novo embate: se a vacina deveria ser ou não obrigatória. Enquanto João Doria tomava uma série de medidas pela obrigatoriedade da imunização, Bolsonaro se colocava do lado oposto, afirmando que a vacinação deveria ser escolha individual do cidadão. Logo, surgiram campanhas contra as vacinas com a distribuição em massa de mensagens falsas (áudios, vídeos, textos)⁶⁷.

Nesse sentido, como anota Monari e Sacramento (2021), vídeos distribuídos via WhatsApp colocaram Doria como um elitista (que se alia a cientistas, especialistas) contra as escolhas pessoais do cidadão. “Bolsonaro, por outro lado, ao afirmar que o imunizante seria disponibilizado à população de forma não obrigatória visando à liberdade do indivíduo de escolher se vacinar ou não iria a favor dessa ideia e, por isso, atenderia às demandas do povo” (Monari e Sacramento, 2021).

⁶⁴ Disponível em: <<https://www.otempo.com.br/politica/sobe-para-23-numero-de-pessoas-com-coronavirus-que-tiveram-contato-com-bolsonaro-1.2313791>> Acesso em: 14 out.2025

⁶⁵ Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2020-03/trump-testa-negativo-para-coronavirus-diz-casa-branca>> Acesso em: 14 out.2025.

⁶⁶ Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/exames-de-bolsonaro-dao-negativo-e-presidente-usa-pseudonimos/>> Acesso em: 14 out.2025.

⁶⁷ Disponível em: <<https://butantan.gov.br/covid/butantan-tira-duvida/tira-duvida-fato-fake>> Acesso em: 14 out.2025.



Figura 18 - Reprodução da rede social de João Doria.
Fonte: Instagram Doria (2021).

Bolsonaro, por sua vez, construía uma imagem de ser alguém acessível, próximo ao povo alternando declarações contraditórias, ora em eventos oficiais, ora em eventos informais, como nas chamadas entrevistas no “cercadinho”, quando ele conversava com apoiadores e atacava os jornalistas (Leal, 2024). Segundo a autora (2024), Bolsonaro não se limitava à retórica; atuava de forma prática na mobilização e manipulação de parte do eleitorado, valendo-se da força institucional da estrutura comunicacional da Presidência da República.

Foi a partir de março de 2020, nos primeiros momentos da disseminação do coronavírus no Brasil, que a postura negacionista do presidente Jair Bolsonaro em relação à gravidade da pandemia começou a ficar evidente. No dia 7 de março daquele ano, ele convocou a população, por meio de um vídeo postado no Facebook, para um protesto contra o Supremo Tribunal Federal (STF). Três dias depois, em 10 de março, durante um discurso em Miami, afirmou que a pandemia constituía “uma pequena crise”. No dia seguinte, 11 de março, a Organização Mundial da Saúde declarou que o mundo se encontrava em situação de pandemia, com o vírus se espalhando por dois ou mais continentes. Ainda assim, Bolsonaro minimizou os efeitos da

crise, alegando ter ouvido que “depois de uma facada, não vai ser uma ‘gripezinha’ que vai me matar” (Ribeiro *et al.*, 2022).

No dia 15 de março, em entrevista à TV CNN, manteve o tom negacionista, afirmando que “não podemos entrar numa neurose”. Cinco dias depois, em 20 de março, em coletiva realizada no Palácio do Planalto, reforçou a mesma linha, declarando: “depois da facada, não vai ser uma gripezinha que vai me derrubar”.

No dia seguinte, 21 de março, informou pelas redes sociais que havia determinado a ampliação da produção de cloroquina no laboratório químico e farmacêutico do Exército. A sequência foi concluída em 26 de março, quando, em outra entrevista coletiva, ironizou a resistência da população aos riscos da doença, afirmando: “o brasileiro tem que ser estudado. Ele não pega nada. Você vê o cara pulando em esgoto ali. Ele vai, mergulha e não acontece nada com ele”.

Um estudo feito pelo “Monitor do Debate Político no Meio Digital” da Universidade de São Paulo (USP) sediado no Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP) mostrou que toda vez que Bolsonaro se envolvia em questões polêmicas – como o da negação da gravidade da pandemia – o número de seguidores aumentava. Após um pronunciamento no dia 24 de março de 2020, em que ele defendeu o isolamento social apenas para pessoas do grupo de risco do novo coronavírus, a página dele do Facebook que estava sendo monitorada⁶⁸, apresentou um crescimento do número de seguidores cerca de dez vezes maior do que a média⁶⁹.

Mesmo com a reação contrária de parte da população ao pronunciamento, Bolsonaro conseguiu se aproximar dos seguidores mais próximos, “o que seria fundamental para garantir o fracasso das políticas de contenção ao longo dos meses seguintes” (Calil, 2022, on-line). Com o aumento no número de mortes em abril, o foco passou a ser o uso de medicamentos de eficácia não comprovada e uma onda de desinformação em torno dos números de mortos (Calil, 2022).

Uma das informações distorcidas era uma que afirmava que um homem teria morrido após um pneu de caminhão estourar no rosto dele, que vinha acompanhada de um atestado de óbito como se fosse a Covid-19 divulgada em março⁷⁰. Bolsonaro (“Figura 20”) mantinha afirmações insustentáveis sob o ponto de vista da ciência (como incentivar a “imunidade de rebanho”), resistia ao uso de máscaras e convocava manifestações (aglomerações). Bolsonaro

⁶⁸ Disponível em: <<https://www.monitordigital.org/2020/04/01/nota-tecnica-08/>> Acesso em: 14 out.2025.

⁶⁹ Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/politica/picos-de-novos-seguidores-de-bolsonaro-coincide-com-crisis-do-governo-diz-estudo-da-usp/>> Acesso em: 14 out.2025.

⁷⁰ Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/03/29/fake-news-e-usada-para-descreditar-numeros-de-coronavirus-no-brasil.htm>> Acesso em: 14 out.2025.

“apresentou-se como preocupado com a economia e atribuiu a responsabilidade pela crise aos defensores do isolamento social (ainda que sua política tenha agravado a crise ao prolongar a vigência da pandemia) e colheu como resultado um índice crescente de aprovação popular” (Calil, 2022).



Figura 19 - Presidente Jair Bolsonaro discursa na Assembleia Geral da ONU. Fonte: Santos (2021).

No entanto, a estratégia de Bolsonaro se destacava, mantendo sempre a linha do questionador dos imunizantes e do defensor da economia, independentemente do número de vítimas. No período de 20 de junho a 20 de julho de 2020 - momento em que o Brasil atingiu a marca dos 50 mil mortos e Bolsonaro anunciou que havia contraído a doença – as postagens feitas no Twitter (hoje X) e no Instagram ressaltavam ações econômicas (auxílio emergencial), uso da hidroxocloroquina e críticas à imprensa. Ao analisar as publicações, Santos, Campos, Coimbra e Carvalho (2021) verificaram que Bolsonaro valorizava os dados da economia (como os relativos ao desemprego) e ignorava o número de mortos e infectados. Ele construía assim uma realidade paralela, mais favorável ao governo. “No período de um mês, o presidente deu muito mais relevância à prestação de contas em outras áreas do governo, do que de fato, à discussão da pandemia de Covid-19” (Santos *et.al*, 2021).

Um ano e dois meses depois, no dia 21 de setembro de 2021, quando o país já contabilizava 591.518 mortes⁷¹, o presidente do Brasil participou de uma reunião na 76ª Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), em Nova York (“Figura 19”). Em discurso, após fazer uma série de considerações sobre as realizações do Governo Federal, diante dos representantes das nações do mundo assoladas pela Covid-19, ele falou sobre o que fazia no combate a pandemia. Mesmo ao adotar um tom mais polido e cordial, o presidente não recuou em suas posições, persistindo na defesa de tratamentos sem comprovação científica, os quais, portanto, não deveriam ser aplicados à população.

De imediato, ele destacava os esforços feitos pela saúde econômica da nação, colocando em segundo plano, a saúde humana, propriamente dita, conforme trechos do discurso:

A pandemia pegou a todos de surpresa em 2020. Lamentamos todas as mortes ocorridas no Brasil e no mundo. Sempre defendi combater o vírus e o desemprego de forma simultânea e com a mesma responsabilidade. As medidas de isolamento e *lockdown* deixaram um legado de inflação, em especial, nos gêneros alimentícios no mundo todo. No Brasil, para atender aqueles mais humildes, obrigados a ficar em casa por decisão de governadores e prefeitos e que perderam sua renda, concedemos um auxílio emergencial de US\$ 800 para 68 milhões de pessoas em 2020. Lembro que terminamos 2020, ano da pandemia, com mais empregos formais do que em dezembro de 2019, graças às ações do nosso governo com programas de manutenção de emprego e renda que nos custaram cerca de US\$ 40 bilhões. Somente nos primeiros 7 meses desse ano, criamos aproximadamente 1 milhão e 800 mil novos empregos. Lembro ainda que o nosso crescimento para 2021 está estimado em 5% (G1, 2021, on-line).

Após inicialmente priorizar o tema econômico, o presidente passou a enfatizar supostos esforços do governo no combate à pandemia, ainda que o discurso fosse proferido em um fórum de saúde internacional, como a Organização Mundial da Saúde. Em seu pronunciamento foram destacadas estatísticas sobre a vacinação, a autonomia médica e a defesa de tratamentos sem comprovação científica, estratégia que dialoga com análises sobre negacionismo científico e populismo médico (Caponi, 2020).

Segundo o discurso oficial, até determinado momento, o governo federal teria distribuído mais de 260 milhões de doses de vacinas, com 140 milhões de brasileiros tendo recebido pelo menos a primeira aplicação, representando quase 90% da população adulta, e 80% da população indígena completamente imunizada (G1, 2021). No entanto, reafirmou-se a oposição a medidas como passaporte sanitário ou obrigações vacinais, assim como a defesa de tratamentos iniciais sem comprovação científica, seguindo recomendações do Conselho Federal

⁷¹ Disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/09/21/brasil-tem-media-movel-de-524-mortes-diarias-por-covid-e-completa-uma-semana-em-estabilidade.ghtml>> Acesso em: 5 abr.2025.

de Medicina (CFM). Tal postura evidencia o uso de estratégias populistas e de personalização do discurso, em que o líder político busca reforçar autoridade pessoal e contestar consensos científicos, mesmo em contexto de crise sanitária (Caponi, 2020).

Ele finalizou o trecho do discurso sobre a pandemia dizendo que no dia 7 de setembro daquele ano, data da Independência, em uma grande manifestação (“Figura 21”), “milhões de brasileiros, de forma pacífica e patriótica, foram às ruas...mostrar que não abrem mão da democracia, das liberdades individuais e de apoio ao nosso governo” (G1, 2021, on-line).



Figura 20 - Presidente Jair Bolsonaro discursa em manifestação de apoiadores em São Paulo.
Fonte: Isac Nóbrega/Agência Brasil (2021).

2.1. Desinformação e *fake news*: bases conceituais

O termo *fake news* adquiriu centralidade no debate político internacional a partir da eleição de Donald Trump à Presidência dos Estados Unidos, em 2016. Durante seu mandato, Trump frequentemente utilizou a expressão para deslegitimar a imprensa tradicional e desacreditar reportagens críticas à sua gestão, contribuindo para a erosão da confiança pública nos meios jornalísticos. Suas opiniões extremas renderam milhares de memes (“Figura 21”).



Figura 21 - Memes de Trump na internet sobre *fake news*⁷².

Em suas manifestações, o ex-presidente norte-americano recorria com frequência à “Primeira Emenda” da *Constituição* dos Estados Unidos, aprovada em 25 de setembro de 1789 e ratificada em 15 de dezembro de 1791, a qual assegura, entre outros direitos, a liberdade de expressão e de imprensa⁷³. A invocação da “Primeira Emenda” foi mobilizada como instrumento discursivo para justificar ataques à mídia e promover uma retórica polarizadora, que impulsionou setores da direita norte-americana em direção a posições cada vez mais extremadas, revelando traços de autoritarismo e elementos associados ao populismo de viés liberal (Manzi, 2019).

⁷² Disponível em: <<https://www.semanticscholar.org/paper/Weaponized-iconoclasm-in-Internet-memes-featuring-Smith/6821b1621090cd2803313b4a1781a2f6e663affc>> Acesso em: 5 out.2025.

⁷³ Disponível em: <<https://www.ala.org/advocacy/intfreedom/censorship>> Acesso em: 9.mar.2025.

A disseminação das *fake news* consolidou-se como um fenômeno sociotécnico relevante nas sociedades ocidentais, avançando de forma significativa antes mesmo de que os vínculos com discursos extremistas fossem plenamente evidenciados no debate público.

Segundo Mendonça *et al.* (2023), foi nesse contexto que o termo passou a integrar alguns dos principais dicionários da língua inglesa, refletindo sua crescente relevância na esfera comunicacional e política. Mendonça *et al.* (2023) destacam que o único consenso estabelecido na literatura especializada sobre *fake news* é justamente a impossibilidade de se definir o termo de forma precisa e estável. De acordo com Habgood-Coote (2018), *fake news* não possui um sentido público consistente, tampouco contribui com ganhos conceituais relevantes para o debate acadêmico.

Carlson (2018), por sua vez, enfatiza a ambiguidade do significante e critica a narrativa de pânico moral que permeia as discussões sobre o tema, argumentando que tal retórica tem sido mobilizada como estratégia pela comunidade jornalística para reafirmar seu controle simbólico e institucional sobre a produção de notícias.

Os autores reconhecem que parte da literatura tenta resolver o que eles chamam de polissemia em busca de uma definição precisa, pois o mesmo termo *fake news* pode ser aplicado em diversas situações. Humprecht (2018) define *fake news* como: “publicações on-line de declarações intencionalmente ou conscientemente falsas sobre fatos, produzidas com objetivos estratégicos e disseminadas com o intuito de gerar influência social ou lucro” (p. 3).

De forma semelhante, Lazer *et al.* (2018) caracterizam o fenômeno como “notícias fabricadas que imitam a forma dos textos jornalísticos, mas que se distinguem pela ausência dos processos organizacionais e da intencionalidade informativa típicos do jornalismo profissional”, sendo, portanto, concebidas para propagar falsidades (p. 1094). Nesse sentido, *fake news* aproximam-se conceitualmente do campo da *disinformation* — isto é, da desinformação intencional — mais do que da *misinformation*, que envolve erros não propositais (Bakir; McStay, 2017; Cooke, 2017; Haiden; Althuis, 2018; Lazer *et al.*, 2018).

Algumas definições mais restritivas excluem da categoria de *fake news* elementos como erros jornalísticos, rumores, boatos e teorias da conspiração, por não envolverem, necessariamente, intenção deliberada de enganar (Allcott; Gentzkow, 2017; Shu *et al.*, 2017).

É difícil precisar quando a mentira passou a ser instrumentalizada na política, mas há registros históricos que evidenciam seu uso recorrente como estratégia de manipulação e dominação, independentemente da orientação ideológica dos atores envolvidos. Em contextos eleitorais e autoritários, a distorção dos fatos e o apelo emocional têm sido empregados para

conquistar e manter o poder. No século XX, os regimes totalitários, em particular o nazismo e o stalinismo, exploraram de forma sistemática a manipulação da informação como ferramenta central de propaganda política (Arendt, 2012).

Adolf Hitler dedicou capítulos inteiros de *Mein Kampf* (*Minha Luta*), de 1925, à defesa da propaganda como instrumento eficaz de mobilização das massas. Seus discursos, bem como os do ministro da Propaganda do Terceiro Reich, Joseph Goebbels, tornaram-se referências para práticas autocráticas posteriores. Como destaca Kakutani (2018, p. 119), essa cartilha incluía estratégias como “apelar para as emoções, não para o intelecto; utilizar fórmulas estereotipadas repetidamente; atacar continuamente os oponentes e rotulá-los com frases ou *slogans* que provoquem reações viscerais do público”.

Além do regime nazista, o stalinismo também promoveu manipulações da informação. Apesar das limitações tecnológicas da época, o regime soviético controlava rigidamente os meios de comunicação, reescrevia trechos da história oficial e cultivava uma narrativa única do passado, seduzindo inclusive setores da elite intelectual ocidental. Em *Origens do totalitarismo*, Hannah Arendt (2012 - “Figura 22”) observa que parte desse fascínio advinha da capacidade dos regimes totalitários de transformar mentiras em verdades incontestáveis por meio da repetição e do controle absoluto da realidade social:

A essa aversão da elite de intelectuais pela historiografia oficial, à sua convicção de que nada impedia que a história, fraudulenta como era, fosse usada como brinquedo por alguns malucos, deve acrescentar-se o terrível fascínio exercido pela possibilidade de que gigantescas mentiras e monstruosas falsidades viessem a transformar-se em fatos incontestes, [...] O que era simples fraude do ponto de vista factual e intelectual parecia receber a bênção da própria história quando toda a realidade dinâmica dos movimentos passou a sustentar a mentira, fingindo tirar dela o entusiasmo necessário para a ação (Arendt, 2012, p. 466).

A observação de Arendt é fundamental para compreender que, nos regimes totalitários, a mentira não apenas serve a interesses políticos imediatos, mas estrutura a própria lógica de funcionamento do poder. Nesses contextos, a falsificação da realidade torna-se uma ferramenta sistemática para moldar identidades coletivas, apagar contradições históricas e instaurar uma nova ordem simbólica, na qual a verdade deixa de ser objetiva e passa a ser construída pelo poder.



Figura 22 - Hannah Arendt em 1935.
(Foto: Reprodução/Hannah Arendt/Bluecher Literary Trust)⁷⁴

Com o fim da Segunda Guerra Mundial e o início da Guerra Fria, a questão da **verdade** passou a ocupar um espaço central nos grandes meios de comunicação social. No Brasil sob a ditadura militar, a censura moldava os fatos e a partir da decretação do “Ato Institucional nº 5 (AI-5)”, publicado no dia 13 de dezembro de 1968 pelo governo de Artur da Costa e Silva, jornalistas passaram a ser enquadrados na lei de segurança nacional por qualquer tipo de crítica ao regime⁷⁵.

De acordo com a pesquisa efetuada pelo projeto “Brasil: Nunca Mais”, que analisou 707 processos (mais de 1 milhão de páginas) de decisões do Superior Tribunal Militar (STM), **jornalistas sofreram pelo menos 15 processos por matérias publicadas em veículos legais**, nos quais exerciam apenas a atividade profissional. O nome do projeto teve como inspiração a obra *Brasil Nunca Mais* (“Figura 23”), lançada em 1985 e relançada em 2023 no Memorial da Resistência em São Paulo.

Até quem era identificado como aliado do regime não escapava da perseguição: foi o caso de “Ari da Cunha” (José de Arimateia Gomes da Cunha), que escrevia uma coluna para o jornal *Correio Braziliense*, que após denunciar as torturas sofridas pela presa política Hecilda Mary Veiga Fonteles de Lima, que estava grávida sofreu “o peso da Lei de Segurança Nacional (LSN)” (*Brasil Nunca Mais*, p.164).

O relatório só pode ser produzido nos anos 1980 em sigilo durante cinco anos, após o trabalho em conjunto da Arquidiocese de São Paulo e do Conselho Mundial de Igrejas nos

⁷⁴ Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2018/10/hannah-arendt-3-frases-para-entender-o-pensamento-da-filosofa.html>> Acesso em: 5 out.2025.

⁷⁵ Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/historia/o-que-foi-ai-5.htm>> Acesso em: 5 out.2025.

anos 1980, sob a coordenação de Dom Paulo Evaristo Arns, do rabino Henry Sobel e do pastor presbiteriano Jaime Wright⁷⁶.



Figura 23 - Lançado em 1985 (quatro meses após o fim da ditadura), o livro *Brasil: Nunca Mais* foi relançado em 12 jul.2025 no Memorial da Resistência em São Paulo. Foto: Paulo Pinto/Agência Brasil.⁷⁷

Posteriormente, com o colapso da União Soviética, a reconfiguração das relações entre os Estados Unidos e a China e a redemocratização no Brasil e em diversos países da América Latina, os meios de comunicação enfrentaram novos desafios, sob forte pressão econômica, ainda que sem o impacto transformador que estava por vir.

A ascensão da internet, das redes sociais e dos avanços tecnológicos inaugurou uma nova era na construção da “verdade”. Para Kakutani (2018), o termo “declínio da verdade”, cunhado pelo *think tank* Rand Corporation para descrever o enfraquecimento do papel dos fatos e análises na vida pública norte-americana, tornou-se uma expressão emblemática da era da pós-verdade. Nesse novo vocabulário surgiram também expressões como *fake news* e “fatos alternativos”. E o fenômeno da falsidade se expandiu para além das notícias: há ciência falsa, produzida por negacionistas das mudanças climáticas e por ativistas antivacina (*anti-vaxxers*); história falsa, promovida por revisionistas do Holocausto e supremacistas brancos; perfis falsos, criados por *trolls* russos nas redes sociais; e interações falsas, com seguidores e “curtidas” gerados por *bots* (Kakutani, 2018).

⁷⁶ Disponível em: <<https://cdhpf.org.br/noticias/brasil-nunca-mais-voce-conhece/>> Acesso em: 5 out.2025.

⁷⁷ Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/foto/2025-07/lancamento-do-livro-brasil-nunca-mais-1752350078-2>> Acesso em: 5 out.2025.

Um dos casos que chegou a parar nos tribunais foi o do historiador britânico David Irving, que chegou a ser condenado na Áustria a três anos de prisão em 2006 por negar o holocausto e dizer que não havia prova de que os nazistas haviam aplicado a chamada “Solução final” contra os judeus. No julgamento, Irving disse que havia mudado de ideia e que agora reconhecia que os alemães tinham matado 6 milhões de judeus (antes, ele dizia que eles tinham morrido de doença)⁷⁸.

A origem desse fenômeno (da falsidade), no entanto, pode ser atribuída à busca pelo cidadão ideal. Mesmo em regimes democráticos, como demonstram os casos de Trump, Bolsonaro e Putin, todos eleitos pelo voto, observa-se um eleitorado frequentemente desinformado, confuso diante da sobrecarga de informações, e suscetível à confirmação de suas crenças, mesmo quando confrontado por evidências empíricas. Retornando à reflexão de Arendt no pós-guerra:

Por um lado, a compulsão do terror total [...] e, por outro, a força auto coerciva da dedução lógica [...] correspondem uma à outra e precisam uma da outra para acionar o movimento dominado pelo terror e conservá-lo em atividade. [...] O súdito ideal do governo totalitário não é o nazista convicto nem o comunista convicto, mas aquele para quem já não existe a diferença entre o fato e a ficção (isto é, a realidade da experiência) e a diferença entre o verdadeiro e o falso (isto é, os critérios do pensamento) (Arendt, 2012, p. 598).

Essa análise proposta por Arendt torna-se ainda mais pertinente quando transposta para o ambiente contemporâneo, em que a lógica da confusão entre fato e ficção se intensifica pela mediação tecnológica. Com as redes digitais, a disseminação de inverdades ganhou uma escala sem precedentes. São conteúdos distorcidos, envolventes e atemporais, cujo objetivo é claro: desinformar.

Pinheiro e Brito (2014) propõem três variáveis fundamentais para a compreensão da desinformação: o engano proposital, a manipulação da informação e a ausência deliberada de informações. O engano proposital simula o formato informativo para enganar; a manipulação visa ludibriar setores sociais por meio de conteúdos de baixa qualidade e a omissão se apoia no desconhecimento, na falta de repertório cultural e na ignorância para induzir ao erro.

Na mesma linha, Wardle e Derakhshan (2017), definem o conceito como algo que é criado e divulgado para deturpar, confundir e causar danos. Já Baptista e Grandim (2020), entendem que o uso do termo “*news*” em *fake news*, por si só, já leva à desinformação, pois a notícia (*news*) é algo que passou por checagem, sendo verdade e não algo mentiroso, enquanto Wardle e Derakhshan (2017) entendem que o termo é “inadequado para descrever os fenômenos

⁷⁸ Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft2102200601.htm>> Acesso em: 5 out.2025.

complexos da poluição de informações” e que passou a ser utilizado como arma política por “poderosos”, que querem “reprimir, restringir, minar e contornar a imprensa livre”: Os autores descrevem as diferenças entre esses três tipos de informação, que são tipificadas na “Figura 24”:

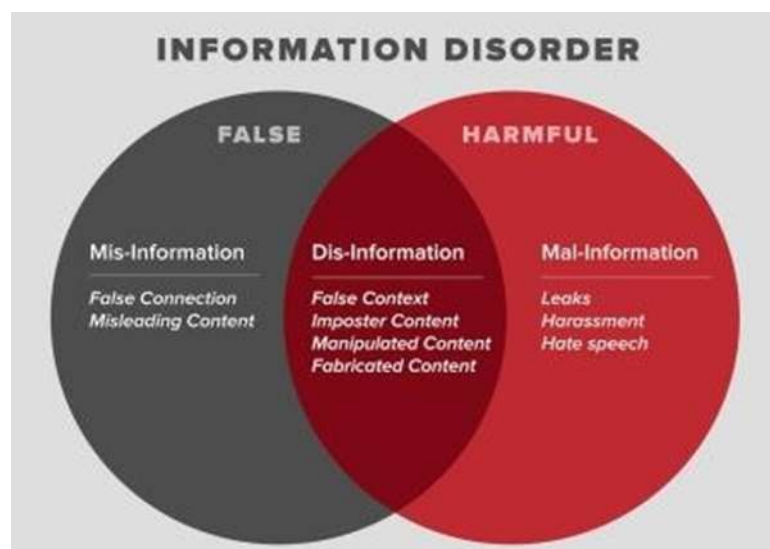


Figura 24 - Fonte da imagem Wardle e Derakhshan (2017).

Segundo Wardle e Derakhshan (2017, p. 5) é possível distinguir três categorias de distorção informacional. A informação incorreta refere-se à divulgação de conteúdos falsos sem a intenção de causar danos. A desinformação, por sua vez, corresponde à disseminação deliberada de informações falsas com o objetivo consciente de prejudicar. Já a má informação ocorre quando conteúdos verdadeiros são compartilhados com a intenção de causar dano, especialmente quando informações originalmente privadas são expostas ao público.

Na tentativa de compreender a complexidade do ecossistema informacional contemporâneo, Wardle e Derakhshan (2017, p. 17) destacam uma classificação utilizada pelo Facebook para abordar operações de informação. Essa tipologia compreende:

- **Operações de informação (ou de influência):** ações realizadas por governos ou atores não estatais organizados com o objetivo de distorcer o ambiente informacional nacional ou estrangeiro, visando resultados estratégicos e/ou geopolíticos. Essas ações frequentemente combinam desinformação, notícias falsas e redes coordenadas de contas falsas para manipular a opinião pública.

- **Notícias falsas:** conteúdos jornalísticos que aparentam ser factuais, mas que veiculam deliberadamente informações falsas, com a finalidade de provocar reações emocionais, enganar ou atrair audiência.
- **Amplificadores falsos:** uso coordenado de contas inautênticas para manipular discussões políticas, seja desestimulando a participação de determinados grupos, seja amplificando vozes sensacionalistas em detrimento de outras.

Wardle e Derakhshan (2017) analisam ainda que a campanha pela desinformação percorre um caminho dividido em fases e em elementos que provocam o distúrbio da informação. Eles consideram três elementos: os agentes que criaram, produziram e distribuíram o exemplo e qual a motivação que os moveram; a mensagem, que se divide em: tipo, formato e características e o intérprete e, por fim, o sujeito que recebeu a mensagem e as atitudes de divulgação que ele adotou ou não.

Barros (2020) analisa como os textos desinformativos se ajustam às mudanças temáticas das *fake news*, destacando que, no caso das notícias falsas sobre saúde, é comum a presença de supostos especialistas para conferir credibilidade às informações. A autora cita como exemplo um vídeo em que um “químico autodidata” desqualifica o uso de álcool em gel e recomenda vinagre, baseando-se em argumentos pseudocientíficos que, ao serem confrontados com o conhecimento da área de Química, revelam-se tecnicamente equivocados e sem respaldo científico.

Além disso, Barros (2020) comenta a utilização de estudos reais, mas fora de contexto ou distorcidos, como o caso de uma *fake news* que afirmava haver fraude nos números de mortalidade por Covid-19 na Itália, supostamente comprovada por um estudo de Oxford. No entanto, o estudo apenas esclarecia que a metodologia italiana considerava como mortes por Covid-19 todos os pacientes com teste positivo, independentemente de comorbidades, sem afirmar falsificação de dados.

Segundo a autora, esse tipo de manipulação busca validar discursos políticos negacionistas e minimizar a gravidade da pandemia. A pesquisadora cita ainda outra situação que traz um vídeo gravado na Câmara dos Deputados, no dia 25 de março de 2020, em que é atribuído ao médico Adib Jatene, referência na cirurgia cardíaca, uma fala que justificaria os argumentos do então presidente Bolsonaro. A Câmara dos Deputados depois postou informação desmentindo o fato (“Figura 25”).

“Este é o Dr Adib Jatene maior infectologista. E aí ‘metem o pau’ no presidente, imbecis”. Nesse vídeo, Adib Jatene minimizaria a pandemia e criticaria o isolamento social, dizendo que: “A economia vai quebrar e causará mais danos que a pandemia”; as mentiras da notícia são facilmente desmascaradas com o diálogo com outros textos, no caso uma biografia e textos do médico e outras imagens da Câmara, que permitem saber que Adib Jatene era reconhecido cardiologista, e não infectologista, como diz a notícia falsa, que faleceu em 2014, não podendo estar na Câmara em março de 2020, que a imagem é do deputado federal Osmar Terra (MDB-RS) (Barros, 2020, p. 26-41).



Figura 25 - Selo usado pela Câmara dos Deputados para desmentir a *fake news* sobre o médico Adib Jatene⁷⁹.

Aliás, sobre a manipulação de imagens, Meneses (2018), já alertava que um erro comum quando se analisa o fenômeno da desinformação é o de acreditar que ele só acontece no caso dos textos.

Uma das características das *fake news* é que elas “não olham a meios para atingir os fins”. Nesse sentido, é normal encontrar não apenas textos, mas também fotos e vídeos falsos ou parcialmente falsos, em simultâneo. O recurso cada vez maior a fotos e vídeos falsos, tal como a memes, sobretudo pelo aparecimento de aplicações/programas que os facilitam, desvaloriza uma outra característica que as *fake news* tinham até há poucos anos: terem uma aparência de notícia (título, *lead* etc.) para reforçar a possibilidade de enganar os consumidores. Ou seja, hoje assumem qualquer formato (Meneses, 2018, p.45).

⁷⁹ Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/comprove/649812-e-falso-que-o-video-sobre-coronavirus-seja-do-medico-adib-jatene/>> Acesso em: 5 out.2025.

O pesquisador relembra que na eleição da Catalunha (“Figura 26”) uma imagem foi manipulada para tentar mudar o resultado da eleição. Na imagem é possível ver a clara alusão a uma imagem dos aliados na Segunda Guerra Mundial.



Figura 26 - O jornal *Le Monde* demonstrou que a bandeira foi acrescentada digitalmente à foto original. Fonte da imagem: *Observador*.⁸⁰

A referência é a uma imagem (que foi reproduzida nessa escultura), que deu ânimo a tropa e que depois ganhou o prêmio *Pullitzer de Jornalismo*⁸¹ (“Figura 27”).

⁸⁰ BRUNO, Cátia. “Catalunha. Imagens falsas do dia do referendo circulam nas redes sociais”, *Observador*. 3 out.2017. Disponível em: <<https://observador.pt/2017/10/03/catalunha-imagens-falsas-do-dia-do-referendo-circulam-nas-redes-sociais/>> Acesso em: 8 abr.2025.

⁸¹ Disponível em: <<https://observador.pt/2017/10/03/catalunha-imagens-falsas-do-dia-do-referendo-circulam-nas-redes-sociais>> Acesso em: 8 abr.2025.



Figura 27 - Estátua reproduz a imagem (de Joe Rosenthal) da Segunda Guerra Mundial quando os fuzileiros navais americanos hastearam uma bandeira norte-americana no ponto mais alto de Iwo Jima (JP), em 23 de fevereiro de 1945.
Foto: Michal Packo/ Pexels, 2014.

Existe ainda um fator determinante que permeia de forma estruturante o debate sobre desinformação nas redes digitais: o papel dos algoritmos. A rede não se apresenta como um espaço neutro diante das ações de seus usuários; pelo contrário, ela os retroalimenta com base em suas preferências, comportamentos e interações anteriores (Da Empoli, 2020).

Trata-se de um sistema que oferece ao sujeito aquilo que ele deseja consumir, em um ciclo de reforço contínuo. Imagine você gostar de massa e vinho e comer e beber à vontade, sem se preocupar com os efeitos calóricos nos seus níveis corporais. O seu corpo mudaria de forma, os seus índices como o de glicose, colesterol, poderiam piorar, mas o seu cérebro estaria satisfeito, pois não iria se preocupar ou ficar contrariado. Por meio de algoritmos, a rede lhe oferece algo assim.

Tudo o que você gosta de ver e ouvir em serviços de *streaming*, quem você curte nas redes sociais, o que você compra nas lojas on-line, o que você joga no seu videogame, suas viagens, seus desejos, suas conversas por e-mail ou mesmo no Whatsapp; tudo isso está sendo monitorado 24h pelo grande olho da rede. Essa grande máquina social invisível, fruto da enorme personalização dos ambientes on-line, usa todos os dados coletados da sua vida digital para te oferecer tudo aquilo que ela considera relevante para você. [...] O problema é que esta personalização extrema da nossa vida conectada provoca o que alguns estudiosos chamam de “câmaras de eco” ou “salas espelhadas”, onde tudo o que vemos e consumimos é reflexo de nós mesmos (Mansera, 2015, p. 5).

Segundo Salgado (2018), os algoritmos, a partir do uso da inteligência artificial e do registro contínuo das interações dos usuários, como curtidas, comentários, compartilhamentos e visitas a páginas, constroem bolhas de preferências e experiências pessoais. Esse processo cria uma espécie de “zona de conforto”, que filtra conteúdos divergentes, levando o indivíduo a se isolar em ambientes digitais compostos majoritariamente por pessoas e páginas que compartilham valores semelhantes, sobretudo de natureza político-ideológica.

Santaella (2018) lembra que a formação de bolhas não depende apenas de escolhas, mas são também formas de filtragem – o que explica porque durante a pandemia muitas pessoas se alimentavam de informações falsas sobre os avanços da saúde, sobre o número de mortes e sobre a necessidade de isolamento para evitar o contágio.

O problema é que estamos em meio a contradições irresolvíveis, pois, ao mesmo tempo que as bolhas tendem a diminuir as instabilidades provocados pelo acúmulo de informação, quanto mais impermeáveis elas se tornam, tanto mais agenciam a proliferação de paisagens falsas que provocam efeitos sensíveis na vida real, especialmente na política, campo sobre o qual recaem as maiores preocupações acerca das *fake news* (notícias falsas) (Santaella, 2018, Posição 194 de 1205. Kindle).

A face mais decisiva desses hábitos digitais foi vista na pandemia, quando o uso de medicamentos sem eficácia aumentou o número de contágio. Um estudo global apontou que 79,5% da população brasileira tomou um medicamento antiparasitário utilizado para combater verminoses e parasitas, como piolhos, pulgas e carrapatos, em animais e seres humanos, chamado ivermectina⁸². Em Manaus, quem tomou o medicamento – que fazia parte do chamado *kit* preventivo e não se vacinou – sofreu o contágio.

O médico infectologista e docente na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Alexandre Vargas Schwarzbold (“Figura 28”), explica que “nós estamos vendo pessoas morrerem de toxicidade hepática porque estão tomando remédio que não tem dose cumulativa, são extremamente tóxicos...e que, em 2021, o Hospital das Clínicas da USP registrou que, após uso do ‘Kit-Covid’, pacientes foram para a fila de transplantes e pelo menos três morreram” (2023, on-line).

Os pacientes estavam apresentando aumento dos diagnósticos de problemas de hepatite medicamentosa. A Food and Drug Administration (FDA) – agência reguladora de medicamentos dos Estados Unidos – alertou para o risco de a ivermectina interagir com outros medicamentos, como anticoagulantes, o que pode acarretar efeitos inesperados em pessoas que

⁸² Disponível em: <<https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2023/01/11/contraindicado-para-covid-ivermectina-foi-tomada-por-795-dos-brasileiros.htm>> Acesso em: 14 abr.2025.

a utilizam sem prescrição médica e de forma excessiva. Também pode haver reações alérgicas, convulsões e até morte (Santos e Souza, 2022).⁸³



Figura 282 - O médico e professor Alexandre Vargas Schwarzbald⁸⁴.

Assim como em tempos passados, quando o acesso universal à educação ainda não era uma realidade no Brasil, hoje nos deparamos com um novo desafio: educar as novas gerações para que saibam reconhecer e enfrentar as armadilhas virtuais da desinformação, fenômeno que, durante a pandemia, teve consequências fatais. Nesse contexto, torna-se urgente preparar crianças e jovens para desenvolverem competências críticas diante das tecnologias digitais, como as redes sociais e a inteligência artificial, capacitando-os a utilizá-las de forma ética, segura e consciente⁸⁵. Essa preocupação dialoga com Buckingham (2007) e Hobbs (2010), que destacam a relevância da educação midiática para a formação de cidadãos críticos capazes de avaliar informações. No contexto brasileiro, autores como Soares (2011) e Almeida (2017) enfatizam a necessidade de políticas públicas de “literacia digital”, voltadas especialmente às novas gerações, de forma a capacitá-las para enfrentar os riscos da desinformação on-line.

⁸³ Disponível em: <<https://www.ufsm.br/midias/arco/ineficaz-uso-ivermectina-tratamento-covid-19-complicacoes>> Acesso em: 14 abr.2025.

⁸⁴ Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2020/04/28/nao-estamos-no-ponto-de-diminuir-o-isolamento-social-afirma-medico-infectologista>> Acesso em: 14 abr.2025.

⁸⁵ Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2025/02/19/governo-regulamenta-lei-que-proibe-celulares-nas-escolas-e-garante-uso-para-estudantes-com-deficiencia.ghml>> Acesso em: 14 abr.2025.

2.2. O embate em torno da vacina: eficácia x riscos dos imunizantes

No dia 3 de setembro de 2021, o resultado de um estudo feito com 60 milhões de brasileiros mostrou que a CoronaVac produzida pela farmacêutica chinesa Sinovac e adquirida pelo Butantan tinha uma ação efetiva acima de 70% contra hospitalizações e mortes.

Do total de pessoas avaliadas que haviam completado o esquema vacinal com CoronaVac (ou seja, tendo tomado as duas doses), 72,6% apresentaram menor risco de hospitalização, 74,2% menor risco de admissão em UTI e 74% menor risco de morte. Em relação às pessoas entre 60 e 89 anos, a efetividade da vacina foi ainda melhor: 84,2% contra hospitalizações, 80,8% contra internações em UTI e 76,5% contra mortes (Moon, 2021, on-line).

Em 21 de outubro de 2021, pouco mais de um mês após o início da nova fase da pandemia, o então presidente Jair Bolsonaro divulgou, durante uma transmissão pela internet, uma *fake news* ao associar as vacinas contra a Covid-19 ao risco de desenvolvimento da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS).

“Relatórios oficiais do governo do Reino Unido sugerem que os totalmente vacinados – quem são os totalmente vacinados? Aqueles que depois da segunda dose, né, 15 dias depois, 15 dias após a segunda dose, totalmente vacinados – estão desenvolvendo a síndrome de imunodeficiência adquirida muito mais rápido do que o previsto, recomendo ler a matéria”, disse Bolsonaro (*apud* Arbex, 2021, on-line).

A informação de Bolsonaro vinha de um site negacionista. Colocado sob suspeita, Bolsonaro tentou associar a tradicional revista *Exame* ao caso. Sites de verificação de notícias checaram a informação dada pelo presidente da República⁸⁶. Três meses depois, Jair Bolsonaro, mesmo sabendo dos resultados científicos, voltou a atacar a eficácia da vacina em uma entrevista ao jornal *Gazeta do Povo*. “Da minha parte, eu não tomei vacina e não vou tomar vacina. É um direito meu e de quem não quer tomar. Até porque os efeitos colaterais e adversos são enormes” (2022, on-line)⁸⁷, disse.

O estudo que Bolsonaro ignorou foi produzido por pesquisadores das universidades federais da Bahia (UFBA) e de Ouro Preto (UFOP), da Universidade de Brasília (UnB), da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UFRJ), da London School of Hygiene & Tropical Medicine e da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). As conclusões foram publicadas no artigo “The effectiveness of Vaxzevria and CoronaVac vaccines: A nationwide longitudinal

⁸⁶ Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/estadao-verifica/bolsonaro-reproduziu-alegacoes-de-site-negacionista-ao-relacionar-aids-a-vacinas-da-covid-entenda/?srsltid=AfmBOoo16Gsi7G2npfg6Bii8mofsp05kGZiKPbYkIMLIBe0wTBheHHFS>> Acesso em: 6 abr.2025.

⁸⁷ Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/governo/bolsonaro-critica-vacinas-e-diz-que-michelle-e-ministros-passaram-mal/>> Acesso em: 6 abr.2025.

retrospective study of 61 million Brazilians (VigiVac-COVID19)”, na plataforma de pré-prints MedRxiv.⁸⁸

Na mesma entrevista⁸⁹, Bolsonaro disse que “pode ver, tenho um ministro que está passando mal e a informação que temos é que está numa situação bastante complicada desde quando tomou há 3 semanas a 3ª dose da vacina. Não é apenas a internet que você vê alguém que perdeu filho, teve trombose (...)”, disse sem apresentar simples detalhes (como o nome do Ministro) e não houve nenhuma declaração oficial a respeito.

A campanha de desconfiança implementada por Bolsonaro e os mais fiéis seguidores contra a imunização, que o próprio governo federal financiava, chegou a tal ponto que algumas pessoas passaram a escolher que tipo de vacina iria tomar. Ficaram conhecidos como os “*sommeliers* de vacinas”.

Uma pesquisa feita pela Confederação Nacional dos Municípios mostrou que em cada quatro cidades no Brasil, três registraram casos de pessoas que preferiam escolher qual vacina tomar o que atrasava a imunização em massa. Apesar de algumas prefeituras editarem decretos para punir os “*sommeliers*”, algumas prefeituras não tinham muito o que fazer – a não ser colocar quem escolhia no final da fila⁹⁰.

A maior resistência era contra a CoronaVac (“Figura 29”), por ter sido adquirida pelo governador João Doria, na época, adversário político, que passou a ter a eficácia colocada em dúvida por muitas pessoas. Bolsonaro se referia “àquela vacina fabricada na China” e que “a eficácia dela estava lá embaixo” (Mota, Pimentel e Oliveira, 2023, p. 320). Ele ignorava de forma proposital estudos que vinham sendo divulgados, no sentido justamente contrário. Em um estudo clínico divulgado no dia 20 de abril de 2024 feito com profissionais de saúde expostos ao vírus, a CoronaVac teve eficácia global de 62,3% e eficácia contra casos moderados e graves de 83,7% a 100%. A efetividade da CoronaVac também foi comprovada por estudos de diferentes países. No Chile, numa pesquisa com 10 milhões de pessoas, a proteção foi de 65,9% contra infecções, 87,5% contra hospitalizações, 90,3% contra internações em Unidades de Terapia Intensiva (UTI) e 86,3% contra mortes. Na Indonésia, a efetividade

⁸⁸ Disponível em: <https://butantan.gov.br/noticias/estudo-com-60-milhoes-de-brasileiros-mostra-efetividade-da-coronavac-acima-de-70-contra-hospitalizacoes-e-mortes-inclusive-entre-idosos?utm_source=chatgpt.com>

Acesso em: 6 abr.2025.

⁸⁹ Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/governo/bolsonaro-critica-vacinas-e-diz-que-michelle-e-ministros-passaram-mal/>> Acesso em: 6 abr.2025..

⁹⁰ Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/saude/audio/2021-07/pesquisa-75-dos-municipios-registraram-caso-de-sommelier-de-vacina>> Acesso em: 15 abr.2025.

foi de 66,7% contra infecções, 71% contra hospitalizações e 87,4% contra mortes. No caso de pessoas acima de 50 anos, a redução no número de mortes chegou a 90,6%⁹¹.



Figura 29 - CoronaVac. Foto: Rovenia Rosa / Agência Brasil⁹².

A ação negacionista, política, diante da ciência tem precedentes históricos no Brasil. No início de novembro de 1904, o Rio de Janeiro, naquela época, capital federal, enfrentou, durante cinco dias, protestos que ficaram conhecidos como “a revolta da vacina” (“Figura 30”).

De acordo com o Centro Cultural do Ministério da Saúde, 945 pessoas foram presas, 110 feridas e 30 foram mortas, porque protestavam contra uma lei que obrigava as pessoas a se vacinarem.



Figura 30 - Bonde virado na Revolta da Vacina, de 1904⁹³.
Fonte: SILVA, Marianno da. 14 nov. 1904. *Portal Terra*, 3 dez.2024, on-line.

⁹¹ Disponível em: <<https://butantan.gov.br/noticias/coronavac-provou-sua-eficacia-contr-covid-19-no-estudo-clinico-mais-criterioso-feito-com-profissionais-de-saude-durante-pico-de-casos>> Acesso em: 15 abr.2025.

⁹² Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2021-04/coronavac-e-eficaz-contr-variante-brasileira-da-covid-19>> Acesso em: 5 out.2025.

⁹³ SILVA, Marianno da. Aspecto da Praça da República no dia 14 de novembro de 1904. 14 nov. 1904. **Portal Terra**, 3 dez.2024, on-line *apud* PORTAL TERRA. 3 dez.2024. Revolta da Vacina: o que foi e como aconteceu. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/educacao/revolta-da-vacina-o-que-foi-e-como-aconteceu,89244d41c4db846d9e762cbc465ac6f47qbmvu29.html?utm_source=clipboardhttps://www.terra.com.br/noticias/educacao/revolta-da-vacina-o-que-foi-e-como-aconteceu,89244d41c4db846d9e762cbc465ac6f47qbmvu29.html> Acesso em: 17 abr.2025.

Assim como no século XXI, naquele período, quem não se vacinasse, não conseguiria se matricular nas escolas, não iria obter trabalho, não teria direito a viajar ou certidão de casamento. Sugerida pelo diretor geral de Saúde Pública, Oswaldo Cruz, a lei foi regulamentada pelo presidente Rodrigues Alves no dia 9 de novembro de 1904.

Dados do Instituto Oswaldo Cruz mostram que, naquele ano, uma epidemia de varíola atingiu a capital. O Rio de Janeiro, aliás, sofria com várias outras doenças (como peste bubônica, tuberculose e febre amarela) e era conhecido no exterior pelo nada elogioso apelido de “túmulo dos estrangeiros”. Só em 1904, cerca de 3.500 pessoas morreram na cidade vítimas da varíola, e chegava a 1.800 o número de internações pela enfermidade apenas em um dos hospitais cariocas, o Hospital São Sebastião (Dandara, 2022, on-line).

Ao contrário da vacina contra Covid-19, desenvolvida em tempo recorde, o imunizante contra a varíola havia sido desenvolvido bem antes, em 1796 pelo médico Edward Jenner. Havia uma lei municipal, no “Código de Posturas do Município do Rio de Janeiro”, que não era cumprida porque, apesar de ser obrigatória para crianças em 1837 e para adultos em 1845, a vacina só passou a ser produzida em escala comercial em 1884. Vinte anos depois, porém, o povo ainda resistia. Havia boatos que, quem se vacina, ganhava feições bovinas (“Figura 31”).

Oswaldo Cruz defendia que em diversos países da Europa, a vacina havia sido aplicada e tinha salvado vidas. Os políticos, porém, se mostravam contrários e as pessoas acreditavam, por falta de informação, que a invasão às suas casas se tornaria algo corriqueiro – para vacinar as pessoas, os agentes de saúde tinham autorização para entrar nas casas. Além disso, a população não entendia a ciência por trás da vacina: por ser feita a partir do vírus causador da varíola bovina, circulavam boatos de que quem tomasse o imunizante passaria a se parecer com um boi. Revolta: em 10 de novembro a revolta começou, liderada pela Liga Contra Vacina Obrigatória. “Houve de tudo ontem. Tiros, gritos, vaia, interrupção de trânsito, estabelecimentos e casas de espetáculos fechadas, bondes assaltados e bondes queimados, lampiões quebrados à pedrada, árvores derrubadas, edifícios públicos e particulares deteriorados”, noticiava a edição de 14 de novembro do jornal *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro (Instituto Butantan, 2021, on-line).



Figura 31. *A variola bovina ou Os efeitos maravilhosos da nova vacina* (1802), de James Gillray. Gravura. Biblioteca Nacional de Medicina (Bethesda)⁹⁴

Os embates com a polícia começaram com uma reunião entre pessoas contrárias à lei, principalmente estudantes (“Figura 32”). Durante dias, mais de 2 mil pessoas protestaram e combateram as forças do governo. As lojas fecharam, o transporte público estava um caos. Além das 945 prisões, 110 pessoas feridas e 30 mortos, cerca de 461 presos foram deportados para o norte e condenados a trabalhos forçados.



Figura 32 - Manifestantes da “Revolta da Vacina” detidos pelas autoridades no Rio. (Foto: Casa de Oswaldo Cruz). Fonte: Agência Senado⁹⁵.

⁹⁴ Disponível em: <<https://medicineisart.blogspot.com/2010/09/os-efeitos-da-vacina-antivariolica.html>> Acesso em: 5 out.2025.

⁹⁵ Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/interesses-politicos-e-descaso-social-alimentaram-revolta-da-vacina>> Acesso em: 5 out.2025.

De acordo com o historiador e pesquisador Carlos Fidelis da Ponte, do Departamento de Pesquisa em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz (COC/Fiocruz), existiam outros fatores como o descontentamento de grupos militares que não queriam que o país fosse administrado por civis (“Figura 33”); de ex-escravos que sofriam com a falta de políticas sociais e de monarquistas que perderam os seus títulos. “A população não aceitava ter a casa invadida para ser vacinado e havia uma forte discussão sobre o direito de o Estado mandar no corpo dos cidadãos. A mesma questão que voltou à tona recentemente, com vacinação contra a Covid-19”, lembra Fidelis da Ponte (Dandara, 2022, on-line).

Essa continuidade histórica evidencia que a resistência à vacinação sempre esteve ligada a tensões sociais, políticas e culturais e no Brasil contemporâneo manifesta-se em contextos distintos, refletindo disputas sobre políticas públicas e direitos individuais.



Figura 33 - Jornal noticiando a “Revolta da Vacina” e tentativa de golpe militar. (Imagem: *Gazeta de Notícias*/Biblioteca Nacional Digital. Fonte: Agência Senado.⁹⁶)

No Brasil do século XXI, parte da classe média também não havia aprovado políticas públicas adotadas pelos governos petistas, como a adoção da carteira de trabalho para a empregada doméstica (na época, o então deputado federal Jair Bolsonaro votou contra porque o patrão que ganhava de 3 a 4 mil reais teria dificuldades para pagar os novos encargos)⁹⁷; a política de cotas nas universidades (Bolsonaro disse em campanha que a política era “coitadismo”)⁹⁸; a instituição de um programa de garantia de renda como o “Bolsa Família”

⁹⁶ Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/interesses-politicos-e-descaso-social-alimentaram-revolta-da-vacina>> Acesso em: 5 out.2025.

⁹⁷ Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/tv/401065-dep-jair-bolsonaro-pp-rj-foi-contra-aprovacao-da-pec-das-domesticas/>> Acesso em: 11 fev.2025.

⁹⁸ Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/2018/10/24/bolsonaro-diz-ser-contra-cotas-e-que-politica-de-combate-ao-preconceito-e-coitadismo.ghtml>> Acesso dia: 11 fev.2025.

para as pessoas em situações vulneráveis (Bolsonaro chamava em 2010, nos corredores do Congresso, como “bolsa farelo”)⁹⁹. Dentro desse contexto, atacar a vacina era só uma questão de narrativa, independentemente de quantas mortes poderiam ser causadas.

Nesse caso, porém, a saída foi usar o argumento da preservação do direito da escolha, da liberdade individual, para não se vacinar (“Ninguém pode obrigar ninguém a tomar vacina”)¹⁰⁰. No início do século passado, porém, a resistência da vacina vinha de parte da intelectualidade que desconfiava da ação do imunizante.

Não foi apenas uma questão de ignorância da população, motivada pelos boatos. Figuras como Ruy Barbosa, um intelectual, fizeram discursos inflamados contra a obrigatoriedade da vacina. É importante entender a novidade que a vacinação representava e os muitos fatores relacionados à revolta, completa Fidelis. (Dandara, 2022, on-line).

Depois de cinco dias de protestos e de inúmeras ações de vandalismo, como o de queimar bondes, apedrejar carros e destruir as fiações elétricas, o governo cedeu e revogou a obrigatoriedade da imunização no dia 16 de novembro. O episódio mostrou que o país havia sido derrotado na questão da saúde e na comunicação:

Oswaldo Cruz escrevia tratados, artigos de jornal, textos de cunho acadêmico e científico que detalhavam como a vacina funcionava e os seus efeitos positivos. Mas a grande maioria da população era analfabeta ou semianalfabeta. Os críticos do médico se aproveitavam disso e utilizavam charges publicadas nos jornais, marchinhas e mesmo os boatos para ironizarem a iniciativa. Eram armas poderosíssimas que convenciam o povo, salienta o historiador (Dandara, 2022, on-line).

No século XXI, a batalha pelo controle da narrativa envolveu os grandes meios de comunicação de um lado e parte das redes sociais do outro, com a distribuição de inúmeros vídeos, memes e informações imprecisas contra a vacina da Covid-19. Só a plataforma YouTube, em 14 de outubro de 2020, afirmava ter removido mais de 200 mil vídeos com desinformação sobre vacina contra a Covid-19 ¹⁰¹. A varíola só foi erradicada no Brasil em 1971. A Covid-19 ainda continua entre nós, mais fraca, mas ainda levando pessoas a morte (no ano de 2024, 5.959 pessoas morreram de Covid-19).¹⁰²

⁹⁹ Disponível em: <<https://congressoemfoco.uol.com.br/area/governo/bolsa-farelo-e-voto-de-cabresto-as-contradicoes-de-bolsonaro-sobre-o-bolsa-familia/>> Acesso em: 11 fev.2025.

¹⁰⁰ Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/09/02/bolsonaro-diz-que-ninguem-pode-obrigar-ninguem-a-tomar-vacina-especialistas-criticam.ghtml>> Acesso em: 11 fev.2025.

¹⁰¹ Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/tecnologia/youtube-remove-videos-com-desinformacao-sobre-vacina-contr-a-covid-19/>> Acesso em: 17 abr. 2025.

¹⁰² Disponível em: <<https://noticias.r7.com/saude/covid-19-completa-cinco-anos-no-brasil-doenca-terminou-2024-com-casos-e-mortes-em-alta-04012025/>> Acesso em: 28 fev.2025.

2.3. Narrativas desinformantes e neoliberalismo: isolamento, aglomeração e a prioridade do mercado

Na maior metrópole brasileira, coexistem diferentes realidades socioeconômicas, entre elas uma que permanece amplamente invisibilizada: a da população em situação de rua. Essa parcela da sociedade foi particularmente impactada pelos efeitos da pandemia da Covid-19, vivenciando de forma mais intensa suas consequências sociais e sanitárias. De acordo com dados do censo realizado pela Prefeitura de São Paulo, em 2019 havia 24.344 pessoas vivendo nas ruas da cidade (“Figura 34”).



Figura 34 - 24 de dezembro de 2021 – ceia de Natal da população em situação de rua em São Paulo.
Fonte: Wallace Lara/Arquivo Pessoal (reprodução autorizada com os devidos créditos).

Em 2022, esse número saltou para 31.884, representando um aumento de 7.540 pessoas em apenas três anos¹⁰³. O agravamento desse cenário está diretamente relacionado à paralisação das atividades econômicas adotada como medida de contenção da propagação do vírus, o que afetou drasticamente as condições de sobrevivência da população mais vulnerável. Um exemplo emblemático refere-se à dificuldade de acesso a recursos básicos, como a água potável.

Com o fechamento de estabelecimentos comerciais, muitas pessoas em situação de rua passaram a não ter onde beber água ou realizar sua higiene pessoal. Diante disso, a gestão

¹⁰³ Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/populacao-em-situacao-de-rua-cresceu-31-nos-ultimos-dois-anos-em-sao-paulo/>> Acesso em: 18 abr.2025.

municipal, então sob responsabilidade do prefeito Bruno Covas (PSDB), implementou a instalação de pias públicas em pontos estratégicos da cidade como medida emergencial¹⁰⁴.

Esse contexto revela, de forma contundente, a seletividade do cuidado estatal e da proteção social. Como aponta Mbembe (2011), a necropolítica é o exercício do poder soberano de decidir quem deve viver e quem pode morrer ou quem será abandonado à própria sorte. A gestão da pandemia evidenciou tal lógica ao relegar a população em situação de rua à invisibilidade e ao desamparo, naturalizando a precariedade extrema de suas condições de vida (“Figura 35”).



Figura 35 - Homem em situação de rua morre de frio na fila do café da manhã no centro São Martinho, na Zona Leste de São Paulo. Data: 18 maio.2022.
Fonte: Wallace Lara/Arquivo Pessoal.

Apesar da iniciativa, os esforços foram insuficientes diante da magnitude do problema. São Paulo sofreu não apenas com os altos índices de contágio e mortalidade, mas também com a fragilidade de seu sistema econômico frente à crise sanitária.

Esse contexto suscita uma reflexão crítica: que modelo de desenvolvimento é esse que, diante de uma emergência de saúde pública, revela sua incapacidade de proteger os vulneráveis em uma das cidades mais ricas do país? O modelo econômico adotado pelo Brasil apresenta

¹⁰⁴ Disponível em: <https://capital.sp.gov.br/web/vila_prudente/w/noticias/107221> Acesso em: 19 abr.2025.

grande semelhança com o dos Estados Unidos, com a importante distinção de que o país conta com um sistema de saúde universal, viabilizado pelo Sistema Único de Saúde (SUS).

Apesar dessa diferença estrutural, o modelo brasileiro enfrenta inúmeras dificuldades, muitas delas associadas às escolhas políticas feitas em contextos democráticos. Desde a redemocratização e a realização das primeiras eleições presidenciais diretas em 1989, a população tem exercido seu direito ao voto em um ambiente de liberdade política.

No entanto, a histórica influência norte-americana sobre o Brasil, nas esferas política, econômica e cultural, contribuiu para a adoção de diretrizes neoliberais e práticas de mercado que reproduzem os problemas estruturais do modelo estadunidense, mesmo diante das especificidades e desigualdades brasileiras:

Os Estados Unidos são uma economia estagnada na qual os salários reais mantêm-se constantes há mais de uma década e a renda real dos 40% mais pobres da população diminuiu. É uma sociedade desumana na qual 11,5% da população - cerca de 28 milhões de pessoas, incluindo 20% das crianças-vivem na pobreza. É a mais antiga democracia do mundo, mas tem uma das mais baixas taxas de participação eleitoral no mundo democrático, e a mais elevada população presidiária per capita no mundo (Przeworski, 1993, p. 42-50).

Esse modelo socioeconômico norte-americano, pautado pelo ideal de um estado mínimo, incapaz de prover políticas públicas universais, mas suficientemente ativo para garantir a reprodução do capital, exerceu influência direta sobre a estruturação econômica do Brasil nos anos 1990. Recursos naturais estratégicos, como minérios e fontes de energia, foram transformados em ativos financeiros, convertendo-se em ações comercializadas na Bolsa de Valores, movimento que acompanhou a ascensão do neoliberalismo global após a queda do Muro de Berlim (Amann e Baer, 2002).

De acordo com Przeworski (1993, p.47), esse processo de liberalização extrema foi ampliado por meio de um projeto intelectual que nasceu nas universidades norte-americanas, formado por instituições financeiras internacionais e que foi implantado em diversos países, como na Europa Oriental.

Essas reformas econômicas tinham como o objetivo substituir de forma radical as relações sociais consolidadas e assim promover a privatização em massa e a submissão ao mercado. Em diversos casos, o processo democrático foi atropelado em nome da reforma para evitar reações populares. “Recomenda-se enfaticamente a elas que atropelem o processo democrático pela introdução de reformas com tal rapidez que os cidadãos não tenham tempo de se mobilizarem eficazmente contra elas” (Przeworski, 1993, p.47).

No Brasil esse processo instalou-se a partir da primeira eleição presidencial com o apoio da elite financeira, acompanhando o que já se desenhava em outras nações mundo afora. Nesse sentido, a eleição de Fernando Collor de Mello em 1989, serviu de forma plena para aqueles que temiam um retrocesso, se o candidato do Partido dos Trabalhadores (PT), Luiz Inácio Lula da Silva, vencesse a primeira eleição presidencial por voto direto, após o longo período de golpe militar.

Segundo Arruda (2008), a eleição de Fernando Collor de Mello marcou um período de abertura e reformas econômicas no Brasil, voltadas tanto para o controle inflacionário quanto para a inserção do país na economia internacional, por meio da eliminação das reservas de mercado, da abertura às importações e do Programa Nacional de Privatizações. Apesar disso, o *impeachment* do então presidente esteve ligado mais ao desgaste político e às denúncias de corrupção do que às contingências econômicas. Ainda assim, o ambiente neoliberal permaneceu durante toda a década de 1990, sendo reforçado nos governos de Itamar Franco e, sobretudo, de Fernando Henrique Cardoso, que intensificou o processo de privatizações e a desregulamentação econômica, visando alinhar o Brasil à lógica da globalização.

Esse modelo de desregulamentação econômica e de privatização que foi consolidado ao longo da década de 1990, se manteve influente nas gestões posteriores, refletindo a crescente integração do Brasil aos fluxos de capital internacionais e às exigências do mercado global.

Entretanto, a crise da pandemia de Covid-19, em 2020, colocou esse modelo econômico em um impasse. A necessidade de paralisar os meios de produção para conter o avanço do vírus colidiu diretamente com os interesses de um setor econômico profundamente voltado para a manutenção da produção a qualquer custo.

No dia que o Brasil registrava 3.733 mortes por dia, um grupo de empresários de diversos setores (alimentação, construção civil, comunicação, entre outros) estavam em São Paulo e aplaudiam o presidente Bolsonaro, que mantinha o discurso negacionista e se apresentação sem máscaras diante da plateia. O evento que foi registrado por várias publicações¹⁰⁵ foi organizado pelo empresário Washington Cinel, dono da Gocil Serviços de Vigilância e Segurança Ltda¹⁰⁶. Naquele dia, o Brasil tinha 13.100.580 casos confirmados de Covid-19 e registrava 336.947 mortes causadas pela doença¹⁰⁷. No jantar, ainda estavam os

¹⁰⁵ Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/quem-sao-os-empresarios-que-ovacionaram-bolsonaro-em-jantar/>> Acesso em: 6 out.2025.

¹⁰⁶ Disponível em: <<https://valor.globo.com/politica/noticia/2021/04/06/dono-da-gocil-organiza-jantar-para-bolsonaro-com-empresarios-na-quarta.ghtml>> Acesso em: 6 out.2025.

¹⁰⁷ Disponível em: <https://infoms.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html> Acesso em: 6 out.2025.

ministros Paulo Guedes (Economia), Fábio Faria (Comunicação), Tarcísio de Freitas (Infraestrutura) e Marcelo Queiroga (Saúde), além do presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto, e do general Augusto Heleno, chefe do Gabinete de Segurança Institucional (GSI).

No encontro, que ocorreu sem o uso de máscaras por parte dos convidados e do anfitrião, o presidente discursou, foi ovacionado pelos presentes e comentou sobre a campanha de vacinação, que começava a ser incentivada por ele após um ano de pandemia. Cinel, que já havia promovido, em março, um jantar reunindo políticos como Arthur Lira e Rodrigo Pacheco, foi novamente responsável pela articulação, mas a reunião gerou desconforto em parte do empresariado, que avaliou se tratar de um grupo restrito de apoiadores, não representando o setor como um todo. Ainda assim, os participantes da noite eram descritos como bolsonaristas convictos, alinhados às decisões do ex-militar.

Esse encontro, porém, não ficou sem uma resposta de outros representantes do sistema financeiro nacional. No dia 21 de abril de 2021, (duas semanas após o jantar em São Paulo onde ele recebeu apoio), eles publicaram uma carta pedindo mais responsabilidade do governo federal com a situação¹⁰⁸. “Não há mais tempo para perder em debates estéreis e notícias falsas”¹⁰⁹, diz um trecho do documento.

Mais de 500 empresários e economistas assinam uma carta de alerta em relação ao agravamento da pandemia no Brasil nas quais cobram vacinação e distanciamento social como medidas de combate à Covid-19. Entre os signatários do documento estão os ex-ministros da Fazenda Marcílio Marques Moreira, Pedro Malan, Mailson da Nóbrega e Rubens Ricupero; os ex-presidentes do Banco Central Armínio Fraga, Pedro Malan, Ilan Goldfajn, Gustavo Loyola, Pérsio Arida e Afonso Celso Pastore; os copresidentes do Conselho de Administração do Itaú Roberto Setúbal e Pedro Moreira Salles; o presidente do Credit Suisse, José Olympio Pereira; o presidente do Conselho de Administração da BRF, Pedro Parente, e o ex-economista-chefe do Bradesco Octavio de Barros. A informação sobre a carta foi publicada pelo jornalista Merval Pereira, colunista do jornal *O Globo*. O documento será entregue a representantes dos três poderes (*GI*, 2021, on-line)¹¹⁰.

Conforme o *GI* (2021)¹¹¹, a carta intitulada “O País Exige Respeito; a Vida Necessita da Ciência e do Bom Governo, Carta Aberta à Sociedade Referente a Medidas de Combate à Pandemia” trouxe elementos que iam além do enfoque humanitário predominante na cobertura jornalística da época, destacando os impactos econômicos e sociais da crise sanitária.

¹⁰⁸ Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56485687>> Acesso em: 20 abr.2025.

¹⁰⁹ Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/2021/03/21/em-carta-centenas-de-economistas-pedem-vacinacao-e-medidas-de-distanciamento-social-para-combater-a-pandemia.ghtml>> Acesso em: 21.abr.2025.

¹¹⁰ Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/explica/pib.php>> Acesso em: 21 abr.2025.

¹¹¹ Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/explica/pib.php>> Acesso em: 21 abr.2025.

O documento alertava para a retração de 4,1% do PIB em 2020, a possibilidade de nova contração no primeiro trimestre de 2021 e a taxa de desemprego em torno de 14%, considerada a mais alta da série histórica. Ressaltava ainda que esses índices estavam subestimados, pois milhões de pessoas haviam deixado de procurar trabalho, reduzindo a força de trabalho em 5,5 milhões entre fevereiro e dezembro do ano anterior. Além disso, enfatizava que a recessão atingia de forma mais severa os trabalhadores pobres e vulneráveis, com queda de 10,5% no emprego informal, quase o dobro da redução proporcional observada entre os trabalhadores formais. Em suma, o que os empresários afirmavam na carta era que vencer a pandemia seria o primeiro passo para a retomada da economia.

O discurso do então presidente Jair Bolsonaro, que priorizava a economia em detrimento das questões sanitárias, foi alvo de severas críticas, principalmente pela negligência diante das demandas de saúde pública. Os empresários diziam na carta que a recessão econômica e suas consequências sociais foram provocadas pela pandemia e só poderiam ser superadas com uma atuação governamental competente, baseada em evidências científicas. Naquele momento, o governo federal subutilizava recursos disponíveis e atrasava ações estratégicas, como a vacinação em massa, considerada essencial para a superação da crise. O Brasil apresentava índices preocupantes de imunização, ocupando a 45ª posição mundial em doses aplicadas por habitante e o ritmo de vacinação era insuficiente para atender aos grupos prioritários no primeiro semestre de 2021. Estimava-se, inclusive, que, no ritmo vigente, “seriam necessários mais de três anos para imunizar toda a população, cenário agravado pela escassez de vacinas, sucessivos atrasos na entrega de doses e reduções nas previsões de distribuição” (GI, 2021, on-line).

Parte do setor de mercado passou a expressar preocupação não apenas com a saúde pública, mas também com os impactos econômicos decorrentes da retração do consumo projetada para os anos seguintes. O sistema econômico encontrava-se em situação de fragilidade, e a reconstrução de sua dinâmica de funcionamento configurou-se como uma tarefa coletiva, que atravessava diferentes posicionamentos sociais e políticos: desde aqueles que aderiram às medidas de isolamento e ao uso de máscaras em espaços públicos até os que rejeitaram tais práticas; bem como apoiadores e opositores do então presidente Jair Bolsonaro. Esse debate se inseria em um movimento de caráter global, que também foi tematizado por lideranças religiosas.

Em outubro de 2020, por exemplo, o Papa Francisco já havia advertido sobre os contornos dogmáticos assumidos pelo sistema econômico, destacando seu papel na intensificação da fragmentação social.

O mercado, por si só, não resolve tudo, embora às vezes nos queiram fazer crer neste dogma de fé neoliberal. Trata-se dum pensamento pobre, repetitivo, que propõe sempre as mesmas receitas perante qualquer desafio que surja. O neoliberalismo reproduz-se sempre igual a si mesmo, recorrendo à mágica teoria do «derrame» ou do «gotejamento» – sem a nomear – como única via para resolver os problemas sociais. Não se dá conta de que a suposta redistribuição não resolve a desigualdade, sendo, esta, fonte de novas formas de violência que ameaçam o tecido social (Papa Francisco, 2020, p.30).

Em sua reflexão sobre os impactos sociais e econômicos da pandemia, o Papa Francisco (2020 - “Figura 36”) defendeu a necessidade de uma economia mais ativa, capaz de preservar postos de trabalho e de exigir maior responsabilidade por parte dos investidores. O Pontífice criticou a especulação financeira, caracterizada pela busca de lucros fáceis, por seus efeitos nocivos e por ter demonstrado a falibilidade das receitas dogmáticas da teoria econômica dominante.

Nesse sentido, a crise sanitária expôs a vulnerabilidade dos sistemas globais e revelou os limites de uma lógica sustentada exclusivamente pela liberdade de mercado. O Papa ressaltou ainda que determinadas visões econômicas restritivas e uniformizantes desconsideram experiências como as dos Movimentos Populares, que articulam desempregados, trabalhadores precários e informais, entre outros sujeitos historicamente marginalizados das estruturas formais de representação econômica.



Figura 36 - Papa Francisco.
Foto: Tomaz Silva/Agência Brasil.¹¹²

¹¹² Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Papa_Francisco_na_JMJ_-_24072013.jpg>
Acesso em: 6 out.2025.

Apesar das críticas ao sistema, da condução negligente do governo federal e do elevado número de mortes decorrentes da pandemia, o estado mais populoso e economicamente relevante do país compareceu às urnas em duas eleições e manteve a opção por uma orientação política adotada desde 1995, quando Mário Covas Júnior, do PSDB¹¹³, foi eleito governador. Ainda que tenha havido alternância no grupo político à frente do Palácio dos Bandeirantes, com a vitória de Tarcísio de Freitas (Republicanos), a escolha do eleitorado indicou a continuidade da adesão ao modelo de orientação neoliberal (“Figura 37”).



Figura 37 -Tarcísio de Freitas, já governador, durante o leilão da Empresa Metropolitana de Água e Esgoto (EMAE), na Bolsa de Valores de São Paulo, no dia 26 dez.2024.

Foto: Paulo Pinto/ Agência Brasil¹¹⁴.

¹¹³ Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/arquivoWeb/cso/ambito_estadual/cso7252.pdf> Acesso em: 21 abr.2025.

¹¹⁴ Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/foto/2024-12/100-fotos-melhores-de-2024-retrospectiva-1735188010-4>> Acesso em: 21 abr.2025.

3 COMUNICAÇÃO PÚBLICA E GOVERNAMENTAL - GESTÃO DE CRISE

Foi no dia 21 de março de 2020, que o então governador de São Paulo, João Doria, anunciou que, no dia seguinte, iria publicar um decreto que instituiria o “Plano São Paulo”, que entre outras coisas, aplicaria medidas restritivas as atividades que pudessem produzir algum tipo de aglomeração (“Decreto nº 64.881”).

Dois dias antes, porém, no dia 19 de março, ele já havia dado sinais de que isso poderia acontecer durante uma entrevista coletiva (“Figura 39”). A primeira morte em São Paulo foi registrada no dia 17 de março. No dia 21 de março, quando Doria anunciou que tinha como estratégia o “Plano São Paulo”, o estado de São Paulo registrava 40 mortes (“Figura 38”). Para se ter uma ideia, no dia 24 de maio, portanto, dois meses depois, o número estava em 6.163 mortes¹¹⁵.



Figura 38 - Carro de transporte de cadáveres trafega por São Paulo, no dia 30 de março de 2020. No ano seguinte, a prefeitura teria de contratar 50 *vans* escolares para atender à demanda. Foto: Wallace Lara/Arquivo Pessoal.¹¹⁶

Com o salto expressivo no número de mortos, Doria anunciou que publicaria outro decreto – e dessa vez mais rigoroso – o “Decreto nº 64.994”, que iria determinar a quarentena e as regras que deveriam ser cumpridas como a do fechamento do comércio em todos os 645

¹¹⁵ Disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/05/24/casos-de-coronavirus-e-numero-de-mortes-no-brasil-em-24-de-maio.ghtml>> Acesso em: 7 out.2025.

¹¹⁶ Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/03/29/vans-escolares-serao-usadas-para-transportar-corpos-de-mortos-por-covid-na-cidade-de-sp.ghtml>> Acesso em: 7 out.2025.

municípios do estado durante 15 dias (era permitido apenas o funcionamento de serviços essenciais nas áreas de Saúde e Segurança Pública).



Figura 39 - Bruno Covas, João Doria e o então secretário da saúde do Estado, José Henrique Germann, na coletiva do dia 19 de março de 2020. O governo dava sinais de que as regras poderiam endurecer.
Foto: Wallace Lara/Arquivo Pessoal.

No dia 28 de maio, o governo publicaria no *Diário Oficial*, o Decreto nº 64.994 que estabelecia o *Plano São Paulo* para a reabertura gradual da economia¹¹⁷. O “Plano São Paulo” combinou os indicadores da Covid com a possibilidade ou não de reabrir o comércio. As fases tinham as cores vermelho, laranja, amarelo e verde e caberia aos prefeitos nas fases “laranja”, “amarelo” e “verde” a liberação gradual dos comércios. O projeto dividiu o estado em 17 Departamentos Regionais de Saúde (São Paulo, Araçatuba, Araraquara, Baixada Santista, Barretos, Bauru, Campinas, Franca, Marília, Piracicaba, Presidente Prudente, Registro, Ribeirão Preto, São João da Boa Vista, São José do Rio Preto, Sorocaba e Taubaté).

Cada região recebia cores (vermelho - “alerta máximo”; laranja - “controle”; amarela - “flexibilização”; verde - “abertura parcial” e azul – “controlado”). Essas cores eram atribuídas de acordo com os números de internação, média de taxa de internações em UTI e número de óbitos.

O plano funcionava como uma diretriz para os prefeitos utilizarem de acordo com o que pretendia o governo estadual. Alguns exemplos do material produzido pela assessoria de

¹¹⁷ Disponível em: <<https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/2020/decreto-64994-28.05.2020.html>>
Acesso em: 22 jun.2025.

imprensa do Governo de São Paulo para apresentar durante a entrevista coletiva (arquivo do dia 27 maio.2020 - “Figura 40”):



Figura 40 - O mapa com as regiões dispostas por cores conforme o número de casos e óbitos. Fonte: Governo de São Paulo/ Reprodução.

Em outra tela (“Figura 41”), o governador João Doria apresentava o que cada cor significava em relação ao movimento nos espaços públicos e particulares, como parques, shoppings, salão de beleza, bares, eventos que geravam aglomeração (como partidas esportivas), entre outros.



Figura 41 - As fases – o que podia ou não funcionar. Fonte: Governo de São Paulo/ Reprodução¹¹⁸.

No mesmo material (“Figura 42”), o governo tentava convencer a população, que sem evitar a aglomeração o número de infectados e mortos seriam maiores do que já ocorria.

¹¹⁸ Disponível em: <<https://www.sinesp.org.br/legislacao/saiu-no-doc-legislacao/9960-decreto-estadual-n-64-994-de-28-05-2020-dispoe-sobre-a-medida-de-quarentena-de-que-trata-o-decreto-n-64-881-de-22-de-marco-de-2020-institui-o-plano-sao-paulo-e-da-providencias-complementares>> Acesso em: 7 out.2025.



Figura 42 - Os números que mostravam o que seria o avanço da doença sem o isolamento social. Fonte: Governo de São Paulo/ Reprodução¹¹⁹.

O governo também apresentava o que vinha fazendo em termos de investimentos para enfrentar a pandemia. Nesta tela (“Figura 43”), destaque para a foto do estádio do Pacaembu (Paulo Machado de Carvalho) ocupado com um hospital de campanha:



Figura 43 - Hospitais, leitos de UTI, profissionais, testes e respiradores. Fonte: Governo de São Paulo/ Reprodução¹²⁰.

A estrutura montada pelo Palácio dos Bandeirantes para os anúncios – o governo gastou 1,1 milhão na sala de imprensa, que assim como outras áreas do palácio teve as paredes pintadas de preto (“Figura 44”), o que ajuda a aumentar o foco da imagem em quem está dando entrevista ou discursando (oficialmente, o governo disse que a intenção era alugar o Palácio dos

¹¹⁹ Disponível em: <<https://www.sinesp.org.br/legislacao/saiu-no-doc-legislacao/9960-decreto-estadual-n-64-994-de-28-05-2020-dispoe-sobre-a-medida-de-quarentena-de-que-trata-o-decreto-n-64-881-de-22-de-marco-de-2020-institui-o-plano-sao-paulo-e-da-providencias-complementares>> Acesso em: 7 out.2025.

¹²⁰ Disponível em: <<https://www.sinesp.org.br/legislacao/saiu-no-doc-legislacao/9960-decreto-estadual-n-64-994-de-28-05-2020-dispoe-sobre-a-medida-de-quarentena-de-que-trata-o-decreto-n-64-881-de-22-de-marco-de-2020-institui-o-plano-sao-paulo-e-da-providencias-complementares>> Acesso em: 7 out.2025.

Bandeirantes para eventos)¹²¹. Um deputado chegou a questionar o governo oficialmente sobre o gasto aplicado¹²².



Figura 44 - Antes e depois da sala pintada de preto do Palácio dos Bandeirantes.
Foto: Divulgação/Governo de São Paulo.

Todas as iniciativas contrastavam com o que era oferecido nas redes sociais, tanto pelo governo de São Paulo, quanto pelas prefeituras das cidades. Silva (2022, p.20), em uma análise preliminar, notou que o conteúdo nos sites do governo de São Paulo e das prefeituras possuíam desde esclarecimentos de *fake news*, cartilhas, notícias, perguntas frequentes, mas que “nem todos os sites continham esses materiais” e que nem todos estavam atualizados.

E em sua pesquisa, comprovou – a partir de uma análise de dados do que foi ofertado pelo governo do Estado e das prefeituras dos 645 municípios - que as informações disponibilizadas não conseguiram estabelecer um diálogo com a população.

Enquanto isso, Bolsonaro, também via a rede social Facebook, mantinha um canal de comunicação com seus seguidores em *lives* semanais, como notaram Fachine e Demuru (2022, p.145): “em que justificava a defesa da cloroquina, alegava que do mesmo que não existia ainda pesquisas comprovando que a cloroquina curava a Covid-19, também não havia estudos que não curava”.

¹²¹ Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/04/02/doria-gasta-quase-r-2-milhoes-em-reforma-que-usou-tinta-preta-no-palacio-dos-bandeirantes.ghtml>> Acesso em: 22 jun.2025.

¹²² Disponível em: <<https://vejasp.abril.com.br/cidades/deputado-pede-que-doria-explique-reformas-no-palacio-dos-bandeirantes/>> Acesso em: 7 ago.2025.

A movimentação política de Doria, particularmente nos grandes meios de comunicação, não passou despercebida pelas redes sociais bolsonaristas, que antes mesmo do anúncio do “Plano São Paulo”, já elegiam o governador de São Paulo como seu alvo favorito. Doria, passou a ser tratado como “inimigo, traidor” e possível candidato em 2022, contra Bolsonaro. A desinformação vinha em forma de notícias antigas, como se fossem atuais. Jornais registraram nessa época que em um grupo de 50 mil bolsonaristas, Doria recebeu, em um único dia (1º abr. 2020), cinco ataques (publicação / *posts*)¹²³.



Figura 45 - “Meme” produzido pelas redes bolsonaristas.
Fonte: Reprodução/UOL¹²⁴.

Em um movimento conhecido no meio político como “esticar a corda”, Doria tentava aumentar a penetração nas redes sociais. No dia 26 de março de 2021, ele chegou a usar o *slogan* “Grande dia” (de Jair Bolsonaro)¹²⁵ de maneira provocativa, antes do anúncio de uma vacina que foi conhecida como ButanVac, mas que acabou tendo o processo de fabricação interrompido.

A maneira como Doria administrava o Estado, como uma empresa com metas e resultados, regras rígidas nas reuniões em que as pessoas não podiam atrasar e nem levar

¹²³ Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/04/01/sob-coronavirus-redes-bolsonaristas-elegem-joao-doria-como-novo-inimigo.htm>> Acesso em: 22 jun.2025.

¹²⁴ Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/04/01/sob-coronavirus-redes-bolsonaristas-elegem-joao-doria-como-novo-inimigo.htm>> Acesso em: 7 out.2025.

¹²⁵ Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/03/com-ironia-a-rival-e-teaser-politico-doria-explora-novas-formas-de-marketing-da-vacina.shtml>> Acesso em: 22 jun.2025.

celulares e o fim dos “cafezinhos” com os prefeitos do interior causavam estranheza no mundo político:

Uma mudança de postura, pelo perfil de João, foi cortar a célebre prática do “cafezinho”, uma tradição na política. Muitos prefeitos vinham a São Paulo para pedir dinheiro e, mais importante, tirar uma foto ao lado do governador. Eram conversas muitas vezes sem objetivo, com a finalidade de publicar a fotografia e mostrar trabalho na imprensa local. João não cedia a essas convenções da política tradicional. Cortou convênios do governo anterior, que eram assinados e anunciados, mas não tinham lastro orçamentário – coisa para inglês ver. Dentro da política, o João não tinha virado um político, ou virava um político diferente, porque não perdia tempo com a política tradicional. “Ele criou um novo paradigma”, diz Marco Vinholi. “Marcava que dali em diante a política mudava, agiria diferente, queria resultado.” Quando recebia um prefeito, colocava diante dele o célebre cronômetro usado por ele mesmo e seus secretários. A reunião tinha de resolver alguma coisa viável – e dentro do horário reservado (Guaracy, 2018, p.197-198).

Todas essas ações e o excesso de marketing preocupavam os aliados, que ao mesmo tempo, não conseguiam disfarçar que após um ano de pandemia, o objetivo do então governador era a presidência da República (Santos e Fossá, 2020). Nesse cenário, observava-se uma intensa disputa de narrativas entre os dois principais atores políticos: Doria e Bolsonaro (“Figura 45”), ambos eleitos por espectros da direita e da extrema-direita, respectivamente. Tal embate discursivo se materializava por meio de múltiplos recursos, que iam desde o apelo à informação científica e às práticas de checagem até a difusão de desinformação e o uso sistemático da “trollagem”. Paralelamente a população enfrentava os efeitos devastadores da crise sanitária, com perdas humanas e o agravamento da crise socioeconômica decorrente das paralisações (“Figura 46”):



Figura 46 - Praça da Sé, centro de São Paulo: população de rua aguardando comida e abrigo. A pandemia agravou a situação dos vulneráveis¹²⁶.

Foto: Wallace Lara/Arquivo Pessoal. 22 jun.2021.

¹²⁶ Disponível em: <<https://jornal.unesp.br/2022/07/01/numero-de-moradores-em-situacao-de-rua-aumenta-ate-6-vezes-em-periferias-de-sp/>> Acesso em: 7 out.2025.

Diante disso, impõe-se uma indagação fundamental: em meio à polarização política e à instrumentalização da pandemia, onde se situava, de fato, o interesse público e o compromisso com a “*res publica*”?

Estamos em um patamar que, por um lado, exige dos governos que transcendam objetivos puramente eleitorais e partidários, apontando para práticas inerentes ao Estado. Na outra ponta, as exigências da sociedade atual impulsionam as empresas privadas para além da comunicação unilateral com seus públicos, com o único objetivo de conquistar mercados e lucros financeiros: os direitos do cidadão, as demandas sociais, estão no horizonte visível dos resultados imediatos (Santos, 2019, p. 9-10).

É oportuno lembrar que o termo “república”, oriundo do latim *res publica*, remete à ideia de “algo público, ou seja, àquilo que pertence ao coletivo e deve ser gerido em benefício da sociedade” (Santos, 2019).

Nesse contexto, torna-se evidente a necessidade de que as ações governamentais extrapolem os interesses eleitorais e partidários, comprometendo-se com práticas que expressem a responsabilidade do Estado diante de sua função pública. É nesse cenário de tensionamento entre interesses particulares e o bem coletivo que se insere o debate sobre os limites e possibilidades da comunicação pública.

3.1. Conceituando comunicação pública, governamental e gestão de crise

A emergência da pandemia de Covid-19 representou um desafio para governos, instituições e sistemas de comunicação em todo o mundo. Em contextos democráticos, nos quais a atuação do Estado se ancora no princípio da transparência e da prestação de contas, a comunicação pública e governamental assumiu papel central na mediação entre gestores e sociedade. No entanto, o enfrentamento de uma crise sanitária prolongada, com forte carga emocional e repercussões sociais e econômicas profundas, exigiu mais do que a simples divulgação de informações: demandou estratégias de gestão de crise integradas à comunicação institucional, com ênfase na credibilidade e na capacidade de resposta coordenada.

Embora comunicação pública e governamental sejam frequentemente confundidas, possuem distinções importantes. Greenlees (2019, p.20) diferencia os dois campos: a comunicação governamental tem como objetivo prestar contas, esclarecer programas administrativos e informar a população sobre decisões de governo; já a comunicação pública, por sua vez, deve primar pelo interesse coletivo, com base em argumentos técnicos e administrativos e não em disputas político-ideológicas.

Essa distinção torna-se ainda mais relevante em tempos de crise, quando o risco de instrumentalização da comunicação para fins eleitorais pode comprometer a legitimidade da informação e, por consequência, a confiança pública. Duarte (2003) destaca-se por delimitar com clareza a diferença entre comunicação pública e governamental. Para ele, a comunicação governamental diz respeito aos fluxos de informação e padrões de relacionamento que envolvem gestores, ação do Estado e sociedade. Já a comunicação pública, mais ampla, envolve também a perspectiva cidadã e a dimensão do interesse público.

De acordo com Maria Helena Weber (2020), a comunicação pública deve ser considerada um indicador de qualidade da democracia, uma vez que expressa o grau de abertura do Estado para o diálogo com a sociedade. Nessa mesma direção, João Pissarra Esteves (2011, p. 202) sustenta que a comunicação pública é o “*medium* por excelência de cidadania, colocado à disposição do conjunto da sociedade – dos destinatários em geral dos atos de governação, ou seja, de todo e qualquer indivíduo que apresente condições para fazer uso de sua própria razão”. Assim, não se trata apenas de um fluxo de mensagens unidirecionais, mas de um processo que garante transparência, estimula a participação e fortalece o espaço público.

Diante disso, a comunicação pública deve ser compreendida como um processo político de interação, no qual prevalecem a expressão, a interpretação e o diálogo.

Como salienta Matos (2011), trata-se de uma concepção relativamente recente, mas que amplia a noção de comunicação estatal ao priorizar as trocas comunicativas entre instituições e sociedade. A autora reforça que a comunicação pública deve se orientar pelo “interesse público, o direito à informação, a busca pela verdade e a responsabilidade social” (Matos, 2011, p. 46).

Essa perspectiva conecta-se ao entendimento de Esteves (2011), para quem a comunicação pública só pode ser plenamente realizada quando vinculada às noções de espaço público e opinião pública, fundamentais para a constituição da cidadania e da vida democrática. Assim, a comunicação pública não se limita à divulgação institucional, mas volta-se a questões coletivas que se desenrolam no espaço público e que dizem respeito à vida cotidiana (“Figura 47”).



Figura 3 - Letreiro na frente do prédio da Prefeitura de São Paulo, no Centro de São Paulo.
Foto: Wallace Lara/Arquivo Pessoal. 27 jul.2020.

Brandão (2007) amplia ainda mais esse debate ao apontar diferentes tipologias de comunicação pública: a comunicação organizacional, a comunicação científica, a comunicação política e a comunicação comunitária. Todas essas dimensões se articulam no espaço social e revelam como a comunicação pública extrapola a esfera estatal, integrando organizações, ciência, movimentos sociais e o próprio mercado midiático. Segundo o autor, a comunicação governamental pode ser considerada parte da comunicação pública, à medida que busca construir agenda, prestar contas, engajar a população nas políticas e promover o debate público.

Outro aporte relevante é oferecido por Novelli (2006), para quem a comunicação pública deve extrapolar a esfera da assessoria de imprensa e da autopromoção governamental. Em sua concepção, ela deve funcionar como um instrumento de mediação entre Estado e cidadão, orientado para a boa governança, a participação política e a cidadania.

A pandemia evidenciou os efeitos da inconsistência na comunicação pública. Como observam Carolina Melo e Sandro Cabral (2020), no Brasil houve um quadro de contradições que afetou a confiança social: de um lado, o presidente desautorizava as recomendações da OMS e de organismos nacionais e internacionais de saúde; de outro, o então ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta (“Figura 48”), defendia o uso de máscaras e o isolamento social.



Figura 48 - O ex-ministro da saúde, Luiz Henrique Mandetta.
Foto: Marcello Casal Jr./Agência Brasil. 15 abr.2020.¹²⁷

Além disso, governadores, adotaram medidas opostas às narrativas difundidas pelas redes de apoiadores de Bolsonaro. Esse cenário de mensagens desencontradas produziu efeitos de curto-circuito na forma como a população interpretava a pandemia e na capacidade do próprio poder público de organizar respostas coletivas (“Figura 49”).

A pandemia apresentava um novo modelo de crise a ser enfrentada: diária, longa e sem perspectivas de soluções rápidas. Tratou-se de um desafio conceitual por vários fatores: a imprevisibilidade; a dependência de um recurso inexistente (vacina) e de medidas preventivas que travavam a economia.

¹²⁷ Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/foto/2020-04/saude-boletim-diario-infeccao-coronavirus-covid-19-1586990111-0>> Acesso em: 7 out.2025.



Figura 50 4 - Em Diadema, região metropolitana de São Paulo, moradores protestam contra desocupação de um terreno no dia 18 de agosto de 2020 na rodovia dos Imigrantes (km 20)¹²⁸. No dia 3 de junho de 2021, o STF proibiu ações desse tipo durante a pandemia¹²⁹.
Foto: Wallace Lara/Arquivo Pessoal.

Forni (2025, p.7), ao discutir conceitualmente o termo, considera que existem alguns pressupostos comuns para o termo “crise” como: acontecimento não planejado; envolvimento de muitas pessoas: que provoca pânico; produz informações desencontradas; que gera descontrole, tensão e curiosidade. Já Schmitz (2019, p.101-102) entende que um problema se transforma em crise quando o controle da situação é perdido e a situação de emergência está fora de controle.

¹²⁸ Disponível em: <<https://abcdjornal.com.br/reintegracao-de-posse-em-diadema-gera-manifestacao-veja-video/>> Acesso em: 8 out.2025.

¹²⁹ Disponível em: <<https://noticias.stf.jus.br/postsnoticias/barroso-suspende-por-seis-meses-desocupacoes-de-areas-coletivas-habitadas-antes-da-pandemia/>> Acesso em: 8 out.2025.

Esse cenário encontra eco na atuação do então governador João Doria, que assumiu o papel de porta-voz da crise no estado de São Paulo, protagonizando diariamente anúncios sobre medidas sanitárias e restrições.

A exposição intensa e o uso sistemático de estratégias de marketing político em um momento de alta sensibilidade pública, como a divulgação do “Plano São Paulo”, acabaram contribuindo para desgastes significativos da sua imagem, especialmente a figura do gestor técnico, apartidário, que buscava se projetar.

Marins e Moura (2024, p.155) alertam que as redes sociais representam “um lugar potencialmente arriscado para as manifestações de uma instituição” e que qualquer deslize cometido por um porta-voz pode comprometer também a reputação da instituição a que está vinculado.

Na mesma linha, o gestor de crise americano, Jonathan Bernstein, define o termo “crise” como “qualquer situação que ameaça ou pode ameaçar causar danos a pessoas ou propriedades, interromper seriamente as operações e prejudicar a reputação ou resultado financeiros”¹³⁰.

Nesse sentido, Doria, ao centralizar a comunicação e se posicionar como principal figura frente à pandemia, tornou-se também o principal alvo das críticas. Sua atuação como porta-voz, em uma função que exige preparo técnico, empatia e estabilidade, demonstrou limitações, uma vez que ele mesmo acumulava as funções de gestor e protagonista político, o que dificultava a separação entre o discurso técnico e a retórica eleitoral. Marins e Moura (2024, p.156) reforçam que “o bom porta-voz compreende a necessidade de se atualizar constantemente”, algo que pode ter sido negligenciado ao longo do processo.

Para Forni (2018 p.415), as crises fazem parte do cotidiano das organizações, corporações e dos governos. Elas podem surgir por diversos fatores como erro humano, má gestão, administração ou comunicação errática, intrigas religiosas ou política ou decorrência de catástrofes ou acidentes. De forma resumida, Forni (2025, p.11), elenca os seguintes fatores sobre o tema crise:

Crise é uma ruptura com a normalidade e sempre implica ameaça ao negócio, à reputação e ao futuro de uma organização ou pessoas. Acontecimentos negativos não representam por si só uma crise. Mas a forma - como eles serão administrados - pode se transformar em crise. Crises não têm um conceito preciso. Mas têm o poder de desestabilizar as organizações e os governos. As crises têm o potencial de afetar a organização inteira; desperdiçam energias que poderiam estar concentradas no negócio. Emergências não são crises. Se descontroladas, podem, sim, se transformar em crises graves (Forni, 2025, p.11).

¹³⁰ Disponível em: <<https://www.bernsteincrisismanagement.com/>> Acesso em: 8 jul.2025.

Nesse contexto, o “Plano São Paulo”, estratégia comunicacional e política do governo estadual, foi um dos instrumentos mais visíveis da tentativa de controle da crise. Em uma sociedade tão desigual, esse projeto escancarou as diferenças entre as classes mais ricas e as mais pobres. Enfrentar a pandemia nos Jardins ou na Vila Nova Conceição, onde moram os milionários paulistas, era completamente diferente de seguir as regras em bairros pobres da periferia da cidade ou nos abrigos para a população em situação de rua, na cidade mais rica do país (“Figura 50”)¹³¹.



Figura 5 - Muriçocas e percevejos: homem em situação de rua mostra as marcas dos insetos, após ficar em um abrigo da Prefeitura de São Paulo, no dia 3 de abril de 2022.

Foto: Wallace Lara/ Arquivo Pessoal.

A espetacularização dos anúncios, com horários estratégicos e transmissão simultânea pela TV Cultura e Rede Globo, reforçava o perfil midiático de Doria, mas também alimentava desgastes simbólicos. Como lembra Forni (2018, p.418), “crises que registram mortes e impactos ao meio ambiente têm potencial maior de divulgação e de causar maior dano à reputação”.

Nessas situações, Faria (2019, p.95), entende que existe um receituário para atuar em que envolve rapidez na resposta; ter empatia; não permitir que o discurso tenha várias versões;

¹³¹ Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/06/plano-sp-e-ficcao-nas-periferias-afirmam-lideres-comunitarios.shtml>> Acesso em: 27 jul.2025.

criar um gabinete de crise, com monitoramento de notas, entrevistas, pronunciamentos, agenda única para todos os envolvidos, e ter um porta-voz a altura do problema. Doria chegou a montar um comitê com 21 especialistas em saúde (“Figura 51”) para auxiliá-lo, mas esse número foi reduzido posteriormente a sete membros, o que gerou questionamentos sobre as reais intenções do governo ao flexibilizar medidas para viabilizar, por exemplo, a realização de eventos como a “Fórmula 1”. A priorização de grandes eventos em detrimento de pequenos negócios intensificou a percepção pública de desigualdade na condução da pandemia.



Figura 6 - Os primeiros representantes do Centro de Contingência de São Paulo com especialistas em saúde para ajudar Doria a tomar decisões. Com o agravamento da pandemia, o número foi sendo reduzido. Fonte: Governo de São Paulo/ Reprodução¹³².

A esse respeito, Forni (2018, p.428) adverte que “o público não pode se sentir diminuído” e que o principal executivo nem sempre deve ser o rosto da crise. A condução de Doria, como porta-voz das más notícias, contribuiu para o desgaste de sua imagem política. Marins e Moura (2024, p.155) são enfáticos ao lembrar que o porta-voz e a instituição passam a ser vistos como um só e que quando um se comporta de forma inadequada, ambos sofrem as consequências.

Duarte (2020, p.6) lembra ainda que a gestão deve ter objetivos intencionais e que deve ter resultados pré-determinados como o aumento do conhecimento, a construção de relacionamentos produtivos, credibilidade, confiança e deve ser liderada pelos principais dirigentes e especialistas. Forni (2018, p.419) ressalta que não é a mídia que cria ou amplia a

¹³² Disponível em: <<https://www.sinesp.org.br/legislacao/saiu-no-doc-legislacao/9960-decreto-estadual-n-64-994-de-28-05-2020-dispoe-sobre-a-medida-de-quarentena-de-que-trata-o-decreto-n-64-881-de-22-de-marco-de-2020-institui-o-plano-sao-paulo-e-da-providencias-complementares>> Acesso em: 7 out.2025.

crise, mas sim o fato negativo que a provoca e destaca que a comunicação é um dos pilares decisivos nesses eventos.

Doria enfrentou em seu segundo mandato (“Figura 52”), durante a crise da pandemia, uma proliferação de informações negativas, especialmente em *blogs*, redes sociais e veículos conservadores alinhados ao bolsonarismo. A opção por adotar uma postura conflitiva, a exemplo do comportamento de João Doria ao recorrer reiteradamente a uma retórica de caráter bélico em relação ao presidente da República, pode ser compreendida como um equívoco nos processos de gestão de crises. Tal estratégia contrasta com alternativas consideradas mais eficazes nesse contexto, como a construção de canais de diálogo, a negociação e a busca por soluções de caráter cooperativo.



Figura 52 - Com o apoio de Doria, Bruno Covas, do PSDB, toma posse do segundo mandato na Prefeitura de São Paulo. Ele morreria cinco meses depois, 16 maio.2021, de câncer deixando o cargo para o vice, Ricardo Nunes, do MDB. Doria participou de maneira virtual para evitar as aglomerações. Foto: Wallace Lara/Arquivo Pessoal.

3.2. A comunicação governamental do Governo de São Paulo durante a pandemia da Covid-19

A pandemia de Covid-19 representou não apenas uma emergência sanitária de escala global, mas também um cenário desafiador para a comunicação institucional dos governos. No Brasil, a crise expôs contradições entre os diferentes níveis da federação, disputas político-partidárias e uma crescente demanda por respostas claras e coordenadas.

Nesse contexto, a comunicação governamental tornou-se uma ferramenta essencial de gestão e de enfrentamento da instabilidade. O caso do Governo de São Paulo, sob a liderança de João Doria, apresenta um exemplo de como as estratégias comunicacionais, ao mesmo tempo em que buscavam afirmar autoridade e controle, acabaram tensionando os limites entre comunicação governamental, comunicação pública e a comunicação política.

A comunicação governamental, segundo Greenlees (2019, p.20), tem como finalidade central prestar contas à população sobre ações administrativas e políticas públicas, com base em dados objetivos e critérios técnicos: “são também as mensagens de utilidade pública, ações que o governo tem obrigação de divulgar, como uma campanha de vacinação”.

Já Figueiredo (2020, p.37) acrescenta que a comunicação governamental, “trata-se dos atos comunicativos realizados por órgãos e entidades da administração pública direta e indireta das diferentes esferas e níveis de governo”. A comunicação governamental pode ser permeada por interesses conjunturais de governo, o que exige cuidado na gestão das mensagens, principalmente em contextos de crise. Deve-se deixar a campanha eleitoral de lado e focar no interesse do cidadão, que agora, não deve mais ser visto como eleitor.

Quanto a isso, Greenlees (2019, p.19) alerta: “passada a eleição, vencida a batalha da comunicação política, é o momento de focar no planejamento estratégico, entender os desafios e oportunidades e assegurar recursos humanos e materiais”. Brandão (2007, p.5) entende que a comunicação governamental adquire o conceito de comunicação pública quando ela colabora com a construção de uma agenda pública, presta contas, atrai a população engajando-a nas políticas adotadas e “provoca o debate público”.

Nem sempre foi assim. Historicamente, Figueiredo (2020, p. 39) ressalta que a comunicação governamental existe antes mesmo da abertura democrática¹³³ e a promulgação

¹³³ Disponível em: <<https://www.infoescola.com/historia-do-brasil/abertura-politica/>> Acesso em: 7 ago.2025.

da *Constituição Federal* em 1988 (após 21 anos de ditadura militar - “Figura 53”)¹³⁴ e por isso “tem forte inclinação persuasiva e publicitária.



Figura 53 - A *Constituição Federal* de 1988. Foto: Joédson Alves/Agência Brasil¹³⁵.

A primeira estrutura de comunicação governamental teria surgido no Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, em 1909, no governo de Nilo Peçanha”. A maior estruturação, porém, teria ocorrido durante a gestão de Getúlio Vargas com a criação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), que entre as funções tinha como objetivo a censura, a produção de programas que difundiam a ideologia do “Estado Novo” e o culto à personalidade do Ditador, no caso, Getúlio Vargas (Figueiredo, 2020). Duarte (2019, p.65) entende que a partir da experiência do DIP de Vargas, a ditadura retoma a estratégia de controle da informação e de promoção da gestão que, em nada, atendia ao cidadão e que, isso ao longo do tempo, se tornou uma “cultura encardida de comunicação” voltada para o interesse do governante, da instituição e dos partidos aliados.

No regime democrático, porém, esse caráter político-eleitoral foi sendo deixado de lado e iniciando um processo de caráter institucional. A comunicação governamental recebia assim os ares da liberdade democrática e adquiria mais compostura se tornando criteriosa evitando assim, adquirir caráter panfletário, político-partidário. Passou a se concentrar mais nas políticas

¹³⁴ Disponível em: <<https://www.nationalgeographicbrasil.com/historia/2024/10/dia-da-promulgacao-da-constituicao-de-1988-saiba-como-foi-criada-a-constituicao-cidada-brasileira>> Acesso em: 7 ago.2025.

¹³⁵ Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/politica/audio/2023-10/constituicao-federal-brasileira-completa-35-anos>> Acesso em: 9 out.2025.

públicas e menos nos políticos no comando. Brandão (2007, p.7) explica que nesse período, houve uma espécie de apoderamento com a participação comunitária, de membros do terceiro setor e que aos poucos, criou-se uma consciência de que “as responsabilidades públicas não são exclusivas dos governos, mas de toda a sociedade.

A partir do governo Fernando Henrique Cardoso, PSDB, (1994-2002 - “Figura 54”) a comunicação governamental ganha o sentido de comunicação pública, com o objetivo de informar o cidadão. “O presidente afirmava que a comunicação pública era um termo indissociável do funcionamento da democracia, exercendo o papel de instrumento de uma relação aberta governo com a população” (Brandão, 2007, p.9).



Figura 54 - O ex-presidente da República, Fernando Henrique Cardoso (PSDB).
Foto: Valter Campanato / Agência Brasil.

O conceito ganha evidência a partir do governo Lula, do Partido dos Trabalhadores (PT) (2002-2010 - “Figura 55”), com a realização de cursos para os técnicos e com as propostas de uma política nacional de comunicação (Brandão, 2007, p.10).



Figura 55- Fernando Henrique Cardoso observa Lula e o vice José de Alencar subirem a rampa do Planalto. Posse ordeira e democrática em 2002.
Foto: Wilson Dias/ Agência Brasil¹³⁶.

No caso do governo paulista, observou-se uma apropriação da comunicação governamental como vitrine para uma possível candidatura presidencial, sobrepondo aspectos técnico-administrativos às estratégias de autopromoção do gestor. Algo, inclusive, que Doria já havia feito na prefeitura, sendo questionado na Justiça por isso, chegando a ter os bens bloqueados, posteriormente ao cumprimento do mandato. O Ministério Público entendeu que Doria fez promoção pessoal ao anunciar o programa “Asfalto Novo”. Segundo a ação, as irregularidades causaram 29 milhões de prejuízo aos cofres públicos. Doria chegou a ter os bens bloqueados pela Justiça¹³⁷. A ação só foi extinta em 2025, após uma mudança na lei de improbidade administrativa¹³⁸.

No contexto da pandemia de Covid-19, João Doria apropriou-se estrategicamente da comunicação governamental como recurso de visibilidade pública, vinculando-a à manutenção de seu projeto político em escala nacional. Em 2022, ainda em meio a disputas internas no partido e enfrentando elevados índices de rejeição, o então governador já havia definido a contratação do marqueteiro Lula Guimarães¹³⁹ para a condução de sua pré-campanha

¹³⁶ Disponível em: <<https://memorialdademocracia.com.br/card/um-operario-na-presidencia-da-republica>> Acesso em: 9 out.2025.

¹³⁷ Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/10/20/justica-bloqueia-r-29-milhoes-em-bens-de-doria-em-acao-por-improbidade-na-prefeitura-de-sp.ghtml>> Acesso em: 8 ago.2025.

¹³⁸ Disponível em: <<https://www.migalhas.com.br/quentes/426255/sp-cidade-linda--stj-extingue-acao-de-improbidade-contra-joao-doria>> Acesso em: 8 ago.2025.

¹³⁹ Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/doria-define-marqueteiro-e-estrategia-de-campanha-contra-rejeicao/>> Acesso em: 8 ago.2025.

presidencial. Tal movimento evidencia que os indícios de sua intenção de disputar a Presidência da República eram perceptíveis no cenário político daquele período (Santos e Fossá, 2020).

Nesse sentido, a comunicação governamental, até então de caráter institucional, foi tomada pela comunicação política. Mattos (2006, p.61) ressalta que estudos sobre comunicação política já sinalizam de forma transparente que essa se distingue por mensagens políticas, campanhas eleitorais, políticas de comunicação governamental (em especial a televisão e internet). Em um cenário pandêmico, em que as ações são amplamente acompanhadas, as atenções voltadas ao político (no caso de Doria, essa imagem se confunde com a do gestor), parece ser a seara perfeita para uma projeção eleitoral – de nível nacional. É o apoderamento do conceito de comunicação pública pela comunicação política: “incorporou-se ao vocabulário de comunicação, apoiado talvez pelas referências dominantes à comunicação governamental, ao marketing político e ao e-governo” (Mattos, 2006, p.61).

Além disso, Doria fez um movimento político importante visando o pleito eleitoral¹⁴⁰: aumentou a previsão de gasto em até 70% com publicidade no orçamento votado no fim de 2020 para empenhar em 2021. A estratégia era a de aumentar a média anual, pois a lei das eleições de 1997 de número 9.504 (“artigo 73”) não permite que o gasto no primeiro semestre da eleição (no caso, em 2022) exceda a seis vezes a média mensal dos valores empenhados e não cancelados nos últimos três anos que antecedem o pleito¹⁴¹. A ação administrativa – com todos os contornos políticos eleitorais – chegou a ser questionada pelos deputados da oposição na Assembleia Legislativa do Estado¹⁴².

Como discutido anteriormente, Duarte (2007) entende que a comunicação pública diz respeito a temas de interesse coletivo e que inclui tudo que está relacionado ao estado, às ações governamentais, partidos políticos, legislativo, judiciário, terceiro setor e em certas situações as ações privadas. “Fazer Comunicação Pública é assumir a perspectiva cidadã na comunicação envolvendo temas de interesse coletivo” (p.12). O autor lembra que o objetivo da comunicação pública é o atendimento do interesse público e da sociedade, simbolizado pelo cidadão.

Já Damasceno e Chiachiri (2021, p.30) destacam a transparência e a acessibilidade da informação para que o cidadão possa alimentar o “civismo social e o debate público”. Oliveira (2020, p. 46-50) acrescenta ainda que a comunicação pública é aquela que consegue fazer a

¹⁴⁰ Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/doria-amplia-em-quase-70-verba-de-publicidade/>> Acesso em: 7 ago.2025.

¹⁴¹ Disponível em: <<https://www.tse.jus.br/legislacao/codigo-eleitoral/lei-das-eleicoes/lei-das-eleicoes-lei-nb0-9.504-de-30-de-setembro-de-1997>> Acesso em: 7 ago.2025.

¹⁴² Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2021/10/06/oposicao-protocola-pedido-de-cpi-da-publicidade-de-doria-na-alesp.htm>> Acesso em: 22 jun.2025.

interlocução e dialogar com a sociedade e que assim identifica as necessidades e os interesses do coletivo: “as redes sociais têm se mostrado ferramentas importantes para o recebimento dessas necessidades e interesses da sociedade, o que demanda uma comunicação pública na velocidade da internet”.

Desde o início da pandemia, o governo estadual adotou uma postura centralizada e midiaticamente planejada. As coletivas diárias, o uso intensivo de redes sociais, os pronunciamentos televisionados em horário nobre e a construção visual do “Plano São Paulo” ilustram uma lógica de controle narrativo que visava consolidar a imagem de eficiência. Contudo, como advertem Marins e Moura (2024), a centralidade da figura do porta-voz em ambientes digitais hiperconectados implica riscos significativos: erros de posicionamento, contradições e até mesmo o excesso de exposição podem comprometer não apenas o emissor, mas a credibilidade de toda a instituição representada.

Nesse cenário, a figura de João Doria confundia-se com a do governo. Ao assumir a linha de frente da comunicação, o governador tornou-se, simultaneamente, símbolo de liderança e alvo direto de críticas. A função de porta-voz, que exige preparo técnico, sensibilidade política e habilidade para representar coletivamente uma administração, foi tensionada pela sobreposição de interesses eleitorais.

Segundo Lima (2019), a definição de um comitê de crise com papéis estratégicos e porta-vozes adequados é essencial para garantir coesão e estabilidade na comunicação institucional. Doria montou o seu comitê de crise e as sucessivas mudanças de tom e de postura, especialmente diante de temas sensíveis como vacinação, *lockdown* e reabertura econômica, fragilizaram a consistência do discurso governamental.

A construção de uma comunicação baseada em exposição midiática contínua, somada à retórica de enfrentamento ao governo federal, contribuiu para o acirramento da polarização política e dificultou a formação de consensos em torno das ações de saúde pública. Em diversos momentos, a disputa entre João Doria e Jair Bolsonaro sobre a vacina CoronaVac revelou o quanto a comunicação oficial era atravessada por jogos de poder, desinformação e estratégias de antagonismo. Como afirma Forni (2018), a comunicação é um dos pilares decisivos na gestão de crises, mas também pode ser elemento agravador quando utilizada de forma reativa ou personalista.

A comunicação governamental, nesse contexto, deixou de operar como instrumento de mediação entre Estado e sociedade para se tornar palco de embates políticos. Ainda que tenha adotado medidas importantes e antecipado ações de proteção à saúde, o Governo de São Paulo

não conseguiu preservar sua comunicação dos ruídos provocados por interesses eleitorais e disputas narrativas.

Ao final, a figura de João Doria foi politicamente desgastada e institucionalmente enfraquecida. Doria deixaria a carreira política no fim do mandato, após renunciar ao Governo de São Paulo e não conseguir ser candidato à Presidência da República pelo Partido Social Democrata Brasileiro (PSDB) (“Figura 57”). No fim, o partido viu o seu candidato ao Governo de São Paulo, Rodrigo Garcia, não ir ao segundo turno (mesmo sendo governador interino e tendo a máquina do estado)¹⁴³. Rodrigo Garcia, no segundo turno da eleição para a Presidência da República, apoiou Jair Bolsonaro, que perdeu a reeleição para o candidato do PT, Luiz Inácio Lula da Silva.



Figura 56 - Doria anuncia sua desistência da candidatura à Presidência da República.

Foto: Valter Campanato/Agência Brasil (2022). Fonte: Agência Brasil.

Acesso em: 29 set. 2025.

¹⁴³ Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/partidos-politicos/ex-governador-rodrigo-garcia-anuncia-saida-do-psdb-de-sp/>> Acesso em: 22 jun.2025.

4 O PAPEL DA ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO NA PANDEMIA DA COVID- 19

Este capítulo fundamenta-se em uma abordagem qualitativa, aplicada às entrevistas realizadas com jornalistas que integraram a assessoria de comunicação do Governo do Estado de São Paulo durante a pandemia da Covid-19. As entrevistas, de caráter semiestruturado, possibilitaram que os participantes relatassem tanto suas práticas cotidianas na produção e difusão de informações oficiais, quanto suas percepções sobre os ataques sofridos, os desafios da comunicação em crise e a disputa narrativa com o governo federal. O *corpus* foi organizado e analisado à luz da análise de conteúdo, buscando identificar categorias emergentes que revelassem padrões, recorrências e contradições nas experiências relatadas.

A metodologia adotada permitiu articular os depoimentos individuais com a discussão teórica sobre comunicação pública, comunicação de crise e desinformação, oferecendo um panorama consistente sobre o papel desempenhado pela assessoria de comunicação do Estado de São Paulo durante a pandemia. Entre os dias 23 e 30 de abril desse ano, cinco jornalistas que trabalharam na Secretaria de Estado da Saúde foram entrevistados para a realização dessa pesquisa. O objetivo foi de extrair respostas por meio de questionários aplicados sobre as estratégias de comunicação implementadas durante a crise pandêmica.

Eles foram questionados sobre a eficácia das ações e sobre quais se mostraram ineficazes e de que maneira os métodos tradicionais de comunicação reagiram frente ao desafio imposto pela rapidez das redes digitais, onde a desinformação circula de forma extremamente ágil. Ainda foram indagados sobre os tipos de desinformação que enfrentaram, - identificando os meios em que o trabalho dos assessores se mostrou mais desafiador – e quais estratégias de comunicação podem ser desenvolvidas em situações de crise. Foram feitas as seguintes perguntas:

1. Você se lembra quando você ouviu a primeira vez a palavra “*fake news*”?
2. Na faculdade de Jornalismo que você cursou, o uso da desinformação chegou a ser estudado?
3. Algum momento você achava que o uso da desinformação poderia ser utilizado contra a ciência?
4. Na pandemia, quando você teve contato pela primeira vez com a desinformação contra as campanhas de prevenção?
5. Das mentiras que foram lançadas contra as campanhas de prevenção e de vacinação, quais foram as mais marcantes?

6. Quais foram as estratégias que vocês utilizaram para desmentir as mensagens enganosas?
7. O que funcionou?
8. O que não funcionou?
9. Quais foram os dias mais difíceis de trabalhar com as mensagens de desinformação?
10. A perda de colegas durante a pandemia somada a onda de desinformação lhe trouxe algum tipo de trauma? Você chega a pensar em tudo o que passou? Faria algo diferente?

Para mapear as entrevistas, recorreu-se à técnica de análise de conteúdo temática (Bardin, 2016), que possibilita organizar as falas em categorias de sentido a partir de recorrências e significados identificados. A categorização das respostas foi realizada em torno de três eixos principais, definidos previamente como centrais para a investigação.

O primeiro trata das mentiras mais marcantes, com o objetivo de identificar quais narrativas desinformativas tiveram maior circulação e impacto no contexto da pandemia. O procedimento consistiu no agrupamento das falas dos entrevistados em torno das *fake news* mais citadas, como questionamentos sobre a eficácia da vacina, ataques ao Instituto Butantan ou distorções sobre medidas de isolamento. A fundamentação teórica baseia-se na análise do fenômeno da infodemia (OMS, 2020) e em estudos de enquadramento e circulação discursiva (Van Dijk, 2017).

O segundo eixo aborda as estratégias para desmentir as mensagens enganosas, buscando compreender quais ações comunicacionais foram desenvolvidas para enfrentar a desinformação e preservar a credibilidade institucional. Foram assim sistematizadas essas iniciativas, como coletivas de imprensa, produção de materiais informativos digitais, presença ativa em redes sociais e parcerias com veículos jornalísticos. Esse eixo ancora-se nos referenciais da comunicação de crise e da comunicação pública (Duarte, 2007; Damasceno e Chiachiri, 2021).

O terceiro eixo, por sua vez, analisa o que funcionou e o que não funcionou, com o objetivo de avaliar a percepção dos jornalistas quanto à eficácia das estratégias utilizadas, destacando pontos fortes e fragilidades. O procedimento envolveu a análise comparativa das experiências narradas, distinguindo iniciativas que conseguiram repercussão positiva daquelas que se mostraram insuficientes ou ineficazes diante do volume de desinformação. A fundamentação teórica desse eixo se baseia em estudos sobre governança da comunicação em contextos digitais (Recuero & Soares, 2020) e sobre a fronteira entre comunicação pública e comunicação política (Oliveira, 2020).

4.1 Perfil dos jornalistas entrevistados

Os cinco jornalistas entrevistados – aqui identificados como “J1”, “J2”, “J3”, “J4” e “J5” ocupavam posições importantes dentro da estrutura de comunicação montada pelo Governo de São Paulo. Três deles estavam em função de coordenação, um deles trabalhava em função executiva no núcleo montado para combater a desinformação (*fake news*) e o último transitava entre os setores.

Esses jornalistas trabalhavam na estrutura de comunicação do governo de São Paulo, da Secretaria do Estado da Saúde e no Instituto Butantan, responsável desde o primeiro momento por parte das informações e depois pela produção das vacinas. A presença desses profissionais como mediadores entre Estado e sociedade reforça a ideia de Cooke (1998) de que o jornalismo, mesmo em funções de assessoria, integra a engrenagem da política.

No caso brasileiro, tal função dialoga com Brandão (2006), que concebe a comunicação pública como uma mediação entre governo e cidadãos. Esse papel torna-se ainda mais relevante quando observamos que, dos cinco entrevistados, apenas um não tinha conhecimento do uso da *fake news* como arma política, enquanto os outros quatro relataram já ter presenciado esse fenômeno nas eleições de 2018. Tal percepção evidencia como esses profissionais não apenas desempenham uma função técnica de comunicação, mas também atuam como agentes imersos em disputas narrativas e políticos, vivenciando de forma direta os efeitos da desinformação na arena pública.

Olha, é, eu acredito que devo ter ouvido antes da pandemia, né? Ela é mais marcante para mim durante esse período, sem dúvida nenhuma. Mas certamente eu ouvi antes, principalmente quando a gente falava sobre vacinação já como um processo, um processo antivacina que vinha ocorrendo no mundo. Então era um termo já utilizado nesse processo antivacinal, que vinha ocorrendo no mundo. Mas, sem dúvida nenhuma, durante a pandemia isso ganhou força e foi o mais impactante aí, que imediatamente remete à minha mente (Entrevistado “J3”, entrevista concedida em 2025).

Os entrevistados deixaram de forma clara que a *fake news* na eleição – que poderia decidir um resultado nas urnas ou causar um dano a imagem de um candidato – não tinha a mesma força alcançada durante a pandemia.

Eu acho que a gente já tinha até ouvido antes da pandemia, né? Mas eu acho que o que fez a gente entender o que era “fake news” foi durante a pandemia. Eu pelo menos senti que eu entendi de fato o que era o tamanho do que podia ser uma “fake news” durante a pandemia. Acho que a gente já tinha ouvido antes por “ouvir falar”, mas não que tinha atingido tão diretamente e que a gente tivesse a dimensão de como ela poderia ser maléfica na situação que vivemos (Entrevistado “J4”, entrevista concedida em 2025).

Dos cinco entrevistados, apenas um lembrou que em alguns momentos históricos, o uso da desinformação foi usado. Segundo o entrevistado “J2”, na época em que estudou, no início do século 21, o que existia era contrainformação e que os governos totalitários a utilizavam como o governo nazista de Hitler na Alemanha, por meio do ministro da propaganda, Joseph Goebbels (“Figura 57”). “Ela (a comunicação nazista) era baseada em mitos, fatos que dariam posto facilmente para chamar de *fake news*, não é também? Então tinha um pouco dessa propaganda política, dessa propaganda de comunicação de massa para criar pensamento dentro da sociedade” (Entrevistado “J2”, 2025).



Figura 57 - O ministro da propaganda de Hitler, o nazista Joseph Goebbels - Foto: Alfred Eisenstaedt (1933)¹⁴⁴.

“J2” destacou, porém, que o diferencial dos dias atuais é a velocidade com que a desinformação é inserida. “Hoje, se eu plantar uma *fake news* ou ela tem uma capacidade de se espalhar de forma muito rápida em poucas horas, não é?” (Entrevistado “J2”, 2025). Outros três jornalistas se mostraram surpresos com a aderência a população que a desinformação conquistou durante a pandemia:

Você tratava a desinformação de uma forma lateral, da seguinte forma: mais como uma forma de engrandecer ou fazer uma melhor apuração, né? É em um processo de construção da reportagem, das matérias, dos conteúdos, do que é hoje. Assim, a desinformação era de uma forma lateral durante a universidade, pelo menos, enfim, quando eu me formei. A desinformação era tratada mais em cima de um erro jornalístico de uma apuração, de exemplos, de situações, ou de formas quando de incentivo ou de construção de ensinamento para uma melhor apuração, para uma melhor construção de uma reportagem. Mas não como acho que é hoje. (Entrevistado “J3”, 2025).

O entrevistado “J5” lembrou que na faculdade aprendeu que o propósito do jornalismo “era informar, era entreter, era prover era comunicar e transmitir informações jornalísticas adequadas” (Entrevistado “J5”, 2025).

¹⁴⁴ Disponível em: <<https://aventurasnahistoria.com.br/noticias/almanaque/alfred-eisenstaedt-foto-joseph-goebbels.phtml>> Acesso em: 9 out.2025.

A entrevistada “J4” destacou a ligação histórica que os brasileiros sempre tiveram com as campanhas de imunização, com a figura clássica do mascote “Zé Gotinha” (“Figura 58”). E ela comenta que “nunca tinha imaginado que isso ia acontecer. Nunca tinha imaginado. Por quê? Porque eu acho que era uma coisa tão óbvia para a gente, né? A gente, principalmente em relação à vacina, por exemplo, é uma coisa que a gente já nasce tomando vacina” (Entrevistado “J4”, 2025).



Figura 58 - Zé Gotinha, símbolo da vacinação nacional.
Foto: José Cruz/ Agência Brasil¹⁴⁵.

Apesar de terem conhecimento sobre os movimentos antivacinas ao redor do mundo, eles não imaginavam que a “onda de desinformação” poderia projetar algo aqui no Brasil. Para o entrevistado “J3”, isso foi ganhando força entre 2017, 2018, período em que Jair Bolsonaro se lança candidato e inicia a jornada até a presidência da República e, por consequência, começam as ondas de desinformação em cima daquilo que é assunto do momento, no caso a ciência. “Acreditava que a ciência seria prevalente e a voz da ciência mais prevalente do que a desinformação [...] não foi um espanto durante a pandemia, porque essa questão é com impacto direto nas questões de vacinação, já vinha sendo construída, mas é a construção ali de uma rede, de uma máquina feita para isso” (Entrevistado “J3”, 2025).

O entrevistado “J3” entende que a união da política e da ciência, somado a onda de desinformação, resultou em um “processo bem construído” com “narrativas” que tinham “uma disseminação muito rápida”. A falta de respeito a vida e ao trabalho dos pesquisadores chamaram a atenção do jornalista “J1”, que sempre viu esse noticiário como algo em que todas as pessoas ganhavam. Ou seja, não haveria motivo para questioná-lo ou atacá-lo com desinformação. “A gente está falando de ciência de saúde, de pesquisa, de tratamento, de

¹⁴⁵ Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/foto/2025-09/desfile-do-dia-da-independencia-1757262492-1>> Acesso em: 9 out.2025.

vacinas, de combate a doenças. Então a gente está, está é uma pauta que beneficia todos” (Entrevistado “J1”, 2025).

O resultado de todo esse cenário foi tão potente que até hoje provoca consequências, como o a perda de vacinas em postos de saúde, como destacou o jornalista “J2”, que classificou isso como “um efeito colateral” pós-pandemia: “as pessoas não estão indo vacinar e não é porque o governo federal, que é quem compra a vacina e distribui, aumentou a entrega” (Entrevistado “J2”, 2025). Já o jornalista “J5” acrescentou um detalhe a mais: o contágio da desinformação aos grandes meios de comunicação durante a cobertura da pandemia:

No meio da cobertura da pandemia, da questão da vacina e tudo mais; a quantidade de informações que circulou e de desinformação, ela pode ter em determinado momento atingido até o profissional de imprensa que naquele momento não tinha como checar para entrar ao vivo, por exemplo, para dar uma informação de último momento, isso também replicou um pouco. Eu acho que bateu um pouco nos próprios veículos de comunicação, mas não por ser intencional - de um jornalista imbuído de desinformar ou dar “fake news” ou dar uma notícia “fake”, mas que às vezes o profissional não estava munido de todas as informações necessárias para passar a informação correta (Entrevistado “J5”, 2025).

Todos os cinco jornalistas entrevistados disseram que logo no começo da pandemia tiveram contato com a desinformação. Alguns chegaram a citar que logo que surgiram as primeiras informações sobre a circulação do vírus, as mentiras começaram a atacar. “Logo nos primeiros casos me recorde de situações de desinformação com relação à forma de contágio, desinformação de como havia surgido a pandemia, desinformação com relação à gravidade ou não da situação” (Entrevistado “J3”, 2025). Já o jornalista “J2”, entende que a infodemia dentro do contexto pandêmico pode ser dividida em pelo menos, dois atos:

A gente tem ali fevereiro de 2020, que começa a ter os casos de doença que aparecem na Itália, você tem o primeiro caso que chega em Guarulhos¹⁴⁶. Até nesse dia que a gente começa a ter isso. Estavam todos os governadores reunidos ali em Foz do Iguaçu, no Cosud¹⁴⁷ (Consórcio de Integração Sul e Sudeste), na reunião dos governadores do Sul e do Sudeste. Tinha virado um debate isso, né? [...] depois vem lá março, que a gente começa a fazer. Aí tem o comitê de saúde [...], que estava envolvido aí com o governador João Doria e tal. E no outro comitê a gente começa a gerar aquelas coletivas de imprensa [...], que foram os recordes absolutos das transmissões on-line que nós fazíamos. E aí vem o governo federal [...] começa o embate muito forte entre março e vai até agosto, mais ou menos. É que aí a desqualificação da doença e, consequentemente, de qualquer solução, seja ela, obviamente, pela vacina, e aí as questões de cloroquina, ivermectina, todas essas maluquices que apareceram, que foram esses seis meses mais graves do primeiro semestre de 2020. Tem a cena clássica da “cloroquina para a ema”, né¹⁴⁸? (“Figura 60”) É nesse momento que acontece esse tipo de coisa (Entrevistado “J3”, 2025).

¹⁴⁶ Disponível em: <<https://guarulhosweb.com.br/covid-19-primeiro-caso-foi-confirmado-em-sao-paulo-ha-cinco-anos/>> Acesso em: 16 ago.2025.

¹⁴⁷ Disponível em: <<https://welbi.blogspot.com/2020/02/doria-defende-pacto-federativo-em.html>> Acesso em: 16 ago.2025.

¹⁴⁸ Disponível em: <<https://g1.globo.com/globonews/jornal-globonews-edicao-das-10/video/bolsonaro-exibe-caixa-de-cloroquina-para-ema-no-palacio-da-alvorada-8723268.ghtml>> Acesso em: 29 set.2025.



Figura 60 - Charge satírica retratando o presidente Jair Bolsonaro oferecendo cloroquina a uma ema, em referência a episódios ocorridos durante a pandemia de Covid-19. Chargista Duke. 24 jul.2020, on-line.¹⁴⁹.

No mundo digital, a jornalista “J1” observou que se tratava de uma “guerra de narrativas” e “não de conteúdo”. E a China – onde a doença surgiu – passou a ser alvo dos ataques. “O preconceito contra o mercado chinês que logo veio...? Eu não quero “vaChina”, né? Aqueles memes e os trocadilhos, né? E uma disseminação muito forte de *fake news*” (Entrevistado “J1”, 2025). A orientação dada a equipe foi a de criar uma campanha de combate a *fake news* para informar a população do que era ou não verdade. “A gente tinha um grande incêndio para apagar e eu acho que o principal incêndio era o *fake*”. “J1” disse lembrou ainda que muitas vezes eles foram surpreendidos por ondas de desinformação que surgiam em cidades menores, do interior do país e que acabam tomando proporção e chegando até cidades com populações maiores, como São Paulo. “Às vezes lá em Cabrobó (PE)¹⁵⁰ tem um nano influenciador [...] que causa um dano gigantesco. Você entende? Ele estava ali fazendo uma *fake news* que nasce ali e que vai se reverberando. E que vai multiplicando muito rapidamente” (Entrevistado “J1”, 2025).

Para identificar de onde vinha a onda de desinformação, eles passaram a usar softwares específicos que monitoravam usando o recurso da palavra-chave. “Ficam ali buscando tudo isso e trazem essas informações, a gente conseguia chegar nestes lugares, em todos os lugares” (Entrevistado “J1”, 2025).

¹⁴⁹ Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/eb/a/vdQJKChy6YGBtNzqXQbxd7Q/?format=html&lang=pt>> Acesso em: 29 set.2025.

¹⁵⁰ A população estimada de Cabrobó (PE) é de 34 mil habitantes. Disponível em: <<https://cabrobo.pe.gov.br/dados-geograficos-de-cabrobo/>> Acesso em: 16 ago.2025.

“J1” lembrou ainda de desinformações que tinham como objetivo provocar prejuízo financeiro. De acordo com J1, induzidas pela desinformação, algumas pessoas procuraram laboratórios – logo após tomarem a CoronaVac, o imunizante que veio da China – para fazer testes de anticorpos para comprovar se tinha ou não adquirido a imunidade contra a doença (um médico que fez o teste teve o vídeo compartilhado 38 mil vezes e que chegou a ser desmentido pelo entrevistado “J1”)¹⁵¹.

O teste de anticorpos são limitados e não conseguem atestar a eficácia dos imunizantes¹⁵². “A gente teve questões que viraram uma fábrica de dinheiro [...] as pessoas iam lá e pagavam do próprio bolso uma fortuna e faziam aquele teste pós vacinação, três semanas depois pra ver como é que estava lá, a imunidade” (Entrevistado “J1”, 2025). No final, todos conversavam sobre vacina, como se fosse cientista. “Vacina virou conversa de mesa de bar” (Entrevistado “J1”, 2025).

Outro momento lembrado foi o do início, quando o Governo de São Paulo e o Ministério da Saúde (na época, ainda comandado por Henrique Mandetta) pediam para as pessoas evitarem aglomerações para o vírus não se propagar. O entrevistado “J5” contou que a desinformação – propagada pelo presidente Jair Bolsonaro, que disse que a contaminação era mais eficaz do que a vacina¹⁵³ – de que as pessoas não deveriam se importar com o isolamento, porque a sociedade iria criar uma “imunidade de rebanho”¹⁵⁴ foi propagada até por supostos especialistas. “Até alguns ditos especialistas disseram isso, que poderia criar a imunidade de rebanho. E o que a gente viu foi o contrário” (Entrevistado “J5”). Esse entrevistado (“J5”) contou ainda que em um determinado momento as regras foram relaxadas e surgiu uma nova variante do SARS-Cov2, o que obrigou “a todos voltarem para casa” (Entrevistado “J5”, 2025).

¹⁵¹ Disponível em: <<https://checamos.afp.com/doc.afp.com.9F872P>> Acesso em: 16 ago.2025.

¹⁵² Disponível em: <<https://drauziovarella.uol.com.br/imunologia/devo-realizar-teste-de-anticorpos-depois-de-me-vacinar/>> Acesso em: 16 ago.2025.

¹⁵³ Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/06/17/bolsonaro-diz-que-contaminacao-e-mais-eficaz-que-vacina-estrategia-pode-levar-a-morte-diz-sanitarista.ghtml>> Acesso em: 16 ago.2025.

¹⁵⁴ Disponível em: <<https://especiais.g1.globo.com/politica/cpi-da-covid/2021/bolsonaro-cpi-da-covid-imunidade-de-rebanho-caso-covaxin/>> Acesso em: 16 ago.2025.

4.2. Mentiras mais marcantes

Ao serem questionados sobre quais foram as mentiras mais marcantes, cada um dos entrevistados trouxe um aspecto diferente. Para “J2” não existiu nada mais forte do que a fala do presidente Jair Bolsonaro de que a vacina fazia virar jacaré¹⁵⁵.

Ela tem um poder essa frase: você vai tomar essa vacina, você vai “virar jacaré”. Ela ao mesmo tempo, ela parece um quadro do “Zorra Total”, né? De piada. Mas ela tem o poder de comunicação de simplicidade na cabeça daquelas pessoas que já tinham algo contra e que abraçam essa teoria. Não que vai “virar um jacaré de verdade”, mas que ela vai causar mutações em você [...] obviamente teve as derivações que falava que na verdade, a vacina estava instalando um chip chinês que vai fazer você fazer transição de gênero. As coisas foram crescendo, mas eu acho que essa semente do “vai virar jacaré” tem um poder no ponto de vista de comunicação muito grande para essas hordas da desinformação e da “fake news”. Que foi o dia que liberou geral. Pode falar o que quiser, que vai ser verdade. A gente não quer acreditar mais na ciência. A gente não quer mais falar da história. A gente não quer falar de como a vacina salvou da paralisia infantil, do sarampo, da rubéola e de tudo mais que a vacina cuidou ao longo dos anos. Nisso tudo, aquele acho que foi talvez o ponto de inflexão. É quando a comunicação começou a sofrer muito, em que a verdade já não fazia mais efeito (Entrevistado “J2”, 2025).

Na visão de “J2”, o uso irresponsável dessa alegoria, feita pela pessoa com o cargo mais importante da nação, foi tão forte que superou outra mentira de Bolsonaro de que a vacina poderia provocar AIDS¹⁵⁶. “Porque era uma maluquice, como é que você transforma um humano em um réptil, né? A maluquice é tão grande. Para mim é muito marcante esse momento” (Entrevistado “J2”, 2025).

O entrevistado “J1”, ao lembrar qual foi a maior mentira que teve de enfrentar, destacou um ponto interessante sobre o emissor de uma desinformação – o da credibilidade. “J1” precisou enfrentar um dos maiores apoiadores de Jair Bolsonaro, o pastor evangélico Silas Malafaia (“Figura 60”). O pastor, que utiliza a religião como base de confiança da sua oratória, atacava a eficácia das vacinas. Malafaia teve retirado pelo Twitter (hoje “X”) 11 publicações enganosas contra a vacinação infantil¹⁵⁷.

¹⁵⁵ Disponível em: <<https://istoe.com.br/bolsonaro-sobre-vacina-de-pfizer-se-voce-virar-um-jacare-e-problema-de-voce>> Acesso em: 16 ago.2025.

¹⁵⁶ Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/estadao-verifica/bolsonaro-reproduziu-alegacoes-de-site-negacionista-ao-relacionar-aids-a-vacinas-da-covid-entenda/?srsltid=AfmBOoqp8yBs7YATXK-it0yrYwnrYIzAe2T3MIn0PNwdw0joMWkelZ11>> Acesso em: 16 ago.2025.

¹⁵⁷ Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2022/01/10/post-de-malafaia-chamando-vacinacao-infantil-de-infanticidio-e-removido.htm>> Acesso em: 16 ago.2025.



Figura 60 - O pastor Silas Malafaia. Fábio Rodrigues Pozzebom/Agência Brasil¹⁵⁸.

Para se ter uma ideia da força digital desse pastor evangélico, um vídeo de Malafaia – em que ele criticava a “vacina chinesa” e defendia o uso de ivermectina, remédio sem eficácia comprovada no tratamento da Covid-19 chegou a atrapalhar a vacinação em uma comunidade indígena no sul do Amazonas¹⁵⁹. “Então isso vai tendo um efeito. E aí todos as ovelhas, vão falando, olha porque o pastor disse que essa vacina aqui é ruim. Olha que estão morrendo e isso vai ganhando uma força, é assustadora realmente...e o impacto que isso causa na vida das pessoas?” (Entrevistado “J1”,2025).

¹⁵⁸ Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/justica/noticia/2025-08/eu-sou-um-lider-religioso-nao-sou-bandido-diz-malafaia>> Acesso em: 9 out.2025.

¹⁵⁹ Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56433811>> Acesso em: 16 ago.2025.

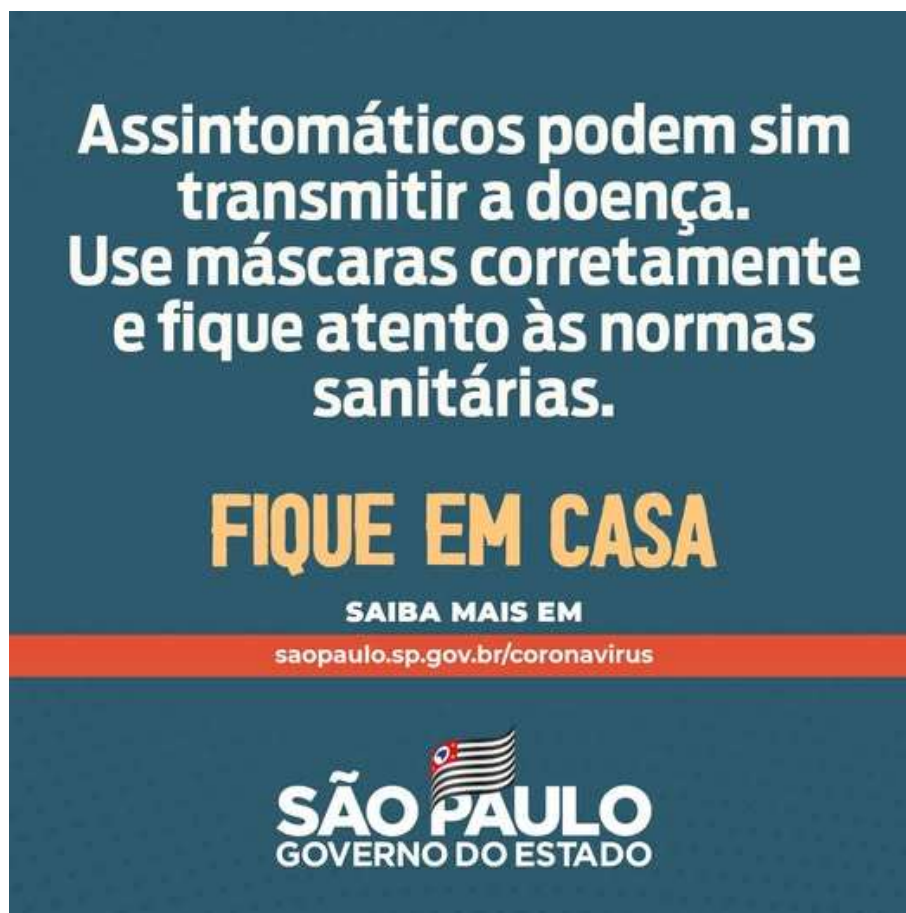


Figura 61 -Post do Governo de São Paulo no Facebook. Reprodução¹⁶⁰.

Apesar disso, o Governo de São Paulo continuava sua campanha alertando sobre a questão de que “Assintomáticos podem transmitir a doença.” (“Figura 61”). Nas redes sociais é possível ter um “termômetro da opinião pública”, por meio de (“Figura 62”), comentários de pessoas que tentavam sobreviver à pandemia e que continuavam trabalhando:

¹⁶⁰ Disponível em: <<https://www.facebook.com/governosp/posts/fiqueemcasa%EF%B8%8F-respeite-o-distanciamento-social-e-siga-as-orienta%C3%A7%C3%B5es-do-governo-d/10158490807068653/>>
Acesso em: 9 out.2025.

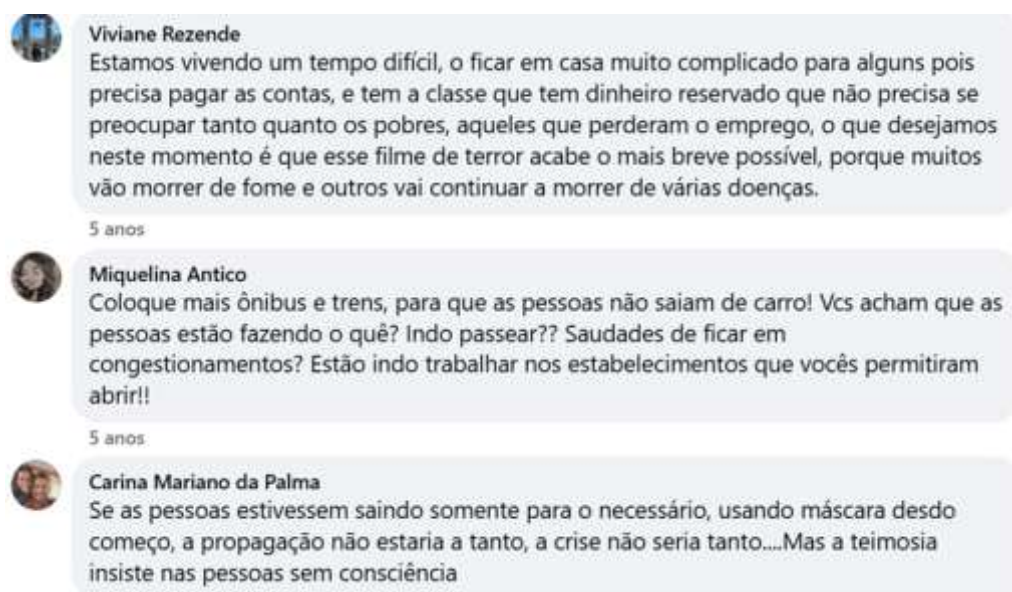


Figura 62 - Comentários de algumas pessoas abaixo do *post* do Governo de São Paulo no Facebook. Reprodução.¹⁶¹

Os entrevistados “J3” e “J4” se recordaram da dificuldade que foi a campanha “Fique em Casa”, que pedia para as pessoas evitarem aglomerações. Nesse caso, a principal mentira era a que a medida só serviria para atrapalhar o desenvolvimento econômico. “Quando você vai para o interior e para outras áreas do país, vem um número de desinformação grande no sentido de: “Ah o número de mortos não é esse (...) é muito latente em relação aos números” (Entrevistado “J3”, 2025).

Alimentada por teorias conspiratórias da rede bolsonarista, a população desconfiava das intenções do Governo de São Paulo. “O governo do estado estaria fazendo, uma produção de um cenário de caos. Para que? Para poder fazer o contraponto ao governo federal, que estava adotando uma política inversa” (Entrevistado “J3”, 2025). “J4” disse que entre as mentiras que teve de combater estava a de que a vacina provocava autismo (mentira que até hoje é combatida¹⁶²).

A mentira sobre o desenvolvimento do transtorno do espectro do autismo (TEA) surgiu após a publicação de um artigo científico em 1998, que foi desmentido pela comunidade científica, mas que, em algumas situações (como a da pandemia), acabam ganhando força novamente. Após muitas análises científicas, a Organização Mundial de Saúde (OMS) passou a caracterizar o autismo como um distúrbio que acomete uma a cada 100 crianças no mundo.

¹⁶¹ Disponível em: <<https://www.facebook.com/governosp/posts/fiqueemcasa%EF%B8%8F-respeite-o-distanciamento-social-e-siga-as-orienta%C3%A7%C3%B5es-do-governo-d/10158490807068653/>> Acesso em: 9 out.2025.

¹⁶² Disponível em: <<https://butantan.gov.br/covid/butantan-tira-duvida/tira-duvida-noticias/por-que-e-mentira-que-vacinas-causam-autismo-conheca-a-historia-por-tras-desse-mito>> Acesso em: 14 nov.2025.

A renomada revista científica *The Lancet* publicou um estudo preliminar do médico britânico, Andrew Wakefield (“Figura 63”). O médico relacionou 12 crianças – que apresentaram sinais de autismo e inflamação intestinal – com o fato de 11 delas terem tomado a vacina que protege contra sarampo, caxumba e rubéola, a tríplice viral. Essas crianças tinham sinais de sarampo no organismo. Wakefield relacionou a vacinação a manifestação de autismo.

Com isso, movimentos antivacina surgiram em muitos lugares do planeta e a cobertura vacinal caiu. O objetivo do médico – que era o de ter uma patente para um novo imunizante contra o sarampo, que por sua vez, concorreria contra a tríplice viral – começou a ruir quando se descobriu o interesse dele. Advogados contrataram Wakefield para produzir informações falsas contra a vacina – a intenção era processar os fabricantes.

A situação de Wakefield agravou-se quando análises comprovaram que não havia vírus do sarampo nas amostras de nenhuma criança vacinada. Além disso, Wakefield havia sido contratado por advogados para produzir dados contra a vacina, para que eles pudessem ganhar dinheiro processando os fabricantes do produto¹⁶³.



Figura 63 - Andrew Wakefield – venerado pelas pessoas que são contra a aplicação da vacina, ele teve o registro cancelado em 2010, pelo Conselho Médico Britânico¹⁶⁴.

O entrevistado “J4”, porém, destacou que a desinformação mais difícil de combater foi a de que a vacina CoronaVac tinha menor eficácia. Isso ocorreu logo que a campanha de vacinação começou:

¹⁶³ Disponível em: <<https://butantan.gov.br/covid/butantan-tira-duvida/tira-duvida-noticias/por-que-e-mentira-que-vacinas-causam-autismo-conheca-a-historia-por-tras-desse-mito>> Acesso em: 9 out.2025.

¹⁶⁴ Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/saude/os-passos-do-movimento-antivacina-pelo-mundo-21396356>> Acesso em: 10 out.2025.

Uma clássica que eu vou te dizer, que foi bastante difícil, foi quando – o Butantan lançou a CoronaVac e depois outras entraram no processo de distribuição do Ministério da Saúde. E ali teve um determinado momento que começou se associar a CoronaVac a uma eficácia menor. Na época, criou-se até um termo que existia o “sommelier”¹⁶⁵ de vacina, a pessoa ia para o posto se vacinar e falava que não queria a CoronaVac. E só tinha a CoronaVac e voltava outro dia. E isso eu lembro que foi bastante difícil de combater, porque a CoronaVac ela foi testada em 13 mil voluntários, por todo o Brasil. E ela apresentou uma eficácia geral de 50,4%. E outras vacinas apresentaram uma escassez geral maior, só que a CoronaVac tem um caso específico porque ela foi testada exclusivamente entre profissionais da área de saúde. Só profissional da saúde foi recrutado como voluntário para testar CoronaVac e eram profissionais que estavam na linha de frente do combate à doença. Então esses profissionais tinham contato com pessoas doentes. E muitos deles adquiriram a Covid de forma sintomática. Não assim necessariamente sintomas graves, pelo contrário, sintomas normalmente leves – tanto é que depois, quando se anunciou a eficácia para casos que requeriam algum tipo de atendimento médico, já subia para 78%. E contra internações já subia para 100% no ambiente controlado da pesquisa. Então essa dificuldade de dizer que a CoronaVac era uma vacina tão eficaz contra a doença em relação às outras foi o mais difícil de combater. (Entrevistado “J4”, 2025).

As desinformações relatadas pelos entrevistados podem ser enquadradas na tipologia de Wardle e Derakhshan (2017), que distinguem *misinformation*, *disinformation* e *malinformation*. No Brasil, Recuero, Soares e Gruzd (2021) mostram como esse tipo de conteúdo circula reforçado por redes de afinidade e algoritmos de engajamento, o que explica a dificuldade enfrentada pela assessoria em frear a propagação das *fake news*. Esse cenário dialoga com as análises de Lazer *et al.* (2018), que destacam a centralidade das dinâmicas algorítmicas e das motivações político-ideológicas na amplificação da desinformação em ambientes digitais.

Os estudos de Benkler, Faris e Roberts (2018) demonstram que ecossistemas midiáticos polarizados favorecem a propagação de narrativas enganosas, sobretudo quando há atores políticos e midiáticos engajados em sua reprodução estratégica. Nesse sentido, a dificuldade da assessoria relatada pelos entrevistados também pode ser compreendida à luz dos estudos de Vosoughi, Roy e Aral (2018), que evidenciam como informações falsas tendem a se espalhar mais rápido e alcançar maior alcance, reforçando os desafios enfrentados pela comunicação pública em contextos de crise sanitária.

¹⁶⁵ Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/ser-sommelier-de-vacina-significa-que-voce-nao-entendeu-nada-diz-luana-araujo/>> Acesso em: 16 ago.2025.

4.3. Estratégias para desmentir as mensagens enganosas

Para não perder a batalha da narrativa, o Palácio dos Bandeirantes montou uma estrutura a parte de comunicação. Os jornalistas entrevistados narram desde a criação de um *bunker*,¹⁶⁶ onde era possível ter acesso às informações dos especialistas em coletivas comandadas pelo Governador João Doria. Equipes de jornalistas foram organizadas com o propósito de monitorar as redes digitais em turnos de 24 horas. Esses jornalistas trocavam informações com as demais equipes, compostas por especialistas na área científica, para desmentir as mentiras divulgadas pelas redes bolsonaristas.

Uma guerra de narrativas estava sendo travada e do lado do Governo de São Paulo, o que era considerado o principal trunfo, era o governador João Doria (jornalista de formação) e que depois iria pagar um preço político altíssimo, com a saída da cena eleitoral. Doria tinha um papel de destaque durante as coletivas (“Figura 64”), conforme descreve o entrevistado “J2”:

É do personagem que nós estávamos ali trabalhando, que era o João Doria. O governador era um cara da área de comunicação. É um cara que tem uma facilidade para ir para a frente de uma câmera. É um cara que tem uma facilidade para tornar tudo em um evento - aqui eu não estou entrando no mérito de julgamento de valores, se isso é bom ou ruim, tá? Eu só estou só colocando uma característica – então ali a gente tem um potencial que é o portador da mensagem. Obviamente, a Secretaria de Saúde de São Paulo, tem um histórico e um time de profissionais de primeira linha, que vai do David Uip para frente. É a USP, a Unicamp, o Hospital das Clínicas (HC), não precisamos nem falar o quanto que São Paulo é referência em saúde no mundo. Então conseguia trazer um time de profissional, a ideia foi primeiro trazer um time de profissionais de saúde muito bom para dar a verdade, apesar da descrença geral que que o presidente propagava. É, trouxemos esse time e o João Doria foi o condutor disso daí. Era um trabalho extenuante (Entrevistado “J2”, 2025).

¹⁶⁶ Estrutura usada para proteger as pessoas em uma guerra. Disponível em: <<https://www.nationalgeographicbrasil.com/historia/2023/10/o-que-e-um-bunker-e-como-ele-funciona>> Acesso em: 17 ago.2025.



Figura 64 - João Doria, o porta-voz, em coletiva no Palácio dos Bandeirantes.
Fonte: Divulgação/ Governo do Estado¹⁶⁷.

Foi quase um ano de entrevistas coletivas (em determinadas semanas eram sete coletivas que eram transmitidas ao vivo para todas as redes sociais simultaneamente). O sinal era gerado para todas as emissoras de TV que tinham interesse no assunto. Os anúncios ainda tinham a cobertura da TV Cultura (que é de propriedade da Fundação Padre Anchieta, uma fundação governamental com autonomia administrativa, política e intelectual¹⁶⁸). Com a criação de um estúdio de TV dentro do Palácio dos Bandeirantes, especialistas, representantes do governo e inclusive, o próprio governador tinham autonomia para entrar ao vivo, quando fosse desejado por qualquer tipo de veículo, como rádio, emissoras de TV e canais de internet. “Foi um trabalho que acabou ganhando repercussão internacional. A gente entrou na CNN internacional, Al Jazeera e uma série de outras emissoras internacionais como a RAI, na França” (Entrevistado “J2”, 2025).

Diariamente, eles tinham reuniões às 8h da manhã, que abordavam política pública de saúde, política pública de comunicação e a comunicação propriamente dita. “Aquilo virou um grande *bunker* do Palácio dos Bandeirantes” (Entrevistado “J2”, 2025). Foram criados grupos de WhatsApp com 645 secretários de comunicação dos municípios (números de cidades de São Paulo). Havia um grupo para cada região: litoral, metropolitana de Campinas, Ribeirão Preto e Franca. As informações eram passadas em primeira mão para esses secretários de comunicação que passavam para as prefeituras. “Então era uma máquina de comunicação que funcionava

¹⁶⁷ Disponível em: <<https://www.gazetasp.com.br/politica/doria-quebra-silencio-sobre-pandemia-relembra-embates-legado-vacina/1152485/>> Acesso em: 29 set.2025.

¹⁶⁸ Disponível em: <<https://fpa.com.br/sobre/>> Acesso em: 17 ago.2025.

todo dia, a partir das 6h da manhã, se não houvesse nenhum fato para chegar numa coletiva, que era aquela coletiva das 11h manhã, que se estendia ali pelos noticiários do meio-dia, a ideia era sempre ter um pouco disso” (Entrevistado “J2”, 2025).

A situação na rede social, porém, era diferente. A estrutura montada, pela descrição dos jornalistas, ficou desequilibrada. “Redes sociais a gente trabalhou demais, mas aí falando de *fake news*, a gente tomava de “7 a 1”¹⁶⁹ todo dia, todo dia. Não tinha jeito” (Entrevistado “J2”). O entrevistado “J2”, porém, entende que seria necessário um investimento maior para combater a onda de desinformação: “para dar certo na internet você precisa ter um exército virtual trabalhando para você” (Entrevistado “J2”, 2025).

Equipes precisaram ser reorganizadas, inclusive, com a contratação de novos profissionais que pudessem agregar conteúdo para combater a desinformação. “Havia ali umas duas pessoas específicas só para levantar conteúdos técnicos. Levantar conteúdos que podiam ser utilizados em produção de materiais contra a desinformação” (Entrevistado “J3”, 2025). Esses eram os materiais que abasteciam os porta-vozes: as redes sociais. “Acho que mais ou menos uma equipe de cinco pessoas que era do digital. Eles monitoravam e iam avaliando o que estava crescendo”. Em um cenário de milhares de *fake news* sendo distribuídas, a equipe ia avaliando o cenário e focando naquelas que estavam em evidente crescimento dentro das redes. “A gente ia avaliando a temperatura, então está aumentando, tem mais alcance essa, então vamos focar nessa que está tendo mais” (Entrevistado “J4”, 2025). Dentro do portal do governo, foi criada um setor com cards sobre *fake news*. “Infelizmente essa aba foi tirada do ar com o novo governo, né? Mas ela estava lá até o final do da gestão anterior” (o entrevistado “J4” refere-se à entrada de Tarcísio de Freitas, do Republicanos, no Governo de São Paulo)¹⁷⁰.

A assessoria, nessa época, identificava o que era uma *fake news*, fazia um *card* e escrevia *fake news* e colocava nas redes sociais e compartilhava em todos os grupos: “tudo o que a gente tinha, a gente espalhava isso nos grupos de WhatsApp e trabalhava nas redes sociais e com a imprensa também. Então era uma equipe que identificava aquilo” (Entrevistado “J4”, 2025).

Em diversos momentos das entrevistas foi possível observar o quanto essa missão foi extenuante para os profissionais envolvidos. “A gente já fazia o *card* e já colocava “no ar”. Então tinha dia que a gente fazia isso praticamente o dia inteiro, o dia inteirinho era desmentir

¹⁶⁹ Essa referência é relativa à derrota do Brasil para a Alemanha por “7 a 1” na *Copa de 2014*. Disponível em: <https://www.espn.com.br/futebol/partida/_jogoId/383242/alemanha-brasil> Acesso em: 18 ago.2025.

¹⁷⁰ Tarcísio de Freitas foi eleito ao governo de São Paulo com apoio de Bolsonaro. O candidato apoiado por Doria não chegou ao segundo turno. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/eleicoes/2022/noticia/2022/10/30/tarcisio-de-freitas-vence-em-566-cidades-do-estado-de-sp-haddad-ganha-na-capital-paulista-e-em-mais-78-municipios-no-2o-turno.ghtml>> Acesso em: 17 ago.2025.

fake news” (Entrevistado “J4”, 2025). O entrevistado “J5” lembrou que o trabalho envolvia ficar 24 horas no ar, atento ao que poderia aparecer. “Eu não tive folga nenhum final de semana ou feriado, trabalhava até tarde da noite” (Entrevistado “J5”, 2025).

Os pedidos de informação chegavam de várias partes do Estado via grupos de WhatsApp, que foram montados logo no início da pandemia. “A gente tinha um grupo no WhatsApp chamado “CoronaVac” e outros grupos para prontamente atender às demandas. A Secretaria de Comunicação, especificamente, criou um núcleo de combate a *fake news*” (Entrevistado “J5”, 2025).

Questões contra a vacina, contra a ciência e contra a prevenção eram respondidas com o auxílio do Butantan e de cientistas e pesquisadores eram respondidas pelo núcleo anti-*fake news* da Secretaria de Comunicação. Uma iniciativa que acabou sendo expandida. “Depois o próprio Butantan criou um núcleo de mídias sociais, em que parte do trabalho realizado era combater a *fake news* e combater e criar carimbos de “*fake*” em determinadas informações que circulavam” (Entrevistado “J5”, 2025).

O Instituto Butantan iniciou uma parceria com as agências de checagem de fatos – criados nos sites para ajudar a combater a onda de desinformação. “Parte da equipe ficava bem próxima das agências para atender essas demandas que eram volumosas” (Entrevistado “J5”, 2025). A estratégia envolvia ainda a priorização de certas agências de informação, seja por notas, ou por conversas com pesquisadores e cientistas do Butantan.

As medidas relatadas dialogam com a *Situational Crisis Communication Theory* (Coombs, 2007), que identifica estratégias de resposta como reforço e reconstrução da confiança. Além disso, ilustram o que Chong e Druckman (2007) denominam *framing contest*, uma disputa de enquadramentos em que o governo paulista tentava legitimar leituras ancoradas na ciência frente às narrativas negacionistas do governo federal.

Entretanto, como observam Recuero e Soares (2020), a circulação digital reforçou enquadramentos que privilegiaram a desinformação, evidenciando que o conflito discursivo entre os dois governos extrapolou o campo institucional e se intensificou no ecossistema das redes sociais.

Os jornalistas entrevistados reforçam tal percepção, ao alegar que o confronto de narrativas entre o governo estadual e o governo federal prejudicou as estratégias de desmentir as mensagens enganosas, uma vez que a disputa política minava a credibilidade das ações comunicacionais e reduzia o alcance das tentativas de esclarecimento público.

4.4. O que funcionou e o que não funcionou

Uma campanha batizada de “*Fake news também é vírus*” (“Figura 65”) foi criada pelo Instituto Butantan e pelo governo de São Paulo. “Era o antídoto ali emergencial, para quando surgir uma notícia mentirosa. Que a gente ia lá, desmentia e pronto. E aí você começava a conter aquilo.” (Entrevistado “J1”, 2025).



Figura 65 - Selo da campanha virtual criada pelo Instituto Butantan e pelo Governo de São Paulo¹⁷¹.

O entrevistado “J1” entende que, graças ao enfrentamento da disseminação da desinformação, tenha conseguido ampliar o tamanho das redes sociais do Instituto Butantan. A página do Instagram do Instituto saltou – segundo o entrevistado – de 8 mil seguidores para 1 milhão de seguidores (em agosto de 2025 estava com 1 milhão e 200 mil seguidores). “Organicamente a gente nunca impulsionou nada ou botou um centavo em nada para ter um maior alcance das notícias” (Entrevistado “J1”, 2025).

Outra iniciativa que o entrevistado “J1” destacou foi o de iniciar campanhas de popularização da ciência. Um clipe com uma música do cantor Mc Fioti foi gravado dentro do Instituto Butantan no dia 26 de janeiro de 2021 (“Figura 66”). Dirigido por Kaique Alves do KondZilla Records, trazia uma letra adaptada de incentivo e valorização à Ciência. “Essa vacina é saliente, vai curar nós’ do vírus e salvar muita gente”, diz a letra do clipe da música *Bum*

¹⁷¹ Disponível em: <<https://x.com/butantanoficial/status/1415109476559081477>> Acesso em: 29 set.2025.

*Bum Tam Tam*¹⁷². “J1” diz que a iniciativa serviu para desmistificar a ciência e aproximá-la do público infantil. “A popularização do instituto naquele momento, que foi orgânica, associando-se a um artista do funk (...), porque a ciência é uma coisa meio que parece que ela é inatingível, ela é só para os Ph.Ds¹⁷³” (Entrevistado “J1”, 2025).



Figura 66 - MC Fioti no Instituto Butantan - Foto: Divulgação / KondZilla¹⁷⁴.

A resposta da assessoria, ao buscar preservar sua credibilidade, aproxima-se do que Charaudeau (2009) descreve como construção discursiva da legitimidade em situações de crise midiática. Não obstante, outros jornalistas entrevistados, porém, revelaram que nas redes sociais o cenário foi de derrota. “Era um terreno pantanoso” (Entrevistado “J2”, 2025). Apesar dos *posts* (publicações), das transmissões ao vivo, dos comentários (nos *posts*) sempre abertos, do pluralismo – o entrevistado “J2” viu um massacre. “Ali tinha um exército virtual (...) vou denominá-lo como gabinete do ódio¹⁷⁵” (Entrevistado “J2”, 2025). O entrevistado “J2” entende que ele era, inclusive, mais amplo:

¹⁷² Disponível em: <<https://butantan.gov.br/noticias/estreia-nova-versao-de-%E2%80%99Cbum-bum-tam-tam%E2%80%99D-de-mc-fiotti-gravada-no-butantan>> Acesso em: 18 ago.2025.

¹⁷³ Alto grau acadêmico. Disponível em: <<https://exame.com/carreira/guia-de-carreira/o-que-e-phd-saiba-qual-o-significado-e-quem-pode-fazer>> Acesso em: 18 ago.2025.

¹⁷⁴ Disponível em: <<https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/2021/01/23/mc-fiotti-lanca-clipe-de-bum-bum-tam-tam-em-homenagem-a-vacina-coronavac.ghtml>> Acesso em: 18 ago.2025.

¹⁷⁵ Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2024/07/11/gabinete-do-odio-relembre-historico-investigacoes-pf.htm>> Acesso em: 18 ago.2025.

Ele tinha uma capacidade de arregimentar pessoas que acreditavam naquela crença e dispostas a lutar pela inverdade. Então essas pessoas inundavam as redes do governo com comentários negativos. Era muito pesado isso e a gente não tinha ferramentas, seja técnicas ou humanas, para lutar contra isso. Então a gente tomava esse “7 a 1” na internet. Apesar que, se a pessoa estivesse disposta a procurar pela informação correta, ela achava no portal do governo, ela achava nos perfis. Ela achava no grupo oficial do Telegram, no grupo oficial do WhatsApp. As informações estavam postas ali, mas elas não conseguiam ganhar a mesma repercussão do “vai virar jacaré” (Entrevistado “J2”, 2025).

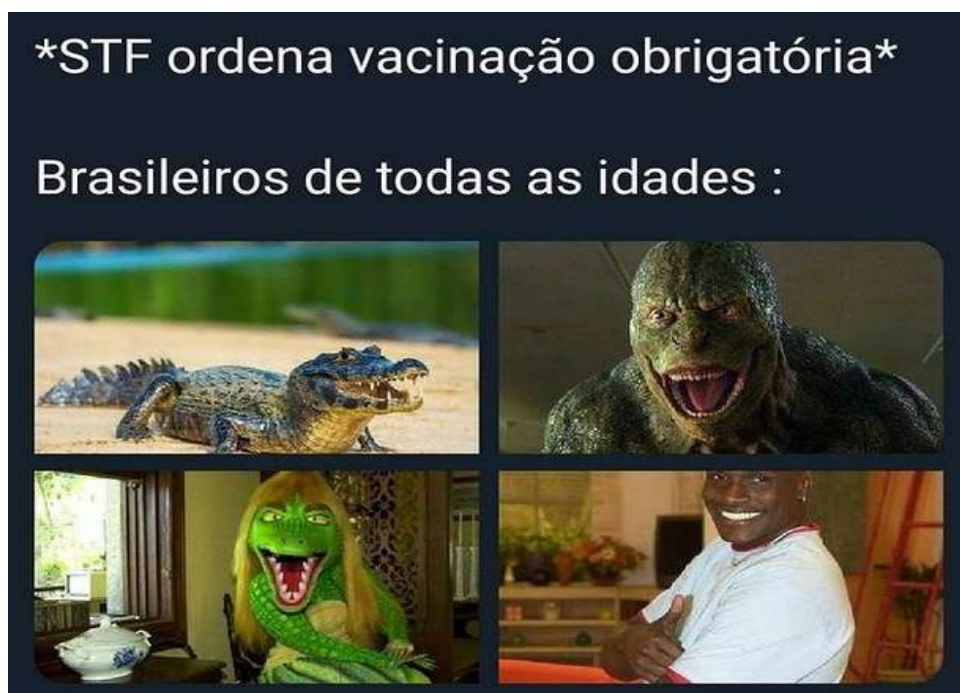


Figura 67 - “Meme” sobre “virar jacaré.” Reprodução: Museu do Meme¹⁷⁶.

Inclusive a expressão de que quem tomasse a vacina “iria virar jacaré”, dita pelo então presidente Bolsonaro virou diversos memes divertidos, como se vê na “Figura 67”. Essa mesma visão tem o entrevistado “J3”, que entende que o trabalho funcionou com menos efetividade, apesar das tentativas de combate em diversos canais como o WhatsApp, o Telegram ou páginas como Facebook, Twitter (hoje X). “É uma guerra ali que a gente lutava constantemente, mas nitidamente a gente perdia” (Entrevistado “J3”, 2025). O entrevistado “J3” contou que nas redes sociais, apesar da equipe responder os comentários nas postagens, criar instrumentos, novos produtos, reforçar o time de assessores, reforçar a produção e ser o mais rápido possível, “a gente não conseguiu vencer, acho que perdemos mais do que ganhamos (...) estávamos sempre correndo atrás. A gente no máximo empatava, porque era muito rápido” (Entrevistado “J3”, 2025).

¹⁷⁶ Disponível em: <<https://museudememes.com.br/collection/se-tomar-a-vacina-vai-virar-jacare>> Acesso em: 10 out.2025.

Os ataques digitais descritos evidenciam a mobilização de afetos negativos como raiva e medo, recurso característico do populismo contemporâneo (Mudde & Kaltwasser, 2017). Essa hostilidade, presente sobretudo nas redes sociais, revela como o ambiente digital funcionou como espaço de intensificação de disputas políticas, potencializando narrativas desinformativas (Recuero e Soares, 2020).

Dos cinco entrevistados, dois trouxeram um elemento, que na visão deles, atrapalhou o trabalho desenvolvido pelos jornalistas: a ação política. O jornalista entrevistado “J4” considerou que a guerra de narrativas entre Bolsonaro e Doria foi essencial para atrapalhar o combate à desinformação. “Eu acho que essa briga entre os governos prejudicou demais todo o trabalho que estávamos tentando fazer, porque o foco saía muito daquilo que considerávamos que era de fato importante” (Entrevistado “J4”, 2025).

Na visão desse entrevistado, a ação política dentro de um cenário pandêmico – onde era necessário ter união entre o governo federal e o de São Paulo – aumentou o número de mortos no país. “Por mais que tivesse um entendimento de que era preciso ter um protagonismo diante do que estava acontecendo no governo federal, eu acho que a briga prejudicou demais. E inclusive acho que matou gente essa briga. Dos dois lados” (Entrevistado “J4”, 2025).

Um desses embates foi o da distribuição de respiradores para os hospitais. São Paulo, que via seu número de casos crescer, precisava de mais equipamentos, mas o governo federal proibiu as empresas de venderem para priorizar uma distribuição mais equilibrada entre os estados. E isso fez com que cidades, como São Bernardo do Campo (SP), inaugurasse um hospital no dia 14 de maio de 2020 (“Figura 68”) com apenas a metade da capacidade de respiradores. O hospital foi inaugurado com 170 leitos de enfermaria, 80 leitos de UTI dos quais apenas 40 tinham os aparelhos¹⁷⁷. A cidade, administrada na ocasião por um aliado de Doria, o então prefeito Orlando Morando (PSDB), informava que não conseguia sequer uma resposta do Ministério da Saúde.

¹⁷⁷ Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/05/14/sao-bernardo-inaugura-hospital-de-urgencia-com-menos-leitos-de-uti-que-o-previsto-por-falta-de-respiradores.ghml>> Acesso em: 10 out.2025.



Figura 68 - Inauguração do Hospital de Urgência em São Bernardo do Campo: dos 80 leitos da UTI, apenas 40 tinham respiradores. Foto: Wallace Lara/Arquivo Pessoal.

O excesso de exposição do governador Doria foi apontado pelo entrevistado “J5” como um dos fatores que não funcionou no combate à desinformação. “Houve uma superexposição, tanto que se criou em parte da população uma visão dele negativa, porque o isolamento social ‘colou’ no governador” (Entrevistado “J5”, 2025).

O entrevistado “J5” acredita que parte da população atribuiu o prejuízo financeiro de ter de ficar em casa e não poder trabalhar ou perder os negócios a Doria. “As pessoas tendem a não acreditar nos políticos. E tinha um político ali. Eu não estou falando que ele fez errado. Ele foi um governante que se preocupou em trazer a vacina” (Entrevistado “J5”, 2025).

Isso, porém, atrapalhou na comunicação. Ele cita, inclusive, que em um documentário produzido pelo Globoplay, em um momento captado pela produção em que Doria não sabia que estava sendo gravado (a equipe esqueceu de tirar o microfone em que ele estava conectado), fica irritado e que, na visão do entrevistado “J5”, gerou uma situação de duplo sentido. “Ele começou a dar um esporro na equipe dele... No secretário e até estava o presidente do Butantan e ele falou: “Olha, quando que vai chegar a vacina? Eu estou colocando o ‘meu na reta’... Eu estou me expondo tanto e a vacina não chega” (Entrevistado “J5”, 2025). “J5” entendeu que Doria reclamava por estar preocupado com a campanha de vacinação que não se iniciava rapidamente, mas que, no documentário foi reproduzido como “uma questão de disputa política com o então presidente da República” (Entrevistado “J5”, 2025)¹⁷⁸.

¹⁷⁸ O documentário que o entrevistado “J5” se referiu é a série documental *A Corrida das Vacinas* dirigido por Álvaro Pereira Júnior em 2021 pelo Globoplay. Mais informações disponíveis nos links: <<https://globoplay.globo.com/a-corrida-das-vacinas/t/DXzrNybmKc/>> (*A Corrida das Vacinas*) e <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/04/09/gravacao-inedita-mostra-bastidor-da-importacao-da-vacina-pelo-governo-de-sp-estou-no-l-o-plano-dessa-historia-e-ainda-sofrendo-ataque-do-bolsonaro-diz-doria.ghtml>> (G1).

As ações no ambiente das mídias tradicionais (jornal, rádio e TV) foram apontadas pelos entrevistados como as mais efetivas no combate à desinformação. A ampliação dos horários de cobertura nas programações para a produção de conteúdo foi algo que trouxe um bom resultado, porque trazia a participação de especialistas com informação de qualidade, na visão do entrevistado “J3”. “Acho que isso funcionou muito bem de ter porta-vozes técnicos, tirando as dúvidas, combatendo a desinformação, mostrando o cenário de forma clara e transparente na grande mídia” (Entrevistado “J3”, 2025).

O entrevistado “J2” classificou o trabalho com as grandes redes como “uma máquina de comunicação” que no caso da Rede Globo conseguia produzir todo dia um material para os jornais de rede, como o *Jornal Nacional*, a partir de São Paulo. “Podia ter sido uma briga do Bolsonaro com o Doria, mas na maioria das vezes era informação prática sobre o *lockdown*, sobre como é que estava o andamento da vacina, como estavam os estudos do Butantan e assim por diante” (Entrevistado “J2”, 2025).

Mesmo classificando como uma “overdose de coletivas” os anúncios feitos no Palácio dos Bandeirantes durante a pandemia, o Entrevistado “J4” considera que a persistência de continuar falando, mostrando as ações, os números de doentes e de mortes, foi absorvida pelo público que estava em casa. “Nós fizemos 256 coletivas de imprensa nesse período”. (Entrevistado “J4”, 2025). “J4” não descarta que algumas pessoas, naquela época, assistiam apenas para dizer que os anúncios eram mentirosos. “Mas eu quero crer que muita gente viu ali e conseguiu entender as ciladas que estavam sendo colocadas para eles caírem” (Entrevistado “J4”, 2025).

A transparência com os dados, as estratégias anti-*fake news* da comunicação e o pânico vivido pela população com o crescimento de casos da pandemia foram apontados por “J5” como fatores que funcionaram a ajudar no combate à desinformação e a conquistar a adesão da população as campanhas de isolamento e de vacinação, além do uso de máscaras de forma preventiva. “O pânico que se gerou e com as mortes, todos os casos graves, vendo aquelas valas criadas pela Prefeitura de São Paulo (“Figura 70”) - quase faltou vala para enterrar gente – isso contribuiu para que o pânico fosse gerado e as pessoas correram para tomar vacina” (Entrevistado “J5”, 2025).



Figura 69 - Sepultadores da Prefeitura de São Paulo enterram primeira pessoa do dia, às 8h15 de uma segunda-feira (11 maio.2020). - Foto: Sindicato dos Funcionários Públicos Municipais/Divulgação.¹⁷⁹

Apesar do cenário descrito por quatro dos cinco entrevistados – inclusive com a questão do pânico provocado pelas mortes e pelos hospitais lotados – ainda assim, a desinformação mantinha-se ativa e atuante. É o que conta o entrevistado “J1”, em um episódio triste para a dramaturgia nacional: a morte do ator Tarcísio Meira. “Nesse dia, nós recebemos quase 53 mil menções” (Entrevistado “J1”). Tarcísio e a esposa, Glória Menezes, tomaram a vacina CoronaVac, do governo paulista (a família deles mora em São Paulo). “Todo mundo falou: está vendo por que esta vacina é uma porcaria?” (Entrevistado “J1”,2025).

A ida do filho do casal, Tarcísio Filho, no programa *Fantástico* da Rede Globo acabou invertendo o cenário. “Ele fala que a CoronaVac foi uma grande vacina e que salvou a mãe dele (...) e que o pai dele tinha outros problemas de saúde, que foi fumante a vida inteira (...) e ele agradecia a vacina porque ele estava com a mãe viva¹⁸⁰”(Entrevistado “J1”).

O entrevistado “J2” diz que aproveitou a oportunidade e imediatamente colocou a equipe para entrar em contato com outras emissoras de TV e a oferecer pesquisadores que explicavam que não tinha sido a vacina que havia matado Tarcísio Meira (“Figura 70”)

O entrevistado “J1” apontou o dia da morte de Tarcísio Meira como o mais difícil de trabalhar. No primeiro ano da pandemia, ele relata que trabalhou todos os dias, sem ter folga e que ficava em casa nos fins de semana, de plantão, monitorando as desinformações nas redes

¹⁷⁹ Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/05/12/estamos-enterrando-mais-de-75-por-dia-diz-coveiro-de-cemiterio-de-sp-que-recebe-vitimas-de-covid-19.ghtml>> Acesso em: 29 set.2025.

¹⁸⁰ Disponível em: <<https://www.metropoles.com/entretenimento/televisao/esta-bem-por-cao-da-vacina-diz-tarcisio-filho-sobre-gloria-menezes>> Acesso em: 29 set.2025.

sociais. “A gente podia fazer um *post* em qualquer horário, a qualquer tempo” (Entrevistado “J1”, 2025). Depois com o início da distribuição das vacinas, o entrevistado “J1” passou a trabalhar de forma presencial no Instituto Butantan. Ali ele organizava as entrevistas coletivas dadas pelo governador Doria, que passou a frequentar de forma contínua o Instituto Butantan. “O Doria ia lá três vezes por semana, a saída de dose, 8 horas da manhã já ele estava lá, saindo a dose coletiva. Então era assim: eu trabalhava 12, 14 até 16 horas por dia. Foi direto, finais de semana” (Entrevistado “J1”, 2025).

Outro dia que preocupou a equipe foi o da internação hospital do apresentador de TV, Sílvio Santos. “Imagina se o Sílvio Santos tivesse morrido de coronavírus, tendo sido vacinado com a CoronaVac? Ficávamos desesperados, porque sabíamos a força que isso tinha” (Entrevistado “J1”, 2025).



Figura 70 - A entrevista dada por Tarcísio Filho foi reproduzida na rede social do Instituto Butantan. Reprodução.¹⁸¹

Esses episódios de desinformação podem ser compreendidos como parte da desordem informacional, que opera pela circulação estratégica de conteúdos falsos ou enganosos em

¹⁸¹ Disponível em: <<https://www.instagram.com/reel/CSplHFgNnnc/>> Acesso em: 11 out.2025.

disputas de poder simbólico (Van Dijk, 2017). Os jornalistas não são inerentes ao noticiário que produzem. Isso é perceptível em um universo pandêmico, em que esses profissionais estão expostos com os seus amigos e parentes à doença – como qualquer outro profissional.

O entrevistado “J2” destacou que os piores dias enfrentados foram os que mostravam os hospitais de campanha lotados. Além dos números divulgados de mortes, ele tinha acesso às informações de bastidores, como por exemplo de que carros frigoríficos estavam acumulando corpos e que enterros estavam sendo feitos de forma isolada e sem a presença das famílias. “Chega um momento que parece que a comunicação não está mais surtindo efeito. E tinha essa curva: os médicos falavam: vai ter uma curva do aumento de mortes. O isolamento vai demorar para surtir um efeito” (Entrevistado “J2”, 2025).

O aumento do número de pessoas contaminadas era divulgado diariamente junto com imagens de mortes que aconteciam no mundo inteiro. Um luto coletivo, muitas vezes, colocado em dúvida pela desinformação que dizia para as pessoas não pararem de trabalhar para não morrerem de fome. O entrevistado “J2” lembra que nesse momento do auge das mortes, o discurso do Palácio dos Bandeirantes era “Fique em casa” (“Figura 71”), o que os colocavam frontalmente contra parte do desejo do governo federal e da população acuada pela crise econômica.



Figura 71 - “Previna-se contra o coronavírus. Fique em casa. Lave as mãos.” Pia móvel instalada pela Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo (Sabesp - na época, não havia sido privatizada) na área de saída do Hospital de Parelheiros, na Zona Sul de São Paulo. Foto: Wallace Lara/Arquivo Pessoal.

No segundo semestre do primeiro ano da pandemia, a situação se complica, principalmente, quando o presidente Jair Bolsonaro passa a indicar remédios sem eficiência comprovada, como lembra o entrevistado “J3”: “Havia ali uma campanha clara contra e a favor

dos medicamentos como ivermectina, cloroquina, esses medicamentos que o governo federal fazia de uma forma muito clara e muito acima, o tratamento precoce”.

O entrevistado “J3” narra momentos de dificuldade porque a partir do momento que fica claro que esses medicamentos não serviam para combater a Covid-19 e o presidente continua recomendando o cenário de conflito narrativo fica mais intenso. “Já tínhamos clareza que aquilo não funcionava e que outros métodos eram infinitamente mais eficazes” (Entrevistado “J3”, 2025).

Na sequência, vieram os ataques à vacina. Um lote aguardava a aprovação das primeiras doses. A conclusão de uma pesquisa do Instituto Butantan foi apontada pelo entrevistado “J5” como um dia de muita dificuldade. O Butantan tinha um parceiro que era a Sinovac, na China. O resultado inicial era de 50,4% de eficácia geral. “O Butantan se viu em uma ‘saia justa’ com a Sinovac, porque ele podia de fato ter anunciado ali logo na primeira coletiva a eficácia geral. Mas houve um pedido da Sinovac para que esse número não fosse divulgado porque os chineses tinham essa mesma pesquisa em outros países” (Entrevistado “J5”, 2025).

A questão é que estava dando uma diferença significativa em relação à eficácia geral em outros países. “Tinha países com 70 e tantos por cento e mais de 80% de eficácia. Mas a metodologia de pesquisa clínica era diferente” (Entrevistado “J5”, 2025). No Brasil, a eficácia testada foi apenas com os profissionais de saúde – mais expostos ao vírus. E foram realizadas três entrevistas coletivas para tentar explicar o que estava acontecendo.

Na primeira coletiva, segundo o entrevistado “J5”, foi anunciado que a CoronaVac tinha alcançado o que havia sido preconizado pela Organização Mundial de Saúde e pela Anvisa, mas sem falar o número, o percentual. Dez dias depois (7 de janeiro) foi realizada uma segunda coletiva. “O Butantã anunciou eficácia para casos que demandavam algum tipo de atendimento médico em 78% e eficácia para internação e óbitos, que em um ambiente controlado chegou a 100%” (Entrevistado “J5”, 2025).

No entanto, naquele momento, não se divulgou a eficácia geral. “Em uma terceira coletiva em que o então diretor médico, diretor clínico de pesquisas do Butantan, que era o Ricardo Palacios, explicou. Ali ele falou da eficácia de 50,4%” (Entrevistado “J5”, 2025). Palacios, de acordo com o entrevistado “J5” deu ênfase ao fato de que a pesquisa foi realizada entre profissionais de saúde e que era uma eficácia que poderia ser considerada expressiva.

O resultado dessas coletivas já vinha sofrendo um certo abalo devido a um erro de comunicação, observado pelo entrevistado “J2”:

A gente cometeu um erro que foi “marqueter” a tragédia. E o que que é isso? A gente deu nome para a tragédia, chamava “Plano São Paulo”. Que era o fechamento, aquelas fases, “Fase 1” e “Fase 2”. “Fase 3” tinha PowerPoint, logotipo, tinha tudo aquilo. Aquilo não era um momento de ... - apesar de ter uma intenção de deixar organizado - aquilo para mim hoje é uma organização da tragédia, é uma “marketagem” da tragédia (Entrevistado “J2”, 2025).

Esse entrevistado entende que, hoje, revendo todo o processo de comunicação implementado, não padronizaria em um PowerPoint as fases da pandemia. E fugiria do marketing institucional. “Temos uma roupagem como se fosse um plano de marketing, de vender uma marca, vender um produto, sabe?” (Entrevistado “J2”, 2025).

Ele lembra que do outro lado havia uma série de profissionais que deveriam ficar parados, mas que não podiam, como taxistas e vendedores ambulantes (“Figura 72”). Pessoas pobres das comunidades que se expunham e o presidente da República as incentiva a fazer isso:

E aquelas coletivas, todas “organizadinhas”, bonitinhas, com fases, “médico 1” falando, “médico 2” falando. Aquilo é tudo muito complexo para a população no final. Desculpa falar desse jeito, mas vinha um doido que falava assim: “Ah, não vou ter medo de uma ‘gripezinha’, não vou tomar uma vacina para ‘virar jacaré’.” Mensagens simplórias, mas muito objetivas e incisivas, principalmente para quem já estava predisposto a sair e não aguentava mais ficar de “cesta básica”, de assistencialismo (Entrevistado “J2”, 2025).



Figura 72 - Junho de 2021: na avenida Paulista, enquanto algumas pessoas de máscaras caminham, um reciclador puxa a carrocinha com a bandeira norte-americana: de um lado a doença, do outro a miséria. Foto: Wallace Lara/Arquivo Pessoal.

Cinco anos depois, o entrevistado “J2”, entende que era difícil ficar de um lado dizendo que as medidas eram necessárias para salvar vidas, enquanto do outro lado, estava alguém

dizendo para se expor, ir para rua ou para escolas. Ele lembrou que São Paulo teve um problema sério na educação, ao deixar mais de 30 mil crianças em casa, pois não tinham como ir para os colégios¹⁸². A rede estadual no início da pandemia tinha mais de 6,1 milhões de alunos¹⁸³.

A pandemia aumentou a desigualdade educacional entre crianças da rede pública e da rede particular comprometendo o aprendizado¹⁸⁴ (“Figura 73”). Fatores como a falta de acesso a produtos tecnológicos (*tablets*, computadores, celulares), sinal de internet gratuito prejudicaram o ensino dos alunos e comprometeu a saúde mental dos professores (Branco, Souza e Arinelli, 2022).

O cenário de frustração com a própria sociedade foi narrado pelo entrevistado “J4” ao recordar dos dias mais difíceis de trabalho durante a pandemia. “Eu me recordo que teve um dia em que morreu 1.700 pessoas e nesse mesmo dia a gente fez uma *blitz*, onde estava tendo uma festa com 250 idosos” (Entrevistado “J4”, 2025). Ela sentiu que as medidas não estavam funcionando, que “estávamos ‘enxugando gelo’, apagando incêndio e nada estava sendo resolvido” (Entrevistado “J4”, 2025).

Para deixar o cenário mais dramático, a pandemia também atingia as equipes de trabalho da comunicação governamental. “Eu perdi um colega direto de trabalho dentro da...(suspira) Ele era meu *videomaker*. Ele era jovem, tinha 37 anos, era do nosso time” (Entrevistado “J1”). Depois de meses internado, o jovem não resistiu à doença, de acordo com “J1”. Esse entrevistado acabou se contaminando e levou o vírus para casa durante a jornada de trabalho. Uma das pessoas da família ficou 17 dias na UTI porque possuía comorbidades. “Quando víamos alguém que se contaminava, a gente se doía muito, não só por parentes, mas colegas de trabalho... isso mexia muito conosco” (Entrevistado “J1”, 2025).

O entrevistado “J2” também teve uma pessoa próxima contaminado pela Covid-19. “Eu o levei para interná-lo (...) ele ficou 43 dias, se não me engano, 28 dias entubado. Ele não botou um pé do outro lado, ele botou um e-mail. Foi um milagre ele ter voltado” (Entrevistado “J2”, 2025). O entrevistado “J2” conta que até hoje o colega é uma pessoa bem traumatizada com a questão da morte. “Ele é um cara super traumatizado e o medo de morrer é algo presente na vida dele hoje, cinco anos depois” (Entrevistado “J2”, 2025).

¹⁸² Quase 100 mil alunos da rede pública ficaram sem frequentar a escola pública no estado de São Paulo. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/quase-100-mil-alunos-ainda-estao-sem-aulas-presenciais-em-escolas-publicas-de-sp/>> Acesso em: 12 out.2025.

¹⁸³ Disponível em: <<https://qedu.org.br/uf/35-sao-paulo/censo-escolar>> Acesso em: 12 out.2025.

¹⁸⁴ Disponível em: <<https://jornal.unesp.br/2025/02/03/criancas-enfrentam-dificuldades-para-alfabetizacao-pos-pandemia-em-sp/>> Acesso em: 12 out.2025.

Apesar da avalanche de notícias ruins, do trauma da perda de amigos, colegas de trabalho, os entrevistados “J3” e “J4” não acreditam que fariam algo muito diferente do que foi realizado durante a pandemia. “Eu acredito que buscaria novas técnicas, procedimentos para que a informação oficial tentasse ser disseminada de uma forma mais rápida e o combate à desinformação feito de uma forma mais ágil, principalmente nos meios digitais” (Entrevistado “J3”, 2025). O entrevistado “J4” – que chegou a ter um amigo muito próximo que ficou 47 dias internado entre a vida e a morte e que saiu sem andar – conta que o período foi traumático. “E em meio a isso tudo, tínhamos de ouvir *fake news*...e lidar com essas pessoas e às vezes da própria família...que é não acreditar naquilo que estávamos fazendo” (Entrevistado “J4”, 2025). Ele relata que foi um período de sofrimento e de muito trabalho. “Víamos pessoas morrendo, o nosso trabalho sendo feito e parecia que muitas vezes não, não estava valendo a pena. Mas hoje eu vejo diferente. Hoje eu acho que valeu a pena sim e não mudaria nada” (Entrevistado “J4”, 2025).

Uma fase de aprendizado e não de um trauma. Assim explicou o entrevistado “J5” sobre como foi trabalhar durante a pandemia e carregar ainda hoje o peso de ter observado uma tragédia de forma tão próxima, enquanto jornalista. “Eu entendia a dimensão do problema. Nunca tinha vivido isso, nenhum de nós, profissionais de comunicação, seja da imprensa, de comunicação corporativa, tinha vivido algo parecido, mas trauma eu não tenho” (Entrevistado “J5”, 2025). Ele considera que foi o período em que ele mais aprendeu em toda a carreira de jornalista. “O que contribuiu para isso? Wallace, é o fato de, na minha família, eu não ter tido ninguém que morreu ou ficou internado de forma grave pela doença. Isso ajudou”. (Entrevistado “J5”, 2025).



Figura 73 - Na periferia de São Paulo, o registro das mãos de crianças e adolescentes em uma bandeira do Brasil desbotada. Milhares ficaram sem aulas na rede pública, aumentando a diferença para os alunos das escolas particulares.
Foto: Wallace Lara/Arquivo Pessoal.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das entrevistas com os jornalistas da Secretaria Estadual de Saúde de São Paulo durante a pandemia da Covid-19 permite identificar fatores que influenciaram as decisões comunicacionais no enfrentamento à desinformação. Nesse contexto, a questão central foi: quais estratégias foram utilizadas pelos profissionais para combater a onda de informações falsas que circulava em escala massiva?

Ressalte-se que tais jornalistas tiveram de enfrentar, além da complexidade própria da crise sanitária, a atuação do governo Federal, que, por meio do chamado “Gabinete do Ódio”, produzia e disseminava, em alta velocidade, conteúdos desinformativos contrários ao isolamento social, ao uso de máscaras e às vacinas, ao mesmo tempo em que induzia a população ao consumo de medicamentos sem comprovação científica.

O governo federal, de forma confusa, comunicava-se em direção oposta ao que se esperava — afinal, o inimigo não era outro ator político, mas sim o vírus da Covid-19. Contudo, o então presidente Jair Bolsonaro transformou o embate regional com o governador João Doria em um conflito de dimensão nacional.

Cabe destacar que, até o momento das decisões sobre as políticas de enfrentamento, Bolsonaro e Doria compartilhavam características comuns: ambos paulistas, disputavam o mesmo eleitorado. Doria, ao longo de sua trajetória política, utilizou símbolos nacionalistas para reforçar sua imagem, como a adoção do *Tema da Vitória* (que era usado quando o piloto de automobilismo Ayrton Senna ganhava as corridas) em eventos de campanha, a instalação de bandeiras nacionais em subprefeituras quando prefeito de São Paulo e o lema “não sou político, sou gestor”. Esse discurso de gestor, embora funcional em um primeiro momento, revelou-se frágil diante do embate com um político experiente, como Bolsonaro, cuja carreira se consolidou no chamado “baixo clero” da Câmara dos Deputados.

Ambos recorreram intensamente às redes sociais. Bolsonaro, no entanto, logrou êxito em 2018 ao explorar a clivagem eleitoral entre capital e interior de São Paulo, em que o interior conservador frequentemente desequilibra eleições em favor de candidatos que não obtêm maioria nos grandes centros urbanos (cf. *Eleições de 2018 e 2022*).

Nesse sentido, mesmo após ter liderado a campanha de vacinação, Doria não conseguiu capitalizar politicamente esse feito. Perdeu apoio do PSDB, viu seu capital político declinar e acabou fragilizado em sua pretensão presidencial. A explicação pode estar, em parte, no protagonismo assumido pelo governador como porta-voz das medidas mais duras, o que,

segundo Forni (2019, p.199), pode “queimar para sempre a imagem do executivo”. Moura e Marins (2024, p.155) acrescentam que a confusão entre a imagem do porta-voz e a da instituição representa risco constante.

Doria foi criticado, sobretudo, em episódios pessoais, como sua viagem à Miami (dezembro de 2020) e o registro em um hotel de luxo no Rio de Janeiro (agosto de 2021). Nessas situações, a personalização da comunicação expôs sua imagem a ataques políticos e a associações negativas. O erro estratégico, como observou o Entrevistado “J2”, também se evidenciou no próprio comportamento de Bolsonaro: ao transformar a compra e a distribuição de vacinas em disputa política, alimentou Doria como antagonista e, com isso, intensificou a propagação das *fake news*.

É consenso entre os entrevistados que a atuação do governo federal ultrapassou todos os limites ao não apenas difundir desinformação, mas também ao retardar a compra de vacinas, conforme evidenciado no relatório da “CPI da Pandemia”. Essa postura insere-se em uma estratégia da extrema direita de estimular uma “rebeldia popular”, em que o “direito de não usar máscaras” ou de “aglomerar” foi ressignificado como resistência à ineficiência governamental.

Documentos e depoimentos posteriores, como os áudios do ajudante de ordens Mauro Cid, confirmaram que o próprio presidente determinava o envio irregular de medicamentos como a Proxalutamida. Essa lógica se sustentava, como observa Souza (2024, p.57), na adesão de seguidores a uma pauta de costumes, que produzia sensação de pertencimento a algo “importante e decisivo, fazendo brilhar uma vida empobrecida e sem perspectivas em todas as dimensões”.

Nesse sentido, Bolsonaro replicou práticas discursivas semelhantes às de Donald Trump, apropriando-se de estratégias retóricas de confronto, nacionalismo exacerbado e descrédito institucional. Segundo Araújo Pinto e De Magalhães Carvalho (2023), Bolsonaro adotou o negacionismo, ignorou as recomendações da Organização Mundial de Saúde de usar máscaras, incentivar a vacinação e promover o distanciamento social. Pelo contrário, como ficou demonstrado durante esse trabalho, Bolsonaro promoveu diversas vezes, aglomerações.

Como lembra Souza (2024, p.57), tais práticas estão enraizadas em um racismo estrutural persistente, frequentemente mascarado por narrativas culturais. A pandemia, amplificada pelas redes sociais, também foi instrumentalizada por ministros como Ricardo Salles, que propôs “passar a boiada” em meio à crise. Ao mesmo tempo, Bolsonaro defendia publicamente o uso da cloroquina, contrariando a comunidade científica, em pelo menos 23 discursos oficiais (Musse; Tavares; 2023, p.98).

Em contraste, o Governo de São Paulo buscou adotar práticas de comunicação de crise, como a centralização em gabinetes, definição de porta-vozes e unificação de discursos (Faria, 2019, p.95). Contudo, como alerta o mesmo autor, tais medidas podem ser insuficientes diante da multiplicidade de canais e influenciadores digitais. Os jornalistas entrevistados descreveram esse processo como a construção de um *bunker* comunicacional, caracterizado por coletivas frequentes e intenso fluxo de informações, que por vezes resultavam em incompreensão (Goleman, 2014; Baitello, 2002).

Apesar dos esforços, a batalha contra a desinformação mostrou-se desigual. Enquanto os meios tradicionais (televisão, rádio e jornais) reproduziam com eficácia as mensagens do governo estadual, nas redes sociais o ambiente foi descrito como um “7 a 1” (Entrevistado “J2”). O massacre informacional produziu efeitos dramáticos: segundo relato do Entrevistado “J4”, mesmo em dias com recordes de mortes, parte da população ignorava as recomendações oficiais. Essa vulnerabilidade foi agravada pela desigualdade social, já que muitos precisavam continuar trabalhando em condições precárias. Não por acaso, o Brasil liderou em 2021 o *ranking* de jornalistas mortos por Covid-19.

A percepção recorrente entre os entrevistados é que a polarização política e o confronto com o governo federal prejudicaram as estratégias de combate à desinformação. Como destacou o Entrevistado “J4”, “aquilo matou gente”. Se, por um lado, Bolsonaro utilizava a mentira como estratégia, por outro, Doria instrumentalizou a comunicação governamental para fins eleitorais, explorando sua imagem como “João Vacinador” em campanhas como “Fique em Casa”. Essa sobreposição entre interesse público e ambição pessoal comprometeu a efetividade das políticas de comunicação. Como lembra Santos (2019, p.9), é urgente que a República prevaleça sobre interesses meramente partidários.

Ao mesmo tempo, os jornalistas estaduais buscaram seguir a premissa da comunicação pública de ofertar máxima transparência, pois “onde há informação técnica, diminui o espaço para versões incorretas ou mesmo mal-intencionadas” (Greenlees, 2019, p.21). No entanto, a derrota constante nas redes sociais sugere que a produção massiva de ódio e desinformação superou a transparência institucional. A suposta vantagem de ter um comunicador nato como porta-voz (Doria) mostrou-se insuficiente diante do uso estratégico de recursos linguísticos desinformativos por Bolsonaro.

No balanço final, os entrevistados evidenciaram dilemas éticos, morais e profissionais vivenciados ao longo de mais de mil dias de pandemia. Apesar das emoções e perdas pessoais

relatadas, suas atuações reforçaram a importância de preservar a integridade da informação científica em contextos de crise.

Como sintetizou Souza (2024, p.49), “o domínio da mídia e a difusão de informações seletivas são o pressuposto principal para impedir a reflexão e a inteligência da sociedade como um todo”. O caso analisado confirma que a desinformação, ao se articular com estratégias políticas e eleitorais, compromete a saúde pública e coloca em risco a própria democracia.

REFERÊNCIAS

Livros/*E-books* (Kindle)

ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo. Edição do Kindle. São Paulo: Companhia de Bolso, 2012.

BARBOSA, Mariana [Org.]. **Pós-verdade e fake news**: reflexões sobre a guerra de narrativas. São Paulo: Cobogó, 2019. p. 13-22.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BENKLER, Yochai; FARIS, Robert, & ROBERTS, Hal. **Network Propaganda**: Manipulation, Disinformation, and Radicalization in American Politics. Oxford University Press, USA, 2018.

BRANDÃO, Elizabeth. Conceito de comunicação pública. In: DUARTE, Jorge (Org.). **Comunicação pública**: estado, mercado, sociedade e interesse público. 1ª ed. São Paulo: Atlas, 2007, p. 5-7; 9-10.

BRASIL. **Constituição Federal da República do Brasil**: atualização automática das emendas constitucionais. Brasília: Senado Federal, 2019. Edição Kindle.

BUCKINGHAM, David. **Crescer na era das mídias eletrônicas**. São Paulo: Loyola, 2007.

CASTELLS, Manuel. **Ruptura**: a crise da democracia liberal. Trad. Joana Angélica D'Avila Melo. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

COOMBS, W. Timothy **Ongoing Crisis Communication**: Planning, Managing, and Responding. London: Sage Publications, 2014.

DA EMPOLI, Giuliano. **Os engenheiros do caos**. Tradução de Arnaldo Bloch. São Paulo: Vestígio, 2020.

DUARTE, JORGE; DUARTE, Marcia Yukiko. Serviço público, comunicação e cidadania. In: NASSAR, Paulo; MARETTI, Eduardo (Orgs.). **Comunicação pública**: por uma prática mais republicana. São Paulo: Aberje, 2019, p.65.

EATWELL, R.; GOODWIN, M. **Nacional-populismo**: a revolta contra a democracia liberal. Trad. Alessandra Bonrruquer. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2020.

ESTEVES, João Pissarra. **Sociologia da comunicação**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2011.

FARIA, Armando Medeiros de. **A comunicação entre o previsível e o improvável**. NASSAR, Paulo; MARETTI, Eduardo (Orgs.). **Comunicação pública**: por uma prática mais republicana. São Paulo: Aberje, 2019. p.65.

FECHINE, Yvana; DEMURU, Paolo. **Um bufão no poder**. Rio de Janeiro: Confraria do Vento, 2022. p.145 e 300.

FIGUEIREDO, Laís Domingues. Consulta pública. In: DUARTE, Jorge; NASSAR, Paulo; MAIA, Lincoln Macário (Orgs.). **Glossário de comunicação pública** (livro eletrônico). São Paulo: Aberje/ABCPública, 2020. p.37 e 39.

FORNI, João José. In: DUARTE, Jorge (Org.). **Gestão da comunicação em situações de crises**. Assessoria de imprensa e relacionamento com a mídia. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2018. p. 415-416; 418-419; 422; 424 e 428.

FORNI, João José. **Gestão de Crises e Comunicação**: como enfrentar situações críticas com inteligência e estratégia (Portuguese Edition). 3ª ed. São Paulo: Atlas, 2025. p.7;11 e 119.

GOLEMAN, Daniel. **Foco**: a atenção e seu papel fundamental para o sucesso. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014. p.112.

GREENLEES, Andrew. In: Nassar, Paulo; Santos, Hamilton dos (Orgs.). **Governo, comunicação e poder**. São Paulo: Aberje, 2019. Edição do Kindle. p. 19-21.

GUARACY, Thales. **João Doria**: o poder da transformação. São Paulo: Matrix, 2018. *E-book* Kindle. p. 183-187; 197-198; 211; 216; 221; 223; 246; 270-271 e 279-280.

HITLER, Adolf. **Minha Luta (Mein Kampf)**. São Paulo: Líder, 2023.

HOBBS, Renee. **Digital and media literacy**: a plan of action. Washington, DC: Aspen Institute, 2010.

KAKUTANI, Michiko. **A morte da verdade**: notas sobre a mentira na era Trump. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018. Edição do Kindle.

KUCINSKI, Bernardo e TRONCA, Ítalo. **Pau de Arara e a memória da repressão**. 1 ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2013. (**Pau de Arara: La violence militaire au Brésil**. França: François Maspero, 1971).

LIMA, Anna Ruth Dantas de Sales Ferreira. In: NASSAR Paulo; SANTOS, Halmiton dos (Orgs.). **O comitê permanente em empresas públicas e privadas**. São Paulo: Aberje, 2019. *E-book* Kindle. p.122-124.

LYNCH, Christian; CASSIMIRO, Paulo Henrique. **O populismo reacionário**: ascensão e legado do bolsonarismo. Avaré (SP): Contracorrente, 2023. *E-book* Kindle. p. 16 e 131.

MARINS, Patrícia; MOURA, Miriam. **Muito além do media training**: O porta-voz na era da hiperconexão (Portuguese Edition). São Paulo: Aberje Editorial, 2024. Edição do Kindle. p.155-156.

MATOS, Heloiza Helena Gomes de. A comunicação pública na perspectiva da teoria do reconhecimento. KUNSCH, Margarida (Org.). **Comunicação pública, sociedade e cidadania**. São Caetano do Sul: Difusão Editora, 2011. p. 282 – 285.

MELLO, Patrícia Campos. **A máquina do ódio**: notas de uma repórter sobre *fake news* e violência digital. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. *E-book* Kindle. p. 22-23, 87-88, 177-178.

MUDDE, Cas.; KALTWASSER, Cristóbal Rovira. **Populism**: a very short introduction. Oxford (UK): Oxford University Press, 2017.

MUSSE, Christina; TAVARES, Denise; MUSSE, Mariana. Faça a coisa certa: estratégias e retóricas do jornalismo nos embates contra o negacionismo e *fake news*. LARANJEIRA, Álvaro Nunes *et al.* (Org). **Pandemia e (des)informação**: mídia, imaginário e memória. Porto Alegre: Sulina, 2023. *E-book* Kindle. p 98.

NALINI, José Renato; NASSAR, Paulo; ANDREUCCI, Ana Claudia Pompeu Torezam. NASSAR, Paulo; SANTOS, Hamilton dos (Orgs). **Licenciamento social, o diálogo comunicacional e a construção de novas narrativas**. (Portuguese Edition). São Paulo: Aberje, 2019. Edição do Kindle. p.115.

OLIVEIRA, Átila Regina de. Consulta pública. DUARTE, Jorge; NASSAR, Paulo; MAIA, Lincoln Macário (Orgs.). **Glossário de comunicação pública (livro eletrônico)**. São Paulo: Aberje/ ABCPública, 2020. p.46-50.

PRZEWORSKI, Adam. **Estado, reformas e desenvolvimento**: a falácia neoliberal. 1ª ed. São Paulo: Nobel, 1993. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ln/a/F9HWFnQBNZSFkwjPnbswvzt/?lang=pt>> Acesso em: 20 abr. 2025.

SANTAELLA, Lucia. **A Pós-Verdade é Verdadeira ou Falsa? (Interrogações)**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2018. Edição do Kindle. (Locais do Kindle 192-197).

SANTOS, Hamilton dos. In: Nassar, Paulo; Santos, Hamilton dos (Orgs). **Comunicação Pública**: Por uma prática mais republicana (Portuguese Edition) (p. 9-10). Aberje Editorial, 2019. Edição do Kindle p.9-10.

SCHMITZ, Aldo. **Media training**: capacitação das fontes de notícias (Portuguese Edition) Florianópolis: Combook, 2019. Edição do Kindle. p. 101-102.

SILVA, Letícia. **Medidas de saúde pública durante a pandemia**: ação dos governadores. São Paulo: Editora da USP, 2021.

SOUZA, Jessé. **O pobre de direita**: a vingança dos bastardos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2023. Edição do Kindle. p.49-57.

VAN DIJK, Teun A. van. **Discurso, notícia e ideologia**. Estudos na análise crítica do discurso. 2ª ed. Braga (PT): Húmus, 2017.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade**, v. 2. Brasília: Ed. Universidade de Brasília (UnB), 2004.

Dissertações, teses e artigos acadêmicos em revistas e periódicos/sites

AGGIO, Camilo e CASTRO, Filipe. “Meu partido é o povo”: uma proposta teórico-metodológica para o estudo do populismo como fórmula de comunicação política seguida de estudo de caso do perfil de Jair Bolsonaro no Twitter. **Comunicação & Sociedade**, Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), São Bernardo do Campo (SP), v. 42, n. 2, p. 429-465, maio./ago. 2019. Disponível

em: <<https://openurl.ebsco.com/EPDB%3Aagcd%3A13%3A4045581/detailv2?sid=ebsco%3Aplink%3Aascholar&id=ebsco%3Aagcd%3A147864575&crl=c>>

Acesso em: 13 out.2025.

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini (Coord.) **Educação e Cultura Digital**. Coord. Maria Elizabeth Bianconcini de Almeida. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), 2017. Disponível em: <<https://share.google/GqxRttWrL5Y5b7PDW>> Acesso em: 14 nov.2025.

ALLCOTT, Hunt; GENTZKOW, Matthew. Social Media and Fake News in the 2016 Election. **Journal of Economic Perspectives**, v. 31, n. 2, 2017. p. 211-236. **Jstor**. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/44235006>> Acesso em: 14 nov.2025.

AMANN, Edmund e BAER, Werner. Neoliberalism and its consequences in Brazil. **Journal of Latin American Studies**. v.34. n.4 nov.2002. **The University of Manchester. Research Manchester 1834**. <<https://research.manchester.ac.uk/en/publications/neoliberalism-and-its-consequences-in-brazil/>> Acesso em: 14 nov.2025.

ARAÚJO PINTO, P.; DE MAGALHÃES CARVALHO, E. O enfrentamento à desinformação sobre saúde pública no Brasil: registros entre 2020 e 2022. **Revista Eco-Pós**, Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro (RJ), v. 26, n. 1, p. 140–167, 2023. Disponível em: <<https://doi.org/10.29146/eco-ps.v26i01.28051>> Acesso em: 13 out. 2025.

ARRUDA, Jose Jobson do Nascimento. **A florescência tardia: Bolsa de Valores de São Paulo e mercado global de capitais (1989-2000)**. 2008. Tese (Doutorado em História Econômica) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), São Paulo, 2008. **Teses USP**. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8137/tde-27112009-110719/pt-br.php>> Acesso em: 20 abr. 2025.

BAKIR, Vian, & McSTAY, Andrew. (2017). Fake news and the economy of emotions: problems, causes, solutions. **Digital Journalism**, 6(2), p. 154-175. **Taylor and Francis Online** – 20 jul.2017. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/21670811.2017.1345645>> Acesso em: 14 nov.2025.

BAPTISTA, João Pedro; GRADIM, Anabela. Desinformação online no Facebook: a disseminação de notícias falsas durante as eleições portuguesas de 2019. **J. Contemp. Eur. Stud.** 2020 , 1–16. **Taylor and Francis Online**. Disponível em:

<<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/14782804.2020.1843415>> Acesso em: 14 nov.2025.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. As *fakes news* e as “anomalias”. **Verbum**, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, v. 9, n. 2, p. 26-41, set. 2020.

Revistas **PUC-SP.** Disponível em:

<<https://revistas.pucsp.br/index.php/verbum/article/view/50523>> Acesso em: 14 out.2025.

BRANCO, Samantha Amanda; SOUZA, Vera Lucia Trevisan de; ARINELLI, Guilherme Siqueira. Isolamento social, pandemia e a atividade docente: significações sobre o ensino remoto. **Revista Psicopedagogia**, Associação Brasileira de Psicopedagogia, São Paulo (SP), [S. l.], v. 39, n. 120, p. 320–331, 2022. Disponível em: <<https://revistapsicopedagogia.com.br/revista/article/view/136>> Acesso em: 13 out. 2025.

CALIL, Gilberto Grassi. A negação da pandemia: reflexões sobre a estratégia bolsonarista. **Serviço Social & Sociedade**, Cortez Editora & Livraria, São Paulo (SP), n. 142, pp. 606–627, jul./set. 2022. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/ssoc/a/ZPF6DGX5n4xhfJNTypm87qS/?format=html&lang=pt>>

Acesso em: 14 out. 2025.

CAMPOS, Mariane Motta de. **O negacionismo científico na pandemia da Covid-19: um estudo dos discursos anticiência nas redes bolsonaristas**. 2023. Tese (Doutorado em Comunicação) - Universidade Paulista (Unip), São Paulo, 2023. **Repositório Unip**. Disponível em: <<https://repositorio.unip.br/comunicacao-dissertacoes-teses/o-negacionismo-cientifico-na-pandemia-da-covid-19-um-estudo-das-narrativas-anticiencia-nas-redes-bolsonaristas/>>

Acesso em: 14 out.2025.

CARLSON, Matt. Fake News as an Informational Moral Panic: The Symbolic Deviancy of Social Media during the 2016 US Presidential Election. **Information, Communication & Society**, v. 23, n. 3, 2018, p. 374-388. **Research Gate**. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/326759000_Fake_news_as_an_informational_moral_panic_the_symbolic_deviancy_of_social_media_during_the_2016_US_presidential_election> Acesso em: 14 nov.2025.

CARVALHO, R. A crise da CoronaVac e a política da desinformação. **Revista Brasileira de Saúde Pública**, São Paulo, v. 54, n. 3, p. 250-263, 2020.

CASTRO, André Giovane de.; WERMUTH, Maiquel Ângelo Dezordi. Ângelo D. Política de Violência e(m) Crise no Brasil: afirmação ou vulnerabilidade do poder? **REI - REVISTA ESTUDOS INSTITUCIONAIS**, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico-CNPq, Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) e Faculdade Nacional de Direito (FND). [S. l.], v. 10, n. 3, p. 792–816, 2024. DOI:

10.21783/rei.v10i3.778. Disponível em:

<<https://www.estudosinstitucionais.com/REI/article/view/778>> Acesso em: 13 nov. 2025.

CERQUEIRA-SILVA, Thiago, OLIVEIRA, Vinicius de Araújo, PESCARINI, Julia *et al*. The effectiveness of Vaxzevria and CoronaVac vaccines: A nationwide longitudinal retrospective study of 61 million Brazilians (VigiVac-COVID19). **medRxiv. The Preprint Server for Health Sciences**. 25 ago.2021. Disponível em: <<https://www.medrxiv.org/content/10.1101/2021.08.21.21261501v1>>

The Lancet Regional Health - Americas - DOI: <[10.1016/j.lana.2021.100154](https://doi.org/10.1016/j.lana.2021.100154)> Acesso em: 14 nov.2025.

CESARINO, Leticia. Como vencer uma eleição sem sair de casa: a ascensão do populismo digital no Brasil. **Internet & Sociedade, InternetLab**, São Paulo (SP). v. 1, n. 1, p. 91-120, fev. 2020. Disponível em: <<https://revista.internetlab.org.br/serifcomo-vencer-uma-eleicao-sem-sair-de-casa-serif-a-ascensao-do-populismo-digital-no-brasil/>> Acesso em: 17 abr. 2025.

CHAGAS, Viktor. Meu malvado favorito: os memes bolsonaristas de WhatsApp e os acontecimentos políticos no Brasil. In: **Estudos Históricos**, Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais (PPHPBC) do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC)/Fundação Getúlio Vargas (FGV), Rio de Janeiro (RJ), v. 34, n. 72, p. 169-196, jan./abr. 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/eh/a/vXzQKJb4KJY4LV7ZXXGSzvH/abstract/?lang=pt>> Acesso em: 17 abr. 2025.

CIMINI, Fernanda; RODRIGUES, Amanda Diana; DUARTE FILHO, Wellington Luiz Osterno. Sem mulheres não há saúde: o desmantelamento da política exterior de saúde pública do Brasil durante a pandemia dacovid-19. **Desafios**, Bogotá (Colômbia), v. 35, n. 2, p. 1-31, dez. 2023. **SciELO**. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0124-40352023000200005&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 13 out. 2025.

COOKE, Nicole A. Posttruth, Truthiness, and Alternative Facts: Information Behavior and Critical Information Consumption for a New Age. **The Liberty Quarterly: Information, Community, Policy**, v. 87, n. 3, 2017, p. 211-221. **Scholar Commons**. <https://scholarcommons.sc.edu/libsci_facpub/315/ <https://doi.org/10.1086/692298>> Acesso em: 14 nov.2025.

COOMBS, W.Timothy. Protecting Organization Reputations During a Crisis: The Development and Application of Situational Crisis Communication Theory. **Corporate Reputation Review**, 10(3), janeiro de 2007, p. 163-177. **Research Gate**. <https://www.researchgate.net/publication/280232820_Coombs_WT_2007_Protecting_Organization_Reputations_During_a_Crisis_The_Development_and_Application_of_Situational_Crisis_Communication_Theory_Corporate_Reputation_Review_103_163-177> Acesso em: 14 nov.2025.

CHONG, Dennis e DRUCKMAN, James. Framing Theory. **Annual Review of Political Science**. 2007. 10, p. 103-26. **Research Gate**. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/228198044_Framing_Theory> Acesso em: 14 nov.2025.

DAMASCENO, Marcelo Simões; CHIACHIRI, Roberto. Comunicação pública e transparência: desafios para a consolidação da democracia. In: KUNSCH, Margarida Maria Krohling (Org). **Comunicação Pública**. Brasília, ABC Pública, 2021, p.48. Disponível em: <<https://abcpublica.org.br/wp-content/uploads/2021/02/Comunica%C3%A7%C3%A3o-P%C3%BAblica-VF-Cap%C3%ADtulo.pdf>> Acesso em: 7 ago. 2025.

D'ARAÚJO, Maria Celina. O autoritarismo eterno e o Brasil do século XXI. **Revista Latinoamericana de Políticas y Acción Pública**, Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales (FLACSO), Sede Ecuador (Colômbia), v. 8, n. 2, p. 85-103, 2021. Disponível em: <<https://repositorio.flacsoandes.edu.ec/items/51ec83c5-5303-44e3-8d6e-8fd2a7168514>> Acesso em: 14 nov.2025.

DUARTE, Jorge. Instituições científicas: da divulgação à comunicação. **Revista Universitas/Comunicação**; ano I, v. 1. Brasília, UniCEUB (Centro Universitário de Brasília), novembro de 2003.

ENTMAN, Robert. **Framing: Toward Clarification of a Fractured Paradigm** *Journal of Communication*, v. 43, issue 4, December 1993, p. 51 - 58, <<https://doi.org/10.1111/j.1460-2466.1993.tb01304.x>> Acesso em: 14 nov.2025.

FERNANDES, Carla Montuori , Oliveira, L. A. de ., & Gomes, V. B. . (2023). A rede de desinformação no Twitter: Atores influentes e narrativas falsas na pandemia da COVID-19. **Sapere Aude**, Revista de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG), Belo Horizonte (MG), 14(28), p. 536–556, 26 dez.2023. Disponível em: <<https://periodicos.pucminas.br/SapereAude/article/view/31185>> Acesso em: 14 nov.2025.

FERNANDES, Carla Montuori; OLIVEIRA, Luiz Ademir de; COIMBRA, Mayra Regina; CAMPOS, Mariane Motta de. A pós-verdade em tempos de Covid-19: o negacionismo no discurso do governo no Instagram. **Liinc em Revista**, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict), Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, desenvolvido em associação com a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). v. 16, p. 1-19, 2020. Disponível em: <<https://revista.ibict.br/liinc/article/view/5317>> Acesso em: 14 nov.2025.

FERNANDES, Carla Montuori. A pandemia do Coronavírus: narrativas presidenciais e negacionismo científico. **Lumina**, Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (PPGCOM/UFJF), Juiz de Fora (MG), v. 16, n. 3, pp. 71-91, 2022. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/33512>> Acesso em: 14 nov. 2025.

FERNANDES, Carla Montuori; FARNESE, Pedro; GARCIA, Janete Monteiro; DEMURU, Paolo. Imunização e desigualdade de gênero: a construção da imagem da mulher nos primeiros atos de vacinação contra a covid-19. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde – RECIIS**, do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (Icict) da Fundação Oswaldo Cruz, Ministério da Saúde, Rio de Janeiro (RJ), [S. l.], v. 15, n. 4, 2021. DOI: 10.29397/reciis.v15i4.2412. Disponível em: <<https://www.recis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/2412>> Acesso em: 13 nov. 2025.

FERREIRA, Vitória Peraca; CHRISTOFOLETTI, Rogério. COVID-19 e combate à desinformação: A experiência do Consórcio de Veículos de Imprensa no Brasil. **Cuad. Inf.**, Santiago (Chile), n. 57, p. 137-157, 2024. Disponível em <https://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0719-367X2024000100108&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt> Acesso em: 13 nov. 2025.

GOMES, Vítor Belchior. **Analogias populistas na narrativa presidencial:** contrapontos à ciência na Pandemia da Covid-19. 2021. 325 f. Tese (Doutorado em Comunicação) - Instituto de Ciências Sociais e Comunicação, Universidade Paulista, São Paulo, 2021.

GOVERNO DO MUNICÍPIO DE CABROBÓ. Dados Geográficos de Cabrobó (PE). Disponível em: <<https://cabrobo.pe.gov.br/dados-geograficos-de-cabrobo/>> Acesso em: 15 nov.2025.

GREGORIO, Paulo Cesar; CONTRERA, Flávio. A direita nas eleições presidenciais brasileiras de 2018: prioridades temáticas e variações ideológicas. **Revista Agenda Política**, Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos (SP), [S. l.], v. 8, n. 1, pp. 10–49, 2022. Disponível em: <<https://www.agendapolitica.ufscar.br/index.php/agendapolitica/article/view/307>> Acesso em: 14 nov. 2025.

HADEN, Leonie; ALTHUIS, Jente. The Definitional Challenges of Fake News. Anais do International Conference on Social Computing, Behavior-Cultural Modeling, and Prediction and Behavior Representation in Modeling and Simulation, Washington, Estados Unidos (online). 2018. Disponível em http://sbp-brims.org/2018/proceedings/papers/challenge_papers/SBP-BRiMS_2018_paper_116.pdf Acesso em: 14 nov.2025.

HABGOOD-COOTE, Joshua. Stop Talking about Fake News!. **Inquiry**, EUA, 2018, v. 62, n. 9-10, p. 1033-1065. **PhilArchive**. Disponível em: <<https://philarchive.org/rec/HABSTA>> Acesso em: 14 nov.2025.

HUMPRECHT, Edda. Where ‘Fake News’ Flourishes: A Comparison across Four Western Democracies. **Information, Communication & Society**, 2018. v. 22, n. 13, p. 1973-1988.

LEAL, Paulo Roberto Figueira; VIEIRA, Mário Braga Magalhães Hubner. O fenômeno da personalização da política: evidências comunicacionais das campanhas de Dilma e Serra em 2010. **Teoria e Cultura**, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora (MG), v. 4, p. 41 a 50, 2009. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/TeoriaeCultura/article/view/12142/6371>> Acesso em: 14 nov.2025.

LEAL, Maiara Raquel Campos. **Cartografando o discurso de Jair Bolsonaro acerca da pandemia da Covid-19:** entre comunicação, desinformação e a negação da cidadania no Brasil. Tese (Doutorado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Faculdade de Informação e Comunicação, Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia (GO), 2024. 270 f. Disponível em: <<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/items/b5e2e40e-8c00-4753-8719-035c833e6ac8>> Acesso em: 14 nov.2025.

MENDONÇA, Ricardo Fabrino; CAMPOS, Márcio Moretto. A influência das redes sociais na construção de imagens políticas no Brasil. **Revista de Comunicação Política**, v. 12, n. 1, p. 45-67, 2020.

MENDONÇA, Ricardo Fabrino; FREITAS, Viviane Gonçalves; AGGIO, Camilo de Oliveira; SANTOS, Nina Fernandes dos. *Fake News* e o Repertório Contemporâneo de Ação Política. **DADOS**. Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, v.66 (2): 2023. **Scielo**. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/dados/a/M47Czv8v8HzwQ6DKjBqJvjg/abstract/?lang=pt> Acesso em: 14 nov.2025.

MENESES, João Paulo. Sobre a necessidade de conceptualizar o fenómeno das *fake news*. **Observatório (OBS*)**, Revista Académica Interdisciplinar - Ciências da Comunicação, Lisboa (PT), v. 12, n. 5, p. 37-54, 2018. DOI: <https://doi.org/10.15847/obsOBS12520181376> Disponível em: <https://obs.obercom.pt/index.php/obs/article/view/1376/pdf> Acesso em: 8 abr. 2025.

MIGUEL, Luis Felipe. Jornalismo, polarização política e a querela das *fake news*. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Programa de Pós-Graduação em Jornalismo e Mídia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), jul.-dez.2019, 16 (2), p. 46-58 **Research Gate**. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/337759789_Jornalismo_polarizacao_politica_e_a_querela_das_fake_news Acesso em: 14 nov.2025.

MONARI, Ana Carolina Pontalti; SACRAMENTO, Igor. A “vacina chinesa de João Doria”: a influência da disputa político-ideológica na desinformação sobre a vacinação contra a Covid-19. **Revista Mídia e Cotidiano**, v. 15, n. 3, p. 146–167, set./dez. 2021. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/354960127> Acesso em: 14 out. 2025.

MOTA, Alice Agnes Spíndola; PIMENTEL, Sidiany Mendes e OLIVEIRA, Albertina Vieira de Melo Gomes. Desordens informativas: análise de pronunciamentos de Jair Bolsonaro contra a vacinação de covid-19 **Reciis – Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 311-331, jan.-mar. 2023. Disponível em: <https://www.reciis.iciet.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/3513> Acesso em: 14 out.2025.

NOVELLI, Ana Lucia Coelho Romero. O papel institucional da Comunicação Pública para o sucesso da governança. **Organicom**, Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), v. 3, n. 4, p. 74–89, 2006. Disponível em: <https://revistas.usp.br/organicom/article/view/138912> Acesso em: 12 nov. 2025.

OLIVEIRA, Alessandra Nunes de; CASTRO, Jetur; SANTOS, Luiz Cezar Silva dos. Charges: um documento visual ácido: uma análise crítica do discurso das falas do presidente Jair Bolsonaro e a Covid-19. **Encontros Bibli 28**. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis (SC), v. 28, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eb/a/vdQJKChy6YGBtNzqXQbxd7Q/?lang=pt> Acesso em: 29 set.2025.

PINHEIRO, Marta Macedo Kerr e BRITO, Vladimir de Paula. Em busca do significado da desinformação. **DataGramaZero - Revista de Ciência da Informação**, Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), v.15 n.6, dez./2014. **Academia**.

Disponível em: <https://www.academia.edu/download/37741939/DataGramaZero_-_Revista_de_Ciencia_da_Informacao_-_Artigo_04.pdf> Acesso em: 14 nov.2025.

QUINAN, Rodrigo; ARAÚJO, Mayara; DE ALBUQUERQUE, Afonso de. A culpa é da China!: O discurso sino-conspiratório no governo Bolsonaro em tempos de COVID-19. **Revista Eco-Pós**, Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro (RJ), [S. l.], v. 24, n. 2, p. 151–174, 2021. Disponível em: <https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27698> Acesso em: 13 out. 2025.

RECUERO, Raquel; SOARES, Felipe. O Discurso Desinformativo sobre a Cura do COVID-19 no Twitter: Estudo de caso. 2020. **SciELO**. em: <<https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/84/1022>> Submetido depois em 2021 a **E-Compós**. Disponível em: <<https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/2127>> Acesso em: 14 nov.2025.

RECUERO, Raquel; SOARES, Felipe B.; GRUZD, Anatoliy. **Hyperpartisanship, Disinformation and Political Conversations on Twitter: The Brazilian Presidential Election of 2018**. In: 2020 International AAAI Conference on Web and Social Media, 2020, Atlanta. AAAI Digital Library, 2020.

RIBEIRO, Cacildo Galdino; SILVA, Maiune de Oliveira; ALVES, Maria José; DE PAULA, Maria Helena; XAVIER, Vanessa Regina Duarte. É só uma gripezinha? Percursos de sentidos da Covid-19 no Brasil à luz das ciências do léxico. **CLARABOIA**, Centros de Letras da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP)/Mestrado Profissional em Letras da UENP, Jacarezinho, Bandeirantes e Cornélio Procópio (PR), n. 17, p. 222-239, jan./jun. 2022. Disponível em: <<https://periodicos.uenp.edu.br/index.php/claraboia/article/view/233>> Acesso em: 14 nov.2025.

ROODUIJN, M.; LANGE, S. L.; BRUG, W. V. D. A Populist Zeitgeist? Programmatic Contagion by Populist Parties in Western Europe. **Party Politics** Committee on Publication Ethics (COPE), UK, v. 20, n. 4, p. 563-575, 2014. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1354068811436065>> Acesso em: 29 set.2025.

SANTOS, Deborah Luísa Vieira dos; CAMPOS, Mariane Motta de; COIMBRA, Mayra Renia; CARVALHO, Willian José de. Governo Bolsonaro e pandemia: uma análise de conteúdo do Instagram e Twitter do presidente. **Dispositiva**, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas), Belo Horizonte (MG), v. 9, n. 2, p. 1–25, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.pucminas.br/dispositiva/article/view/25508>> Acesso em: 14 out. 2025

SANTOS, Fernando. A construção da imagem de herói no discurso político brasileiro. **Estudos de Comunicação e Política**, v. 15, n. 3, p. 105-120, 2019.

SANTOS, M. da C.; FOSSÁ, M. I. T. A disputa pelo poder político em meio à pandemia de Covid-19: análise do confronto entre João Doria e Jair Bolsonaro. **Revista Panorama - Revista de Comunicação Social**, Revista de Comunicação Social da Pontifícia Universidade

Católica de Goiás (PUC-GO), Goiânia, Brasil, v. 10, n. 1, p. 8–13, 2020. Disponível em: <<https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/panorama/article/view/8297>> Acesso em: 13 out. 2025.

SILVA, Ana Beatriz Grandini da. **A Comunicação Pública durante a pandemia da Covid-19 no “Plano SP”**. p.20, 2022. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design da Universidade Estadual Paulista (Unesp) Bauru (SP), 2022. Orientação: Profª Drª Raquel Cabral. **Repositório Unesp**. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/entities/publication/cb809325-3647-4bc9-9d14-16a79f8924f4>>

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. Desinformação acima de tudo, espetáculo acima de todos. Entrevista concedida a Luiz Alberto de Farias e Valéria de Siqueira Castro Lopes. **Organicom**, Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), São Paulo (SP), ano 17, n. 34, p. 17-34, set./dez. 2020. **Academia.edu**. Disponível em: <https://www.academia.edu/87101526/Ainda_assim_nos_levantamos_IV_Col%C3%B3quio_Discente_Di%C3%A1logos_e_Converg%C3%A2ncias> Acesso em: 13 out. 2025.

SOARES, Margarida Becker. O que é letramento e alfabetização. **Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência do Centro Universitário Franciscano (PIBID Unifra)**. 2011. Disponível em: <<https://pibidletrasunifra.webnode.com.br/news/o%20que%20e%20letramento%20e%20alfabetiza%C3%A7%C3%A3o%20-%20magda%20becker%20soares%20/>> Acesso em: 16 fev. 2017.

SHU, Kai *et al.* Fake News Detection on Social Media: A Data Mining Perspective. **SIGKDD Exploration**, v. 19, n. 1, 2017, p. 22-36. **ACM Digital Library**. Disponível em: <<https://dl.acm.org/doi/10.1145/3137597.3137600>> Acesso em: 14 nov.2025.

SIMONETTA, Persichetti; CIOCCARI, Deysi. Imagem e poder: a simbologia por trás de Carlos Bolsonaro na posse do presidente. **Revista ALTERJOR**, publicação do Grupo de Pesquisas Alterjor da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). v. 1, p. 31-49, 2023. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/1iw4Zgc6Ebl1AcHQgBEywTfNqPPZMsr/view>> Acesso em: 8 jul. 2024.

VOSOUGHI, Soroush, ROY, Deb e ARAL, Sinan. The spread of true and false news online. **Science**. 9 mar.2018. Disponível em: <<https://www.science.org/doi/abs/10.1126/science.aap9559>> Acesso em: 14 nov.2025.

WARDLE, Claire, & DERAQSHAN, Hossein. Information disorder. Toward an interdisciplinary framework for re-search and policymaking. Council of Europe report. **Council of Europe**. 2017. Disponível em: <<https://edoc.coe.int/en/media/7495-information-disorder-toward-an-interdisciplinary-framework-for-research-and-policy-making.html>> Acesso em: 14 nov.2025.

WEBER, Maria Helena. Covid-19 na perversa narrativa presidencial. **Observatório de Comunicação Pública (Obcomp)**. Rio Grande do Sul, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 2020.

Textos e reportagens presentes em sites/posts em redes sociais

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Infodemia. 2020. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/infodemia>> Acesso em: 14 nov.2025.

ACAYABA, Cíntia. Doria gasta quase R\$ 2 milhões em reformas que incluem tinta preta. **G1**. São Paulo, 2 abr.2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/04/02/doria-gasta-quase-r-2-milhoes-em-reforma-que-usou-tinta-preta-no-palacio-dos-bandeirantes.ghtml>> Acesso em: 22jun.2025.

ADORNO, Luís. História deturpada "do borracheiro" é usada para desacreditar dados de covid. Notícias **UOL**. São Paulo, 29 mar.2020. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/03/29/fake-news-e-usada-para-descreditar-numeros-de-coronavirus-no-brasil.htm>> Acesso em: 14 out.2025.

AFP BRASIL. Teste sorológico não é recomendado para avaliar imunidade adquirida com vacinas contra a covid-19. **AFP Checamos**. 16 jul.2021. Disponível em: <<https://checamos.afp.com/doc.afp.com.9F872P>> Acesso em: 16 ago.2025.

AFP. Bolsonaro sobre vacina da Pfizer: ‘Se você virar um jacaré, é problema seu’. **IstoÉ**. São Paulo, 18 dez.2020. Disponível em: <<https://istoe.com.br/bolsonaro-sobre-vacina-de-pfizer-se-voce-vice-um-jacare-e-problema-de-voce>> Acesso em: 16 ago.2025.

AGÊNCIA BRASIL. Trump testa negativo para coronavírus, diz Casa Branca. Brasília, 15 mar.2020. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2020-03/trump-testa-negativo-para-coronavirus-diz-casa-branca>> Acesso em: 14 out.2025.

AGÊNCIA LEGISLATIVA DE SÃO PAULO. Ex-governadores do Estado de São Paulo. São Paulo, 20 maio.2022. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/arquivoWeb/cso/ambito_estadual/cso7252.pdf> Acesso em: 21 abr. 2025.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE SÃO PAULO. “Decreto nº 64.994”, de 28 de maio de 2020. São Paulo, 2020. Disponível em: <<https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/2020/decreto-64994-28.05.2020.html>> Acesso em: 22 jun.2025.

AGUIAR, Thiago. Picos de novos seguidores de Bolsonaro coincide com crises do governo diz estudo da USP. **Estadão**. São Paulo, 4 abr.2020. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/politica/picos-de-novos-seguidores-de-bolsonaro-coincide-com-crisis-do-governo-diz-estudo-da-usp/>> Acesso em: 14 out.2025.

ALEIXO, Isabela. Covid, vacina e eleições: as mentiras que marcaram o mandato de Bolsonaro. **UOL Notícias**. São Paulo, 28 dez.2022. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/confere/ultimas-noticias/2022/12/28/covid-vacina-e-eleicoes-as-mentiras-que-marcaram-o-mandato-de-bolsonaro.htm?cmpid=copiaecola>> Acesso em: 14 out.2025.

AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION. First Amendment and Censorship. EUA. Disponível em: <<https://www.ala.org/advocacy/intfreedom/censorship>> Acesso em: 9 mar.2025.

ANDRADE, Ranyelle. “Está bem por causa da vacina”, diz Tarcísio Filho sobre Glória Menezes. **Metrópoles**. São Paulo, 15 ago.2021. Disponível em: <<https://www.metrópoles.com/entretenimento/televisao/esta-bem-por-causa-da-vacina-diz-tarcisio-filho-sobre-gloria-menezes>> Acesso em: 29 set.2025.

ARBEX, Thaís. Bolsonaro vira alvo de inquérito no STF por ligar vacina contra Covid à Aids. **CNN Brasil**. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/bolsonaro-vira-alvo-de-inquerito-no-stf-por-ligar-vacina-contr-covid-a-aids/>> Acesso em: 14 abr. 2025.

BAITELLO JÚNIOR, Norval. As irmãs gêmeas: comunicação e incomunicação. Texto publicado na Tribuna do Norte, Natal (RN), jan. 2002, p.1. Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia (CISC), da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Disponível em: <http://www.cisc.org.br/portal/jdownloads/BAITELLO%20JUNIOR%20Norval/as_irms_gm_eas_comunicao_e_incomunicao.pdf> Acesso em: 27.ago.2025

BALZA, Guilherme e LEITE, Isabela. MP entra com nova ação contra Prevent Senior por conduta na pandemia e pede quase R\$ 1 bi de indenização na Justiça do Trabalho. **G1**. São Paulo, 6 fev.2024. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2024/02/06/ministerio-publico-entra-comnova-acao-contr-prevent-senior-por-conduta-na-pandemia-e-pede-r-1-bi-de-indenizacao-na-justicado-trabalho.ghtml>> Acesso dia 8 jul. 2024.

BARBIÉRI, Luiz Felipe; CALGARO, Fernanda e CLAVERY, Elisa. Ex-aliada de Bolsonaro, Joice detalha à CPMI da Fake News como atua “gabinete do ódio”. **G1**, Brasília, 4 dez.2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/12/04/ex-aliada-de-bolsonaro-joice-detalha-a-cpmi-da-fake-news-como-atua-gabinete-do-odio.ghtml>> Acesso em: 14 nov.2025.

BARBOSA, Rafael. Bolsonaro sugere que usar máscara sem lavar pode causar pneumonia e matar. **Poder 360**. Brasília, 21 out.2021. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/governo/bolsonaro-sugere-que-usar-mascara-sem-lavar-pode-causar-pneumonia-e-matar>> Acesso em: 17 set.2024.

BARRAGÁN, Almudena. 19 Cinco “fake news” que beneficiaram a candidatura de Bolsonaro. **Brasil El País**. São Paulo, 19 out.2018. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/18/actualidad/1539847547_146583.html> Acesso em: 14 nov.2025.

BENITES, Afonso. A máquina de “fake news” nos grupos a favor de Bolsonaro no WhatsApp. **El País**, Brasília, 26 set.2018. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/26/politica/1537997311_859341.html> Acesso em: 1º ago. 2024.

CAFARDO, Renata. Quase 100 mil alunos ainda estão sem aulas presenciais em escolas públicas de SP. **Estadão Conteúdo**. São Paulo. 2 out.2021. Disponível em:

<<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/quase-100-mil-alunos-ainda-estao-sem-aulas-presenciais-em-escolas-publicas-de-sp/>> Acesso em: 12 out.2025.

CORRÊA, Michelle Viviane Godinho. Abertura Política. **InfoEscola - História Brasileira**. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/historia-do-brasil/abertura-politica/>> Acesso em: 7 ago.2025.

DORIA defende Pacto Federativo em reunião com Governadores do Sul e Sudeste. **Blog do Welbi**. 29 fev.2020. Disponível em: <<https://welbi.blogspot.com/2020/02/doria-defende-pacto-federativo-em.html>> Acesso em: 16 ago.2025.

BBC Brasil. Na íntegra: o que diz a dura carta de banqueiros e economistas com críticas a Bolsonaro e propostas para pandemia. São Paulo. 22 abr.2021. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56485687>> Acesso em: 10 jun.2025.

BOEHM, Camila. Justiça paulista extingue condenação por tortura contra coronel Ustra. **Agência Brasil/EBC**. São Paulo, 17 out.2018. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/justica/noticia/2018-10/justica-paulista-extingue-condenacao-por-tortura-contr-coronel-ustra>> Acesso em: 14 nov.2025.

BRASIL. Ministério Público Federal. Supremo Tribunal Federal. **Inquérito 4781**. Relator: Ministro Alexandre de Moraes. Brasília (DF), **STF**, 8 jul. 2024. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/liw4Zgc6EblI-1AcHQgBEywTfNqPPZMsR/view>> Acesso em: 8 jul. 2024.

BRASIL. Ministério Público Federal. Supremo Tribunal Federal. **Inquérito 4781**. Relator: Ministro Alexandre de Moraes. Brasília (DF): **STF**, 8 jul. 2024. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/liw4Zgc6EblI-1AcHQgBEywTfNqPPZMsR/view>> Acesso em: 8 jul. 2024.

BRASIL DE FATO (Redação). Enquanto 4 mil morrem por dia de Covid, empresários aplaudem Bolsonaro; veja a lista. São Paulo, 8 abr. 2021. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br>> Acesso em: 20 abr. 2025.

BEHNKE, Emily. Bolsonaro critica quem faz isolamento: “Tem idiotas até hoje em casa”... Poder 360, Brasília, 17 maio.2021. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/governo/bolsonaro-critica-quem-faz-isolamento-tem-idiotas-ate-hoje-em-casa/>> Acesso em: 17 set.2024

BEHRMANN, Savannah; SANTUCCI, Jeanine. Here's a timeline of President Donald Trump's and Dr. Anthony Fauci's relationship. **USA Today**. EUA, 28 dez.2020. Disponível em: <<https://www.usatoday.com/story/news/politics/2020/10/28/president-donald-trump-anthony-fauci-timeline-relationship-coronavirus-pandemic/3718797001/>> Acesso em: 4 out.2025.

BERNARDO, Jessica; ROMÃO, Ira; ALVES, Isabela e NOVAES, Número de moradores em situação de rua aumenta até 6 vezes em periferias de SP. **Jornal da Unesp**. São Paulo, 1º jul. 2022. Disponível em: <<https://jornal.unesp.br/2022/07/01/numero-de-moradores-em-situacao-de-rua-aumenta-ate-6-vezes-em-periferias-de-sp/>> Acesso em: 7 out.2025.

BERNSTEIN CRISIS Management (Site). Disponível em:
<<https://www.bernsteincrisismanagement.com/>>

BRESCIANI, Eduardo. Deputada que discutiu com Bolsonaro na Câmara passa a andar com seguranças **O Globo**. Rio de Janeiro, 26 out.2018. Disponível em:
<<https://oglobo.globo.com/politica/deputada-que-discutiu-com-bolsonaro-na-camara-passa-andar-com-seguranças-23188070>> Acesso em: 30 set.2025.

BRUNO, Fernanda; ROQUE, Tatiana. A ponta de um iceberg de desconfiança.
BRUNO, Cátia. Catalunha. Imagens falsas do dia do referendo circulam nas redes sociais. **Observador**, 3 out.2017. Disponível em: <<https://observador.pt/2017/10/03/catalunha-imagens-falsas-do-dia-do-referendo-circulam-nas-redes-sociais/>> Acesso em: 8 abr.2025.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. Dep. Jair Bolsonaro (PP-RJ) foi contra aprovação da PEC das Domésticas. **Câmara dos Deputados**. Brasília, 16 abr.2013. Disponível em:
<https://www.camara.leg.br/tv/401065-dep-jair-bolsonaro-pp-rj-foi-contra-aprovacao-da-pec-das-domesticas/>>Acesso em: 11 fev. 2025.

CAMPANATO, Valter. João Doria anuncia que não vai disputar eleições presidenciais. **Agência Brasil**, Brasília, 23 maio 2022. Disponível em:
<<https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2022-05/joao-doria-anuncia-que-nao-vai-disputar-eleicoes-presidenciais>> Acesso em: 28 set. 2025.

CARTA CAPITAL. Quem são os empresários que ovacionaram Bolsonaro em jantar. São Paulo, 8 abr.2021. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/quem-sao-os-empresarios-que-ovacionaram-bolsonaro-em-jantar/>> Acesso em: 6 out.2025.

CHAPOLA, Ricardo. Deputado pede que Doria explique reformas no Palácio dos Bandeirantes. **Veja São Paulo**. São Paulo, 28 mar.2019. Disponível em:
<<https://veja.abril.com.br/cidades/deputado-pede-que-doria-explique-reformas-no-palacio-dos-bandeirantes/>> Acesso em: 7 ago.2025.

CIPRIANI, Juliana. Veja 10 frases polêmicas de Bolsonaro que o deputado considerou 'brincadeira'. **O Estado de Minas – Política**. Belo Horizonte (MG), 14 abr.2018.
<https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2018/04/14/interna_politica,951685/10-frases-polemicas-de-bolsonaro-que-o-deputado-considerou-brincadeira.shtml> Acesso em: 14 nov.2025.

CDHPF. “*Brasil: nunca mais. Você conhece?*” 3 mar.2017. Disponível em:
<<https://cdhpf.org.br/noticias/brasil-nunca-mais-voce-conhece/>> Acesso em: 5 out.2025.

CNN Brasil. Bolsonaro testou negativo para Covid-19, mostram exames entregues ao STF. 13 maio.2020. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/exames-de-bolsonaro-dao-negativo-e-presidente-usa-pseudonimos/>> Acesso em: 14 out.2025.

COEN, John. ‘I’m going to keep pushing.’ Anthony Fauci tries to make the White House listen to facts of the pandemic. **Science**. 22 mar.2020. Disponível em:
<<https://www.science.org/content/article/i-m-going-keep-pushing-anthony-fauci-tries-make-white-house-listen-facts-pandemic>> Acesso em: 4 out.2025.

COMISSÃO PARLAMENTAR DE INQUÉRITO DA PANDEMIA. Relatório final. **Senado Federal**. Brasília. Senado Federal, 2021. Disponível em: <<https://legis.senado.leg.br/atividade/comissoes/comissao/2441/mna/relatorios>> Acesso em: 16 abr. 2025.

CORRÊA, Alessandra. Quem é Anthony Fauci, principal cientista dos EUA no combate ao coronavírus, que contradiz Trump sobre cloroquina. **BBC Brasil**. São Paulo, 10 abr.2020. <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52239163>> Acesso em: 5 out.2025.

COSTA, Anna Gabriela. População em situação de rua cresceu 31% nos últimos dois anos em São Paulo. **CNN Brasil**. São Paulo, 23 jan.2022. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/populacao-em-situacao-de-rua-cresceu-31-nos-ultimos-dois-anos-em-sao-paulo/>> Acesso em: 18 abr.2025.

CULLIFORD, Elizabeth. YouTube remove vídeos com desinformação sobre vacina contra a Covid-19. **CNN Brasil**. São Paulo, 14 out.2020. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/tecnologia/youtube-remove-videos-com-desinformacao-sobre-vacina-contr-a-covid-19/>> Acesso em: 17 abr. 2025.

CUNHA, Marcela. Governo regulamenta lei que proíbe celulares nas escolas e garante uso para estudantes com deficiência. **G1**. Brasília, 19 fev.2025. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2025/02/19/governo-regulamenta-lei-que-proibe-celulares-nas-escolas-e-garante-uso-para-estudantes-com-deficiencia.ghtml>> Acesso em: 14 abr.2025.

DANDARA, Luana. Cinco dias de fúria: Revolta da Vacina envolveu muito mais do que insatisfação com a vacinação. **Portal Fiocruz**. Rio de Janeiro, 9 set. 2022. Disponível em: <<https://fiocruz.br/noticia/2022/06/cinco-dias-de-furia-revolta-da-vacina-envolveu-muito-mais-do-que-insatisfacao-com>> Acesso em: 17 abr. 2025.

DINES, Alberto. Competição jornalística. **Observatório da Imprensa**. São Paulo, 23 mar.1999. Disponível em: <<https://www.observatoriodaimprensa.com.br/oitv/competicao-jornalistica/>> Acesso em: 8 jul. 2024.

DISCURSO - Grupo de Pesquisa Discurso, Redes Sociais e Identidades Sócio-Políticas. Do BolsoDoria ao Bolsonaro vírus: o discurso de João Doria. **Le Monde Diplomatique Brasil**. São Paulo, 17 mar. 2021. Disponível em: <<https://diplomatique.org.br/do-bolsodoria-ao-bolsonaravirus-o-discurso-de-joao-doria>> Acesso em: 14 out. 2025.

DOMINGOS, Roney. Julgamento mostra que ferida do regime militar ainda não sarou. São Paulo. **G1**. São Paulo, 11 nov. 2006. Disponível em: <<https://g1.globo.com/Noticias/Politica/0,,AA1346783-5601,00.html>>Acesso em: 14 out. 2025.

DORIA, João. “Hoje iniciaremos a vacinação contra a COVID-19 em São Paulo. A primeira brasileira a ser vacinada será a enfermeira Mônica Calazans.” Captura de tela. **Twitter**: @jdoriajr. São Paulo, 17 jan. 2021. Disponível em: <<https://x.com/jdoriajr/status/1350892328374968322?s=20>> Acesso em: 28 set. 2025.

ESPECIAIS G1. Bolsonaro, a imunidade de rebanho e o caso Covaxin. **G1**, São Paulo, 2021. Disponível em: <<https://especiais.g1.globo.com/politica/cpi-da-covid/2021/bolsonaro-cpi-da-covid-imunidade-de-rebanho-caso-covaxin/>> Acesso em: 16 ago.2025.

ESPN Brasil. Brasil 1 X 7 Alemanha. **Copa de 2014**. Disponível em: <https://www.espn.com.br/futebol/partida/_jogoId/383242/alemanha-brasil> Acesso em: 18 ago.2025.

ESTADÃO. Juiz confirma arquivamento de inquérito sobre vídeo íntimo atribuído a Doria. **Carta Capital**. São Paulo, 15 mar.2022. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/justica/juiz-confirma-arquivamento-de-inquerito-sobre-video-intimo-atribuido-a-doria>> Acesso em: 10 jul. 2024.

FAGUNDES, Murilo. Bolsonaro critica vacinas e diz que Michelle e ministros “passaram mal” **Poder 360**. Brasília (DF), 8 dez.2021. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/governo/bolsonaro-critica-vacinas-e-diz-que-michelle-e-ministros-passaram-mal/>> Acesso em: 6 abr.2025.

FALCÃO, Márcio e VIVAS, Fernando. Justiça arquiva ação em que Bolsonaro é réu por injúria contra Maria do Rosário. **TV Globo. G1**. São Paulo, 24 jul.2023. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/07/24/justica-arquiva-acao-em-que-bolsonaro-e-reu-por-injuria-contramaria-do-rosario.ghtml>> Acesso em: 30 set.2025.

FAUCI, Anthony. Anthony Fauci. Fotografia. **Wikimedia Commons**. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Anthony_Fauci.jpg> Acesso em: 4 out. 2025.

FANTÁSTICO. Camilo Cristófar, 1º vereador de São Paulo a perder mandato por racismo, é investigado também por rachadinha. **G1**. São Paulo, 24 set.2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2023/09/24/camilo-cristofaro-1o-vereador-desao-paulo-a-perder-mandato-por-racismo-e-investigado-tambem-por-rachadinha.ghtml>> Acesso em: 10 jul. 2024.

FERREIRA, Ivanir. “Tratamento precoce” e “kit covid”: a lamentável história do combate à pandemia no Brasil. **Jornal USP**. São Paulo, 14 out.2021. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/ciencias/tratamento-precoce-e-kit-covid-a-lamentavel-historia-do-combate-a-pandemia-no-brasil/>> Acesso em: 8 jul. 2024.

FOLHA DE S.PAULO. Doria vai ao Rio encontrar Bolsonaro, mas não é recebido por candidato. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, out. 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/doria-vai-ao-rio-para-encontrar-bolsonaro-mas-nao-e-recebido-por-candidato.shtml>> Acesso em: 10 jul. 2024.

FOLHA DE S.PAULO. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, mar. 2021. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/03/com-ironia-a-rival-e-teaser-politico-doria-explora-novas-formas-de-marketing-da-vacina.shtml>> Acesso em: 22jun.2025.

FOLHA DE S.PAULO. “Plano SP” é ficção nas periferias, afirmam líderes comunitários. **Folha/UOL**. São Paulo, jun.2025. Disponível em:

<<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/06/plano-sp-e-ficcao-nas-periferias-afirmam-lideres-comunitarios.shtml>> Acesso em: 27 jul.2025.

FOLHA DE S.PAULO. Jornalismo profissional nunca esteve tão ameaçado. **FOLHA/UOL.** São Paulo, 5 maio.2022. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2022/05/jornalismo-profissional-nunca-esteve-tao-ameacado.shtml>> Acesso em: 8 jul. 2024.

FUNDAÇÃO PADRE ANCHIETA. Disponível em: <https://fpa.com.br/sobre/> Acesso em: 17 ago.2025.

G1. Bolsonaro diz que política de cotas é 'equivocada' e que política de combate ao preconceito é 'coitadismo'. Brasília, 24 out.2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/2018/10/24/bolsonaro-diz-ser-contras-cotas-e-que-politica-de-combate-ao-preconceito-e-coitadismo.ghtml>> Acesso dia: 11 fev.2025.

G1. Doria e Bolsonaro discutem em reunião de governadores. São Paulo, 25 mar.2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/03/25/doria-e-bolsonaro-discutem-em-reuniao-de-governadores.ghtml>> Acesso em: 16 abr. 2025.

G1. Bolsonaro discursa em Brasília para manifestantes que pediam intervenção militar. Brasília, 19 abr.2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/19/bolsonaro-discursa-em-manifestacaoem-brasilia-que-defendeu-intervencao-militar.ghtml>> Acesso em: 8 jul. 2024.

G1. Casos de coronavírus e número de mortes no Brasil em 24 de maio. São Paulo. 24 maio.2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/05/24/casos-de-coronavirus-e-numero-de-mortes-no-brasil-em-24-de-maio.ghtml>> Acesso em: 7 out.2025.

G1. Globo.com. Bolsonaro e Trump se encontram nos Estados Unidos. 3 jul.2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/03/07/bolsonaro-e-trump-se-encontram-nos-estados-unidos.ghtml>> Acesso em 14 out.2025.

G1. Justiça bloqueia R\$ 29 milhões em bens de Doria em ação por improbidade na Prefeitura de SP. São Paulo, 20 out.2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/10/20/justica-bloqueia-r-29-milhoes-em-bens-de-doria-em-acao-por-improbidade-na-prefeitura-de-sp.ghtml>> Acesso em: 8 ago.2025.

G1. Médico Anthony Wong morre em São Paulo. São Paulo, 15 jan.2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/01/15/medico-anthony-wong-morre-em-sao-paulo.ghtml>> Acesso em: 4 out.2025.

G1. Áudio de médico do Incor sobre avanço do coronavírus em SP é verdadeiro, mas é 'a interpretação de um cirurgião', diz David Uip. **G1.** São Paulo, 12 mar.2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/03/12/audio-de-medico-do-incor-sobreavanco-do-coronavirus-em-sp-e-verdadeiro-mas-e-a-interpretacao-de-um-cirurgiao-diz-daviduip.ghtml>> Acesso em: 17 jun. 2024.

G1. Áudios de médicos renomados viralizam com informações divergentes sobre o coronavírus. São Paulo, 12 mar.2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/12/audios-de-medicosrenomados-viralizam-com-informacoes-divergentes-sobre-o-coronavirus.ghtml> Acesso em: 17 jun. 2024.

G1. São Paulo registra primeira morte por coronavírus no Brasil. São Paulo. São Paulo, 17 mar.2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/03/17/estado-de-sp-tem-o-primeirocaso-de-morte-provocada-pelo-coronavirus.ghtml> Acesso em: 17 jun. 2024.

G1. **Globo.com**. Economistas e empresários pedem em carta vacinação e distanciamento contra pandemia. São Paulo, 21 mar.2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2021/03/21/em-carta-centenas-de-economistas-pedem-vacinacao-e-medidas-de-distanciamento-social-para-combater-a-pandemia.ghtml> Acesso em: 21 abr.2025.

G1. Mais de 500 empresários e economistas assinam carta por vacinação e distanciamento. São Paulo, 22 mar. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2021/03/22/mais-de-500-empresarios-e-economistas-assinam-carta-por-vacinacao-e-distanciamento.ghtml> Acesso em: 20 abr. 2025.

G1. Vans escolares serão usadas para transportar corpos de mortos por Covid na cidade de SP. São Paulo, 29 mar.2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/03/29/vans-escolares-serao-usadas-para-transportar-corpos-de-mortos-por-covid-na-cidade-de-sp.ghtml> Acesso em: 7 out.2025.

G1. Gravação inédita mostra bastidor da importação da vacina pelo governo de SP: “estou no 1º plano dessa história e ainda sofrendo ataque do Bolsonaro”, diz Doria. São Paulo, 9 abr.2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/04/09/gravacao-inedita-mostra-bastidor-da-importacao-da-vacina-pelo-governo-de-sp-estou-no-1o-plano-dessa-historia-e-ainda-sofrendo-ataque-do-bolsonaro-diz-doria.ghtml> Acesso em: 18.ago.2025.

G1. Brasil tem média móvel de 524 mortes diárias por Covid e completa uma semana em estabilidade. São Paulo, 21 set.2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/09/21/brasil-tem-media-movel-de-524-mortes-diarias-por-covid-e-completa-uma-semana-em-estabilidade.ghtml> Acesso em: 5 abr.2025.

G1 São Paulo. Ministério Público entra com nova ação contra Prevent Senior por conduta na pandemia e pede R\$ 1 bi de indenização na Justiça do Trabalho. São Paulo, 6 fev. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2024/02/06/ministerio-publico-entra-com-nova-acao-contrapreventsenior-por-conduta-na-pandemia-e-pede-r-1-bi-de-indenizacao-na-justica-dotramento.ghtml> Acesso em: 8 jul. 2024.

G1. Veja a íntegra do discurso de Bolsonaro na Assembleia Geral da ONU. São Paulo, 21 set. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/09/21/veja-a-integra-do-discurso-de-bolsonaro-na-assembleia-geral-da-onu.ghtml> Acesso em: 16 abr. 2025.

GRAGNANI, Juliana. Epidemia de *fake news* ameaça vacinação em terras indígenas. **BBC Brasil**. Londres, 22 mar.2021. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56433811>> Acesso em: 16 ago.2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. O que é o PIB?. **IBGE Explica**. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/explica/pib.php>> Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/explica/pib.php>> Acesso em: 21 abr.2025

INSTITUTO BUTANTAN. Há mais de 100 anos, Revolta da Vacina foi marcada por mortes, estado de sítio e *fake news*. São Paulo, 2021. Disponível em: <<https://butantan.gov.br/noticias/ha-mais-de-100-anos-revolta-da-vacina-foi-marcada-por-mortes-estado-de-sitio-e-fake-news>> Acesso em: 17 abr. 2025.

INSTITUTO BUTANTAN. Estreia nova versão de “Bum Bum Tam Tam”, de MC Fioti, gravada no Butantan. São Paulo, 26 jan.2021. Disponível em: <<https://butantan.gov.br/noticias/estreia-nova-versao-de-%E2%80%9CBum-bum-tam-tam%E2%80%9D-de-mc-fiotti-gravada-no-butantan>> Acesso em: 18 ago.2025.

INSTITUTO BUTANTAN. Butantan tira dúvida. Fato ou *fake*. Disponível em: <<https://butantan.gov.br/covid/butantan-tira-duvida/tira-duvida-fato-fake>> Acesso em: 14 out.2025.

INSTITUTO BUTANTAN. Estudo com 60 milhões de brasileiros mostra efetividade da CoronaVac acima de 70% contra hospitalizações e mortes, inclusive entre idosos. São Paulo, 3 set.2021. Disponível em: <https://butantan.gov.br/noticias/estudo-com-60-milhoes-de-brasileiros-mostra-efetividade-da-coronavac-acima-de-70-contra-hospitalizacoes-e-mortes-inclusive-entre-idosos?utm_source=chatgpt.com> Acesso em: 6.abr.2025.

INSTITUTO BUTANTAN. CoronaVac provou sua eficácia contra Covid-19 no estudo clínico mais criterioso, feito com profissionais de saúde durante pico de casos. 20 abr.2022. Disponível em: <<https://butantan.gov.br/noticias/coronavac-provou-sua-eficacia-contra-covid-19-no-estudo-clinico-mais-criterioso-feito-com-profissionais-de-saude-durante-pico-de-casos>> Acesso em: 15 abr.2025.

INSTITUTO BUTANTAN. INSTITUTO BUTANTAN. Por que é mentira que vacinas causam autismo? Conheça a história por trás desse mito. São Paulo. 3 abr.2023. Disponível em: <<https://butantan.gov.br/covid/butantan-tira-duvida/tira-duvida-noticias/por-que-e-mentira-que-vacinas-causam-autismo-conheca-a-historia-por-tras-desse-mito>> Acesso em: 14 nov.2025.

INSTITUTO VLADMIR HERZOG *et. al.* **Memórias da Ditadura**. (Portal). Livros: uma arma subversiva. 2024. Disponível em: <<https://memoriasdaditadura.org.br/livros-uma-arma-subversiva>> Acesso em: 14 nov.2025.

JACINTO, Gyslane. Reintegração de posse em Diadema gera manifestação; Veja vídeo. **ABCD Jornal**. São Bernardo do Campo (SP), 18 ago.2020. Disponível em: <<https://abcdjornal.com.br/reintegracao-de-posse-em-diadema-gera-manifestacao-veja-video/>> Acesso em: 8 out.2025.

JORNAL DA UNESP. Crianças enfrentam dificuldades para alfabetização pós-pandemia em SP. São Paulo, 3 fev.2025. Disponível em: <<https://jornal.unesp.br/2025/02/03/criancas-enfrentam-dificuldades-para-alfabetizacao-pos-pandemia-em-sp/>> Acesso em: 12 out.2025.

JOTA Info. Prevent Sênior é alvo de ação que pede R\$ 940 milhões por irregularidades na pandemia. São Paulo, 6 fev.2024. <<https://www.jota.info/tributos-e-empresas/saude/prevent-senior-e-alvo-de-acao-quepede-r940-milhoes-por-irregularidades-na-pandemia-06022024>> Acesso em: 8 jul. 2024.

JUCÁ, Beatriz. Como o Conselho de Medicina silenciou diante do negacionismo de Bolsonaro e abraçou a cloroquina. **Brasil El País**. São Paulo, 15 out.2021. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/brasil/2021-10-15/como-o-conselho-de-medicina-silencioudiante-do-negacionismo-de-bolsonaro-e-abracou-a-cloroquina.html>> Acesso em: 8 jul. 2024.

JORNAL NACIONAL. Bolsonaro diz que ‘ninguém pode obrigar ninguém a tomar vacina’; especialistas criticam. **G1**. Rio de Janeiro, 2 set.2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/09/02/bolsonaro-diz-que-ninguem-pode-obrigar-ninguem-a-tomar-vacina-especialistas-criticam.ghtml>> Acesso em: 11.fev.2025.

JORNAL NACIONAL. OMS declara o fim da emergência global de Covid. **G1**. Rio de Janeiro, 5 maio.2023. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2023/05/05/oms-declara-o-fim-da-emergencia-global-de-covid.ghtml>> Acesso em: 8 jul. 2024.

KNISS, Andressa Buttore Kniess. Como João Doria se apropriou dos discursos de Bolsonaro na Eleição de 2018? **Instituto Brasileiro de Pesquisa e Análise de Dados – IBPAD**. São Paulo, 19 maio.2022. Disponível em: <<https://ibpad.com.br/politica/como-joao-doria-se-apropriou-dos-discursos-de-bolsonarona-eleicao-de-2018/>> Acesso em: 8 ago. 2024.

LARA, Wallace. São Bernardo inaugura Hospital de Urgência com menos leitos de UTI que o previsto por falta de respiradores. **G1**. São Paulo, 14 maio.2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/05/14/sao-bernardo-inaugura-hospital-de-urgencia-com-menos-leitos-de-uti-que-o-previsto-por-falta-de-respiradores.ghtml>> Acesso em: 10 out.2025.

LYRA, Edu. Fique no Barraco. **Opinião - Blog O Globo**. Rio de Janeiro. 13 abr.2021. Disponível em: <<https://blogs.oglobo.globo.com/opiniao/post/fique-no-barraco.html>> Acesso em: 29 jul.2025.

MAGRI, Diogo. Não é apenas Bolsonaro. Rede privada ainda distribui ‘kits de tratamento precoce’ ineficazes contra a covid-19. **G1**. São Paulo, 17 mar.2021. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/brasil/2021-03-18/nao-e-apenas-bolsonaro-rede-privada-ainda-distribui-kits-de-tratamento-precoce-ineficazes-contr-a-covid-19.html>> Acesso em: 5 out.2025

MANSEIRA, Anderson. Os que são as *filter bubbles* e como elas afetam a sua vida on-line. **Mobizoo**. 2015. Disponível em: <<https://mobizoo.com.br/curiosidades/o-que-sao-as-filter-bubbles-e-como-el-as-afetam-a-sua-vida-online/>> Acesso em: 8 abr. 2025.

MANZI FILHO, Ronaldo. Hospital Colônia de Barbacena: um passado que insiste em se repetir. **Revista Ideação**, do Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas em Filosofia da

Universidade Estadual de Feira de Santana (NEF – UEFS – BA), Bahia, n. 39, janeiro/junho, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.uefs.br/index.php/revistaideacao/article/view/4579>> Acesso em: 14 nov.2025.

MASCARENHAS, Gabriel. Coluna Lauro Jardim – Bolsonaro ironiza peso de Maia e Alcolumbre: “brincadeira saudável”. **O Globo**. Rio de Janeiro, 21 maio.2020. Disponível em: <<https://blogs.oglobo.globo.com/lauro-jardim/post/bolsonaro-ironiza-peso-de-maia-e-alcolumbre-brincadeira-saudavel.html>> Acesso em: 14 nov.2025.

MATOSO, Filipe Matoso e GOMES, Pedro Henrique. Bolsonaro diz que contaminação é mais eficaz que vacina contra Covid; especialistas contestam. **G1**. 17 jun.2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/06/17/bolsonaro-diz-que-contaminacao-e-mais-eficaz-que-vacina-estrategia-pode-levar-a-morte-diz-sanitarista.ghtml>> Acesso em: 16 ago.2025.

MAZUI, Guilherme. Bolsonaro chama coronel Brilhante Ustra de “herói nacional”. **G1**. Brasília. 8 ago. 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/08/08/bolsonaro-chama-coronel-ustra-de-heroi-nacional.ghtml>> Acesso em: 14 nov.2025.

MELO, Carolina; CABRAL, Sandro. Pandemics and communication: an experimental assessment. **Inspier - Especial Coronavírus**. São Paulo, 2020. Disponível em <<https://repositorio.insper.edu.br/entities/publication/fe8b444a-26ef-4d51-9cf9-aecc7474548a>> Acesso: 18 ago. 2025.

MEMORIAL DA RESISTÊNCIA. Luiz Eduardo da Rocha Merlino. São Paulo, s/d. Disponível em: <<https://memorialdaresistencia.org.br/pessoas/luiz-eduardo-da-rocha-merlino/>> Acesso em: 14 nov.2025.

MENDES, Sandy. “Bolsa-farelo” e “voto de cabresto”: as contradições de Bolsonaro sobre o Bolsa Família. **Congresso em Foco**. 10 ago. 2021. Disponível em: <<https://congressoemfoco.uol.com.br/area/governo/bolsa-farelo-e-voto-de-cabresto-as-contradicoes-de-bolsonaro-sobre-o-bolsa-familia/>> Acesso em: 11 fev.2025.

MICHAL PACKO. Estátua reproduz a imagem (de Joe Rosenthal) da Segunda a Guerra Mundial quando os fuzileiros navais americanos hastearam uma bandeira norte-americana no ponto mais alto de Iwo Jima, em 23 de fevereiro de 1945. **Pexels**, 2014. Disponível em: <<https://www.pexels.com/pt-br/foto/28300390/>> Acesso em: 28 set.2025.

MINISTÉRIO PÚBLICO DE SÃO PAULO. Em coletiva, promotor e procuradores detalham nova ação contra a Prevent Senior. São Paulo, 6 fev.2024. Disponível em: <<https://www.mpsp.mp.br/w/em-coletiva-promotor-e-procuradores-detalham-nova-acao-contra-a-prevent-senior>> Acesso em: 17 jun. 2024.

MINISTÉRIO PÚBLICO DE SÃO PAULO. Prevent Senior assina TAC e se compromete a não mais distribuir Kit-Covid. São Paulo, 22 out.2021. Disponível em: <<https://www.mpsp.mp.br/w/prevent-senior-assina-tac-e-se-compromete-a-n%C3%A3o-mais-distribuir-kit-covid>> Acesso em: 8 jul. 2024.

MINISTÉRIO DA SAÚDE - Covid-19 no Brasil. Disponível em: <https://infoms.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html> Acesso em: 6 out.2025.

MOON, Peter. Estudo com 60 milhões de brasileiros mostra efetividade da CoronaVac acima de 70% contra hospitalizações e mortes, inclusive entre idosos. **Instituto Butantan**. São Paulo, 3 set.2021. Disponível em: <https://butantan.gov.br/noticias/estudo-com-60-milhoes-de-brasileiros-mostra-efetividade-da-coronavac-acima-de-70-contra-hospitalizacoes-e-mortes-inclusive-entre-idosos?utm_source=chatgpt.com> Acesso em: 14 abr. 2025.

NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL. Dia da Promulgação da Constituição de 1988: saiba como foi criada a Constituição Cidadã brasileira. São Paulo, 4 out.2024. Disponível em: <<https://www.nationalgeographicbrasil.com/historia/2024/10/dia-da-promulgacao-da-constituicao-de-1988-saiba-como-foi-criada-a-constituicao-cidada-brasileira>> Acesso em: 7 ago.2025.

NEVES, Rafael. O que é o “gabinete do ódio” e quais são as investigações da PF sobre ele. – Notícias UOL. São Paulo, 11 jul.2024. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2024/07/11/gabinete-do-odio-relembre-historico-investigacoes-pf.htm?cmpid=copiaecola>> Acesso em: 18 ago.2025.

NOTA Técnica 8. 4 jan.2020. **Monitor Digital**. Disponível em: <<https://www.monitordigital.org/2020/04/01/nota-tecnica-08/>> Acesso em: 14 out.2025.

NOTÍCIAS UOL. *Post* de Malafaia chamando vacinação infantil de “infanticídio” é removido. São Paulo, 10 jan.2022. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2022/01/10/post-de-malafaia-chamando-vacinacao-infantil-de-infanticidio-e-removido.htm?cmpid=copiaecola>> Acesso em: 16 ago.2025.

OLIVEIRA, Marcelo. É falso que a maioria das pessoas seja imune à covid, como disse Bolsonaro. **UOL Notícias**. São Paulo, 18 ago.2020. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/confere/ultimas-noticias/2020/08/18/nao-e-verdade-que-a-maioria-e-imune-a-covid-19-como-diz-bolsonaro-no-face.htm?cmpid=copiaecola>> Acesso em: 17 set.2024.

OLIVEIRA, Rafael. Pandemia de Covid-19: o julgamento que Jair Bolsonaro não enfrentou. **MSN Notícias**. São Paulo, set.2025. Disponível em: <<https://www.msn.com/pt-br/seguran%C3%A7a-p%C3%BAblica-e-emerg%C3%AAncias/geral/pandemia-de-covid-19-o-julgamento-que-jair-bolsonaro-n%C3%A3o-enfrentou/ar-AA1LVOhs>> Acesso em: 14 nov.2025.

PAPA FRANCISCO. *Fratelli tutti*: sobre a fraternidade e a amizade social. **Carta Encíclica**. São Paulo: Paulinas, 2020. p. 30-31. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html> Acesso em: 21 abr. 2025.

PEREIRA JR., Álvaro. **A Corrida das Vacinas**. Brasil, 2021. Série. 5 ep. Globoplay. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/a-corrida-das-vacinas/t/DXzrNybmKc/>> Acesso em: 14 nov.2025.

PODER 360. MP-SP denuncia Prevent Senior por crimes na pandemia de covid. São Paulo, 6 jun.2024. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/poder-saude/mp-sp-denuncia-prevent-senior-por-crimes-na-pandemia-de-covid/>> Acesso em: 1º ago. 2024.

PODER 360. Rodrigo Garcia, ex-governador de SP, anuncia saída do PSDB. São Paulo, 12 mar.2024. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/partidos-politicos/ex-governador-rodrigo-garcia-anuncia-saida-do-psdb-de-sp>> Acesso em: 22 jun.2025.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. Covid-19: Prefeitura amplia ações com as pessoas em situação de rua. 31 jul.2020. Prefeitura de São Paulo – Subprefeitura: Vila Prudente. Disponível em: <https://capital.sp.gov.br/web/vila_prudente/w/noticias/107221> Acesso em: 19 abr. 2025.

PROJETO COMPROVA. Bolsonaro reproduziu alegações de site negacionista ao relacionar Aids a vacinas da Covid; entenda. **Estadão (Grupo Estado)**. São Paulo, 25 ago.2022. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/estadao-verifica/bolsonaro-reproduziu-alegacoes-de-site-negacionista-ao-relacionar-aids-a-vacinas-da-covid-entenda/?srsltid=AfmBOoo16Gsi7G2npfg6Bii8mofsp05kGZiKPbYklMLIBe0wTBheHHFS>> Acesso em: 5 out.2025.

PROJETO COMPROVA. Bolsonaro reproduziu alegações de site negacionista ao relacionar Aids a vacinas da Covid; entenda. **Estadão. São Paulo**, 25 ago.2022. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/estadao-verifica/bolsonaro-reproduziu-alegacoes-de-site-negacionista-ao-relacionar-aids-a-vacinas-da-covid-entenda/?srsltid=AfmBOoqp8yBs7YATXK-it0YrYwnrYIzAe2T3MIn0PNwdw0joMWkelZ1I>> Acesso em: 16 ago.2025.

QEDU. Censo Escolar. Disponível em: <<https://qedu.org.br/uf/35-sao-paulo/centso-escolar>> Acesso em: 12 out.2025.

REDAÇÃO. Bolsonaro presidente: A surpreendente trajetória de político do baixo clero ao Palácio do Planalto **BBC Brasil**. São Paulo, 28 out.2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45778959>> Acesso em: 14 nov.2025.

REDAÇÃO. Áustria pune britânico por negar Holocausto. **Folha de S.Paulo. Mundo (Portal)**. São Paulo, 21 fev.2006. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft2102200601.htm>> Acesso em: 5 out.2025.

REDAÇÃO. “SP Cidade Linda”: STJ extingue ação de improbidade contra João Doria. **Migalhas Quentes**. São Paulo, 13 mar.2025. Disponível em: <<https://www.migalhas.com.br/quentes/426255/sp-cidade-linda--stj-extingue-acao-de-improbidade-contra-joao-doria>> Acesso em: 8 ago.2025.

REDAÇÃO EXAME. O que é Ph.D.? Saiba qual o significado e quem pode fazer. **Exame**. São Paulo, 22 mar.2024, Disponível em: <https://exame.com/carreira/guia-de-carreira/o-que-e-phd-saiba-qual-o-significado-e-quem-pode-fazer/?utm_source=copiaecola&utm_medium=compartilhamento> Acesso em: 18 ago.2025.

REDAÇÃO GUARULHOS WEB. Covid-19: primeiro caso foi confirmado em São Paulo há cinco anos. Guarulhos (SP), 26 fev.2025. Disponível em: <<https://guarulhosweb.com.br/covid-19-primeiro-caso-foi-confirmado-em-sao-paulo-ha-cinco-anos/>> Acesso em: 16 ago.2025.

REDAÇÃO NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL. O que é um *bunker* e como ele funciona? **National Geographic Brasil**. São Paulo, 11 out.2023. Estrutura usada para proteger as pessoas em uma guerra. Disponível em: <<https://www.nationalgeographicbrasil.com/historia/2023/10/o-que-e-um-bunker-e-como-ele-funciona>> Acesso em: 17 ago.2025.

REDE DE POLÍTICAS PÚBLICAS E SOCIEDADE. Nota Técnica 31. **Universidade de São Paulo (USP)/Instituto Butantan**, São Paulo, 2023. Disponível em: <<https://butantan.gov.br/noticias/ataques-a-coronavac-nasredes-prejudicaram-imunizacao-dos-brasileiros-contracovid-19-revela-estudo-depesquisadores-da-usp>> Acesso em: 8 jul. 2024.

RIBEIRO, Victor. Pesquisa: 75% das cidades registram casos de *sommelier* de vacina. 16 jul.2021. Brasília, 16 jul. 2021. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/saude/audio/2021-07/pesquisa-75-dos-municipios-registraram-caso-de-sommelier-de-vacina>> Acesso em: 15.abr.2025.

RODRIGUES, Artur. Aqui é calça apertada e não tanga frouxa, diz João Doria ao encarnar “João Vacinador” nas redes. **Folha UOL**. São Paulo, 29 mar.2021. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/03/doria-encarna-joao-vacinador-e-promete-imunizar-ate-eduardo-bolsonaro.shtml>> Acesso em: 20 mar.2025.

RODRIGUES, Rodrigo. Tarcísio de Freitas vence em 566 cidades do estado de SP; Haddad ganha na capital paulista e em mais 78 municípios no 2º turno. G1. São Paulo, 30 out.2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/eleicoes/2022/noticia/2022/10/30/tarcisio-de-freitas-vence-em-566-cidades-do-estado-de-sp-haddad-ganha-na-capital-paulista-e-em-mais-78-municipios-no-2o-turno.ghtml>> Acesso em: 17 ago.2025.

SALGADO, Marcelo de Mattos. Polarização ideológica, filtros-bolha e algoritmos nas redes sociais. In: **Sociotramas**. Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Comunicação – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), 2018. Disponível em: <<https://sociotramas.wordpress.com/2018/07/30/polarizacao-ideologica-filtros-bolha-e-algoritmos-nas-redes-digitais/>> 2018. Acesso: 14 abr. 2025.

SANTOS, Alan. Presidente. Presidente Jair Bolsonaro discursa na Assembleia Geral da ONU e diz que Brasil vive novos tempos. [fotografia] **apud Governo do Brasil** (Portal). Brasília, 21 set. 2021. Disponível em: <<https://www.gov.br/pt-br/noticias/financas-impostos-e-gestao-publica/2021/09/presidente-jair-bolsonaro-discursa-na-assembleia-geral-da-onu-e-diz-que-brasil-vive-novos-tempos>> Acesso em: 28 set. 2025.

SÃO PAULO. **Órgãos e Entidades**. São Paulo. Disponível em: <<https://www.saopaulo.sp.gov.br/orgaos-e-entidades/>> Acesso em: 24 jul. 2024.

SCARAMUZZO, Mônica. Abr.2021. Dono da Gocil organiza jantar para Bolsonaro com empresários na quarta. **Valor Econômico**. São Paulo, 6 abr.2021. Disponível em: <<https://valor.globo.com/politica/noticia/2021/04/06/dono-da-gocil-organiza-jantar-para-bolsonaro-com-empresarios-na-quarta.ghtml>> Acesso em: 6 out.2025.

SERRANO, Layana. “Ser *sommelier* de vacina significa que você não entendeu nada”, diz Luana Araújo. **CNN Brasil**. São Paulo, 17 jul.2021. Disponível em:

<<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/ser-sommelier-de-vacina-significa-que-voce-nao-entendeu-nada-diz-luana-araujo/>> Acesso em: 16 ago.2025.

SILVA, Daniel Neves. O que foi o AI-5? **Brasil Escola**. São Paulo. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/historia/o-que-foi-ai-5.htm>> Acesso em: 15 nov. 2025.

SILVA, Marianno da. Aspecto da Praça da República no dia 14 de novembro de 1904. 14 nov. 1904. *apud* PORTAL TERRA. São Paulo, 3 dez.2024, on-line. Revolta da Vacina: o que foi e como aconteceu. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/educacao/revolta-da-vacina-o-que-foi-e-como-aconteceu,89244d41c4db846d9e762cbc465ac6f47qbmvu29.html?utm_source=clipboardhttps://www.terra.com.br/noticias/educacao/revolta-da-vacina-o-que-foi-e-como-aconteceu,89244d41c4db846d9e762cbc465ac6f47qbmvu29.html> Acesso em: 15 nov.2025.

SOARES, Rafaela. Covid-19 completa cinco anos no Brasil; doença terminou 2024 com casos e mortes em alta. **Notícias R7**. São Paulo, 4 jan.2025. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/saude/covid-19-completa-cinco-anos-no-brasil-doenca-terminou-2024-com-casos-e-mortes-em-alta-04012025/>> Acesso em: 28 fev.2025.

SORIMA NETO, João. “Não faltou ousadia para privatizar a Sabesp”, diz Tarcísio de Freitas durante cerimônia na B3. **O Globo**, São Paulo, 23 jul. 2024. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com>>Acesso dia: 21 abr. 2025.

SOUZA, Caroline; SANTOS, Luis Gustavo. Além de ineficaz, o uso da Ivermectina para o tratamento da Covid-19 pode causar complicações para a saúde. **Revista Arco**, Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria (RS), 14 fev. 2022. Disponível em: <<https://www.ufsm.br/midias/arco/ineficaz-uso-ivermectina-tratamento-covid-19-complicacoes>>Acesso dia: 14 abr. 2025.

STOCHERO, Tahiane. “Estamos enterrando mais de 75 por dia”, diz coveiro de cemitério de SP que recebe vítimas de Covid-1. **G1**. São Paulo, 12 maio.2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/05/12/estamos-enterrando-mais-de-75-por-dia-diz-coveiro-de-cemiterio-de-sp-que-recebe-vitimas-de-covid-19.ghtml>> Acesso em: 29 set.2025.

SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL (STF). Barroso suspende por seis meses desocupações de áreas coletivas habitadas antes da pandemia. Brasília, 3 jun.2021. Disponível em: <<https://noticias.stf.jus.br/postsnoticias/barroso-suspende-por-seis-meses-desocupacoes-de-areas-coletivas-habitadas-antes-da-pandemia/>> Acesso em: 8 out.2025.

TAJRA, Alex. Em meio à pandemia, redes bolsonaristas elegem Doria como novo inimigo. **UOL Notícias**. São Paulo, 1º abr.2020. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/04/01/sob-coronavirus-redes-bolsonaristas-elegem-joao-doria-como-novo-inimigo.htm?cmpid=copiaecola>> Acesso em: 22 jun.2025.

TEIXEIRA, Lucas Borges. Oposição a Doria protocola pedido de CPI para apurar gasto com publicidade. **Notícias UOL Política**. São Paulo, 6 out.2021. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2021/10/06/oposicao-protocola-pedido-de-cpi-da-publicidade-de-doria-na-alesp.htm>> Acesso em: 22 jun.2025.

O TEMPO. Sobe para 23 o número de pessoas com coronavírus que tiveram contato com Bolsonaro. Belo Horizonte (MG), 20 mar.2020. Disponível em: <<https://www.otempo.com.br/politica/sobe-para-23-numero-de-pessoas-com-coronavirus-que-tiveram-contato-com-bolsonaro-1.2313791>> Acesso em: 14 nov. 2025.

TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. Lei das Eleições – “Lei n. 9.504”, de 30 de setembro de 1997. Disponível em: <<https://www.tse.jus.br/legislacao/codigo-eleitoral/lei-das-eleicoes/lei-das-eleicoes-lei-nb0-9.504-de-30-de-setembro-de-1997>> Acesso em: 7 ago.2025.

TORRES, Lívia. Pesquisa aponta que WhatsApp é a principal fonte de informação de 79% dos entrevistados. **Rádio Senado**. Brasília, 12 dez.2019. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2019/12/12/pesquisa-aponta-que-whatsapp-e-a-principal-fonte-de-informacao-de-79-dos-entrevistados>> Acesso em: 1º ago. 2024.

UOL. Não é verdade que máscaras reduzem oxigenação como disse Bolsonaro em live. São Paulo, 17 jun.2021. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/confere/ultimas-noticias/2021/06/17/nao-e-verdade-que-mascaras-reduzem-oxigenacao-como-disse-bolsonaro-em-live.htm>> Acesso em: 17 set.2024.

URIBE, Gustavo e RODRIGUES, Basília. Doria define marqueteiro e estratégia de campanha contra rejeição. **CNN Brasil**. Brasília, 8 abr.2022. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/doria-define-marqueteiro-e-estrategia-de-campanha-contra-rejeicao/>> Acesso em: 8 ago.2025.

VIVA BEM. Estudo: ivermectina foi tomada por 79,5% dos brasileiros que tiveram covid. **UOL**. São Paulo, 11 jan.2023. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2023/01/11/contraindicado-para-covid-ivermectina-foi-tomada-por-795-dos-brasileiros.htm>> Acesso em: 14.abr.2025.

WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Hossein. Information disorder toward an interdisciplinary framework for research and policy making. **Relatório do Conselho da Europa 2017**. Conselho da Europa, 2017. Disponível em: <<https://edoc.coe.int/en/media/7495-information-disorder-toward-an-interdisciplinary-framework-for-research-and-policy-making.html>> Acesso em: 7 abr. 2025.

ZACHARIAS, Brenda. Doria amplia em quase 70% verba de publicidade. **CNN Brasil**. 20 dez.2020. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/doria-amplia-em-quase-70-verba-de-publicidade/>> Acesso em: 7 ago.2025.

ZANINI, Fábio. Crise do coronavírus antecipa estratégia de Doria ser o anti-Bolsonaro. **Folha UOL**. São Paulo. 15 mar. 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/03/crise-do-coronavirus-antecipa-estrategia-de-doria-de-ser-o-anti-bolsonaro.shtml>> Acesso em: 14 out.2025.

ZOLIN, Beatriz. Devo realizar teste de anticorpos depois de me vacinar? Drauzio Varella. UOL (Site). 1º jul.2021. Disponível em: <<https://drauziovarella.uol.com.br/imunologia/devo-realizar-teste-de-anticorpos-depois-de-me-vacinar/>> Acesso em: 16 ago.2025.

Imagens (Referências completas)

(Figura 1) - FRAZÃO, Fernando. Eleitores de Bolsonaro comemoram vitória na Barra da Tijuca. Agência Brasil. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/foto/2018-10/eleitores-de-bolsonaro-comemoram-vitoria-na-barra-da-tijuca-1582311613-5>> Acesso em: 14 nov.2025.

(Figura 2) - JAIR BOLSONARO (*Post* – Reprodução Twitter) *apud* VERDEÍLIO, Andréia. Bolsonaro garante apoio a profissionais da área de inteligência. **Agência Brasil. EBC**, Brasília, 30 dez.2018. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2018-12/bolsonaro-garante-apoio-profissionais-da-area-de-inteligencia>> Acesso em: 30 set.2025. (

(Figura 3) - REPRODUÇÃO (Propaganda Eleitoral). Bolsonaro durante discussão com a deputada Maria do Rosário na Câmara. *apud* BRESCIANI, Eduardo. Deputada que discutiu com Bolsonaro na Câmara passa a andar com seguranças **O Globo**, Rio de Janeiro, 26 out.2018. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/politica/deputada-que-discutiu-com-bolsonaro-na-camara-passa-andar-com-seguranças-23188070>> Acesso em: 30 set.2025.

(Figura 4) – DIAS, Wilson *apud* ANDRADE, Juliana. STJ adia julgamento de recurso para restabelecer condenação de Ustra. **Memórias Reveladas. Agência Brasil**, Brasília, 20 jun.2023. Disponível em: <<https://www.gov.br/memoriasreveladas/pt-br/assuntos/noticias/stj-adia-julgamento-de-recurso-para-restabelecer-condenacao-de-ustra>> Meme/Reprodução/ *Gerarmemes.com.br*. Acesso em: 30 set.2025.

(Figura 5) – GERAR Memes. Brincadeira sadia, “taokei”?! Meme/Reprodução/ *Gerarmemes.com.br*. Disponível em: <<https://www.gerarmemes.com.br/meme/1008745-brincadeira-sadia-taokei>> Acesso em: 30 set.2025.

(Figura 6) - TV Brasil - Presidente eleito, Jair Bolsonaro, desfila de carro aberto. **Agência Brasil**. Brasília, 1º jan.2019. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/foto/2019-01/sessao-solene-do-congresso-nacional-para-posse-de-bolsonaro-1581287466-0>> Acesso em: 30 set.2025.

(Figura 7) - POZZEBOM, Fábio - Joice Hasselmann é ouvida na “CPI das *Fake News*” – **Agência Brasil/EBC**. Brasília, 4 dez.2019. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/foto/2019-12/joyce-hasselmann-e-ouvida-na-cpi-das-fake-news-1581289702>> Acesso em: 14 nov.2025.

(Figura 8) - CAMPANATO, Valter. Deputado Alexandre Frota durante sessão de votação para presidente da Câmara dos Deputados. **Agência Brasil**. Brasília, 1º fev.2019. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/foto/2019-02/sessao-de-posse-dos-deputados-federais-para-56a-legislatura-1581292375-2>> Acesso em: 14 nov.2025.

(Figura 9) - O GLOBO. Bolsonaro x Doria: do voto 'bolsodoria' e troca de elogios à guerra política da vacina. Rio de Janeiro, 25 jan.2021. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/politica/bolsonaro-doria-do-voto-bolsodoria-troca-de-elogios-guerra-politica-da-vacina-24850178>> Acesso em: 4 out.2025.

(Figura 10) - CORRÊA, Marcos. O presidente Jair Bolsonaro durante reunião com o governador de São Paulo, João Doria (PSDB) *apud* OSVALD, Vivian. Em Davos, Bolsonaro cita Doria como possível presidente da República no futuro. **O Globo**. Rio de Janeiro, 23 jan.2019. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/politica/em-davos-bolsonaro-cita-doria-como-possivel-presidente-da-republica-no-futuro-23396546>> Acesso em: 4 out.2025.

(Figura 11) – GLOBO/DIVULGAÇÃO.O médico toxicologista Anthony Wong, em entrevista ao *Programa do Jô* em 2012 *apud* LARA, Wallace. Polícia Civil de SP vai intimar médica da Prevent Senior sobre atestado de óbito do médico Anthony Wong. **G1**. São Paulo, 29 set.2021. <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/09/29/policia-civil-de-sp-vai-intimar-medica-da-prevent-senior-sobre-atestado-de-obito-do-medico-anthony-wong.ghtml>>

(Figura 12) - GLOBO/DIVULGAÇÃO. **G1**. No Rio, o jornalista Caco Barcellos e a repórter Talita Marchiori passam 40 horas em plantão para acompanhar a rotina da emergência. Profissão Repórter’ acompanha rotina de hospitais públicos com tratamentos de alta complexidade. **G1**, Rio de Janeiro, 5 ago.2025. Disponível em: <<https://redeglobo.globo.com/redebahia/noticia/profissao-reporter-acompanha-rotina-de-hospitais-publicos-com-tratamentos-de-alta-complexidade.ghtml>> Acesso em: 4 out.2025.

(Figura 13) – NIH Image Gallery from Bethesda, Maryland, USA. 15 maio.2018. Anthony Fauci – 5 abr.2020. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Anthony_Fauci.jpg> Acesso dia: 4 out. 2025.

(Figura 14) - MAGRI, Diogo/Arquivo Pessoal. *Kit* de tratamento precoce da Prevent Senior, com prednisona, ivermectina, azitromicina, colchicina, hidroxicloroquina e vitamina D. Não é apenas Bolsonaro. Rede privada ainda distribui ‘kits de tratamento precoce’ ineficazes contra a covid-19. **G1**. São Paulo, 17 mar.2021. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/brasil/2021-03-18/nao-e-apenas-bolsonaro-rede-privada-ainda-distribui-kits-de-tratamento-precoce-ineficazes-contr-a-covid-19.html>> Acesso em: 5 out.2025

(Figura 15) - ROSA, Rovená. A cidade de São Paulo durante a pandemia. *apud* CRUZ, Elaine Patrícia. Taxa de isolamento social em São Paulo se mantém abaixo dos 55%. **Agência Brasil**. São Paulo, 5 maio.2020. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-05/taxa-de-isolamento-social-em-sao-paulo-se-mantem-abaixo-dos-55>> Acesso em: 5 out. 2025.

(Figura 16) – DORIA, João. *Post*. Reprodução da rede social X. São Paulo, 22 jan.2021. Disponível em: <<https://x.com/jdoriajr/status/1352581319939788800>> Acesso em: 5 out. 2025.

(Figura 17) - COMENTÁRIOS sobre *post* de João Doria publicado em sua rede X. São Paulo, 22 jan.2021. Disponível em: <<https://x.com/jdoriajr/status/1352581319939788800>> Acesso em: 5 out.2025.

(Figura 18) - Reprodução da rede social de João Doria. **Instagram**. São Paulo, 2021. Disponível em: <<https://www.instagram.com/jdoriajr/>> Acesso em: 5 out.2025.

(Figura 19) – SANTOS, Alan. Aos líderes mundiais, ele falou sobre a preservação do meio ambiente, avanço da vacinação contra a Covid-19 e dos atrativos do Brasil aos investidores

Presidente Jair Bolsonaro discursa na Assembleia Geral da ONU. **Gov.br**. Brasília, set./2021. Disponível em: <<https://www.gov.br/pt-br/noticias/financas-impostos-e-gestao-publica/2021/09/presidente-jair-bolsonaro-discursa-na-assembleia-geral-da-onu-e-diz-que-brasil-vive-novos-tempos>> Acesso em: 14 nov.2025.

(Figura 20) - NÓBREGA, Isac. Presidente Jair Bolsonaro discursa em manifestação de apoiadores em São Paulo. **Agência Brasil**. Brasília, 7 set. 2021. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2021-09/presidente-discursa-em-manifestacao-de-apoiadores-em-sp>> Acesso em: 28 set. 2025.

(Figura 21) – SMITH, Christopher A./Reprodução. Memes de Trump na internet sobre *fake news* apud SMITH, Cristopher A. Weaponized iconoclasm in Internet memes featuring the expression “Fake News”. **Semantics Scholar**. 1º abr.2019. Disponível em: <<https://www.semanticscholar.org/paper/Weaponized-iconoclasm-in-Internet-memes-featuring-Smith/6821b1621090cd2803313b4a1781a2f6e663affc>> Acesso em: 14 nov.2025.

(Figura 22) - Hannah Arendt em 1935 (Foto: Reprodução/Hannah Arendt Bluecher Literary Trust) apud MARISCIULO, Marilia, Hannah Arendt: 3 frases para entender o pensamento da filósofa. **Galileu**. São Paulo, Globo, 14 out.2018. Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2018/10/hannah-arendt-3-frases-para-entender-o-pensamento-da-filosofa.html>>

(Figura 23) – PINTO, Paulo/Agência Brasil. São Paulo (SP), 12 jul. 2025 - Evento do museu Memorial da Resistência de SP junto à Editora Vozes, de lançamento do livro *Brasil: Nunca Mais*. Apenas quatro meses após o “fim” da ditadura militar brasileira, o livro *Brasil: Nunca Mais* foi lançado discretamente em julho de 1985. **Agência Brasil**. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/foto/2025-07/lancamento-do-livro-brasil-nunca-mais-1752350078-2>>

(Figura 24) - WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Hossein. Information disorder (image) apud WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Hossein. Information disorder toward an interdisciplinary framework for research and policy making. **Relatório do Conselho da Europa 2017**. Conselho da Europa, 2017. Disponível em: <<https://edoc.coe.int/en/media/7495-information-disorder-toward-an-interdisciplinary-framework-for-research-and-policy-making.html>> Acesso em: 7 abr. 2025.

(Figura 25) - SELO usado pela Câmara dos Deputados para desmentir a *fake news* sobre o médico Adib Jatene. **Comprove. Câmara dos Deputados**. Brasília. 31 mar.2020. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/comprove/649812-e-falso-que-o-video-sobre-coronavirus-seja-do-medico-adib-jatene/>> Acesso em: 5 out.2025.

(Figura 26) - BRUNO, Cátia. Catalunha. Imagens falsas do dia do referendo circulam nas redes sociais. **Observador**, 3 out.2017. Disponível em: <<https://observador.pt/2017/10/03/catalunha-imagens-falsas-do-dia-do-referendo-circulam-nas-redes-sociais/>> Acesso em: 8 abr.2025.

(Figura 27) – PACKO, Mickal. Estátua reproduz a imagem (de Joe Rosenthal) da Segunda a Guerra Mundial quando os fuzileiros navais americanos hastearam uma bandeira norte-americana no ponto mais alto de Iwo Jima, em 23 de fevereiro de 1945. **Pexels**. Disponível em: <<https://www.pexels.com/pt-br/foto/28300390/>> Acesso em: 28 set.2025. Estátua reproduz a imagem (de Joe Rosenthal) da 2ª Guerra Mundial, quando os fuzileiros navais norte-

americanos hastearam uma bandeira norte-americana no ponto mais alto de Iwo Jima, em 23 de fevereiro de 1945. Foto: Michal Packo/ Pexels, 2014.

(Figura 28) – DIVULGAÇÃO. Médico (Alexandre Vargas Schwarzbold) destaca aumento de casos no inverno e o perigo do alastramento nas periferias. apud FERREIRA, Marcelo. “Não estamos no ponto de diminuir o isolamento social”, afirma médico infectologista. **Brasil de Fato**. 28 abr.2020. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2020/04/28/nao-estamos-no-ponto-de-diminuir-o-isolamento-social-afirma-medico-infectologista>> Acesso em: 14 abr.2025.

(Figura 29) – ROSA, Rovená. apud CRUZ, Elaine Patrícia. CoronaVac é efetiva contra variante brasileira da Covid-19. **Agência Brasil**. São Paulo. 7 abr. 2021. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2021-04/coronavac-e-eficaz-contra-variante-brasileira-da-covid-19>> Acesso em: 5 out.2025.

(Figura 30) - SILVA, Marianno da. Aspecto da Praça da República no dia 14 de novembro de 1904. 14 nov. 1904. **Portal Terra**, 3 dez.2024, on-line apud PORTAL TERRA. 3 dez.2024. Revolta da Vacina: o que foi e como aconteceu. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/educacao/revolta-da-vacina-o-que-foi-e-como-aconteceu,89244d41c4db846d9e762cbc465ac6f47qbmvu29.html?utm_source=clipboardhttps://www.terra.com.br/noticias/educacao/revolta-da-vacina-o-que-foi-e-como-aconteceu,89244d41c4db846d9e762cbc465ac6f47qbmvu29.html> Acesso em: 17 abr. 2025.

(Figura 31) – GILLRAY, James. *A varíola bovina ou Os efeitos maravilhosos da nova vacina* (1802). Gravura. Biblioteca Nacional de Medicina (Bethesda) apud Os Efeitos da Vacina Antivariólica / James Gillray. 12 set.2010. **Arte Médica. Temas Médicos nas Artes: Pintura, Literatura e Música**. Disponível em: <<https://medicineisart.blogspot.com/2010/09/os-efeitos-da-vacina-antivariolica.html>> Acesso em: 5 out.2025.

(Figura 32) – CASA DE OSWALDO CRUZ/AGÊNCIA SENADO. Bonde tombado pelos manifestantes da Revolta da Vacina (foto: Casa de Oswaldo Cruz) apud WESTIN, Ricardo. Interesses políticos e descaso social alimentaram Revolta da Vacina em 1904 **Agência Senado**. Brasília, 2 out.2020. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/interesses-politicos-e-descaso-social-alimentaram-revolta-da-vacina>> Acesso em: 5 out.2025.

(Figura 33) - Jornal noticia a “Revolta da Vacina” e tentativa de golpe militar (imagem: Gazeta de Notícias/Biblioteca Nacional Digital apud WESTIN, Ricardo. Interesses políticos e descaso social alimentaram Revolta da Vacina em 1904. **Agência Senado**. Brasília, 2 out.2020. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/interesses-politicos-e-descaso-social-alimentaram-revolta-da-vacina>> Acesso em: 5 out.2025.

(Figuras 34 e 35) – WALLACE LARA/Arquivo Pessoal (reprodução autorizada com os devidos créditos). (34) 24 de dezembro de 2021 – ceia de Natal da população em situação de rua em São Paulo. (35) Homem em situação de rua morre de frio na fila do café da manhã no centro São Martinho, na Zona Leste de São Paulo. 18 maio.2022.

(Figura 36) – SILVA, Tomaz/Agência Brasil. Papa Francisco. **Wikimedia Commons**. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Papa_Francisco_na_JMJ_-_24072013.jpg> Acesso em: 6 out.2025.

(Figura 37) – PINTO, PAULO. 100 fotos melhores de 2024, retrospectiva - Foto feita em 19 de abril de 2024 - A EMAE (Empresa Metropolitana de Águas e Energia) foi leiloadada no plano de desestatização do Governo de São Paulo, em leilão marcado na sede da B3, na capital com a presença do governador Tarcísio de Freitas. **Agência Brasil**. São Paulo. 26 dez.2024. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/foto/2024-12/100-fotos-melhores-de-2024-retrospectiva-1735188010-4>> Acesso em: 21abr.2025.

(Figura 38) – LARA, Wallace/Arquivo Pessoal. Carro de transporte de cadáveres trafega por São Paulo, no dia 30 de março de 2020. Foto: Wallace Lara. No ano seguinte, a prefeitura teria que contratar 50 *vans* escolares para atender a demanda.

(Figura 39) - LARA, Wallace/Arquivo Pessoal. Bruno Covas, João Doria e o então secretário da saúde do Estado, José Henrique Germann, na coletiva do dia 19 de março de 2020. O governo dava sinais de que as regras poderiam endurecer.

(Figuras 40, 41, 42, 43 e 44) - GOVERNO DE SÃO PAULO/Reprodução. (40) O mapa com as regiões dispostas por cores conforme o número de casos e óbitos. (41) As fases – o que podia ou não funcionar. (42) Os números que mostravam o que seria o avanço da doença sem o isolamento social. (43) Hospitais, leitos de UTI, profissionais, testes e respiradores. (44) Antes e depois da sala pintada de preto do Palácio dos Bandeirantes (São Paulo – SP). SINESP. Decreto Estadual nº 64.994, de 28/05/2020 - dispõe sobre a medida de quarentena de que trata o decreto nº 64.881, de 22 de março de 2020, institui o “Plano São Paulo” e dá providências complementares. SINESP. São Paulo, 28 maio.2020. Disponível em: <<https://www.sinesp.org.br/legislacao/saiu-no-doc-legislacao/9960-decreto-estadual-n-64-994-de-28-05-2020-dispoe-sobre-a-medida-de-quarentena-de-que-trata-o-decreto-n-64-881-de-22-de-marco-de-2020-institui-o-plano-sao-paulo-e-da-providencias-complementares>> Acesso em: 7 out.2025.

(Figura 45) – UOL/Reprodução. “Meme” produzido pelas redes bolsonaristas *apud* TAJRA, Alex. Em meio à pandemia, redes bolsonaristas elegem Doria como novo inimigo. **UOL Notícias**. São Paulo, 1º abr.2020. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/04/01/sob-coronavirus-redes-bolsonaristas-elegem-joao-doria-como-novo-inimigo.htm?cmpid=copiaecola>> Acesso em: 22jun.2025.

(Figura 46) - LARA, Wallace/Arquivo Pessoal. Praça da Sé, centro de São Paulo: população de rua aguardando comida e abrigo. A pandemia agravou a situação dos vulneráveis. São Paulo, 22 jun.2021.

(Figura 47) - LARA, Wallace/Arquivo Pessoal. Letreiro na frente do prédio da Prefeitura de São Paulo, no Centro de São Paulo, 27 jul.2020.

(Figura 48) – CASAL JR., Marcello/Agência Brasil. O ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, durante a coletiva de imprensa sobre a infecção pelo novo coronavírus. 15 abr.2020. **Agência Brasil**. Disponível em <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/foto/2020-04/saude-boletim-diario-infeccao-coronavirus-covid-19-1586990111-0>> Acesso em: 7 out.2025.

(Figura 49) - LARA, Wallace/Arquivo Pessoal. Em Diadema, região metropolitana de São Paulo, moradores protestam contra desocupação no dia 18 de agosto de 2020 na rodovia dos Imigrantes (km 20) . No dia 3 de junho de 2021, STF proibiu ações desse tipo durante a pandemia.

(Figura 50) - LARA, Wallace/Arquivo Pessoal. Muriçocas e percevejos: homem em situação de rua mostra as marcas dos insetos, após ficar num abrigo da Prefeitura de São Paulo, no dia 3 de abril de 2022.

(Figura 51) – GOVERNO DE SÃO PAULO/Reprodução. Os primeiros representantes do centro de contingência de São Paulo com especialistas em saúde para ajudar Doria a tomar decisões. Com o agravamento da pandemia, o número foi sendo reduzido. SINESP. Decreto Estadual nº 64.994, de 28/05/2020 - dispõe sobre a medida de quarentena de que trata o decreto nº 64.881, de 22 de março de 2020, institui o “Plano São Paulo” e dá providências complementares. SINESP. São Paulo, 28 maio.2020. Disponível em: <<https://www.sinesp.org.br/legislacao/saiu-no-doc-legislacao/9960-decreto-estadual-n-64-994-de-28-05-2020-dispoe-sobre-a-medida-de-quarentena-de-que-trata-o-decreto-n-64-881-de-22-de-marco-de-2020-institui-o-plano-sao-paulo-e-da-providencias-complementares>> Acesso em: 7 out.2025.

(Figura 52) - LARA, Wallace/Arquivo Pessoal. Com apoio de Doria, Bruno Covas, do PSDB, toma posse do segundo mandato na Prefeitura de São Paulo. Ele morreria cinco meses depois (16 maio. 2021) de câncer deixando o cargo para o vice, Ricardo Nunes, do MDB. Doria participou de maneira virtual para evitar as aglomerações.

(Figura 53) – ALVES, Joédson/Agência Brasil. A *Constituição Federal*, de promulgada no dia 5 de outubro de 1988 apud BRUM, Gabriel. *Constituição Federal* brasileira completa 35 anos. 5 out.2023. **Rádio Agência – Agência Brasil**. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/politica/audio/2023-10/constituicao-federal-brasileira-completa-35-anos>> Acesso em: 9 out.2025.

(Figura 54) - CAMPANATO, Valter/Agência Brasil. O ex-presidente da República, Fernando Henrique Cardoso (PSDB) apud BOCHINI, Bruno. Ex-presidente FHC fratura o fêmur e é internado em São Paulo. **Agência Brasil**. São Paulo, 12 mar.2022. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2022-03/ex-presidente-fhc-fratura-o-femur-e-e-internado-em-sao-paulo>> Acesso em: 14 nov.2025.

(Figura 55) - DIAS, Wilson/Agência Brasil. Fernando Henrique Cardoso observa Lula e o vice José de Alencar subirem a rampa do Planalto. Posse ordeira e democrática em 2002 *apud Memorial da Democracia*. O metalúrgico chega à Presidência do país. 1º já.2003. Disponível em: <<https://memorialdademocracia.com.br/card/um-operario-na-presidencia-da-republica>> Acesso em: 9 out.2025.

(Figura 56) - CAMPANATO, Valter/Agência Brasil. Doria anuncia sua desistência da candidatura à Presidência da República *apud* CRUZ, Elaine Patrícia. João Doria anuncia que não vai disputar eleições presidenciais. **Agência Brasil**. São Paulo. 23 maio.2022. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2022-05/joao-doria-anuncia-que-nao-vai-disputar-eleicoes-presidenciais>> Acesso em: 29 set. 2025.

(Figura 57) – EISENSTAEDT, Alfred. O ministro da propaganda de Hitler, o nazista Joseph Goebbels. 1933 *apud* BAZI, Daniela. Alfred Eisenstaedt: o judeu que capturou em imagem a ira de Joseph Goebbels. **Aventuras na História**. São Paulo, 31 jul.2020. Disponível em: <<https://aventurasnahistoria.com.br/noticias/almanaque/alfred-eisenstaedt-foto-joseph-goebbels.phtml>> Acesso em: 9 out.2025.

(Figura 58) – CRUZ, José/ Agência Brasil. Zé Gotinha, símbolo da vacinação nacional. Zé Gotinha participa de desfile do Dia da Independência. **Agência Brasil**. Brasília (DF), 7 set. 2025. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/foto/2025-09/desfile-do-dia-da-independencia-1757262492-1>> Acesso em: 9 out.2025.

(Figura 59) – DUKE (Chargista). Charge satírica retratando o presidente Jair Bolsonaro oferecendo cloroquina a uma ema, em referência a episódios ocorridos durante a pandemia de Covid-19. 24 jul. 2020 (on-line) *apud* OLIVEIRA, Alessandra Nunes de; CASTRO, Jetur; SANTOS, Luiz Cezar Silva dos. Charges: um documento visual ácido: uma análise crítica do discurso das falas do presidente Jair Bolsonaro e a Covid-19. **Encontros Bibli** 28. Florianópolis, v. 28, 2023. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis (SC), 2023. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/eb/a/vdQJKChy6YGBtNzqXQbxd7Q/?lang=pt>> Acesso em: 29 set.2025.

(Figura 60) – POZZEBOM, Fábio Rodrigues/ Agência Brasil. O pastor Silas Malafaia *apud* FERREIRA, Luís Cláudio. “Eu sou um líder religioso, não sou bandido”, diz Malafaia. **Agência Brasil**. Brasília, 20 ago. 2025. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/justica/noticia/2025-08/eu-sou-um-lider-religioso-nao-sou-bandido-diz-malafaia>> Acesso em: 9 out.2025.

(Figuras 61 e 62) – GOVERNO DE SÃO PAULO/Reprodução. (61) *Post* do Governo de São Paulo no Facebook. (62) Comentários de algumas pessoas abaixo do *post* do governo de São Paulo no Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/governosp/posts/fiqueemcasa%EF%B8%8F-respeite-o-distanciamento-social-e-siga-as-orienta%C3%A7%C3%B5es-do-governo-d/10158490807068653/>> Acesso em: 9 out.2025.

(Figura 63) – DIVULGAÇÃO. Andrew Wakefield - venerado pelas pessoas que são contra a aplicação da vacina, ele teve o registro cancelado em 2010, pelo Conselho Médico Britânico *apud* O GLOBO Saúde. Os passos do movimento antivacina pelo mundo. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/saude/os-passos-do-movimento-antivacina-pelo-mundo-21396356>> Acesso em: 10 out.2025.

(Figura 64) – GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO/Divulgação. João Doria, o porta-voz, em coletiva no Palácio dos Bandeirantes (São Paulo – SP) *apud* HOFFMAN, Bruno. Doria quebra silêncio sobre a pandemia e relembra embates e legado da vacina. **Gazeta de São Paulo**. São Paulo, 11 mar.2025. Disponível em: <<https://www.gazetasp.com.br/politica/doria-quebra-silencio-sobre-pandemia-relembra-embates-legado-vacina/1152485/>> Acesso em: 29 set.2025.

(Figura 65) – X/INSTITUTO BUTANTAN. Selo da campanha virtual criada pelo Instituto Butantan e pelo governo de São Paulo: “Fake News também é vírus.” Disponível em: <<https://x.com/butantanoficial/status/1415109476559081477>> Acesso em: 14 nov.2025.

(Figura 66) - KONDZILLA/Divulgação. MC Fioti no Instituto Butantan *apud* G1. MC Fioti lança clipe de nova versão de “Bum Bum Tam Tam” em homenagem à vacina CoronaVac. São Paulo, 23 jan.2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/2021/01/23/mc-fiotti-lanca-clipe-de-bum-bum-tam-tam-em-homenagem-a-vacina-coronavac.ghtml>> Acesso em: 18 ago.2025.

(Figura 67) - MUSEU DE MEMES/Reprodução. “Meme” sobre virar “Jacaré” apud MUSEU DE MEMES. Se tomar a vacina vai virar jacaré. Disponível em: <<https://museudememes.com.br/collection/se-tomar-a-vacina-vai-virar-jacare>> Acesso em: 10 out.2025.

(Figura 68) - LARA, Wallace/Arquivo Pessoal. Inauguração do Hospital de Urgência em São Bernardo do Campo: dos 80 leitos da UTI, apenas 40 tinham respiradores.

(Figura 69) - SINDICATO DOS FUNCIONÁRIOS PÚBLICOS MUNICIPAIS/Divulgação. Sepultadores da Prefeitura de São Paulo enterram primeira pessoa do dia, às 8h15 de uma segunda-feira (11 maio.2020).

(Figura 70) – INSTITUTO BUTANTAN (INSTAGRAM)/Reprodução. A entrevista de Tarcísio Filho foi reproduzida na rede social do Instituto Butantan. **Instituto Butantan (Instagram)**. Disponível em: <<https://www.instagram.com/reel/CSplHFgNnnc/>> Acesso em: 11 out.2025.

(Figura 71) - LARA, Wallace/Arquivo Pessoal. Lave as mãos. Pia móvel instalada pela Sabesp (na época, não havia sido privatizada) na área de saída do Hospital de Parelheiros, na Zona Sul de São Paulo.

(Figura 72) - LARA, Wallace/Arquivo Pessoal. junho de 2021: na avenida Paulista, enquanto algumas pessoas de máscaras caminham, um reciclador puxa a carrocinha com a bandeira americana: de um lado a doença, do outro a miséria.

(Figura 73) - LARA, Wallace/Arquivo Pessoal - Na periferia de São Paulo, o registro das mãos de crianças e adolescentes numa bandeira do Brasil desbotada. Milhares ficaram sem aulas na rede pública, aumentando a diferença para os alunos das escolas particulares.

ANEXOS

Entrevistas individuais

Entrevistado: J1

1. Você se lembra quando você ouviu a primeira vez a palavra “*fake news*”?

J1- Ai, Wallace, não me recordo de verdade. Se eu te falar, eu estarei mentindo. Na verdade, para mim, o *fake news* entrou para a pauta justamente nessa questão aí...na pandemia foi muito forte isso.

2. Na faculdade de Jornalismo que você cursou, o uso da desinformação chegou a ser estudado?

J1- Muito pouco, né? A gente vinha, o jornalismo era pautado como a informação. Não falávamos de desinformação, falávamos de informação, informar, esclarecer, trazer a informação fiel. Mas a palavra, desinformação, não entrava na pauta naquela época.

WL - Não se não se imaginava que iria virar isso, né?

J1 - Não. Porque o jornalismo era algo respeitoso. As pessoas tinham respeito pelo papel do jornalista, a pessoa que escrevia, que trazia notícia, que esclarecia. Hoje a nossa profissão está bastante desrespeitada. Até porque tem muita informação equivocada. Que são alimentados por verbas, não é? Que acabam tendo alinhamentos. Fora ali da conduta, a meu ver. E a gente sabe disso.

3. Algum momento você achava que o uso da desinformação poderia ser utilizado contra a ciência?

J1- Porque assim como a figura do jornalista, “né”? A ciência, a gente estava falando sobre pesquisadores, sobre saúde, onde se tinha respeito. Era acima de qualquer valor. Estamos falando de ciência de saúde, de pesquisa, de tratamento, de vacinas, de combate às doenças. Então essa é uma pauta que beneficia todos. Ninguém sai perdendo, quando falamos de ciência, de saúde, é para todo mundo sair ganhando. As pesquisas, elas vêm para trazer novos medicamentos, vacinas e estudos. Que são desconhecidos e com isso você tem sobrevida para doenças, para determinados tipos de doenças, você começa a ter tratamento, então isso para mim, não só como profissional, mas como ser humano é inquestionável.

4. Na pandemia, quando você teve contato pela primeira vez com a desinformação contra as campanhas de prevenção?

J1- Foi ali no diagnóstico que fizemos monitoramento de redes sociais para entender o que estava sendo dito, o que as pessoas estavam falando. Porque ali é um celeiro de informações, que a gente se deparou com essa informação. Porque até então, quando eu não estava ainda mergulhada nesse universo da saúde, eu era só jornalista e estava acompanhando o noticiário. Foi a primeira vez que eu trabalhei na minha jornada profissional, na minha carreira com saúde. Aí eu não tinha um histórico anterior de ter passado por algum outro lugar ou ter trabalhado para alguma “farma”. Não, eu era “zerada” nesse histórico de saúde.

WL - Imagina o seu choque, não é?

J1- Eu caí. Na verdade. Uhum, justamente por conta da pandemia que o mundo parou, a economia parou, então tinha uma série de questões sociais ali, envolvidas, que estavam sendo prejudicadas, movimentos, uma série de coisas. Então assim, eu fui envolvida neste primeiro universo social, “né”? No digital e entendendo ali o mundo digital. Como funcionava e fiz a assessoria desse movimento.

WL - E tinha muita gente na sua equipe?

J1- Tinha por que a gente faz assim, né? Tinha um planejamento ali, uma base para seguir de algumas datas específicas de coisas que a gente soubesse que ia acontecer e o resto era “dedo no pulso”. Era orgânico, porque a rede é viva, né? Rede social é algo muito vivo. Não é aquele tempo de espera. E aí quando a gente trouxe esse diagnóstico do que estava acontecendo. Enquanto eles estavam nos pedindo para dar um suporte para as redes sociais para falarmos sobre o projeto Serrana, que era a vacinação em massa dos moradores dessa cidade do interior. E trouxemos ali um outro cenário para eles, que era muito forte, que era essa questão. Era uma guerra de narrativas e não de conteúdo. Um alto número de menções negativas. Falta de informações sobre vacina. Até então todo o mundo conhecia o Butantan pelas cobras e soro. Ninguém sabia. Muita gente não sabia que o Butantan era um instituto que produzia muitas vacinas, inclusive distribuídas pelo SUS. Muita gente não sabia o papel que o Butantan tinha. Esse legado de 120 anos. Quando a pandemia aconteceu ali, o Butantan estava completando exatamente 120 anos. Então era um desconhecimento. O preconceito contra o mercado chinês que logo veio, né? Aquelas manifestações, eu não quero “vaChina”, “né”? Aqueles memes e os trocadilhos. E uma disseminação muito forte de *fake news*.

Então a nossa orientação foi: para tudo. Antes de falar de projeto Serrana, de vacinação de uma cidade inteira, para ver como o vírus se comportava por meio dos *clusters*, tínhamos de ter um outro direcionamento. Que antecedendo este momento, que foram uns três meses, quase três meses para a gente pegar ali as emergências. Que dentro das emergências, o principal era a disseminação de *fake news*. A gente precisava criar uma campanha de combate à *fake news* para informar a população do que era ou não verdade. Falar sobre vacina, porque as pessoas não tinham informação. E aquelas dúvidas... Quando a gente falava, está vindo da China, pessoal acha que envasa vacina. Eu brincava, não é? Tipo, você pega uma jarra e vai colocando aquela coisa caseira e não é dessa forma. Sim e aquelas cobranças com datas, entregas etc., tudo aquilo acontecendo, tudo ao mesmo tempo.

Então a gente tinha um grande incêndio para apagar e eu acho que o principal incêndio era o *fake*, porque às vezes estamos nesse mundo. Principalmente a gente que está em São Paulo. Não sabemos que às vezes lá em Cabrobó (PE) tem um nano influenciador de uma cidadezinha minúscula, mas que ele causa ali um dano gigantesco. Você entende? Ele estava ali fazendo uma *fake news* que nasce ali e que vai se reverberando. E que vai multiplicando muito rapidamente. Então com o monitoramento, que são softwares específicos, que monitoram por palavra-chave que ficam ali buscando tudo isso e trazem essas informações, conseguimos chegar em todos os lugares.

E tivemos questões de que “virou uma fábrica de dinheiro”. Aquela questão de imunidade, aqueles testes de vacina que as pessoas iam para os laboratórios e não tinha, de comprovação nenhuma científica. De que as pessoas iam lá e pagavam do próprio bolso lá uma

fortuna e faziam aquele teste pós-vacinação. Três semanas depois para ver como é que estava a imunidade. E eu cheguei a desmentir *fake news* de médico em rede social que ia lá com o exame e ficava lá bradando: “Olha aqui, ó. Eu tomei essa vacina! Eu tomei essa “vacinina”, essa “vaChina”. Olha aqui ó, o meu teste de imunidade e não deu em nada!”

Sabe, essas coisas. E isso tem um alcance gigantesco porque as pessoas não checam as informações. Eu cheguei dentro do Butantã a ter uma fala dentro de um *workshop* que ocorreu para jornalistas da América Latina. Eu não lembro qual foi a grande “farma” que promoveu. O gestor na época da comunicação pediu que eu fizesse ali uma parte para falar da *fake news*. Por causa da força que isso tinha. E eu quando comecei a falar, eu perguntei assim: “Quem aqui? Quem não recebeu no WhatsApp no grupo da família com uma *fake news*, levanta a mão quem não recebeu. Ninguém levantou a mão, porque todo mundo recebia da própria família.

Eu tenho uma irmã, por exemplo, da área da saúde. E que ela vinha às vezes com narrativas que eu ficava horrorizada. E eu falava, não para isso, não é verdade? Você entende então a força que isso tem, não é? Porque vem uma pessoa leiga e eu sou jornalista. No final, todo mundo virou cientista, porque todo mundo entendia de vacina como ninguém. Vacina virou conversa de mesa de bar. “Ah, sabe aquela coisa que todo mundo senta no bar e discute?” Tudo bem que estava tudo fechado e ninguém ia para o bar. Mas a pauta o tempo inteiro era a vacina, qual era a melhor e todo mundo sabia qual era a melhor. Porque era essa e não aquela? Essas restrições. Era surreal, “né”? Então.

5. Das mentiras que foram lançadas contra as campanhas de prevenção e de vacinação, quais foram as mais marcantes?

J1- Hum, tem tantas.

WL - Teve alguma que ficou lá na sua cabeça assim, tipo assim, “pô”, essa deu trabalho que enfim, que colou mais rápido, que que foi mais marcante?

J1- Para mim é. A gente tinha. Eu acho que essa do médico me chamou muito a atenção. Ele gravou um vídeo, foi lá e postou. Inclusive, eu tenho um vizinho médico, médico do Einstein. Ele é clínico, médico de família e ele tem especialização, é. Na parte pulmonar, né? E ele lançou agora um livro muito bacana, onde traz *cases*, histórias. E eu conversando com ele, ele virou para mim, em uma roda de amigos, falou assim: “Qual é a profissão que ninguém questiona?” O médico fala para você, você vai lá no consultório e manda você tirar a roupa que ele vai te examinar e você tira.... Você nunca viu aquele cara? Depois que ele falou isso, falei: “Caramba, “né”? É verdade, a gente nem para pra pensar...

WL - Então para você, as mais marcantes foram aquelas que foram feitas por pessoas da medicina?

J1- Foram por pessoas da medicina que falavam asneiras. Outra que foi muito forte foi daquele pastor, bispo. Como que ele chama? É, ah, tem, tem várias. Quer dizer, “ó”, vou ler algumas aqui pra você que eu tenho uma lista.

J1 - Resumidamente: seriam pessoas como você, das áreas da medicina e religiosos. É que era bastante delicado. A gente desmentia esse pastor de uma de uma grande igreja, que tem milhões de seguidores. Milhões. É ele falando lá que a população do Chile tinha se vacinado e um monte de gente tinha morrido... um absurdo. E tipo: “Olha, quem está tomando essa vacina?” CoronaVac lá no Chile, está todo mundo morrendo. É que eles não contam: “blá,blá,blá”. E aí

eu tive de levar isso para o jurídico do Butantan. Eu cheguei e falei. Era mexer com uma pessoa que tinha um grande alcance em rede social, que tem esse poder aí. A parte religiosa, que pega ali no cerne de muitas pessoas.

WL - Olha, eu “tô” olhando aqui tem uma matéria no Globo sobre Davi Goes e o outro sobre Silas Malafaia.

J1- O Malafaia. Você veja aí quantos milhões de seguidores esse cara tem. O impacto que é da fala dele. Das pessoas ali, dos beatos que acreditam fielmente naquilo. E aí eu levei para a minha gestora. Eu falei: “Olha, gente, isso aqui é muito grave. Ele está falando isso sobre o Chile, que não é verdade. E a gente precisa desmentir...” A gente imprimia, deixava registrado, foi pra rede social. Você pensa que ele parou, “né”? Ele foi lá no *post*, comentou que a gente era mentiroso. Ele ainda foi ousado.

Esse foi um caso para mim, que me impactou, que marcou, porque a força que uma pessoa dessa tem de fala, o público que ela atinge em massa e a pessoa ali propagando uma mentira.

Então isso vai tendo um efeito. E aí todos as ovelhas, vão falando, olha porque o pastor disse que essa vacina aqui é ruim. Olha que estão morrendo e isso vai ganhando uma força, é assustadora realmente. E o impacto que isso causa, na vida das pessoas. Então é tudo isso. Tínhamos esse diagnóstico. E ação. Qual era? Qual era a orientação? Era assumir o controle da narrativa nas redes sociais.

Interagindo com todos os comentários. Então eu tinha uma equipe de social que não era *bot*. Não tínhamos *bot*. Tínhamos um time só de interação, de *communities* que respondiam aos *posts*, trazendo ali um “FAQ (*Frequently Asked Questions* – Perguntas Frequentemente Perguntadas) já direcionado. Quando a gente via que tinha muitas dúvidas, tínhamos “FAQs” já específicos, onde esse time de *communities*, personalizava as respostas ali pra eles entenderem que não era um *bot*, que estava interagindo, ali era uma pessoa. E acabamos virando notícia também em um monte de lugares, porque as pessoas diziam: “Caramba, o Butantan me respondeu!” E aí também acabamos sendo mencionados, matérias direcionadas a isso...do nosso cuidado, do controle de tentar ter um ambiente mais controlado, diante daquele caos todo. Ampliar o contato com a imprensa. É que o que estávamos trazendo ali, que a imprensa disseminasse. Então quando eu falo assim, que fizemos um trabalho na rede, mas obviamente que impactou na imprensa, porque aí a imprensa vinha e reverberava aqueles *posts*. Trazia a notícia falando: “Olha, isso aqui é *fake news*.” O Butantan desmentiu... isso não é verdade. E aí, às vezes queriam entrevistar alguns pesquisador ou cientista envolvido naquilo para explicar melhor em detalhe.

Outra *fake news* muito forte, eu acho que vale mencionar também, que eu acho bacana. A gente tinha em média 8 mil menções, 8 mil interações nos nossos *posts*. No período da pandemia é muito. Aí você já respondia 8 mil? Não, porque você começa respondendo às primeiras e automaticamente as pessoas vão se marcando ali. Quando alguém vem, pergunta algo, o próprio seguidor vai lá e marca a pessoa ali em uma resposta que ela estava em dúvida. Então acabamos criando, a gente brincava que eram os nossos *butan lovers*...nas nossas redes sociais. Eu meio que estabeleci que no Instagram tínhamos os *butan lovers*...ali era um público fiel. Quando alguém vinha atacar o Butantã, eles mesmo já partiam para a defesa. Não

precisávamos mais responder, eles já sabiam o que responder, porque eles seguiam fielmente a gente.

Eu digo que no Facebook tínhamos os “Minions”, que era os “anti-vax”, né? É, os bolsonaristas estavam muito fortes lá, era uma identificação grande. Tinha aquela mulher que dizia que a vacina tinha imã, que era uma sulista, acho que ela era de Porto Alegre, que pôs vídeo: “Olha aqui meu braço.” E ela colocava uma moeda que se fixava no braço. Foi bizarro, “né”? Foi no Facebook que aquilo começou. Eu brincava que na época era o Twitter, que hoje é o X, era a “faixa de Gaza”. Porque ali é Terra de ninguém, “né”? Ali escreve o que quer, diz o que quer, fala o que quer. Então o que que a gente precisava é ampliar esse contato com a imprensa, que a imprensa fosse um braço nosso, para ajudar nesse alcance também. Fora das redes, chegar a notícia verdadeira, o aumento de postagens destacando o trabalho dos pesquisadores do Butantan, mostrando a seriedade, o legado de 120 anos, que não era um lugar só de cobra, de soro. A gente era o maior produtor de imunobiológicos da América Latina.

6. Quais foram as estratégias que vocês utilizaram para desmentir as mensagens enganosas?

J1- Eu acho que criar uma campanha de combate à *fake news* foi o maior feito de todos, porque tínhamos uma identidade. Criamos uma identidade visual para essa campanha dentro das redes que era a assinatura, que “*fake news* também é vírus”.

7. O que funcionou?

8. O que não funcionou?

J1 – O que funcionou foi a campanha “*Fake news* também é vírus”. Era o antídoto ali emergencial, para quando surgir uma notícia mentirosa. Que íamos lá e desmentíamos e pronto. E aí você começava a conter aquilo. E o segundo aspecto é trabalhar com a informação, é trazer esclarecimento para a população.

Que aí entre as ações, entra esse aumento de postagens destacando o trabalho dos pesquisadores do Butantã. A popularização do instituto, foi orgânico aquilo que aconteceu com o M Fioti, que era a vacina do *Bum Bum Tam Tam*. O funk dele e que virou a vacina do Butantã. E aí isso nasceu naturalmente. As pessoas começaram a se vacinar e começaram a colocar essa música de fundo. E aí tudo cresceu e ele mesmo se surpreendeu porque foi do “dia pra noite”, assim que voltou, essa música dele no auge. E ele falou que ia fazer uma versão então específica para a vacina. E ele fez. E junto com isso veio a ideia então de ele gravar o clipe dessa música dentro do instituto. E teve uma mobilização ali. Então foi tudo meio que acontecendo quase que organicamente. A história de aí quando traz ele, você também populariza aquilo para as crianças. Porque a gente o levou para um evento depois, já fora da pandemia, com escola de rede pública lá no Butantã, você precisa ver o fascínio que as crianças têm com ele. E quanto isso impacta, né? E se aproxima da população mais jovem, das crianças, você traz conhecimento.

Então a popularização do instituto naquele momento foi orgânica, associando-se a um artista do funk. A ciência parece meio inatingível, que é só para os Ph.Ds, né? E, aí que eu comentei. A ciência virou assunto de mesa de bar, todo mundo sabia as vacinas, como fazia, todo mundo virou um pseudocientista. E aí começou a fortalecer e reforçar a credibilidade do instituto junto aos seus parceiros, mostrando, por exemplo, que a Sinovac, não era uma parceria

nova. O Butantan, já tinha, como tem com outras grandes “farmas” e laboratórios nesse desenvolvimento de vacinas. De formar parceira. Não era assim: “Ah, descobrimos esse laboratório aqui lá na China. Um qualquer e pronto, resolve. E contestar e responder todas as notícias falsas.

Outro: *fake news* que vale a pena responder, que eu acabei falando das interações. A média diária era de 8 mil menções. Tínhamos um time de *communities* que se revezava. O turno era direto de 24 horas, mas iam se revezando para poder responder àquela demanda, aquele volume. Eram 24 horas, o turno era direto. Tínhamos as escalas - é porque - as equipes se revezavam, entende? É como a fábrica de vacinas, ela não parava, era 24 horas, tinham os turnos. Tínhamos a equipe dividida em turnos que atuavam- aí uma *fake news* que foi também.

WL - E quantas pessoas eram?

J1 - Agora era um “timão”. Aí eu não vou saber se precisar, se você colocar, vai ser complicado. Só porque era um era um time que conseguia dar conta daquilo, mas era um volume grande. E aí o que que acontece? Aí vem a morte do Tarcísio Meira. Esse dia...nós recebemos quase 53 mil menções neste dia neste único dia, quando foi anunciada a morte dele. Porque todo mundo falou, porque ele tinha tomado CoronaVac, ele e a Glória Menezes. E aí todo mundo falou: está vendo por que essa vacina é uma porcaria? Ele tomou e morreu, “tá”? E aí, como que a gente vai explicar para as pessoas que não é a vacina?

Aí vem as situações inusitadas e orgânicas que nos salvavam. E a gente aproveitava todas as oportunidades, “né”? Aí o filho, o Tarcísio Filho, foi no *Fantástico*. Porque foi uma comoção nacional. O Tarcísio Meira morreu e ele fala que a CoronaVac foi uma grande vacina e que salvou a mãe dele, porque o pai e a mãe tinham tomado a mesma vacina. Mas o pai tinha comorbidades, “né”? E que o pai dele foi fumante uma vida inteira. Que o pai dele tinha outros problemas de saúde. Parece que na época, o pai se expôs em alguma situação de vulnerabilidade ou saiu, alguma coisa assim, “né”? Naquele período de reclusão...

O depoimento dele ali no *Fantástico* é, ele inclusive, agradecia à vacina porque ele estava com a mãe dele viva. E aí obviamente que pegávamos essas situações, tirávamos esses trechos e trazíamos para as nossas redes sociais. Imediatamente conseguíamos abrir um canal em alguma emissora de TV. A gente falava, tem um pesquisador que vai explicar que não é a vacina que matou o Tarcísio Meira. É, a questão dele é outra. Então éramos muito rápidos. Tinha de agir muito rápido, não só em rede social, porque a velocidade em rede social é enorme. Chegar em todos os canais possíveis. Então vamos para a Record News. Não conseguimos entrar na GloboNews agora? Ah, vamos entrar em contato agora, com a Record que jornal que está agora? Nesse momento entrávamos, a imprensa já vinha, pegávamos a nossa pesquisadora que estava em toda a história das vacinas, para vir, explicar e desmistificar. Aí esse programa, essa entrevista virava um recorte para a rede social também. A Ana Maria Braga falando. que tomou a CoronaVac. Outro recorte, porque isso ajuda a disseminar a notícia correta.

WL - Agora, o que você acha que não funcionou? Aí nós já estamos tendo uma pergunta “8” aqui.

J1- Até para complementar, Serrana, O que aconteceu com Serrana só para você entender: tinha uma grande preocupação de chamar a população que estava servindo de cobaia. O que que aconteceu? Foi um sucesso, inclusive teve um *boom* imobiliário na época em Serrana. Serrana é uma “cidade dormitório” que servia de dormitório para as cidades vizinhas

da população que trabalhava na região e no entorno. Eles tiveram um *boom* imobiliário. As pessoas querendo alugar casas lá para ter lá o registro do imóvel para poder tomar a vacina antecipadamente, porque naquele momento só estavam tomando os profissionais de saúde ainda. Que estavam recebendo a vacina em “primeira mão”. Depois que vieram as pessoas com comorbidades, os idosos separados por faixa etária. Foi um sucesso e a gente só teve um lábator de bumbo tentando causar. Veio toda a imprensa internacional correspondente para fazer o registro da vacinação de Serrana.

WL - Mas o que que não funcionou?

J1- Nesse momento, eu não consigo lembrar de nada que não tenha funcionado. Eu acho que como notícia, como informação, não teve nada que não funcionou. Eu acho que o que ficou muito claro era que tínhamos informações confiáveis. A disseminação das notícias falsas nas redes sociais foi enfrentada com informação científica confiável. Era essa a nossa premissa. E aí teve um *boom* que eu peguei essa rede com 8 mil seguidores e chegamos a 1 milhão de seguidores em nove meses. Organicamente nunca impulsionamos nada ou botamos um centavo em nada para ter um maior alcance das notícias.

WL - Você fala quando você fala esse número de 1 milhão em todas as plataformas, é isso, somando Instagram, Facebook?

J1- Não só de pessoas, não. E se for somar todas, é muito maior esse número. Tivemos isso só no Instagram. Isso em exatamente nove meses. Tínhamos uma rede de pouco mais de 8 mil seguidores que chegou a 1 milhão de seguidores em nove meses. Sem impulsionamento, tudo organicamente.

9. Quais foram os dias mais difíceis de trabalhar com as mensagens de desinformação?

J1 - Ah, eu acho esse dia do Tarcísio foi extremamente difícil. O primeiro ano de pandemia eu praticamente trabalhei de segunda a segunda-feira. Eu ficava no final de semana em casa, mas era em casa “meio que de plantão”, entrava *fake news*. Para tudo acionava a criação. Tínhamos de fazer um *post*, podia ser qualquer horário, a qualquer tempo. Então a gente ia, era eu e a equipe. Quando Doria fechou, né? Novamente tudo em março de 2021. Novamente com um longo tempo fechado.

A agência também fechou e o time foi para casa. E fiquei direto no Butantã... O fluxo de trabalho mudou completamente quando eu fiquei presencial no Butantã, porque era ali que tudo acontecia. Ali saía dose de vacina. Noticiávamos na rede: “Olha, tantas mais doses. Tem mais vacinas saindo, sendo distribuídas.” E o Doria ia lá três vezes por semana, 8 horas da manhã já ele estava lá saindo com a dose coletiva. Então era assim: eu trabalhava 12, 14 até 16 horas por dia. Foi direto, finais de semana...teve um dia que eu estava indo visitar o meu pai, era aniversário dele e era um sábado ou domingo. Entrou um *fake news* e eu parei tudo. Eu não visitei meu pai. Eu parei ali e fiquei trabalhando.

E então assim, eu acho que esse dia do Tarcísio foi pesado, porque veio uma série de acusações sobre a vacina. Sempre que morria alguém famoso. Era pesado. Quando o Doria se contaminou pela segunda vez. Ele estava vacinado com a CoronaVac, porque sabíamos que vinha ataque pesado dali. É porque sabíamos que já vinha uma avalanche de ataques e que a gente ia ter de trabalhar pesadamente em cima daquilo para desmentir, para combater toda aquela desinformação.

Quando o Silvio Santos também ficou internado...são figuras públicas muito marcantes. Imagina se o Silvio Santos tivesse morrido de coronavírus, tendo sido vacinado com a CoronaVac, então? Essas situações que deixava a gente muito apreensivo. Nos bastidores ficávamos desesperados porque sabíamos a força que isso tinha.

10. A perda de colegas durante a pandemia somada a onda de desinformação lhe trouxe algum tipo de trauma? Você chega a pensar em tudo o que passou? Faria algo diferente?

(J1) - Eu perdi um colega direto de trabalho ...(suspira) Ele era meu *videomaker*. Ele era jovem, ele tinha 37 anos, ele era do nosso time. Foi a pessoa assim mais próxima que eu perdi. Eu, por sorte, graças a Deus, não perdi nenhum parente, eu não perdi ninguém da minha família. Ele ficou meses internado, infelizmente jovem, um menino talentosíssimo. Eu tenho ainda muitos registros que ele fez de mim trabalhando ali, a gente junto acompanhando a coletiva. Produção de *posts*, foi muito duro, “né”? A gente perdeu uma pessoa do nosso time.

Dentro do Butantan não convivi, mas teve uma pessoa ali também da equipe científica, que morreu. Então para eles foi muito forte aquilo. Eu não tinha convivido com aquela pessoa. Eu perdi, mas assim, eu tenho uma amiga muito próxima que hoje eu convivo com ela, eu trabalho diretamente com ela. E ela perdeu o marido com 48 anos, dois meses depois que teve Covid porque vira uma “panela de pressão”. Ele teve um AVC fulminante, provavelmente foi um “trombo” ali, que ele teve Covid leve, ele deve ter tido um trombo que ficou circulando no corpo dele. E aí veio um AVC fulminante. Eu, penso assim, que foi uma pena. Foi uma pena a gente não ter tido a vacina muito antes, como vários países tiveram. O caso das tratativas com a Pfizer, é um grande exemplo disso. Essa vacina poderia ter chegado muito antes da população e certamente a gente não teria mais de 600 mil pessoas perdidas, 600 mil vidas perdidas.

E tudo começou a ser tratado com normalidade. Quando tínhamos aqueles índices de pessoas morrendo em um dia ali, em um volume. Eu não lembro assim. Quando acho que morreram 10 mil pessoas em um dia, eu não lembro que foi algo assim.

É, aquilo foi também pesadíssimo. A situação, a gente vendo as pessoas sendo enterradas daquela forma, brutal. As pessoas não puderam se despedir dos seus entes, as pessoas não tinham caixão, a crise sanitária depois, não tinha oxigênio. Tudo isso era muito pesado. Muitos questionam a eficácia da CoronaVac: “Ai, que essa ‘vacininha água com açúcar’”. Eu falo assim: ainda bem que tínhamos essa vacina. Independente da questão política. Eu não sou direita, eu não sou esquerda. Eu estou ali “meio que no meio ainda”. Tenho minhas opiniões. É contra ambas os lados, mas o que eu quero dizer, esquece os lados e vão falar da saúde, de vidas.

Não fosse o Doria...muito mais gente tinham morrido. Eu tenho uma série de coisas para dizer. Eu acho o Doria “super marqueteiro”, eu acho muito complicado a forma como ele também se posicionou ali. Tanto que a rede do Butantã, ela era isenta. A gente nunca trouxe nada do Doria, a gente evitava qualquer fala, associação, ligação. A gente fez um trabalho muito autônomo ali.

Sabe de informação, de ciência. A gente obviamente divulgava as saídas de dose. Ele vinha de manhã, fazia ali a coletiva, mas evitávamos a imagem dele nas redes porque a sabíamos que tinha uma narrativa política ali. Era uma guerra, mas tentávamos ser isentos para levar para a população informação.

WL - Quer dizer, essa questão do marketing, essa questão do marketing, o “Plano São Paulo”, vocês saíram disso?

J1- Não, a gente nunca. Tanto que o mérito é todo o Doria. Foi ele que “peitou” e falou: “Ah, o governo federal não vai trazer vacina?” Então eu vou trazer por São Paulo a vacina. E isso é todo um mérito do governo estadual de São Paulo, isso ninguém pode negar. Gostem ou não do Doria e falando não de política, mas falando de atitude. Tudo que ele teve ali. uma atitude que salvou milhares de vidas. Porque quantos meses depois que a que a Pfizer chegou? Chegou muito tempo depois. E foi a CoronaVac, que meio que ali “salvou de largada” uma situação.

Se tivesse sido tudo feito de mãos dadas, com a união, com as pessoas, teria morrido muito menos gente, eu imagino. A vacina teria chegado muito mais cedo para a população. E isso chocava, a questão de saúde.

Eu trabalhei na pandemia, um monte de gente morreu. Esse cara (Bolsonaro) esnobou a vacina, ele não trouxe a vacina, ele não fez o papel que ele tinha de fazer pela população naquele momento de pandemia. Eu não posso, eu não posso aceitar isso. Eu vi gente morrendo, eu vi, eu fiquei, eu acompanhei a vacinação dos profissionais de saúde dentro do Emílio Ribas, dois dias direto, né? O trabalho que todo mundo fez, todo mundo se doou. Eu não posso. Tem uma questão minha, pessoal aí.? Eu trabalhei, todo o mundo “arregaçou as mangas”, pelo menos onde eu estava ali dentro do departamento de comunicação do Butantan, virou quase que uma agência. Porque a gente tinha ali.

WL - E uma coisa é contar...outra coisa é você ver...

J1- Exato. Eu tenho um amigo que é um executivo hoje de comunicação, de um grande grupo nacional e ele falou: “Olha que coisa, né? O Doria trouxe a vacina. E ele foi execrado da campanha para presidente. E o governador na época do Rio, não me lembro o nome, que não fez nada, ganhando o primeiro turno, a eleição. Sabe algo meio assim em paralelo, que é muito doida a política, né? É muito maluco, gente, foi o cara, ninguém pode negar. O Doria “bateu de frente” e trouxe a vacina. Dentro da própria ciência tem profissionais que questionam: “Ah, mas a CoronaVac, ‘água com açúcar’, essa vacina”? Não importa. Era o que tínhamos naquele momento. O que podia ser feito. Eu me contaminei na pandemia e eu passei para o meu marido e para o meu filho.

Meu marido ficou 17 dias na UTI, porque ele tinha comorbidades. Então quando víamos alguém que se contaminava, a gente se doía muito, não só por parentes, mas colegas de trabalho, quando sabíamos de alguém que estava... isso mexia muito conosco. Porque foi um trabalho coletivo, que ninguém mediu esforços. Tempo de trabalho, eu pelo menos me joguei naquilo. Eu falo que foi um privilégio, fazer parte da história, infelizmente, uma história de muita dor. Mas eu aprendi muito, aprendi sobre rede social, ciência, vacina. Porque a pandemia também mostrou que tinham dois pontos que tínhamos muito frágeis, que foi a educação e a saúde. A pandemia escancarou isso. Como na educação ainda era muito frágil. Quando teve que ir para o *home school*. E na própria saúde também, como a gente era frágil, mas o sistema que tem de saúde é o SUS.

A vacinação é gratuita, que foi oferecida pelo governo mesmo, minha irmã mora nos Estados Unidos. Ela pagou a vacina, depois o plano de saúde reembolsou, era a forma do programa do governo deles. Que o Brasil tem de saúde pública é para “se tirar o chapéu”. A gente devia valorizar mais isso, né? Aproveitar mais isso. E o que eu vejo também, que eu acho

que é importante. E o estrago, desse momento pandêmico, dessa desinformação está aí: os índices de vacinação baixíssimos, caindo, estratosféricamente.

Nunca tivemos índices tão baixos de vacinação. Para vacinas que são dadas pelo governo, gratuitas. Vacinas de ponta. Estamos vendo as pessoas saírem disso. E vai voltar. É uma questão de tempo.

Vai ver doenças voltando, poliomielite voltando, essas situações. Então é muito sério, porque tem consequência. Não é só consequência de quem teve Covid longa, conheço muita gente que até hoje têm sequelas de Covid. Tem questões neurológicas que tiveram complicações, olha o Luciano Zafir, é um deles. Mas a gente ainda sofre as consequências dessa *fake news* da pandemia que é um índice de vacinação que está muito aquém do que deveria estar. Olha só, a Níssia (ministra da saúde) caiu. Não conseguiu reverter também essa situação, que é um ponto extremamente delicado. E é isso, Wallace, espero que eu tenha contribuído.

Entrevistado: J2

1. Você se lembra quando você ouviu a primeira vez a palavra “fake news”?

Entrevistado: “J2”: Acho que começa na pré-campanha de 2017 e ali começa a se intensificar. Começa a aparecer um pouquinho mais essa questão da *fake news* em 2017. Eu acho que essa história da pré-campanha, seja ela para presidência ou seja ela para governo do estado, começa a se intensificar um pouquinho isso.

WL – Entendi. Você lembra de algo coisa específica que você viu de fake news?

J2 - Específico eu não vou lembrar porque a memória vai ficando longe, “né”? Tô falando de 2017, falando de oito anos aí, mas o que que acontece? O que aí é uma visão muito minha, essa questão da internet, ela foi fechando, pessoas que pensam iguais sobre algumas coisas e ali começou a ter isso. Eu conseguia perceber grupos muito enraizados com algumas teorias, aí seja ela de Terra plana, seja contra a vacinação, que isso é um negócio que começa a crescer bastante, até antes da pandemia, que a gente já tinha grupos organizados contra a vacinação, isso cresce. Então sempre houve um engajamento e isso foi “ganhando corpo” na internet, porque era um território livre. Não estávamos com o WhatsApp na sua plenitude, dentro desses grupos aí que estão a *dark web* da opinião pública, “né”? Mas não lembro. Lembro de começar a ter discussões, mas nada assim específico. Assim como depois vamos ver em relação à pandemia a partir daí de 2020.

2. Na faculdade de Jornalismo que você cursou, o uso da desinformação chegou a ser estudado?

J2 - Quando eu me formei tinha máquina de escrever ainda, “né”? Então tinha muito contrainformação. Se você for lembrar, puxar um pouco na memória. Os governos totalitários sempre trabalharam com contrainformação, tratam do nazismo, se você parar para pensar, muito da comunicação nazista era baseada em mitos, fatos que dariam facilmente para chamar de *fake news*, não é ? Então tinha um pouco dessa propaganda política, dessa propaganda de comunicação de massa para criar pensamento dentro da sociedade. Mas não era tão rápido quanto é hoje. Hoje, se eu plantar uma *fake news* ela tem uma capacidade de se espalhar de forma muito rápida em poucas horas, não é?

3. Algum momento você achava que o uso da desinformação poderia ser utilizado contra a ciência?

J2 - Vou te falar agora como cidadão, nunca achei, até porque a questão da vacinação no Brasil era algo consolidado e você vê hoje a gente está aí com epidemias de sarampo voltando, poliomielite, correndo o risco. Está vencendo vacina nos postos de saúde. As pessoas não estão indo se vacinar e não é porque o governo federal que é quem compra a vacina e distribui, aumentou a entrega, não...houve tem um efeito colateral aí pós-pandemia, que vai demorar muito para gente superar. Então é difícil de acreditar e a gente pode ir à ciência em outros ramos. O fato de a “Terra plana” ter sido uma discussão, que foi para programas de TV, que houve debate sobre a história da Terra plana é uma maluquice.

E na semana passada a gente teve caso ali, das mulheres que voaram naquela espaçonave. E você tem aquele John Haggerty lá falando que foi *fake news*. Ou seja, teorias da conspiração. O que era nichado, teoria da conspiração, virou *streaming*. Então acho que isso acaba prejudicando a ciência, não só na questão das vacinas, mas no geral também.

4. Na pandemia, quando você teve contato pela primeira vez com a desinformação contra as campanhas de prevenção?

J2 - Bom, vamos lá: a pandemia ela tem dois atos, né? Pelo menos na minha cronologia, a gente tem ali fevereiro de 2020 que começa a ter os casos de doença ali que aparecem na Itália, você tem o primeiro caso que chega em Guarulhos. Até nesse dia começamos a ter isso. Estavam todos os governadores reunidos ali em Foz do Iguaçu, no Cossudí, na reunião dos governadores do Sul e do Sudeste. Tinha virado um debate isso. A questão da pandemia, mortes e tal. E aí depois vem lá março, que começamos a fazer. Aí tem o comitê de saúde...e no outro comitê a gente começa a gerar aquelas coletivas de imprensa que você participou, que transmitíamos, que foram os recordes absolutos das transmissões on-line que nós fazíamos tal. E aí vem o governo federal logo na sequência que aí começa o embate muito forte entre março e vai até agosto. É que aí a desqualificação da doença e de qualquer solução, seja ela, obviamente, pela vacina e aí as questões de cloroquina, ivermectina, todas essas maluquices que apareceram, que foram esses seis meses mais graves aí do primeiro semestre de 2020. Tem a cena clássica da cloroquina para a ema, né? É nesse momento que acontece esse tipo de episódio.

5. Das mentiras que foram lançadas contra as campanhas de prevenção e de vacinação, quais foram as mais marcantes?

J2 - Olha, eu acho que tem uma fala do presidente Bolsonaro. Posso assim? É muito louco porque acontecia muita coisa nos grupos. Eu monitorava alguns grupos de WhatsApp. É, fui me iniciando em alguns grupos assim de extrema direita. Fui ficando lá pra ver o que estava acontecendo, as mais maluquices. Mas eu acho que de forma emblemática para a comunicação que resume muito é a história do virar jacaré. Ela tem poder essa frase: você vai tomar essa vacina, “você vai virar jacaré”. Ela ao mesmo tempo parece um quadro do *Zorra Total*, “né”? De piada. Mas ela tem o poder de comunicação de simplicidade na cabeça daquelas pessoas que já tinham alguma coisa contra que elas abraçam essa teoria. Não que vai “virar um jacaré de verdade”, mas que ela vai causar mutações em você. E que ela é um experimento genético que vai causar mutações, que você vai se transformar em outra pessoa.

Obviamente teve as derivações que falavam que na verdade a vacina estava instalando um chip chinês que vai fazer você fazer transição de gênero, foi tudo crescendo, mas eu acho que essa semente do “vai virar jacaré” tem um poder no ponto de vista de comunicação muito grande para essas hordas da desinformação e da *fake news*. Que foi o dia que liberou geral. Pode falar o que quiser, que vai ser verdade. Não queremos acreditar mais na ciência. Não queremos mais falar da história. Não queremos falar que a vacina salvou da paralisia infantil, do sarampo, da rubéola e de tantas outras doenças que a vacina cuidou ao longo dos anos. Nisso tudo acho que foi o ponto de inflexão. É quando a comunicação começou a sofrer muito, em que a verdade já não fazia mais efeito.

WL - O “virar jacaré” está acima da de contrair AIDS, na sua visão?

J2 - Minha opinião, é que ela é alegórica, mas é muito simplista para essas pessoas que ficam debatendo, né? A AIDS é uma variação do “virar jacaré”. Vai acontecer algo que você não espera tomando essa vacina, não faça isso. Aí você acredita no que você quiser, que você vai trocar de sexo, que você vai pegar AIDS, que é um *chip* chinês que estão instalando no seu

corpo e aí liberou geral, “né”? Porque era uma maluquice, como é que você transforma um humano em um réptil? A maluquice é tão grande. Para mim é muito marcante esse momento.

6. Quais foram as estratégias que vocês utilizaram para desmentir as mensagens enganosas?

J2 - Bom, vamos lá. Ali a gente tinha também. Acho que não tem como fugir. É do personagem que nós estávamos ali trabalhando, que era o João Doria. O governador era um cara da área de comunicação. É um cara que tem uma facilidade para ir para a frente de uma câmera. É um cara que tem uma facilidade para tornar tudo um evento aqui eu não estou entrando no mérito de julgamento de valores, se isso é bom ou ruim, “tá”? Eu só estou só colocando uma característica – então ali a gente tem um potencial que é o portador da mensagem. Obviamente, a Secretaria de Saúde de São Paulo, tem um histórico e um time de profissionais de primeira linha, que vai do David Uip para frente. É a USP, a Unicamp, o Hospital das Clínicas (HC), não precisamos nem falar o quanto que São Paulo é referência em saúde no mundo.

Então, se conseguia trazer um time de profissionais, a ideia foi primeiro trazer um time de profissionais de saúde muito bom para dar a verdade, apesar da descrença geral que o presidente propagava. É, trouxemos esse time e o João Doria foi o condutor disso daí.

Era um trabalho extenuante. A gente chegou se não me engano, foram acho que 267 coletivas. Esse é o número que precisa apurar, mas foram por aí 267 coletivas. A gente está falando de quase um ano de coletivas de imprensa. Teve semanas que a gente fez sete coletivas, daquelas que eram transmitidas ao vivo para todas as redes sociais simultaneamente, a gente gerava o sinal para todas as emissoras. E aí tinha mais a cobertura da TV Cultura também e obviamente da imprensa que ia para lá. Montamos um estúdio dentro do Palácio dos Bandeirantes, um estúdio que permitia entrar ao vivo para qualquer tipo de veículo, seja rádio é internet ou TVs... foi um trabalho que acabou ganhando repercussão internacional. Entramos na DVC, na CNN International, Al Jazira e uma série de outras emissoras internacionais na RAI, na França, na TV Sun. Enfim, tudo ali daquele estúdio que aconteceu, que virou um grande *bunker* do Palácio dos Bandeirantes, do ponto de vista de comunicação. A equipe da Secretaria de Saúde ficou basicamente lá, a gente tinha a doutora Tatiana e a (“Meu Deus do céu, esqueci o nome agora, depois eu lembro”), que eram especialistas em vacina que ficavam. Tinha as reuniões diárias de governo às 8h, porque também mistura muito do ponto de vista de comunicação política pública de saúde, política pública de comunicação e a comunicação propriamente dita.

Criamos grupos de WhatsApp com 645 secretários de comunicação dos municípios (número de cidades de São Paulo). Criamos um grupo para cada região. Ou seja, litoral, região metropolitana de Campinas, Ribeirão Preto, Franca. A gente tinha um grupo ali que a gente passava as informações em “primeira mão” para esses secretários de comunicação que passavam para as prefeituras. Ali tinha partidos de oposição, de situação de tudo.

Então era uma máquina de comunicação que funcionava todo dia, a partir das 6h da manhã. E tinha aquela coletiva das 11h da manhã, que se estendia ali pelos noticiários do meio-dia, a ideia era sempre ter um pouco disso. Acertamos todas as vezes? Na maioria das vezes. Tem alguns erros que são meus, é que são olhares meus agora, distanciados do tempo, que me permitem dizer alguma coisa, mas na “hora do calor” fazíamos o máximo para tentar. Foi quando criamos, quando chegou o momento da vacina, o site da vacina, em que fazíamos o

cadastro das pessoas, os grupos prioritários. Esse foi um trabalho da comunicação, redes sociais, a gente trabalhou demais.

Mas aí falando de *fake news*, tomávamos de “7 a 1” todo dia. Não tinha jeito. Para dar certo na internet, você precisa ter um exército virtual trabalhando para você. Governo nenhum consegue ter isso, você é “vidraça” a todo momento. Trabalhávamos dentro dos meios de comunicação, que eram mais profissionais.

7. O que funcionou?

8. O que não funcionou?

J2 - É, eu acho que funcionou o trabalho que fizemos junto à imprensa profissional, com as rádios, as TVs, os jornais, é toda aquela estrutura que a gente montava. Aquilo abasteceu muito a imprensa, funcionou muito bem de forma profissional, com tecnologia.

Como tudo para aquele momento, que era o momento em que as pessoas, lá no auge, estava todo mundo em casa e só nós, jornalistas. E parte do governo estava do lado de fora. Então aquilo funcionou muito bem. Aquilo foi uma máquina de comunicação que no caso da Globo tínhamos todo dia um material produzido ali por São Paulo. Podia ter sido uma briga do Bolsonaro com o Doria, mas na maioria das vezes era informação prática sobre o *lockdown*. Sobre como é que estava o andamento da vacina, como é que estavam os estudos do Butantan e assim por diante. Então a gente conseguiu trabalhar muito. Onde a gente sofreu muito? Obviamente na internet, que era um terreno pantanoso. Na internet, apesar de fazermos os *posts*, fazer as transmissões ao vivo, deixar abertos os comentários.

Ou seja, tem sido mais plural possível e aberto. Ali tinha um exército virtual. É que aí outros estudos já provaram. Aí vou denominar ele aqui como “gabinete do ódio”. Mas eu acho que ele é mais amplo. Ele tinha uma capacidade de arregimentar pessoas que acreditavam naquela crença e dispostas a lutar pela inverdade. Então essas pessoas inundavam as redes do governo com comentários negativos. Era muito pesado e não tínhamos ferramental, seja ele técnico ou humano, para lutar contra isso. Então tomávamos esse “7 a 1” na internet apesar de que, se a pessoa estivesse disposta a procurar pela informação correta, ela achava no portal do governo, ela achava nos perfis. Ela achava no grupo oficial do Telegram, no grupo oficial, que é do WhatsApp. As informações estavam postas ali, mas elas não conseguiam ganhar a mesma repercussão do “vai virar jacaré”. Tomávamos de “7 a 1” nisso, já na imprensa formal, a gente navegava de forma ampla e boa, com informação mesmo.

WL - Enquanto você olha para o outro lado, você vê um exército virtual, um exército de seguidores e a e a potência de um presidente da República ao se comunicar, é isso?

J2 - Exatamente. E curioso, Wallace, só fazendo um “som paralelo aqui”, “abrindo parênteses”. Você sabe que o Bolsonaro cometeu um dos maiores erros. Um dos maiores erros dele não foi ter anulado o Doria. Ele alimentou o Doria com essa história de querer lutar contra, porque se ele tivesse dito a única fala que todo presidente fala: “Vacina quem compra é sempre o Ministério da Saúde”. Se tivesse vacina, nunca teria existido esse embate do Doria e nunca teriam crescido tanto as *fakes news*, porque a verdade é essa. O Butantan, 100% do que produz, vende para o Ministério da Saúde. O Ministério distribui para estados, municípios e assim por diante. Se ele não tivesse entrado nisso, nunca teria havido aquela batalha. Ele entrou em uma seara muito louca. Só que como tudo deles é muito louco e estridente, virou essa maluquice.

Foi um erro de comunicação dele, que era muito simples. Ele poderia ter anulado qualquer opositor dele com essa fala que ele tinha, a caneta na mão, era só ter empossado aí o ministro da saúde com as atribuições que ele de fato, o ministro da saúde tem. Nada disso teria existido. Mas foi uma maluquice que ele fez e essa maluquice foi crescendo de uma forma sem fim, então é um pouco disso.

WL - Ele falava que a vacina seria comprada, mas que nem era obrigado, que a vacina que ele ia comprar era a vacina. Mas não era a vacina, “né”?

J2 - Ele poderia ter saído desse embate e ter deixado isso na saúde. Você vê hoje, o governo federal tem sofrido com algumas vacinas. A vacina do Covid é uma vacina que tem faltado no mercado. Hoje aqui o Paraná sofreu bastante com o desabastecimento da vacina do Covid no final do ano, início desse ano.

É, mas você para apoiar do ponto de vista de comunicação, o Lula não está entrando nessa “bola”, está deixando isso daí na mão do Ministério da Saúde. Ou seja, não é. Não é uma “bola” que ele está trazendo para ele. Agora eu estou falando de comunicação. Mas tanto que cai a ministra. Esse é um dos problemas que cai, apesar de ter sido pouco falado. Mas faltou vacina nos postos de saúde. É, apesar de agora estar abastecido e estar sobrando. E agora eles estão fazendo a campanha publicitária aí do Zé Gotinha, tentando resgatar um pouco essa honra da vacina. E então era um pouco disso.

O Bolsonaro ganhava, ele conseguia dar estridência, principalmente por meio das redes sociais. Era o debate da vacina. Só que é algo técnico, é Ministério com a Anvisa, porque “tirava o corpo”. E aí também ele acabou dando um protagonismo para a Anvisa. A Anvisa nunca tinha tido na história dela, né? Desde a época lá que o Serra criou lá atrás. E que, de repente, ela virou um órgão do governo federal, oponente ao discurso do presidente.

9. Quais foram os dias mais difíceis de trabalhar com as mensagens de desinformação?

J2 - Os maiores, os piores dias foram os dias daqueles hospitais de campanha lotados. Que teve lá do Ibirapuera, o número de mortes gigante, a gente sabendo de bastidores. Por exemplo, os carros frigoríficos que estavam acumulando corpos, os enterros que tinham de ser isolados e sem famílias. Esse talvez tenha sido um grande dilema, porque chega um momento que parece que a comunicação não está mais surtindo efeito. E tinha essa curva: os médicos falavam para a gente, vai ter uma curva do aumento de mortes. O isolamento, ele vai demorar para surtir efeito. Tem muitas pessoas já contaminadas. Então esse era muito difícil lidar com isso, principalmente com as imagens que eram feitas de mortes. E as imagens de morte, elas se misturavam com o luto pelo mundo. Não eram só imagens de morte de São Paulo e do Brasil. Já havia mortes, uma quantidade muito grande nos Estados Unidos, na Itália, na China. Então aquilo tudo começava a criar um impacto visual muito grande do poder da doença e da incerteza de quanto uma vacina ou a comunicação poderia ajudar a salvar nisso. Eu acho que esse é o momento mais difícil.

WL - Mas as mensagens de desinformação, como é que elas agiam nessas situações?

J2 - É uma fase em que ainda havia um discurso de *fake news* para ninguém se isolar. Essa era uma fase porque a gente teve algumas ondas, “né”? Era “Não se isole, não pare de trabalhar”. Você não pode morrer de fome, é melhor morrer da doença do que morrer de fome sem trabalhar, perder o emprego. E depois aí vem o ataque da vacina, que é quando a vacina

CoronaVac passa a ser algo tangível, promissor. Então nesse momento do auge das mortes, era o fator de fazer as pessoas irem para a rua, *fake news* estava focada em empurrar as pessoas para a rua, enquanto, por exemplo, lá no Palácio dos Bandeirantes, a gente estava falando: “Fique em casa”. Você até falou de um erro. É um dos erros do ponto de vista de comunicação. E aí é na base do sigilo. A gente cometeu um erro que foi “marquetar” a tragédia. E o que que é isso? A gente deu nome para a tragédia, chamava “Plano São Paulo”. Que era o fechamento, aquelas fases: “Fase 1” e “Fase 2”. “Fase 3”. Tinha PowerPoint, logotipo, tinha tudo aquilo. Aquilo não era um momento de - apesar de ter uma intenção de deixar organizado - aquilo para mim hoje é uma organização da tragédia, é uma “marquetagem” da tragédia. A gente deu uma “roupagem” para momentos que as pessoas estavam vivendo, muito difíceis.

WL - Você faria diferente, de que forma?

J2 – “Puts”, talvez não tivesse logo, talvez não tivesse um PowerPoint padronizado. Talvez eu não insistisse tanto na “Fase 1”, “Fase 2”. “Fase 3”. É, tem um nome. Acho que era assim: “A missão nesta semana é esta. Vamos cuidar disso, vamos cuidar daquilo.” A gente tem uma roupagem como se fosse um plano de marketing, de vender uma marca, vender um produto, sabe? Você pega a indústria automotiva quando você pega um carro. Ele tem várias fases dentro do plano de marketing para chegar até a loja e atingir o público que você determinou na “Fase 1”, porque você atinge um público na primeira fase de vendas, um outro público na segunda fase. Para piorar, você tinha uma pressão que vinha ali do grupo, do presidente, do grupo contrário, que era: “Não fique em casa, vai para a rua.”. Você não pode morrer de fome, “né”? Toda aquela coisa, então você tinha ali. Desde taxistas a vendedores ambulantes, pessoas pobres em comunidades se expondo. Porque tinha uma mensagem, que por mais que a gente falasse “organizadinho”: “Não fique em casa.” “Fase 1”: a hora que diminui o número de mortes, o número de infecções. Você pode abrir seu comércio por duas horas. É com máscara, sem máscara etc. E tinha uma mensagem muito simples do outro lado, que era: “Vai para a rua.”

E tem outra frase “suave”, que talvez eu erre a citação certinha: “Eu não tenho medo de gripezinha”. Um negócio assim. Comparo o Covid, que que são mensagens muito simples, mas muito objetivas na cabeça de alguém que já está predisposto a não cumprir uma determinação governamental.

Por outro lado, vinha o governo de São Paulo super organizado polpudo. E aquelas coletivas, todas “organizadinhas, bonitinhas”: fases, “Médico 1 falando”, “Médico 2”, aquilo é tudo muito complexo para a população no final. Desculpa falar desse jeito, mas vinha um doido que falava assim: “Ah, não vou ter medo de uma gripezinha, não vou tomar “uma vacina e virar jacaré”. Mensagens simplórias, simples, mas objetivas e incisivas, principalmente para quem já estava predisposto a sair e não aguentava mais ficar de “cesta básica”, de assistencialismo. Não aguentava mais crianças dentro de casa, porque também tivemos um problema muito grande em relação às escolas.

Hoje estávamos ali na “Fase”, acho que era 3 milhões e 800 mil alunos no estado, mais ou menos, “né”? Então, na época do Serra eram 5 milhões, acho que eram uns 3 milhões e 800 mil crianças dentro de casa, com pais dentro de casa também. Quebramos muito a rotina da vida das pessoas. A pandemia quebrou muito a rotina e nós éramos as pessoas que colocavam a cara lá na frente para poder falar assim:

“Ó, quebramos sua rotina, sua vida, suas contas pessoais. Nós estamos salvando sua vida.” Era muito difícil de lutar contra isso. Enquanto o outro falava: “Ó, vai pra rua, vai lutar por você, que é um pensamento meio de guerra, né”? De essa coisa meio militar que é, quem vai morrer. São as casualidades, os efeitos colaterais, os danos colaterais. Um pouco disso...Então acho que tem esses contrapontos que hoje, cinco anos depois, dá para gente chegar com mais objetividade.

10. A perda de colegas durante a pandemia somada a onda de desinformação lhe trouxe algum tipo de trauma? Você chega a pensar em tudo o que passou? Faria algo diferente?

J2 – “Vamos lá.” O trauma é assim. Eu trabalhei todos os dias, não deixei de ir para o trabalho, saía da minha casa. Eu ia para o Palácio (dos Bandeirantes) todos os dias, bem como toda a equipe da Secom (Secretaria de Comunicação). A gente está falando aí na época somada, como pessoal da saúde, da comunicação, da saúde. Estava falando aí de umas 100 pessoas, gente que não esmoreceu e a gente teve um colega que é o Luís Faro, não sei se se já ouviu essa história. O Luís Faro contraiu a doença e foi parar no hospital. E ele ficou 43 dias, se não me engano, 28 dias entubado. Ele não botou um pé do outro lado, ele botou um e-mail. Foi um milagre ele ter voltado. Foi muito grave a situação dele. Ele sofreu a doença.

Teve pessoas lá na equipe da Secom que contrairam, mas ficaram com aqueles sintomas mais leves, isoladas e tal. E as coisas do Samaritano. Mas ele quase morreu, tanto que quando saiu, ficou de cadeira de rodas por um “tempão”. Hoje ele está bem e tal, mas a cabeça dele, se você parar para conversar com ele, ele é um cara super traumatizado e o medo de morrer é algo presente na vida dele hoje, cinco anos depois.

Do meu lado, minha família acabou indo morar com os meus sogros. Fiquei sozinho, acho que quase três meses em casa, sozinho, para poder lidar, né? Porque a gente não sabia. A gente lavava a roupa todo dia, tomava banho e esterilizava, toda aquela doideira que nós tínhamos. É isso agora, fazer diferente. Eu acho que assim, hoje, olhando para trás, tem esse ponto aí, talvez de ter organizado tanto. Ter feito uma coisa um pouco mais orgânica, menos “marketado”, pegar o pessoal do design para cuidar. Acho que talvez eu não faria isso hoje, mas na hora era o certo para fazer, o que nós sentíamos que era o correto para fazer. E tinha de ser feito, então é mais esse olhar para trás agora, conseguindo enxergar, mas na hora acho que era certo.

(WL) Em relação ao ambiente de internet, redes sociais, você acha que seria necessário fazer algo diferente? Porque pelo que deu para entender da sua entrevista até agora, é a estratégia para os grandes meios. Funcionou bem, com exceção dessa questão do marketing, da tragédia que acabou voltando contra, “né”? Mas eu ainda estou com aquele “7 a 1” que você citou na cabeça, ainda na minha cabeça, pensando...

J2 - Eu acho assim, se já tivesse acontecido hoje a pandemia diante de tudo o que eu sei, eu talvez montaria uma sala com umas 300, 500 pessoas, pagas pelo governo, tipo uma central de marketing de teleatendimento, sabe? Monitorando e gerando resposta para todo mundo, lutando nessa guerrilha, colocando informação, entrando em conversas, fazendo um telemarketing de combate.

Porque isso ainda é muito difícil, porque eu estou falando, eu vou te contar um caso pessoal que aconteceu comigo. Nós, na pandemia, ali para abril e maio de 2020, tinha um grupo da minha família. Eu tenho um tio, um irmão do meu pai, extremamente bolsonarista. Hoje ele

está com uns 74,75 anos, ele é o legítimo “tio do zap”. Aí você fala assim: “Poxa vida, mas ele é uma pessoa simplória, não”?

Meu tio foi diretor financeiro de uma empresa multinacional no vale do Paraíba, de empresas alemãs, empresas norte-americanas, viajou para o mundo todo. Eu não estou falando de um cara com má formação ou que está em um extrato social ruim. Ele era um propagador. De vontade própria, ele não fazia parte do exército do Bolsonaro. Só acreditava e ele repassava tudo aquilo não só para grupos da família, como também para grupos de amigos. Eu acabei brigando com ele na época - esse é um outro trauma- eu acho que não só eu vivi isso, mas teve muitos afastamentos em famílias, entre amigos.

Um belo dia, voltando umas 11 horas do Palácio dos Bandeirantes e para casa, toca o meu telefone. Era ele. Talvez a última vez que eu tenha conversado com ele por telefone, fazia uns 10 anos. Era ele. “Oi, tio tudo bem?” “Tudo, ó, estou te ligando por causa de um de uma coisa que eu fiquei sabendo.” Aí você já para e pensa: “Lá vem”. E eu, no grupo da família, só mandando informação correta. Informação que a gente passa. A gente tenta fazer um “trabalho de formiguinha” nisso também. Bom, ele disse: “Olha tem um amigo meu de Minas Gerais, que é de um grupo que eu participo. Então que está com a documentação que o Doria é sócio desse laboratório chinês que está trazendo a vacina.” “Tio, é sério isso?” “Estou com a documentação e tal.” Na época eu passei para ele assim: “Eu vou te passar o telefone da redação da Globo e do Ministério Público, vai para cima.” (E ele): “Não, eu estou te ligando porque você trabalha com o Doria e eu não quero que “você se ferre”. Não sei o que eu falei, acho que foi assim: “Mas você tem certeza de que você viu os documentos?” “Não, não vi, mas esse meu amigo tal, ele está todo empenhado.” Estou dando toda essa volta. Olha só, vou te contar um negócio: é uma pessoa comum que estava empenhada em disseminar *fake news*. É difícil a gente lidar. Por mais que um Anhembi de telemarketing, mais de 10 mil pessoas...Metade do eleitorado que vota no Bolsonaro...se um terço disso aí resolver discutir na internet. Estamos falando aí de 30 milhões de pessoas. E essas pessoas curtem. É um exército que é muito difícil de lutar.

Você vê o próprio PT hoje com Lula, não consegue. De arregimentar um exército das mesmas proporções que essa direita mais radical conseguiu. É um fenômeno muito curioso. Obviamente tem a isenção das plataformas. Que isso é outro debate que é gravíssimo, porque se realmente as plataformas tivessem uma responsabilidade social sobre isso, social, cível, criminal, talvez não gerasse 10% do que tem hoje, “né”?

Ontem à noite mesmo estava no TikTok, estava olhando uma moça, ela deve ter por volta de uns 25 anos. A quantidade de coisas que ela propaga, de falsidades sobre ciência é um negócio inacreditável de teorias da conspiração, malucas assim, de ônibus espacial, de qualquer coisa. A menina tem uns 25 anos, o que ela sabe sobre ciência? O que ela sabe demais? O TikTok entrega para cada vídeo dela mais ou menos 2 milhões ou 3 milhões de visualizações. E quem desmente não consegue 15 mil visualizações. Eu a descobri por causa de um cara que estava a desmentindo, um cientista. E aí assim: ele 15 mil e ela 3 milhões de visualizações. Tem esse links também, que por mais que a gente lute na comunicação pública, faça uma política pública de comunicação, muito empenhado, a gente sempre vai lutar meio “Davi e Golias”.

Entrevistado “J3”

1. Você se lembra quando você ouviu a primeira vez a palavra “fake news”?

J3 - Olha, é, eu acredito que devo ter ouvido antes da pandemia, não é? Ela é mais marcante para mim durante esse período, sem dúvida nenhuma. Mas certamente eu ouvi antes, principalmente quando a gente falava sobre vacinação. Já era um processo, um processo antivacina que vinha ocorrendo no mundo. Então era um termo já utilizado ali nesse processo antivacinal, que vinha ocorrendo no mundo. Mas, sem dúvida nenhuma, durante a pandemia, isso ganhou força e foi acho que o mais impactante aí. O que mais imediatamente remete na minha mente.

2. Na faculdade de jornalismo que você cursou, o uso da desinformação chegou a ser estudado?

J3 - Não, praticamente não. Quando eu me formei, a desinformação era algo muito superficial. Você tratava a desinformação de uma forma lateral, da seguinte forma: mais como uma forma de engrandecer ou fazer uma melhor apuração, não é? E era um processo de construção da reportagem, das matérias, dos conteúdos. Assim, a desinformação era uma forma lateral durante a universidade. Enfim, quando eu me formei, a desinformação era tratada mais em cima de um erro jornalístico de uma apuração, de exemplos, de situações ou de formas do que de incentivo ou de construção de ensinamento para uma melhor apuração, construção de uma reportagem. Mas não como acho que é hoje.

3. Algum momento você achava que o uso da desinformação poderia ser utilizado contra a ciência?

J3 - Olha, acho que é como eu lhe citei na primeira pergunta, como a gente já vinha de um processo ali – atuando na Secretaria de Saúde – já tinha algum processo conhecido contra as questões de vacinação e já vinha impactando em outros países.

E eu já vinha buscando – antes da pandemia – tentando conhecer, estudar e compreender melhor esse fenômeno que ocorria muito fora do Brasil. Aqui no Brasil era uma exceção, não é? Ainda era, o impacto da desinformação, o impacto desses pontos de uso contra ciência, era ainda muito pequeno. E ele vem ganhando força em 2017, 2018 e ganha força com o *boom* da pandemia. Antes disso eu não imaginava que isso seria possível.

Acreditava que a ciência seria prevalente e a voz da ciência mais prevalente do que a desinformação. Como eu falei, não foi um espanto durante a pandemia, porque essa questão é com impacto direto nas questões de vacinação, já vinha sendo construída. Mas é a construção ali de uma rede de uma máquina feita para isso. Enfim, de todo um “pacote”, que veio durante a pandemia. Sim, aí é uma novidade, é algo que “fugiu um pouco da curva”, porque você via ali situações, uma situação pontual, uma ou outra que tinha o seu impacto, mas ainda era muito reduzido.

Mas daí quando chega na pandemia, juntamos esse exemplo que você deu da política e da ciência. E junta as duas da pior forma, porque ainda não é desse exemplo que você cita de uma “coisa entre aspas”. E acho que não dá para a gente dizer mais leve ou mais pesado, mas, de certa forma, mais leve do que quando chegamos na pandemia. Vemos um processo extremamente bem construído. Narrativas que têm uma disseminação muito rápida. E, enfim, determinados grupos, que agem de uma forma muito ágil e bem construída.

4. Na pandemia, quando você teve contato pela primeira vez com a desinformação contra as campanhas de prevenção?

J3 - Logo no início...na pandemia, ela passou por diversas fases. Acho que a gente pode entrar nela aí. Mas logo no início, quando os primeiros casos surgiram alguma desinformação já foi sendo detectada, portanto. De contagem, os primeiros casos de pessoas contaminadas. Logo nos primeiros casos me recordo de situações de desinformação com relação à forma de contágio, desinformação, de como havia surgido a pandemia, desinformação com relação à gravidade ou não da situação. Enfim, logo no início da pandemia a desinformação foi clara. Eu me lembro que bem no começo, nas primeiras semanas mesmo.

5. Das mentiras que foram lançadas contra as campanhas de prevenção e de vacinação, quais foram as mais marcantes?

J3 - Ah, olha, com relação à questão - voltando para a área de vacinação - em específico, é principalmente com relação às questões de rapidez da produção da vacina e por isso e a sua efetividade, acho que certamente foram as que tiveram ali inúmeras ramificações. É e aí em cima desse tema. Tipo: “Ah, a vacina ficou pronta muito rápido.” E ela vem aí com um potencial de causar até mais problemas do que soluções. E aí acho que esses dois pontos foram os mais marcantes. E aí surgiram inúmeras dessas questões. Então acho que esses dois pontos foram os que mais marcaram. “Ah, daquele momento, acho que aí eu digo que a gente dividia.” Acho que no momento da prevenção ou o “Fique em casa”.

Foi um dos problemas mais complexos ali, porque no seu início, ele funciona e funciona bem. É nas grandes cidades, mas quando você vai para o interior e vai para outras áreas do país vem um número de desinformação muito grande no sentido de: “Ah, o número de mortos não é esse”. Ou há uma produção do governo para que infle o número de mortos e de doentes para assustar as pessoas.

Depois acabei indo buscar em outros estados, até por curiosidade e busca de conhecimento. Havia isso muito forte em outros estados. Acho que o modelo era o mesmo, com diferentes intensidades nos lugares, mas o modelo de desinformação com relação a esses momentos de prevenção, com relação principalmente aos números, era replicado em outros estados. Apenas com intensidades diferentes. É muito latente, principalmente em relação aos números.

Está é muito latente. Assim é principalmente com relação aos números, “não é”? O questionamento em relação aos números é uma produção de um cenário que o governo do estado estaria fazendo, uma produção de um cenário de caos. Para que? Para poder fazer o contraponto ao governo, ao governo federal, que estava adotando uma política inversa.

6. Quais foram as estratégias que vocês utilizaram para desmentir as mensagens enganosas?

J3 - É exatamente. A gente precisou sim reorganizar a equipe. Claro que a gente acabou reorganizando a equipe. No início da pandemia é como um todo. Assim aumentou o número da equipe. E reestruturou ali no sentido de ter algum grupo construindo materiais que pudessem ser subsídios para a construção de conteúdos contra a desinformação. Havia ali umas duas pessoas específicas só para levantar conteúdos técnicos. Levantar conteúdos que que podiam ser utilizados em produção de materiais contra a desinformação e tanto para a produção de

papers, de materiais para os porta-vozes. Quanto é para a produção de conteúdos nas redes sociais? Que era o local onde havia, “né”? A disseminação da desinformação de um volume gigantesco e rápido, não é? Então a gente reorganizou a equipe sim. Tinham pessoas específicas para pesquisa de conteúdo. Dos que fossem utilizados. É pesquisa de conteúdo com a área técnica. Algumas pessoas ali que buscassem essa informação de uma forma mais ágil com a área técnica para construir. Assim é conteúdo em diversas frentes. Elas não eram responsáveis por construir esse conteúdo, mas para distribuir esse conteúdo tanto para as equipes de rede social tanto da assessoria social, quanto para as equipes que produziam os materiais técnicos para ser subsídio dos porta-vozes.

7. O que funcionou?

8. O que não funcionou?

J3 - O que funcionou? É que eu consigo ver uma materialidade, é mais clara. Havia um espaço maior na grande mídia, no jornalismo, até por conta do cenário, todo mundo ampliou seus horários. Todo mundo ampliou seus espaços, para a produção de conteúdo. E o que funcionava bem e que trazia um bom resultado e que a gente via e que acabava sendo um ponto positivo. Era a presença de porta-vozes técnicos em todos os espaços possíveis de rádios, emissoras de TV, jornais. Isso é algo que, por mais que as redes sociais, eram muito fortes naquele momento, a grande mídia também ganha um espaço maior.

E isso eu consigo ver que víamos resultado naquele primeiro momento da pandemia, em que as pessoas estavam mais em casa. Aquele primeiro ano, acho que isso funcionou muito bem de ter porta-vozes técnicos, tirando as dúvidas, combatendo a desinformação, mostrando o cenário de forma clara e transparente na grande mídia.

Outro ponto que aí eu acho que tentamos fazer, mas não consigo mensurar se funcionou. Mas acho que funcionou com menos efetividade: o combate a partir das redes sociais. Acho que a gente tentou por diversos canais. Por diversas formas trazer o combate à desinformação, trazer ali as informações da ciência por meio das redes sociais, seja por meios mais ágeis, como o WhatsApp, e outras redes de comunicação, como o Telegram e outros meios como esses ou pelas mídias como o Facebook, Twitter etc. Essa é uma guerra ali que lutávamos constantemente, mas nitidamente a gente perdia.

WL - E você respondia aos *posts*, por exemplo, que uma pessoa publicada?

J3 - Respondíamos as postagens. Eu não digo que não funcionava. Eu acredito que atingia ali algumas pessoas. Mas a velocidade da desinformação nas redes sociais era tamanha, que eu acredito exatamente que é essa frente. Não conseguimos vencer. E lutamos ali, trouxemos novos instrumentos, produtos, reforçamos a equipe, produção de conteúdo, de inúmeras formas. Trabalhava com a maior agilidade que a gente tinha..., mas na rede de desinformação montada ali do outro lado, era tamanha, que eu acredito – e aí é uma avaliação minha, não é uma avaliação de governo, é uma avaliação pessoal. É que eu acredito que por esse meio não conseguimos vencer. Acho que perdemos mais do que ganhamos, levamos a informação, buscamos meios. E criar meios, novas estratégias, métodos, eu acho que a gente estava sempre correndo atrás nas redes sociais. É, eu acho que o espaço na grande mídia fizemos bem, conseguimos construir bem, contrapontos interessantes. Conseguimos construir com os porta-vozes e até com os conteúdos que produzíamos e encaminhávamos para os veículos e

trabalhávamos com os veículos de forma construtiva. Eu acredito que no ponto de vista das redes sociais no máximo empatava de vez em quando, porque era muito rápido.

9. Quais foram os dias mais difíceis de trabalhar com as mensagens de desinformação?

J3 - No começo da pandemia. Foi bastante complicado, porque não tínhamos um domínio total da informação da pandemia mesmo. E ali, o primeiro ano. Eu acredito que o primeiro ano ele é mais complexo. No primeiro ano, a oposição do governo federal, mas digo a posição do governo federal era muito mais enfática do que em relação aos outros anos.

No primeiro ano, quando o presidente tinha falas mais incisivas, no momento em que o presidente tinha ações mais claras, a favor ou contra algo. Eram momentos de maior dificuldade para a gente, porque conseguia mobilizar um número grande de pessoas. Ali naquele primeiro ano, onde havia ali uma campanha clara contra e a favor dos medicamentos como ivermectina, cloroquina, esses medicamentos que o governo federal fazia de uma forma muito clara e o tratamento precoce.

Ali eram momentos de muita dificuldade porque no começo da pandemia não tínhamos a clareza que esses medicamentos eram bons, ruins ou que funcionavam ou não. Mas a partir do momento em que isso já fica claro e aí eu diria que talvez mais ou menos no meio do primeiro ano, no segundo semestre do primeiro ano da pandemia, em que o governo federal continua defendendo o tratamento precoce de uma forma muito forte, não é? Principalmente o presidente. Nem diria o Ministério da Saúde, mas principalmente o presidente, defendendo isso de uma forma muito forte. Era um momento de maior dificuldade para a gente, porque no segundo semestre do primeiro ano da pandemia a questão do “Fique em casa” já era algo mais difícil de se manter, principalmente fora dos grandes centros. Conseguíamos manter isso nos grandes centros aqui, da grande São Paulo. Mas quando você ia para o interior, o discurso já não chegava com a mesma efetividade. E o discurso do governo federal chegava com mais efetividade.

Então eu acredito que esse é o ponto mais difícil, eu nem digo o ponto da vacinação, para mim é o momento mais difícil é o segundo semestre do primeiro ano, em que o governo federal – algumas pessoas do governo federal ainda defendem a questão do tratamento precoce, com muita ênfase. E já tínhamos clareza que aquilo não funcionava e que outros métodos eram infinitamente mais eficazes. E para mim esse é o momento mais difícil.

E junto a esse final do primeiro ano ainda há um início, onde começa o processo de desinformação com relação às vacinas. Porque é ali, naquele processo final de testagem da CoronaVac. É o processo final ali de testagem de outras vacinas ao redor do mundo e ali começa uma desinformação ainda atrelando e junta essa questão dos medicamentos, que eu citei com o início do processo de desinformação com relação às vacinas. Mas pra mim, esses momentos com relação ao tratamento precoce é mesmo depois de surgir cientificamente, mostrando que não há uma efetividade. E combater isso era o ponto mais difícil na minha avaliação.

10. A perda de colegas durante a pandemia somada à “onda de desinformação” lhe trouxe algum tipo de trauma? Você chega a pensar em tudo o que passou? Faria algo diferente?

J3 - Olha o impacto em saúde mental no decorrer do processo, sem dúvida nenhuma, é algo que trouxe um impacto grande. É difícil avaliar se faria algo diferente, porque acho que é muito

cômodo hoje com um cenário “em mãos” mais claro e com um conhecimento técnico mais claro, eu diria que é fácil.

WL - Imagina que você está olhando uma nova pandemia...? Daqui seis meses, um ano, o novo vírus mortal vem, a mesma configuração. Você tomaria alguma atitude diferente daquilo que você fez? Porque dentro desses processos, você vai errando e acertando. Chega uma hora que você vai precisar repetir algumas coisas e outras vezes você sabe que não. Isso aqui não vai, não vai funcionar. Eu já tentei e não vai funcionar. É nesse sentido essa pergunta...

J3 - Perfeito. Acredito que em alguns pontos, sim, acho que a maioria eu considero, acho que o período com mais acertos do que erros. Mas buscaria tentar trabalhar melhor a informação em redes sociais.

Como eu comentei anteriormente, acho que esse é o ponto que tivemos dificuldade e acredito que ainda mais no mundo com o passar dos anos, esse é um ponto onde as pessoas estão mais inseridas. Eu acredito que buscaria novas técnicas, procedimentos, para que a informação oficial tentasse ser disseminada de uma forma mais rápida. E o combate à desinformação é feito de uma forma mais ágil, principalmente nos meios digitais. Acho que esse é o ponto a ser feito de forma diferente, a ser aprimorado.

Entrevistado “J4”

1. Você se lembra quando você ouviu a primeira vez a palavra “*fake news*”?

J4 - Olha, eu acho que a gente já tinha até ouvido antes da pandemia. Mas eu acho que o que fez a gente entender o que era *fake news* foi durante a pandemia. Eu pelo menos senti que de fato era o tamanho do que podia ser uma *fake news* durante a pandemia. Acho que tínhamos ouvido antes, mas “por ouvir falar”, mas não que tinha atingido a gente tão diretamente e que tivesse a dimensão de como ela poderia ser maléfica na situação que vivemos.

2. Na faculdade de Jornalismo que você cursou, o uso da desinformação chegou a ser estudado?

J4 - Não, nunca foi falado sobre isso na faculdade de Jornalismo. Fiz há muitos anos também. Na época, nem falávamos sobre esse assunto e internet não era...era algo diferente, não é?

3. Algum momento você achava que o uso da desinformação poderia ser utilizado contra a ciência?

J4 - Nunca tinha imaginado que isso acontecer. Nunca tinha imaginado. Por quê? Porque eu acho que era algo tão óbvio para a gente, não é? Principalmente em relação à vacina, por exemplo, é algo que já nascemos tomando vacina. Eu trabalhei no Butantã antes da pandemia. Fiquei um ano lá, então eu ouvia bastante as questões que relacionavam autismo com vacina, mas era algo localizado, de um grupo que era muito radical, influenciado por um movimento “anti-vax”, que já vinha de fora. Mas era algo a que eu só vi também porque eu estava no Butantã, não era algo que a gente falava tanto. Então acho que quando eu percebi que as pessoas estavam desacreditando de algo que era tão óbvio para a gente. Tão comum para a nossa vida, que é o que mais causou, acho que estranhamento ali naquele início.

4. Na pandemia, quando você teve contato pela primeira vez com a desinformação contra as campanhas de prevenção?

J4 - Já no início mesmo, logo no começo veio aquela história, Ah, porque teve, não é? Com o Carnaval, não é nada tão grave assim...e depois é só uma “gripezinha”. E aí começou, não é? Acho que é muito pela fala do tom do governo federal, foi encaminhando para que todos pensassem dessa forma. Todos os seguidores deles no caso.

5. Das mentiras que foram lançadas contra as campanhas de prevenção e de vacinação, quais foram as mais marcantes?

J4 - É, acho que tudo era contra “Fica em casa”. Das mentiras que vinham, das *fake news* que vinham, de que não era preciso, de que o objetivo era quebrar o país, a cidade, o estado e que não tinha fundamento. Enfim, acho que do isolamento começou por aí mesmo. E da vacina? Foi de tudo, né? Eu acho que o “jacaré” é um clássico. É o autismo que a gente já falava antes. E aí aproveitaram para falar sobre isso também. Já enganchar mais uma doença e o que poderia vir.

WL - O do autismo...o que era do autismo?

J4 - O autismo já se falava há muitos anos que as vacinas poderiam provocar autismo nas pessoas. Como se fosse assim que funcionasse. E aí isso já acontecia em um movimento “anti-vax” dos Estados Unidos já desde 2017, eu já acompanhava esse movimento e quando chegou

a pandemia, parece que os brasileiros descobriram esse movimento, né? E aí? Viram que eles já falavam sobre isso há tantos anos e acharam que dava para falar da vacina da Covid também, não é?

6 Quais foram as estratégias que vocês utilizaram para desmentir as mensagens enganosas?

J4 - É, tínhamos uma equipe, que é que ficava fazendo monitoramento de redes especificamente voltadas para o que eram as *fake news*. E era uma equipe do digital, né? Que ficava só focada nisso, vendo tudo o que saía. E aí ia monitorando.

WL - Eram muitas pessoas?

J4 - Eram. Acho que tinha cinco. Mas eles trabalhavam em turnos, “né”? Acho que mais ou menos uma equipe de cinco pessoas que era do dígito e aí? Eles monitoravam e iam avaliando o que que estava crescendo, né? Assim, tem milhares de *fake news* que rolando o tempo todo. Mas a gente ia avaliando a temperatura, então está aumentando, tem mais alcance, então vamos focar nessa que está tendo mais. É alcance, “né”? Que está viralizando mais. Enfim, daí a gente criou dentro do portal do governo, na aba só com *cards* sobre *fake news*.

Infelizmente essa aba “foi tirada do ar” com o novo governo, não é? Mas ela estava lá até o final da gestão anterior, em que todos os *cards* identificava uma *fake news*. Fazíamos um *card*, escrevia “*fake news*”, aí colocava nas redes sociais, compartilhava em todos os grupos, tanto de imprensa quanto de usuários, enfim, de colaboradores. Tudo o que tínhamos, espalhavam isso nos grupos de WhatsApp e trabalhava nas redes sociais e com a imprensa também. Então era uma equipe que identificava aquilo. Já fazíamos o *card* e já “colocávamos no ar”. Então tinha dia que a gente fazia isso praticamente o dia inteiro, o dia inteirinho era desmentir *fake news*.

7. O que funcionou?

8. O que não funcionou?

J4 - Eu acho que foi essa persistência mesmo, né? É de continuar falando, continuar mostrando a efetividade das ações. Os números que estavam é sendo benéficos. Acho que tivemos uma overdose talvez aí de coletivas, “né”? Nós fizemos 256 coletivas de imprensa nesse período. Então é ao mesmo tempo que eu sei que foi uma overdose, que isso pode até ter prejudicado politicamente algumas coisas, na minha visão enquanto comunicadora: a gente estava na casa das pessoas, querendo ou não, todo dia falando para elas verdades. Tinha quem estava ali para assistir, só para falar que era mentira. Mas eu quero crer que muitas pessoas viram ali e conseguiram entender as ciladas que estavam sendo colocadas ali para elas caírem.

WL - E o que não funcionou na sua visão?

J4 - Olha, eu acho difícil assim, porque você “elimina um e surgem três”. Então não acho que seja uma questão de equipe. Eu acho que é uma falha, que daí não é só da equipe de comunicação. Acho que é uma falha de governos. Eu acho que essa briga entre os governos prejudicou demais todo o trabalho que a gente estava tentando fazer, porque o foco saía muito daquilo que a gente considerava que era de fato importante.

WL - Então você acha que não funcionou, foi a ação política?

J4 - É, eu acho.

WL - Que ela acabou atrapalhando vocês?

J4- Muito... por mais que ele tenha a gente tenha um entendimento de que era preciso ter um protagonismo diante do que estava acontecendo no governo federal, a briga eu acho que prejudicou demais. E eu acho inclusive que matou gente essa briga. Dos dois lados.

WL - Como assim dos dois lados?

J4 - Porque eu acho que teve pessoas que deixaram de fazer. E teve, não é? Por acreditar no governo federal, é. Teve gente do lado que acreditava que tinha de se relacionar com quem não acreditava e acabou morrendo também por conta de falta de cuidados. Então acho que todo mundo acaba prejudicado. Não vejo nenhuma vantagem para o que aconteceu, para essa separação que aconteceu no país.

9. Quais foram os dias mais difíceis de trabalhar com as mensagens de desinformação?

J4 - Olha, eu não consigo te dizer especificamente um caso de *fake news* que tenha sido mais que desestabilizou mais. Eu acho que as situações eram mais difíceis, “né”? Então eu me recordo que teve um dia que num dia morreu 1.700 pessoas e nesse mesmo dia a gente fez uma “batida”, não é “batida” que chama, né? Uma inspeção em um lugar onde estava tendo uma festa com 250 idosos. Então é uma *blitz*, desculpa. Eu estava tentando achar a palavra, uma *blitz* que encontrou 250 idosos, sabe? No mesmo dia em que morreram 1.700 pessoas. Então isso era muito frustrante para o nosso trabalho, porque a gente estava tentando levar informação, mostrar a verdade, o que estava acontecendo, a necessidade de isolamento. E para a gente. Eu, em muitas vezes, senti que não estava funcionando, estava falando: “enxugando gelo, apagando incêndio” e nada estava sendo resolvido, sabe? Mas eu não me lembro de ser uma *fake news*. Eu acho que a *fake news* que causou isso. A consequência foi isso. A *fake news* é que não tinha problema, né? Que era um exagero, que não precisava ficar em casa. E aí acaba que 250 idosos estavam lá se expondo em risco, enquanto 1.700 pessoas estavam morrendo no dia.

10. A perda de colegas durante a pandemia somada à onda de desinformação lhe trouxe algum tipo de trauma? Você chega a pensar em tudo o que passou? Faria algo diferente?

J4 - Olha, eu não faria nada diferente. Eu não tive um dia de *home office*...eu não tive um dia de folga. Eu me emociono até hoje só de lembrar. Eu tive um amigo muito próximo que era o Claro, você o conhece também, que ficou 47 dias internado entre a vida e a morte, saiu sem andar, teve de ficar um ano lá fazendo fisioterapia para voltar a ser quem ele era.

Enfim, em meio a isso tudo, a gente ainda tinha de ouvir *fake news* e lidar com essas pessoas e às vezes pessoas da própria família, “né”? Que é não acreditar naquilo que a gente estava ali fazendo. Foi um período bem traumático para mim. Eu sofri muito naquele período, trabalhei igual a uma louca. Acho que eu nunca na história na minha vida trabalhei tanto quanto naquele período e me sentia frustrada justamente por isso, porque a gente via gente morrendo, o nosso trabalho sendo feito e parecia que muitas vezes não estava valendo a pena. Mas hoje eu vejo diferente. Hoje eu acho que valeu a pena sim e não mudaria nada. Faria tudo de novo, me dedicaria tanto quanto eu me dediquei. Trabalhava às vezes das 6h à meia-noite, às vezes até às 2 horas da manhã, estava no aeroporto para receber vacina. Enfim, não faria nada diferente não.

Entrevistado “J5”

1. Você se lembra quando você ouviu a primeira vez a palavra “fake news”?

J5 - Eu ouvi pela primeira vez a palavra *fake news*, ali por volta de 2018, mais ou menos e ainda no contexto do processo eleitoral, não foi na pandemia exatamente que eu lembre de *fake* de falarem muito em *fake news*, foi no momento ali do processo eleitoral de 2018 e isso começou a se estender aí depois, tá? Eu lembro que em 2018 foi muito emblemático ouvir falar em *fake news*.

2. Na faculdade de Jornalismo que você cursou, o uso da desinformação chegou a ser estudado?

J5 - Eu não me lembro de ter tratado sobre o uso da desinformação na minha faculdade de Jornalismo, até porque nos era repassado que o propósito do jornalismo era informar, era entreter, era prover era comunicar e transmitir informações jornalísticas adequadas.

3. Algum momento você achava que o uso da desinformação poderia ser utilizado contra a ciência?

J5 - Em princípio, não. Foi pra mim espantoso quando eu comecei a notar que a desinformação estava sendo utilizada para atacar a ciência. E aí Wallace, eu queria “fazer um parêntese”, que a questão da desinformação ela não estava. Eu notei assim no Instituto Butantan, que era um órgão vinculado à Secretaria da Saúde, que naquele momento a desinformação ela foi usada não só nas redes sociais, principalmente o WhatsApp e outras redes, mas ela acabou contaminando parte da própria imprensa...

Eu não estou fazendo uma crítica, tá? É uma constatação, porque no meio da cobertura da pandemia, da questão da vacina e tudo mais; a quantidade de informações que circulou e de desinformação, ela pode ter em determinado momento atingido até o profissional de imprensa, que naquele momento não tinha como checar para entrar ao vivo.

Por exemplo, para dar uma informação de último momento, isso também replicou um pouco, “né”? Eu acho que “bateu” um pouco nos próprios veículos de comunicação, mas não por ser intencional - de um jornalista imbuído de desinformar ou dar *fake news* ou dar uma notícia *fake*. Mas que, às vezes o profissional não estava munido de todas as informações necessárias para passar a informação correta. É só isso, não é uma crítica.

4. Na pandemia, quando você teve contato pela primeira vez com a desinformação contra as campanhas de prevenção?

J5 - Lá em 2020, quando diziam que a circulação das pessoas, ela não deveria ser evitada, o isolamento social. Porque o vírus, o SARS-CoV-2, as pessoas ao terem contato e esse vírus ao ser transmitido de forma massiva, ele criaria a chamada “imunidade de rebanho”.

Na época, circulou isso até alguns ditos especialistas disseram isso, que poderia criar a imunidade de rebanho. E o que a gente viu foi o contrário. Teve um momento ali que as medidas acabaram sendo relaxadas. E aí veio uma variante do SARS-Cov2 e todo mundo teve de voltar para casa.

O que a gente via, na verdade, era que as pessoas que circulavam, elas acabavam se contaminando e muitas delas morreram e tiveram quadros graves, internações graves. Eu tenho

informação privilegiada de um, que tem um certo nome na área, que circulava sem máscara e acabou contraindo a Covid e ficou entubado um bom tempo. Felizmente, esse médico ainda está vivo e eu não posso nominá-lo, mas eu tenho essa informação de bastidor.

5. Das mentiras que foram lançadas contra as campanhas de prevenção e de vacinação, quais foram as mais marcantes?

J5 - Uma clássica que eu vou te dizer que foi bastante difícil foi quando – assim, o Butantan lançou a CoronaVac e depois outras entraram no processo de distribuição do Ministério da Saúde. E ali teve um determinado momento que começou se associar a CoronaVac a uma eficácia menor.

Na época, criou-se até um termo que não existia: o “*sommelier* de vacina”, a pessoa ia para o posto se vacinar e falava que não queria a CoronaVac e que se só tinha a CoronaVac e voltava outro dia. E isso eu lembro que foi bastante difícil de combater, porque a CoronaVac ela foi testada em 13 mil voluntários, por todo o Brasil. E ela apresentou uma eficácia geral de 50,4%. E outras vacinas apresentaram uma escassez geral maior, só que a CoronaVac tem um caso específico porque ela foi testada exclusivamente entre profissionais da área de saúde. Só profissional da saúde foi recrutado como voluntário para testar a CoronaVac e eram profissionais que estavam na linha de frente do combate à doença.

Então esses profissionais tinham contato com pessoas doentes. E muitos deles adquiriram a Covid de forma sintomática. Não assim necessariamente sintomas graves, pelo contrário, sintomas normalmente leves. Tanto é que depois, quando se anunciou a eficácia para casos que requeriam algum tipo de atendimento médico, já subia para 78%. E contra internações já subia para 100% no ambiente controlado da pesquisa. Então essa dificuldade de dizer que a CoronaVac era uma vacina tão eficaz contra a doença em relação às outras, foi mais difícil de combater.

6. Quais foram as estratégias que vocês utilizaram para desmentir as mensagens enganosas?

J5 - Olha, primeiro, 24 horas no ar, as equipes de prontidão. Eu, particularmente, trabalhei de “ponta a ponta” ali desde o processo de finalização dos estudos clínicos, anúncio pela aprovação da vacina pela Anvisa e a questão da distribuição para o Ministério da Saúde. Eu não tive folga nenhum final de semana ou feriado, trabalhava até tarde da noite. E aí a estratégia, na verdade, para combater era o seguinte, sinergia total entre as equipes de comunicação do Butantã, da Secretaria da Saúde e da Secretaria de Comunicação do Governo do Estado. A gente tinha um grupo no WhatsApp chamado CoronaVac e outros grupos para prontamente atender às demandas.

A Secretaria de Comunicação do governo do estado, especificamente, criou um núcleo de combate às *fake news*. A gente repassava as informações solicitadas pela Secretaria de Comunicação, porque criava *cards* para serem distribuídos via WhatsApp ou pelas redes sociais para esclarecer as questões de *fake news*: contra a vacina, a ciência, a prevenção e tudo mais.

Então o papel do Butantan, em um primeiro momento foi auxiliar com informações de pesquisadores e cientistas ali do instituto a fomentar esse núcleo anti-*fake news* da Secretaria de Comunicação. Depois o próprio Butantan criou um núcleo de mídias sociais, em que parte do trabalho realizado era combater a *fake news* e criar carimbos de “*fake*” em determinadas

informações que circulavam. Mas o principal era a Secretaria de Comunicação que a gente fomentava.

A outra questão de estratégia foi estar atento – foi uma parceria muito grande que o Butantan teve com as agências de *fact-checking*, parte da equipe ficava bem próxima das agências para atender a essas demandas, que eram volumosas. Então a gente procurava priorizar de certa forma essas agências de informação, seja por notas, por meio de conversas com pesquisadores e cientistas do Butantan, no caso da Secretaria da Saúde, também com os técnicos da Secretaria da Saúde para poder desmentir essas *fakes* que circulavam.

7. O que funcionou?

8. O que não funcionou?

J5 - Essas estratégias foram bem-sucedidas na medida em que o estado de São Paulo conseguiu uma cobertura vacinal contra a Covid-19 muito significativa em um primeiro momento. Contribuiu também o fato de a população estar assustada. O pânico que se gerou e com as mortes, todos os casos, os casos graves, vendo aquelas valas criadas pela Prefeitura de São Paulo – quase faltou vala para gente – e isso contribuiu para que o pânico fosse gerado e as pessoas correram para tomar vacina. Foi um conjunto de fatores, não é? As estratégias anti-*fake news* da comunicação e o pânico da população em um primeiro momento - tanto é que quando abriu a vacinação, tinha pouca vacina e o que tinha ia se esgotando. Então isso contribuiu e funcionou.

WL - Sabe, eu estava me perguntando se quando você falou pânico da população, você está dizendo que as informações que levaram a população ficar mais “antenada”, seria isso?

J5 - É o pânico da população em relação às mortes e internações e casos graves pela Covid, que eram mostradas no noticiário.

WL - Então, como é que é? Isso funcionou no sentido de quer dizer, de mostrar o que estava acontecendo? Quer dizer, a transparência ajudou?

J5- Exato. A transparência da Secretaria da Saúde, do Butantan e do Governo do Estado e a parceria muito próxima que foi criada com os jornalistas, que semanalmente estavam nas coletivas, promovidas pelo governo do estado e envolvendo o Butantan. A vigilância epidemiológica, a Secretaria de Comunicação, o próprio governador do estado, o secretário da saúde e outros secretários contribuiu para que a população se vacinasse.

Eu me lembro que tinha mesmo fora das periferias, havia *blitz* que eram realizadas em locais - porque em determinado momento não só a saúde agiu, mas agiu também a polícia militar. Então havia *blitz* para flagrar festas que eram realizadas e aglomerações que estavam proibidas. Eu acho que foi um esforço conjunto e que contribuiu para que as pessoas tomassem consciência de que era importante vacinar mesmo aquelas que tinham alguma dúvida em relação à eficácia da vacina, a proteção que ela oferecia, foram na dúvida. Vou me vacinar porque, de fato, naquele primeiro momento, as pessoas foram tomar a vacina e a cobertura foi expressiva.

WL - O que não funcionou em termos de estratégia que vocês utilizaram pra desmentir as mensagens enganosas?

J5 - O que não funcionou foi o excesso. O que pode ter não funcionado, mas eu acredito que não funcionou foi o excesso de exposição do governante principal aqui de São Paulo.

Talvez nas coletivas se ele tivesse se ausentado, algumas ele até se ausentou, mas houve uma superexposição – tanto que se criou em parte da população uma visão dele negativa porque o isolamento social colou no governador. Parte da população atribuiu a ele o fato de ter de ficar em casa, de perder seus empregos ou negócios.

As pessoas tendem a não acreditar nos políticos, não é? E tinha um político ali. Eu não estou falando que ele fez errado. Ele foi um governante que se preocupou em trazer a vacina. Isso de fato foi positivo, mas de outro lado, ele acabou se expondo e isso atrapalhou na comunicação.

Ele se preocupou, tanto é que teve um documentário do Globoplay que foi até produzido aí pelo Fernando Lupo, pela Clarissa Cavalcante e eles gravaram uma conversa. Estava plugado ali o microfone, a mesa de som estava plugada ali na sala de reunião. E aí eles deixaram porque acharam relevante jornalisticamente ir “para o ar”. Em um determinado momento que o governador achava que não estava gravando e tal, e ele começou a dar um esporro na equipe dele, no secretário e tal. E até estava o presidente do Butantan falou: “Olha, quando que vai chegar a vacina”? Eu estou me expondo tanto e a vacina não chega. E aquilo foi reproduzido no documentário, não é? E foi reproduzido no documentário como uma questão de disputa política com o então presidente da República. Eu entendi em um outro contexto. Eu entendi que era ele falando de fato da preocupação em trazer a vacina para que logo começasse a vacinação. Mas, de fato, a superexposição dele atrapalhou a comunicação. Isso na minha opinião.

9. Quais foram os dias mais difíceis de trabalhar com as mensagens de desinformação?

J5 - Teve um momento ali que o Butantan precisava concluir a pesquisa e de fato o Butantan já tinha os resultados. Só que o Butantan tinha um fornecedor, que era a Sinovac lá da China e o resultado inicial era de 50,4% de eficácia geral. O Butantan se viu em uma saia justa com a Sinovac, porque ele podia de fato ter anunciado ali logo na primeira coletiva a eficácia geral, mas houve um pedido da Sinovac para que esse número não fosse divulgado porque os chineses tinham essa mesma pesquisa em outros países.

E estava dando uma diferença muito significativa em relação à eficácia geral em outros países, “né”? Tinha, países com 70 e tantos %e mais de 80% de eficácia. Mas a metodologia de pesquisa clínica era diferente. Lembra que eu te falei do caso do Brasil? Foram só profissionais de saúde. Você vai recordar que logo ali, entre o final de dezembro de 2020 e o início de janeiro de 2021, houve três coletivas.

Na primeira coletiva, foi anunciado que a CoronaVac tinha chegado ao limiar preconizado pela Organização Mundial de Saúde (ONU), pela Anvisa. Mas não foi falado o número, o percentual. Em um segundo momento, dez dias depois, isso era no dia 7 de janeiro, foi realizada uma segunda coletiva em que o Butantã anunciou eficácia para casos que demandavam algum tipo de atendimento médico em 78% e eficácia para internação e óbitos que nem em ambiente controlado, que chegou a 100%.

Ou seja, nenhum vacinado com a CoronaVac morreu ou teve de ficar internado. Bem, naquele momento não se divulgou a eficácia geral. Isso gerou questionamentos. Questionamento inclusive por parte da imprensa, não é? Cinco dias depois, no dia 12 de janeiro, enfim, foi realizada uma terceira coletiva em que o então diretor médico, diretor clínico de pesquisas do Butantan, que era o Ricardo Palácios, explicou. Ali ele falou da eficácia de 50,4%, dando ênfase ao fato de que foi realizada entre profissionais de saúde e que era uma eficácia que poderia ser considerada expressiva porque foi realizada entre profissionais de saúde.

Então ali foi um momento muito difícil, porque de um lado, havia a pressão do Governo de São Paulo para que fosse aprovada a vacina rapidamente para distribuição e do outro lado tinha o fornecedor ali falando: “Espera, porque eu quero revisar esses números aqui”. Tudo o que foi divulgado foi informação verdadeira. Não, não houve em nenhum momento o Butantan não se furtou há divulgar informações que fossem corretas. Ele só no primeiro momento não divulgou a eficácia geral da vacina por um pedido do laboratório chinês, para que eles estudassem esse número melhor... Que acabou sendo divulgado depois dos 50,4%. Ali foi muito difícil e o Butantan sofreu críticas, porque fez três coletivas para anunciar na terceira o número geral de eficácia.

WL - Quando você fala que o Butantan sofreu críticas, pode se estender à Secretaria de Estado da Saúde e ao governo?

J5 - Sim, sim, sim, todo mundo estava no mesmo barco.

10. A perda de colegas durante a pandemia, somada à onda de desinformação lhe trouxe algum tipo de trauma? Você chega a pensar em tudo o que passou? Faria algo diferente?

J5 - Olha, eu acho que foi um aprendizado, trauma não, para mim não. Porque é assim, eu sou um profissional de comunicação, que eu procuro de alguma maneira, eu não sei se é virtude ou defeito, qualidade ou defeito, mas eu procuro tentar me distanciar do fato, por pior que seja. Para poder exercer o meu trabalho.

Então eu via as coisas acontecendo. Eu me espantava com tudo que estava acontecendo. Eu entendia a dimensão do problema. Nunca tinha vivido isso, nenhum de nós, profissionais de comunicação, seja da imprensa, da comunicação corporativa, tinha vivido algo parecido, mas trauma eu não tenho. Tive um grande aprendizado. Eu acho que foi o momento que eu mais cresci na minha carreira, foi o momento da pandemia. O que contribuiu para isso? Wallace, é o fato de, na minha família, eu não ter tido ninguém que morreu ou ficou internado de forma grave pela doença. E isso ajudou.

Análise sobre perguntas e respostas com comentários

1. Você se lembra quando você ouviu a primeira vez a palavra “fake news”?

J1 - Ai, Wallace, não me não me recordo de verdade. Se eu te falar, eu vou estar mentindo. Na verdade, para mim, o *fake news* entrou para a pauta justamente nessa questão aí. Na pandemia foi muito forte isso.

J2 - Acho que começa na pré-campanha de 2017 e ali começa a se intensificar. Começa a aparecer um pouquinho mais essa questão da *fake news* em 2017. Eu acho que essa história da pré-campanha, seja ela para presidência ou seja ela para governo do estado, começa a se intensificar um pouquinho isso.

WL – Entendi. Você lembra de algo coisa específica que você viu de fake news?

J2 - Específico eu não vou lembrar porque a memória vai ficando longe, “né”? Tô falando de 2017, falando de oito anos aí, mas o que que acontece? O que aí é uma visão muito minha, essa questão da internet, ela foi fechando, pessoas que pensam iguais sobre alguns aspectos e ali começou a ter isso. Eu conseguia perceber grupos muito enraizados com algumas teorias, aí seja ela de Terra plana, seja contra a vacinação, que isso é um negócio que começa a crescer bastante, até antes da pandemia, que tínhamos grupos organizados contra a vacinação, isso cresce. Então sempre houve um engajar e isso foi ganhando corpo na internet, porque era um território livre. A gente não estava com o WhatsApp na sua plenitude, dentro desses grupos aí que estão a *dark web* da opinião pública, “né”? Mas não lembro. Lembro de começar a ter discussões, mas nada assim específico. Assim como depois a gente vai ver em relação à pandemia a partir daí de 2020.

J3 - Olha, é, eu acredito que devo ter ouvido antes da pandemia, não é? Ela é mais marcante para mim durante esse período, sem dúvida nenhuma. Mas certamente eu ouvi antes, principalmente quando a gente falava sobre vacinação. Já era um processo, um processo antivacina que vinha ocorrendo no mundo. Então era um termo já utilizado ali nesse processo antivacinal, que vinha ocorrendo no mundo. Mas, sem dúvida nenhuma, durante a pandemia, isso ganhou força e foi acho que o mais impactante aí. O que mais imediatamente remete na minha mente

J4 - Olha, já tínhamos até ouvido antes da pandemia. Mas eu acho que o que fez a gente entender o que era *fake news* foi durante a pandemia. Eu pelo menos senti que de fato era o tamanho do que podia ser uma *fake news* durante a pandemia. Acho que já tínhamos ouvido antes, por “ouvir falar”, mas não que tinha atingido a gente tão diretamente e que tivesse a dimensão de como ela poderia ser maléfica na situação que vivemos.

J5 - Eu ouvi pela primeira vez a palavra *fake news*, ali por volta de 2018, mais ou menos e ainda no contexto do processo eleitoral, não foi na pandemia exatamente que eu lembre de *fake* de falarem muito em *fake news*. Foi no momento ali do processo eleitoral de 2018 e isso começou a se estender aí depois. Eu lembro que em 2018 foi muito emblemático ouvir falar em *fake news*.

COMENTÁRIO SOBRE A PRIMEIRA RESPOSTA: Dos cinco entrevistados, apenas um não tinha conhecimento do uso da *fake news*. Os quatro entrevistados dizem que viram algo durante as eleições de 2018. Destaque para as seguintes respostas:

J3 - Olha, é, eu acredito que devo ter ouvido antes da pandemia, não é? Ela é mais marcante para mim durante esse período, sem dúvida nenhuma. Mas certamente eu ouvi antes, principalmente quando a gente falava sobre vacinação. Já era um processo, um processo antivacina que vinha ocorrendo no mundo. Então era um termo já utilizado ali nesse processo antivacinal, que vinha ocorrendo no mundo. Mas, sem dúvida nenhuma, durante a pandemia, isso ganhou força e foi o mais impactante aí. O que mais imediatamente remete à minha mente.

J4 - Olha, eu acho que já tínhamos até ouvido antes da pandemia. Mas eu acho que o que fez entendermos o que era *fake news* foi durante a pandemia. Eu pelo menos senti que de fato era o tamanho do que podia ser uma *fake news* durante a pandemia. Acho que já tínhamos ouvido antes, por ouvir falar, mas não que tinha atingido a gente tão diretamente e que tivesse a dimensão de como ela poderia ser maléfica na situação que vivemos.

2. Na faculdade de Jornalismo que você cursou, o uso da desinformação chegou a ser estudado?

J1 - Muito pouco, né? A gente vinha do jornalismo pautado com informação. Não falava de desinformação, falávamos de informação, de informar, esclarecer, trazer a informação fiel. Mas a palavra, desinformação, não entrava na pauta naquela época.

WL - Não se não se imaginava que iria virar isso, né?

J1 - Não, não. Porque o jornalismo era algo respeitoso. As pessoas tinham respeito pelo papel do jornalista, a pessoa que escrevia, que trazia notícia, que esclarecia. Hoje a nossa profissão está bastante desrespeitada. Até porque tem muita informação equivocada. Que são alimentados por verbas, não é? Que acabam tendo alinhamentos. Fora ali da conduta, a meu ver. E sabemos disso.

J2 - Quando eu me formei tinha máquina de escrever ainda, “né”? Então, assim, tinha muito contrainformação. Se você for lembrar, puxar um pouco na memória, “né”? Os governos totalitários sempre trabalharam com contrainformação, tratam do nazismo, se você parar para pensar, muito da comunicação nazista era baseada em mitos, fatos que dariam facilmente para chamar de *fake news*. Então tinha um pouco dessa propaganda política, dessa propaganda de comunicação de massa para criar pensamento dentro da sociedade. Mas não era tão rápido quanto é hoje, não é? Hoje, se eu plantar uma *fake news* ela tem uma capacidade de se espalhar de forma muito rápida em poucas horas.

J3 - Não, praticamente não. Quando eu me formei, a desinformação era algo muito superficial. Você tratava a desinformação de uma forma lateral, da seguinte forma: mais como uma forma de engrandecer ou fazer uma melhor apuração, não é? E era um processo de construção da reportagem, das matérias, dos conteúdos. Assim, a desinformação era uma forma lateral durante a universidade. Enfim, quando eu me formei, a desinformação era tratada mais em cima de um erro jornalístico de uma apuração, de exemplos, de situações ou de formas do que de incentivo ou de construção de ensinamento para uma melhor apuração, construção de uma reportagem. Mas não como acho que é hoje.

J4 - Não, nunca foi falado sobre isso na faculdade de Jornalismo. Fiz há muitos anos também. Na época, a gente nem falava sobre esse assunto e internet não era...era algo diferente, não é?

J5 - Eu não me lembro de ter tratado sobre o uso da desinformação na minha faculdade de Jornalismo, até porque nos era repassado que o propósito do jornalismo era informar, era entreter, era prover era comunicar e transmitir informações jornalísticas adequadas.

COMENTÁRIOS SOBRE AS RESPOSTAS: Dos cinco entrevistados, apenas um lembrou que em alguns momentos históricos, o uso da desinformação foi usado. Destaque para a frase de “J2”: “Quando eu me formei tinha máquina de escrever ainda, “né”? Então, assim, tinha muito contrainformação. Se você for lembrar, puxar um pouco na memória, “né”? Os governos totalitários sempre trabalharam com contrainformação, tratam do nazismo, se você parar para pensar, muito da comunicação nazista era baseada em mitos, fatos que dariam facilmente para chamar de *fake news*. Então tinha um pouco dessa propaganda política, dessa propaganda de comunicação de massa para criar pensamento dentro da sociedade. Mas não era tão rápido quanto é hoje, não é? Hoje, se eu plantar uma *fake news* ela tem uma capacidade de se espalhar de forma muito rápida em poucas horas.

3. Algum momento você achava que o uso da desinformação poderia ser utilizado contra a ciência?

J1 - Porque assim como a figura do jornalista, não é? A ciência, estávamos falando sobre pesquisadores, saúde, onde se tinha respeito. Era acima de qualquer valor. Estávamos falando de ciência de saúde, de pesquisa, de tratamento, de vacinas, de combate a doenças. Então essa é uma pauta que beneficia todos. Ninguém sai perdendo, quando a gente fala de ciência, de saúde, é para todo mundo sair ganhando. As pesquisas, elas vêm para trazer novos medicamentos, vacinas e estudos. Que são desconhecidos e com isso você tem sobrevida para doenças, para determinados tipos de doenças, você começa a ter tratamento, então isso para mim, não só como profissional, mas como ser humano é inquestionável.

J2 - Vou te falar agora como cidadão, nunca achei, até porque a questão da vacinação no Brasil era algo consolidado e você vê hoje a gente está aí com epidemias de sarampo voltando, poliomielite, correndo o risco. Está vencendo vacina nos postos de saúde. As pessoas não estão indo vacinar e não é porque o governo federal que é quem compra a vacina e distribui, aumentou a entrega, não...houve tem um efeito colateral aí pós-pandemia, que vai demorar muito para gente superar. Então é difícil de acreditar e podemos ir à ciência em outros ramos. O fato de a “Terra plana” ter sido uma discussão, que foi para programas de TV, que houve debate sobre a história da Terra plana é uma maluquice. E na semana passada tivemos um caso ali, das mulheres que voaram naquela espaçonave. E você tem aquele John Haggerty lá falando que foi *fake news*. Ou seja, teorias da conspiração. O que era nichado, teoria da conspiração, virou *streaming*. Então acho que isso acaba prejudicando a ciência, não só na questão das vacinas, mas no geral também.

J3 - Olha, acho que é como eu lhe citei na primeira pergunta, como a gente já vinha de um processo ali – atuando na Secretaria de Saúde – já tinha algum processo conhecido contra as questões de vacinação e já vinha impactando em outros países.

E eu já vinha buscando – antes da pandemia – tentando conhecer, estudar e compreender melhor esse fenômeno que ocorria muito fora do Brasil. Aqui no Brasil era uma exceção, não é? Ainda era, o impacto da desinformação, o impacto desses pontos de uso contra ciência, era ainda muito pequeno. E ele vem ganhando força em 2017, 2018 e ganha força com o *boom* da pandemia. Antes disso eu não imaginava que isso seria possível.

Acreditava que a ciência seria prevalente e a voz da ciência mais prevalente do que a desinformação. Como eu falei, não foi um espanto durante a pandemia, porque essa questão é com impacto direto nas questões de vacinação, já vinha sendo construída. Mas é a construção ali de uma rede de uma máquina feita para isso. Enfim, de todo um “pacote”, que veio durante a pandemia. Sim, aí é uma novidade, é algo que “fugiu um pouco da curva”, porque você via ali situações, uma situação pontual, uma ou outra que tinha o seu impacto, mas ainda era muito reduzido.

Mas daí quando chegamos na pandemia, juntamos esse exemplo que você deu da política e da ciência. E juntamos da pior forma, porque ainda não é desse exemplo que você cita de “algo entre aspas”. E acho que não dá para dizer mais leve ou mais pesado, mas, de certa forma, mais leve do que quando chegamos na pandemia. Vemos um processo extremamente bem construído. Narrativas que têm uma disseminação muito rápida. E, enfim, determinados grupos, que agem de uma forma muito ágil e bem construída.

J4 - Nunca tinha imaginado que isso acontecer. Nunca tinha imaginado. Por quê? Porque eu acho que era uma coisa tão óbvia para a gente, né? A gente, principalmente em relação à vacina, por exemplo, é algo que a gente já nasce tomando vacina. Eu trabalhei no Butantã antes da pandemia. Fiquei um ano lá, então eu ouvia bastante as questões que relacionavam autismo com vacina, mas era algo localizado, de um grupo que era muito radical, influenciado por um movimento “anti-vax”, que já vinha de fora. Mas era algo a que eu só vi também porque eu estava no Butantã, não era algo que a gente falava tanto. Então acho que quando eu percebi que as pessoas estavam desacreditando de algo que era tão óbvio para a gente. Tão comum para a nossa vida, que é o que mais causou, acho que estranhamento ali naquele início.

J5 - Em princípio, não. Foi pra mim espantoso quando eu comecei a notar que a desinformação estava sendo utilizada para atacar a ciência. E aí Wallace, eu queria “fazer um parêntese”, que a questão da desinformação ela não estava. Eu notei assim no Instituto Butantan, que era um órgão vinculado à Secretaria da Saúde, que naquele momento a desinformação ela foi usada não só nas redes sociais, principalmente o WhatsApp e outras redes, mas ela acabou contaminando parte da própria imprensa...

Eu não estou fazendo uma crítica, tá? É uma constatação, porque no meio da cobertura da pandemia, da questão da vacina e tudo mais; a quantidade de informações que circulou e de desinformação, ela pode ter em determinado momento atingido até o profissional de imprensa, que naquele momento não tinha como checar para entrar ao vivo.

Por exemplo, para dar uma informação de último momento, isso também replicou um pouco, “né”? Eu acho que “bateu” um pouco nos próprios veículos de comunicação, mas não por ser intencional - de um jornalista imbuído de desinformar ou dar *fake news* ou dar uma notícia *fake*. Mas que, às vezes o profissional não estava munido de todas as informações necessárias para passar a informação correta. É só isso, não é uma crítica.

COMENTÁRIOS SOBRE AS RESPOSTAS: Dos cinco entrevistados, apenas um notou que o uso da desinformação poderia chegar de forma mais intensa contra a ciência. Destaque para frase: “J3” - “Olha, acho que é como eu lhe citei na primeira pergunta, como a gente já vinha de um processo ali – atuando na Secretaria de Saúde – já tinha algum processo conhecido contra as questões de vacinação e já vinha impactando em outros países.

E eu já vinha buscando – antes da pandemia – tentando conhecer, estudar e compreender melhor esse fenômeno que ocorria muito fora do Brasil. Aqui no Brasil era uma exceção, não é? Ainda era, o impacto da desinformação, o impacto desses pontos de uso contra ciência, era ainda muito pequeno. E ele vem ganhando força em 2017, 2018 e ganha força com o *boom* da pandemia. Antes disso eu não imaginava que isso seria possível.

Acreditava que a ciência seria prevalente e a voz da ciência mais prevalente do que a desinformação. Como eu falei, não foi um espanto durante a pandemia, porque essa questão é com impacto direto nas questões de vacinação, já vinha sendo construída. Mas é a construção ali de uma rede de uma máquina feita para isso. Enfim, de todo um pacote, que veio durante a pandemia. Sim, aí é uma novidade, é algo que ‘fugiu um pouco da curva’, porque você via ali situações, uma situação pontual, uma ou outra que tinha o seu impacto, mas ainda era muito reduzido.

Mas daí quando a gente chega na pandemia, a gente junta esse exemplo que você deu da política e da ciência. E daí a gente junta as duas coisas da pior forma, porque ainda não é

desse exemplo que você cita de uma 'coisa entre aspas'. E acho que não dá para a gente dizer mais leve ou mais pesado, mas, de certa forma, mais leve do que quando a gente chega na pandemia. A gente vê um processo extremamente bem construído. Narrativas que têm uma disseminação muito rápida. E, enfim, determinados grupos, que agem de uma forma muito ágil e bem construída.”

4. Na pandemia, quando você teve contato pela primeira vez com a desinformação contra as campanhas de prevenção?

J1 - J1- Foi ali no diagnóstico que a gente fez de monitoramento de redes sociais para entender o que estava sendo dito, o que as pessoas estavam falando. Porque ali é um celeiro de informações, que a gente se deparou com essa informação. Porque até então, quando eu não estava ainda mergulhada nesse universo da saúde, eu era só jornalista e estava acompanhando o noticiário. Foi a primeira vez que eu trabalhei na minha jornada profissional, na minha carreira com saúde. Aí eu não tinha um histórico anterior de ter passado por algum outro lugar ou ter trabalhado para alguma “farma”. Não, eu era “zerada” nesse histórico de saúde.

WL -Imagina o seu choque, não é?

J1- Eu caí. Na verdade. Uhum, justamente por conta da pandemia que o mundo parou, a economia parou, então tinha uma série de questões sociais ali, envolvidas, que estavam sendo prejudicadas, movimentos, uma série de coisas. Então assim, eu fui envolvida neste primeiro universo social, não é? No digital e entendendo ali o mundo digital, “né”? Como funcionava e fez a assessoria deste movimento.

WL - E tinha muita gente na sua equipe?

J1- Tinha porque fizemos assim, não é? Tinha um planejamento ali, uma base para seguir algumas datas específicas que sabíamos que ia acontecer e o resto era “dedo no pulso”. Era orgânico, né? Porque a rede é viva, né? Rede social é algo muito vivo. Não é aquele tempo de espera. E aí quando trouxemos esse diagnóstico do que estava acontecendo. Enquanto eles estavam nos pedindo para dar um suporte para as redes sociais para a gente falar sobre o projeto Serrana, que era a vacinação em massa dos moradores dessa cidade do interior. E trouxemos ali um outro cenário pra eles, que era muito forte, que era essa questão, não era. Era uma guerra de narrativas e não de conteúdo. Um alto número de menções negativas. Falta de informação sobre vacina. Até então, todo o mundo conhecia o Butantan pelas cobras e soro. Ninguém sabia. Muitos não sabiam que o Butantan era um instituto que produzia vacina muitas vacinas, inclusive distribuídas pelo SUS. Muitas pessoas não sabiam o papel que o Butantan tinha. Esse legado de 120 anos. Quando a pandemia aconteceu ali, o Butantan estava completando exatamente 120 anos. Então era um desconhecimento. O preconceito contra o mercado chinês que logo veio, né? Aquelas manifestações, eu não quero “vaChina”, “né”? Aqueles memes e os trocadilhos. E uma disseminação muito forte de *fake news*.

Então a nossa orientação foi: para tudo. Antes de falar de projeto Serrana, de vacinação de uma cidade inteira, para ver como o vírus se comportava por meio dos *clusters*, a gente tinha que ter um outro direcionamento. Que antecedendo este momento, que foram uns três meses, quase três meses para a gente pegar ali é as emergências. Que dentro das emergências, o principal era a disseminação de *fake news*. Precisávamos criar uma campanha de combate a *fake news* pra informar a população do que era ou não verdade. Falar sobre vacina, porque as pessoas não tinham informação. E aquelas dúvidas... Quando falávamos, tá vindo da China, pessoal acha que “envasa vacina”. Eu brincava, né? Tipo, você pega uma jarra e vai colocando aquela substância caseira e não é dessa forma. Sim, e aquelas cobranças com datas, entregas etc., tudo aquilo acontecendo, tudo ao mesmo tempo. Então tínhamos um grande incêndio para apagar e eu acho que o principal incêndio era o *fake*, porque às vezes estamos nesse mundo. Principalmente nós que estamos em São Paulo. Não sabemos que às vezes lá em Cabrobó (PE),

tem um nano influenciador de uma cidadezinha minúscula, mas que ele causa ali um dano gigantesco. Você entende? Ele estava ali fazendo uma *fake news* que nasce ali e que vai se reverberando. E que vai multiplicando muito rapidamente. Então com o monitoramento, né, que são softwares específicos, né?

Que monitoram por palavra-chave que ficam ali buscando tudo isso e trazem essas informações, a gente conseguia chegar nestes lugares, em todos os lugares. Tivemos questões de “virou uma fábrica de dinheiro”. Aquela questão é de imunidade, aqueles testes de vacina que as pessoas iam para os laboratórios e que não tinha, é comprovação nenhuma científica. E eram as pessoas que iam lá e pagavam do próprio bolso uma fortuna e faziam aquele teste pós-vacinação. Três semanas depois pra ver como é que “tava” a imunidade. E eu cheguei a desmentir *fake news* de médico em rede social que ia lá com o exame e ficava lá bradando: “Olha aqui, ó. Eu tomei essa vacina! Eu tomei essa “vacinina”, essa “vaChina”. Olha aqui ó, o meu teste de imunidade e não deu em nada!”

Sabe, essas coisas. E isso tem um alcance gigantesco porque as pessoas não checam as informações. Eu cheguei dentro do Butantã a ter uma fala dentro de um *workshop* que ocorreu para jornalistas da América Latina. Eu não lembro qual foi a grande “farma” que promoveu. O gestor na época da comunicação pediu que eu fizesse ali uma parte para falar da *fake news*. Por causa da força que isso tinha. E eu quando comecei a falar, eu perguntei assim: “Quem aqui? Quem não recebeu no WhatsApp no grupo da família com uma *fake news*, levanta a mão quem não recebeu. Ninguém levanta a mão porque todo mundo recebia da própria família.

Eu tenho uma irmã, por exemplo, da área da saúde. E que ela vinha às vezes com narrativas que eu ficava horrorizada. E eu falava: “Não, para, isso é verdade? Você entende a força que isso tem, não é? Porque vem uma pessoa leiga e eu sou jornalista. No final, todo mundo virou cientista, porque todo mundo entendia de vacina como ninguém. Vacina virou conversa de mesa de bar. “Ah, sabe aquela coisa que todo mundo senta no bar e discute?” Tudo bem que estava tudo fechado e ninguém ia para o bar. Mas a pauta o tempo inteiro era a vacina, qual era a melhor e todo mundo sabia qual era melhor. Porque era essa e não aquela? Essas restrições. Era surreal, “né”? Então.

J2 - Bom, vamos lá: a pandemia ela tem dois atos, né? Pelo menos na minha cronologia, a gente tem ali fevereiro de 2020 que começa a ter os casos de doença ali que aparecem na Itália, você tem o primeiro caso que chega em Guarulhos. Até nesse dia que a gente começa a ter isso. Estavam todos os governadores reunidos ali em Foz do Iguaçu, no Cossudí, na reunião dos governadores do Sul e do Sudeste. Tinha virado um debate isso. A questão da pandemia, mortes e tal. E aí depois vem lá março, que a gente começa a fazer. Aí tem o comitê de saúde...e no outro comitê a gente começa a gerar aquelas coletivas de imprensa que você participou, que a gente transmitia, que foram os recordes absolutos das transmissões on-line que nós fazíamos tal. E aí vem o governo federal logo na sequência que aí começa o embate muito forte entre março e vai até agosto. É que aí a desqualificação da doença e de qualquer solução, seja ela, obviamente, pela vacina e aí as questões de cloroquina, ivermectina, todas essas maluquices que apareceram, que foram esses seis meses mais graves aí do primeiro semestre de 2020. Tem a cena clássica da cloroquina para a ema, né? É nesse momento que acontece isso.

J3 - Logo no início...na pandemia, ela passou por diversas fases. Acho que a gente pode entrar nela aí. Mas logo no início, quando os primeiros casos surgiram alguma desinformação já foi sendo detectada, portanto. De contagem, os primeiros casos de pessoas contaminadas. Logo nos primeiros casos me recorro de situações de desinformação com relação à forma de contágio, desinformação, de como havia surgido a pandemia, desinformação com relação à gravidade ou não da situação. Enfim, logo no início da pandemia a desinformação foi clara. Eu me lembro que bem no começo, nas primeiras semanas mesmo.

J4 - Já no início mesmo, logo no começo veio aquela história, Ah, porque teve, não é? Com o Carnaval, não é nada tão grave assim...e depois é só uma “gripezinha”. E aí começou, não é? Acho que é muito pela fala do tom do governo federal, foi encaminhando para que todos pensassem dessa forma. Todos os seguidores deles no caso.

J5 - Lá em 2020, quando diziam que a circulação das pessoas, ela não deveria ser evitada, o isolamento social. Porque o vírus, o SARS-CoV-2, as pessoas ao terem contato e esse vírus ao ser transmitido de forma massiva, ele criaria a chamada “imunidade de rebanho”.

Na época, circulou isso até alguns ditos especialistas disseram isso, que poderia criar a imunidade de rebanho. E o que a gente viu foi o contrário. Teve um momento ali que as medidas acabaram sendo relaxadas. E aí veio uma variante do SARS-Cov2 e todo mundo teve de voltar para casa.

O que víamos, na verdade, era que as pessoas que circulavam, elas acabavam se contaminando e muitas delas morreram e tiveram quadros graves, internações graves. Eu tenho informação privilegiada de um, que tem um certo nome na área, que circulava sem máscara e acabou contraindo a Covid e ficou entubado um bom tempo. Felizmente, esse médico ainda está vivo e eu não posso nominá-lo, mas eu tenho essa informação de bastidor.

COMENTÁRIOS SOBRE AS RESPOSTAS: Todos os entrevistados disseram que logo no começo da pandemia tiveram contato com a desinformação. Alguns chegam a citar momentos como bem no início quando as primeiras informações sobre a maneira que o vírus começava a circular. Destaque para as respostas:

“J2 - Bom, vamos lá: a pandemia ela tem dois atos, né? Pelo menos na minha cronologia, a gente tem ali fevereiro de 2020 que começa a ter os casos de doença ali que aparecem na Itália, você tem o primeiro caso que chega em Guarulhos. Até nesse dia que a gente começa a ter isso. Estavam todos os governadores reunidos ali em Foz do Iguaçu, no Cossudi, na reunião dos governadores do Sul e do Sudeste. Tinha virado um debate isso. A questão da pandemia, mortes e tal. E aí depois vem lá março, que a gente começa a fazer. Aí tem o comitê de saúde...e no outro comitê a gente começa a gerar aquelas coletivas de imprensa que você participou, que a gente transmitia, que foram os recordes absolutos das transmissões on-line que nós fazíamos tal. E aí vem o governo federal logo na sequência que aí começa o embate muito forte entre março e vai até agosto. É que aí a desqualificação da doença e de qualquer solução, seja ela, obviamente, pela vacina e aí as questões de cloroquina, ivermectina, todas essas maluquices que apareceram, que foram esses seis meses mais graves aí do primeiro semestre de 2020. Tem a cena clássica da cloroquina para a ema, né? É nesse momento que acontece isso.

J3 - Logo no início...na pandemia, ela passou por diversas fases. Acho que a gente pode entrar nela aí. Mas logo no início, quando os primeiros casos surgiram alguma desinformação já foi sendo detectada, portanto. De contagem, os primeiros casos de pessoas contaminadas. Logo nos primeiros casos me recordo de situações de desinformação com relação à forma de contágio, desinformação, de como havia surgido a pandemia, desinformação com relação à gravidade ou não da situação. Enfim, logo no início da pandemia a desinformação foi clara. Eu me lembro que bem no começo, nas primeiras semanas mesmo.”

5. Das mentiras que foram lançadas contra as campanhas de prevenção e de vacinação, quais foram as mais marcantes?

J1- Hum, tem tantas.

WL -Teve alguma que ficou lá na sua cabeça assim, tipo assim, “pô”, essa deu trabalho que enfim, que colou mais rápido, que que foi mais marcante?

J1-Para mim é. A gente tinha. Eu acho que essa do médico me chamou muito a atenção. Ele gravou um vídeo, foi lá e postou. Inclusive, eu tenho um vizinho médico, médico do Einstein. Ele é clínico, médico de família e ele tem especialização, é. Na parte pulmonar, né? E ele lançou agora um livro muito bacana, onde traz *cases*, histórias. E eu conversando com ele, ele virou pra mim e falou assim, falando, “né”? Em uma roda aqui de amigos, ele falou assim, qual é a profissão que ninguém questiona? O médico fala para você, você vai lá no consultório e manda você tirar a roupa que ele vai te examinar e você tira.... Você nunca viu aquele cara... Depois que ele falou isso, falei: “Caramba, “né”? É verdade, a gente nem para pra pensar...

WL - Então para você, as mais marcantes foram aquelas que foram feitas por pessoas da medicina?

J1- Foram por pessoas da medicina que falavam asneiras. Outra que foi muito forte. Outra foi daquele pastor, bispo. Como que ele chama?

É, ah, tem, tem várias. Quer dizer, “ó”, vou ler algumas aqui pra você que eu tenho uma lista.

J1 - Resumidamente, então, seria a pessoa eu acho que você poderia ser, então resumidamente, seriam pessoas da área da medicina e religiosos. É tanto que era bastante delicado. Desmentíamos esse pastor aí de uma grande igreja, que tem milhões de seguidores. Milhões, né? É ele falando lá que a população do Chile tinha se vacinado e um monte de gente tinha morrido... um absurdo. E tipo: “Olha, quem está tomando essa vacina?” CoronaVac lá no Chile, está todo mundo morrendo. É que eles não contam: “blá,blá,blá”. E aí eu tive de levar isso para o jurídico do Butantan. Eu cheguei e falei. Era mexer com uma pessoa que tinha um grande alcance em rede social, que tem esse poder aí. A parte religiosa, que pega ali no cerne de muitas pessoas.

WL - Olha, eu “tô” olhando aqui tem uma matéria no Globo sobre Davi Goes e o outro sobre Silas Malafaia.

J1- O Malafaia. Você veja aí quantos milhões de seguidores esse cara tem. O impacto que é da fala dele. Das pessoas ali, dos beatos que acreditam fielmente naquilo. E aí eu levei para a minha gestora. Eu falei: “Olha, gente, isso aqui é muito grave. Ele está falando isso sobre o Chile, que não é verdade. E a gente precisa desmentir...” A gente imprimia, deixava registrado, foi pra rede social. Você pensa que ele parou, “né”? Ele foi lá no *post*, comentou que a gente era mentiroso. Ele ainda foi ousado.

Esse foi um caso para mim, que me impactou, que marcou, porque a força que uma pessoa dessa tem de fala, o público que ela atinge em massa e a pessoa ali propagando uma mentira.

Então isso vai tendo um efeito. E aí todos as ovelhas, vão falando, olha porque o pastor disse que essa vacina aqui é ruim. Olha que estão morrendo e isso vai ganhando uma força, é assustadora realmente. E o impacto que isso causa, na vida das pessoas. Então é tudo isso.

A gente tinha esse diagnóstico. E ação. Qual era? Qual era a orientação? Era a gente assumir o controle da narrativa nas redes sociais.

Interagindo com todos os comentários. Tínhamos uma equipe de social que não era *bot*, não tínhamos *bot*. Tínhamos um time só de interação, de *communities* que respondiam aos *posts*. Trazendo ali um “FAQ (*Frequently Asked Questions* – Perguntas Frequentemente Perguntadas) já direcionado. Quando víamos que tinha muita dúvida, a gente tinha “FAQs” já específicos, onde esse time de *communities*, personalizava as respostas ali pra eles entenderem que não era um *bot*, que estava interagindo, ali era uma pessoa. E aí acabamos virando notícia também em um monte de lugares, porque as pessoas diziam: caramba, o Butantan me respondeu! E aí a acabamos sendo mencionados, matérias direcionadas a isso...do nosso cuidado, do controle de tentar ter um ambiente mais controlado, diante daquele caos todo, né? Ampliar o contato com a imprensa. É que o que trazíamos ali, para que a imprensa disseminasse. Então, quando eu falo assim, fez um trabalho na rede, mas obviamente que impactou na imprensa, porque aí a imprensa vinha aí reverberava aqueles *posts*. Trazia a notícia falando: “Olha, isso aqui é *fake news*. O Butantan desmentiu... isso não é verdade.” E aí, às vezes queriam entrevistar alguns pesquisador ou cientista envolvido naquilo para explicar melhor em detalhes.

Outra *fake news* muito forte, eu acho que vale mencionar também que eu acho bacana. A gente tinha em média 8 mil menções, 8 mil interações nos nossos *posts*. No período da pandemia é muita coisa.

Aí você já respondia: “8 mil”? Por que o que aconteceu? Você começa respondendo às primeiras e automaticamente as pessoas vão se marcando ali. Quando alguém vem, pergunta alguma coisa, o próprio seguidor vai lá e marca a pessoa ali em uma resposta que ela estava em dúvida. Então acabamos criando, brincávamos que eram os nossos *butan lovers*...nas nossas redes sociais, eu meio que estabeleci que no Instagram tínhamos os *butan lovers*...ali a gente tinha um público fiel. Quando alguém vinha atacar o Butantã, eles mesmo já iam partiam pra defesa, né? Não precisava mais responder, eles já sabiam o que responder, porque eles seguiam fielmente a gente,

Eu digo que no Facebook a gente tinha os “Minions”, que era os “anti-vax”, né? É, os bolsonaristas estavam muito fortes lá, era uma identificação que tínhamos muito grande. Aquela mulher que dizia que a vacina tinha imã, que era uma sulista, acho que ela era de Porto Alegre, que pôs o vídeo: “Olha aqui meu braço.” Ela colocava uma moeda que se fixava no braço. Foi bizarro, “né”? Foi no Facebook que aquilo começou. Eu brincava que na época era o Twitter, que hoje é o X, era a “faixa de Gaza”. Porque ali é Terra de ninguém, “né”? Ali escreve o que quer, diz o que quer, fala o que quer. Então o que que a gente precisava? É ampliar esse contato com a imprensa, que a imprensa fosse um braço nosso, para ajudar nesse alcance também. Fora das redes, chegar a notícia verdadeira, o aumento de postagens destacando o trabalho dos pesquisadores do Butantan, mostrando a seriedade, o legado de 120 anos, que a gente não era um lugar só de cobra, de soro. A gente era o maior produtor de imunobiológicos da América Latina.

J2 - Olha, eu acho que tem uma fala do presidente Bolsonaro. É muito louco porque acontecia muita coisa nos grupos. Eu monitorava alguns grupos de WhatsApp. É, fui me iniciando em alguns grupos assim de extrema direita, fui ficando lá para ver o que estava, as maluquices. Mas eu acho que de forma emblemática para a comunicação que ela resume muito, é a história do “virar jacaré”. Ela tem um poder essa frase: você vai tomar essa vacina, você vai “virar jacaré”.

Ela ao mesmo tempo, ela parece um quadro do *Zorra Total*, “né”? De piada. Mas ela tem o poder de comunicação de simplicidade na cabeça daquelas pessoas que já tinham alguma coisa contra que elas abraçam essa teoria. Não que vai “virar um jacaré de verdade”, mas que ela vai causar mutações em você. E que ela é um experimento genético que vai causar mutações, que você vai se transformar em outra pessoa. Obviamente teve as derivações que falava que na verdade, a vacina estava instalando um *chip* chinês que vai fazer você fazer transição de gênero, as coisas foram crescendo. Mas eu acho que essa semente do “vai virar jacaré” tem um poder no ponto de vista de comunicação muito grande para essas hordas da desinformação e da *fake news*. Que foi o dia que liberou geral. Pode falar o que quiser, que vai ser verdade. Não queremos acreditar mais na ciência. Não queremos mais falar da história. Não queremos falar que a vacina salvou da paralisia infantil, do sarampo, da rubéola e de tantas outras doenças que a vacina cuidou ao longo dos anos. Nisso tudo, aquele acho que foi talvez o ponto de inflexão. É quando a comunicação começou a sofrer muito, em que a verdade já não fazia mais efeito.

WL - O “virar jacaré” está acima da de contrair AIDS, na sua visão?

J2 - Minha opinião, é que ela é alegórica, mas é muito simplista para essas pessoas que ficam debatendo, né? A AIDS é uma variação do “virar jacaré”. Vai acontecer algo que você não espera tomando essa vacina, não faça isso. Aí você acredita no que você quiser, que você vai trocar de sexo, que você vai pegar AIDS, que é um *chip* chinês que estão instalando no seu corpo e aí liberou geral, “né”? Porque era uma maluquice, como é que você transforma um humano em um réptil? A maluquice é tão grande. Para mim é muito marcante esse momento.

J3 - Ah, olha, com relação à questão - voltando para a área de vacinação - em específico, é principalmente com relação às questões de rapidez da produção da vacina e por isso e a sua efetividade, acho que certamente foram as que tiveram ali inúmeras ramificações. É e aí em cima desse tema. Tipo: “Ah, a vacina ficou pronta muito rápido.” E ela vem aí com um potencial de causar até mais problemas do que soluções. E aí acho que esses dois pontos foram os mais marcantes. E aí surgiram inúmeras dessas questões. Então acho que esses dois pontos foram os que mais marcaram. “Ah, daquele momento, acho que aí eu digo que a gente dividia.” Acho que no momento da prevenção ou o “Fique em casa”.

Foi um dos problemas mais complexos ali, porque no seu início, ele funciona e funciona bem. É nas grandes cidades, mas quando você vai para o interior e vai para outras áreas do país vem um número de desinformação muito grande no sentido de: “Ah, o número de mortos não é esse”. Ou há uma produção do governo para que infle o número de mortos e de doentes para assustar as pessoas.

Depois acabei indo buscar em outros estados, até por curiosidade e busca de conhecimento. Havia isso muito forte em outros estados. Acho que o modelo era o mesmo, com diferentes intensidades nos lugares, mas o modelo de desinformação com relação a esses momentos de prevenção, com relação principalmente aos números, era replicado em outros estados. Apenas com intensidades diferentes. É muito latente, principalmente em relação aos números.

Está é muito latente. Assim é principalmente com relação aos números, “não é”? O questionamento em relação aos números é uma produção de um cenário que o governo do estado estaria fazendo, uma produção de um cenário de caos. Para que? Para poder fazer o contraponto ao governo, ao governo federal, que estava adotando uma política inversa.

J4 - É, acho que tudo era contra “Fica em casa”. Das mentiras que vinham, das *fake news* que vinham, de que não era preciso, de que o objetivo era quebrar o país, a cidade, o estado e que não tinha fundamento. Enfim, acho que do isolamento começou por aí mesmo. E da vacina? Foi de tudo, né? Eu acho que o “jacaré” é um clássico. É o autismo que a gente já falava antes. E aí aproveitaram para falar sobre isso também. Já enganchar mais uma doença e o que poderia vir.

WL - O do autismo...o que era do autismo?

J4- O autismo já se falava há muitos anos que as vacinas poderiam provocar autismo nas pessoas. Como se fosse assim que funcionasse. E aí isso já acontecia em um movimento “anti-vax” dos Estados Unidos já desde 2017, eu já acompanhava esse movimento e quando chegou a pandemia, parece que os brasileiros descobriram esse movimento, né? E aí? Viram que eles já falavam sobre isso há tantos anos e acharam que dava para falar da vacina da Covid também, não é?

J5 - Uma clássica que eu vou te dizer que foi bastante difícil foi quando – assim, o Butantan lançou a CoronaVac e depois outras entraram no processo de distribuição do Ministério da Saúde. E ali teve um determinado momento que começou se associar a CoronaVac a uma eficácia menor.

Na época, criou-se até um termo que não existia: o “*sommelier* de vacina”, a pessoa ia para o posto se vacinar e falava que não queria a CoronaVac e que se só tinha a CoronaVac e voltava outro dia. E isso eu lembro que foi bastante difícil de combater, porque a CoronaVac ela foi testada em 13 mil voluntários, por todo o Brasil. E ela apresentou uma eficácia geral de 50,4%. E outras vacinas apresentaram uma escassez geral maior, só que a CoronaVac tem um caso específico porque ela foi testada exclusivamente entre profissionais da área de saúde. Só profissional da saúde foi recrutado como voluntário para testar a CoronaVac e eram profissionais que estavam na linha de frente do combate à doença.

Então esses profissionais tinham contato com pessoas doentes. E muitos deles adquiriram a Covid de forma sintomática. Não assim necessariamente sintomas graves, pelo contrário, sintomas normalmente leves. Tanto é que depois, quando se anunciou a eficácia para casos que requeriam algum tipo de atendimento médico, já subia para 78%. E contra internações já subia para 100% no ambiente controlado da pesquisa. Então essa dificuldade de dizer que a CoronaVac era uma vacina tão eficaz contra a doença em relação às outras, foi mais difícil de combater.

COMENTÁRIO SOBRE AS RESPOSTAS: Nessa pergunta, cada entrevistado trouxe um aspecto diferente. “J1” por exemplo, cita as “asneiras que médicos falavam” e destaca o poder que a fala do profissional da medicina possui; cita ainda uma batalha que a equipe dela teve para desmentir o pastor Silas Malafaia, que acabou indo parar nos tribunais. “J2” destaca a força da mentira de que a vacina faria “virar jacaré”, dita pelo então presidente Jair Bolsonaro. “J3” lembrou sobre a questão dos números. “J4” falou sobre autismo e “J5” falou sobre os questionamentos numéricos. Destaque para as falas de “J2” e “J4”.

J2 - Olha, eu acho que tem uma fala do presidente Bolsonaro. É muito louco porque acontecia muita coisa nos grupos. Eu monitorava alguns grupos de WhatsApp. É, fui me iniciando em alguns grupos assim de extrema direita, fui ficando lá para ver o que estava, as maluquices. Mas eu acho que de forma emblemática para a comunicação que ela resume muito, é a história

do “virar jacaré”. Ela tem um poder essa frase: você vai tomar essa vacina, você vai “virar jacaré”. Ela ao mesmo tempo, ela parece um quadro do *Zorra Total*, “né”? Da piada. Mas ela tem o poder de comunicação de simplicidade na cabeça daquelas pessoas que já tinham alguma coisa contra que elas abraçam essa teoria. Não que vai “virar um jacaré de verdade”, mas que ela vai causar mutações em você. E que ela é um experimento genético que vai causar mutações, que você vai se transformar em outra pessoa. Obviamente teve as derivações que falava que na verdade, a vacina estava instalando um *chip* chinês que vai fazer você fazer transição de gênero, as coisas foram crescendo. Mas eu acho que essa semente do “vai virar jacaré” tem um poder no ponto de vista de comunicação muito grande para essas hordas da desinformação e da *fake news*. Que foi o dia que liberou geral. Pode falar o que quiser, que vai ser verdade. Não queremos acreditar mais na ciência. Não queremos mais falar da história. Não queremos falar do que a vacina salvou da paralisia infantil, do sarampo, da rubéola e de tantas outras doenças que a vacina cuidou ao longo dos anos. Nisso tudo, aquele acho que foi talvez o ponto de inflexão. É quando a comunicação começou a sofrer muito, em que a verdade já não fazia mais efeito.

WL - O “virar jacaré” está acima da de contrair AIDS, na sua visão?

J2 - Minha opinião, é que ela é alegórica, mas é muito simplista para essas pessoas que ficam debatendo, né? A AIDS é uma variação do “virar jacaré”. Vai acontecer algo que você não espera tomando essa vacina, não faça isso. Aí você acredita no que você quiser, que você vai trocar de sexo, que você vai pegar AIDS, que é um *chip* chinês que estão instalando no seu corpo e aí liberou geral, “né”? Porque era uma maluquice, como é que você transforma um humano em um réptil? A maluquice é tão grande. Para mim é muito marcante esse momento.

J4 - É, acho que tudo era contra “Fica em casa”. Das mentiras que vinham, das *fake news* que vinham, de que não era preciso, de que o objetivo era quebrar o país, a cidade, o estado e que não tinha fundamento. Enfim, acho que do isolamento começou por aí mesmo. E da vacina? Foi de tudo, né? Eu acho que o “jacaré” é um clássico. É o autismo que a gente já falava antes. E aí aproveitaram para falar sobre isso também. Já enganchar mais uma doença e o que poderia vir.

WL - O do autismo...o que era do autismo?

J4 - O autismo já se falava há muitos anos que as vacinas poderiam provocar autismo nas pessoas. Como se fosse assim que funcionasse. E aí isso já acontecia em um movimento “anti-vax” dos Estados Unidos já desde 2017, eu já acompanhava esse movimento e quando chegou a pandemia, parece que os brasileiros descobriram esse movimento, né? E aí? Viram que eles já falavam sobre isso há tantos anos e acharam que dava para falar da vacina da Covid também-

6. Quais foram as estratégias que vocês utilizaram para desmentir as mensagens enganosas?

J1 - Eu acho que criar uma campanha de combate à *fake news* foi o maior feito de todos, porque tínhamos uma identidade. Criamos uma identidade visual para essa campanha dentro das redes que era a assinatura: “*Fake news* também é vírus”.

J2 - Bom, vamos lá. Ali tínhamos também. Acho que não tem como fugir. É do personagem que nós estávamos ali trabalhando, que era o João Doria. O governador era um cara da área de comunicação. É um cara que tem uma facilidade para ir para a frente de uma câmera. É um cara

que tem uma facilidade para tornar tudo um evento aqui eu não estou entrando no mérito de julgamento de valores, se isso é bom ou ruim, tá? Eu só estou só colocando uma característica – então ali a gente tem um potencial que é o portador da mensagem. Obviamente, a Secretaria de Saúde de São Paulo, tem um histórico e um time de profissionais de primeira linha, que vai do David Uip para frente. É a USP, a Unicamp, o Hospital das Clínicas (HC), não precisamos nem falar o quanto que São Paulo é referência em saúde no mundo. Então, se conseguia trazer um time de profissionais, a ideia foi primeiro trazer um time de profissionais de saúde muito bom para dar a verdade, apesar da descrença geral que o presidente propagava. É, trouxemos esse time e o João Doria foi o condutor disso daí.

Era um trabalho extenuante. A gente chegou se não me engano, foram acho que 267 coletivas. Esse é o número que precisa apurar..., mas foram por aí 267 coletivas. A gente está falando de quase um ano de coletivas de imprensa. Teve semanas que fizemos sete coletivas, daquelas que eram transmitidas ao vivo para todas as redes sociais simultaneamente, a gente gerava o sinal para todas as emissoras. E aí tínhamos mais a cobertura da TV Cultura também e obviamente da imprensa que ia para lá. Montamos um estúdio dentro do Palácio dos Bandeirantes, um estúdio que permitia entrar ao vivo para qualquer tipo de veículo, seja rádio é internet ou TVs... foi um trabalho que acabou ganhando repercussão internacional. Entrou na DVC, na CNN International, Al Jazira e uma série de outras emissoras internacionais na RAI, na França, na TV Sun. Enfim, tudo ali daquele estúdio que aconteceu, que virou um grande *bunker* do Palácio dos Bandeirantes, do ponto de vista de comunicação. A equipe da Secretaria de Saúde ficou basicamente lá, tínhamos a doutora Tatiana e a (“Meu Deus do céu, esqueci o nome agora, depois eu lembro”), que eram especialistas em vacina que ficavam. Tinha as reuniões diárias de governo às 8h, porque também mistura muito do ponto de vista de comunicação política pública de saúde, política pública de comunicação e a comunicação propriamente dita.

Criamos grupos de WhatsApp com 645 secretários de comunicação dos municípios (número de cidades de São Paulo). Éramos um grupo para cada região. Ou seja, litoral, metropolitana de Campinas, Ribeirão Preto, Franca. Tinha um grupo ali que a gente passava as informações em “primeira mão” para esses secretários de comunicação que passavam para as prefeituras. Ali tinha partidos de oposição, de situação de tudo.

Então era uma máquina de comunicação que funcionava todo dia, a partir das 6h da manhã E tinha aquela coletiva das 11h da manhã, que se estendia ali pelos noticiários do meio-dia, a ideia era sempre ter um pouco disso. Acertamos todas as vezes? Na maioria das vezes. Tem alguns erros que são meus, é que são olhares meus agora, distanciados do tempo, que me permitem dizer alguma coisa, mas na “hora do calor” a gente fazia o máximo de tentar. Foi quando a gente criou lá, quando chegou o momento da vacina, que foi o site da vacina já, onde a gente cadastrava as pessoas, os grupos prioritários. Esse foi um trabalho da comunicação, redes sociais, a gente trabalhou demais.

Mas aí falando de *fake news*, tomávamos de “7 a 1” todo dia. Não tinha jeito. Você precisa para dar certo na internet ter um exército virtual trabalhando para você. Governo nenhum consegue ter isso, você é “vidraça” a todo momento. Trabalhávamos dentro dos meios de comunicação, que eram mais profissionais.

J3 - É exatamente. Precisamos sim reorganizar a equipe. Claro que acabamos reorganizando a equipe. No início da pandemia é como um todo. Assim aumentou o número da equipe. E

reestruturou ali no sentido de ter algum grupo construindo materiais que pudessem ser subsídios para a construção de conteúdos contra a desinformação. Havia ali umas duas pessoas específicas só para levantar conteúdos técnicos. Levantar conteúdos que que podiam ser utilizados em produção de materiais contra a desinformação e tanto para a produção de *papers*, de materiais para os porta-vozes. Quanto é para a produção de conteúdos nas redes sociais? Que era o local onde havia, “né”? A disseminação da desinformação de um volume gigantesco e rápido, não é? Então reorganizamos a equipe sim. Tinham pessoas específicas para pesquisa de conteúdo. Dos que fossem utilizados. É pesquisa de conteúdo com a área técnica. Algumas pessoas ali que buscassem essa informação de uma forma mais ágil com a área técnica para construir. Assim é conteúdo em diversas frentes. Elas não eram responsáveis por construir esse conteúdo, mas para distribuir esse conteúdo tanto para as equipes de rede social tanto da assessoria social, quanto para as equipes que que produziam os materiais técnicos para ser subsídio dos porta-vozes.

J4 - É, tínhamos uma equipe, que é que ficava fazendo monitoramento de redes especificamente voltadas para o que eram as *fake news*. E era uma equipe do digital, né? Que ficava só focada nisso, vendo tudo o que saía. E aí ia monitorando.

WL - Eram muitas pessoas?

J4 - Eram. Acho que tinha cinco. Mas eles trabalhavam em turnos, “né”? Acho que mais ou menos uma equipe de cinco pessoas que era do dígito e aí? Eles monitoravam e iam avaliando o que que estava crescendo, né? Assim, tem milhares de *fake news* que rolando o tempo todo. Mas íamos avaliando a “temperatura”, então está aumentando, tem mais alcance, então vamos focar nessa que está tendo mais. É alcance, “né”? Que está viralizando mais. Enfim, daí a gente criou dentro do portal do governo, na aba só com *cards* sobre *fake news*.

Infelizmente essa aba “foi tirada do ar” com o novo governo, não é? Mas ela estava lá até o final da gestão anterior, em que todos os *cards* identificávamos uma *fake news*. Fazíamos um *card*, escrevia “*fake news*”, aí colocava nas redes sociais, compartilhava em todos os grupos, tanto de imprensa quanto de usuários, enfim, de colaboradores. Tudo o que tínhamos, espalhávamos isso nos grupos de WhatsApp e trabalhava nas redes sociais e com a imprensa também. Então era uma equipe que identificava aquilo. Fazíamos o *card* e já “colocava no ar”. Então tinha dia que a gente fazia isso praticamente o dia inteiro, o dia inteirinho era desmentir *fake news*.

J5 - Olha, primeiro, 24 horas no ar, as equipes de prontidão. Eu, particularmente, trabalhei de “ponta a ponta” ali desde o processo de finalização dos estudos clínicos, anúncio pela aprovação da vacina pela Anvisa e a questão da distribuição para o Ministério da Saúde. Eu não tive folga nenhum final de semana ou feriado, trabalhava até tarde da noite. E aí a estratégia, na verdade, para combater era o seguinte, sinergia total entre as equipes de comunicação do Butantã, da Secretaria da Saúde e da Secretaria de Comunicação do Governo do Estado. A gente tinha um grupo no WhatsApp chamado CoronaVac e outros grupos para prontamente atender às demandas.

A Secretaria de Comunicação do governo do estado, especificamente, criou um núcleo de combate às *fake news*. A gente repassava as informações solicitadas pela Secretaria de Comunicação, porque criava *cards* para serem distribuídos via WhatsApp ou pelas redes sociais para esclarecer as questões de *fake news*: contra a vacina, a ciência, a prevenção e tudo mais.

Então o papel do Butantan, em um primeiro momento foi auxiliar com informações de pesquisadores e cientistas ali do instituto a fomentar esse núcleo anti-*fake news* da Secretaria de Comunicação. Depois o próprio Butantan criou um núcleo de mídias sociais, em que parte do trabalho realizado era combater a *fake news* e criar carimbos de “*fake*” em determinadas informações que circulavam. Mas o principal era a Secretaria de Comunicação que a gente fomentava.

A outra questão de estratégia foi estar atento – foi uma parceria muito grande que o Butantan teve com as agências de *fact-checking*, parte da equipe ficava bem próxima das agências para atender a essas demandas, que eram volumosas. Então procurávamos priorizar de certa forma essas agências de informação, seja por notas, por meio de conversas com pesquisadores e cientistas do Butantan, no caso da Secretaria da Saúde, também com os técnicos da Secretaria da Saúde para poder desmentir essas *fakes* que circulavam.

COMENTÁRIO SOBRE AS RESPOSTAS: Essa questão merece uma atenção especial, pois trata do foco principal desse trabalho. Nesse sentido, é interessante observar que “J2” fala do personagem João Dória como porta-voz, das organizações das coletivas, do potencial de São Paulo como referência na área da saúde. Já “J3”, “J4” e “J5” abordam outras questões como as organizações das equipes, o monitoramento 24 horas e a sinergia entre as equipes de comunicação para desmentir aquilo que ganhava força e viralizava.

J2 - Bom, vamos lá. Ali tínhamos também. Acho que não tem como fugir. É do personagem que nós estávamos ali trabalhando, que era o João Dória. O governador era um cara da área de comunicação. É um cara que tem uma facilidade para ir para a frente de uma câmera. É um cara que tem uma facilidade para tornar tudo em um evento e aqui eu não estou entrando no mérito de julgamento de valores, se isso é bom ou ruim, “tá”? Eu só estou só colocando uma característica – então ali a gente tem um potencial que é o portador da mensagem. Obviamente, a Secretaria de Saúde de São Paulo, tem um histórico e um time de profissionais de primeira linha, que vai do David Uip para frente. É a USP, a Unicamp, o Hospital das Clínicas (HC), não precisamos nem falar o quanto que São Paulo é referência em saúde no mundo.

Então, se conseguia trazer um time de profissionais, a ideia foi primeiro trazer um time de profissionais de saúde muito bom para dar a verdade, apesar da descrença geral que o presidente propagava. É, trouxemos esse time e o João Dória foi o condutor disso daí.

Era um trabalho extenuante. Chegamos, se não me engano, foram acho que 267 coletivas. Esse é o número que precisa apurar..., mas foram por aí 267 coletivas. Estamos falando de quase um ano de coletivas de imprensa. Teve semanas que fizemos sete coletivas, daquelas que eram transmitidas ao vivo para todas as redes sociais simultaneamente, a gente gerava o sinal para todas as emissoras. E aí tinha mais a cobertura da TV Cultura também e obviamente da imprensa que ia para lá.

Montamos um estúdio dentro do Palácio dos Bandeirantes, um estúdio que permitia entrar ao vivo para qualquer tipo de veículo, seja rádio, internet ou TVs... foi um trabalho que acabou ganhando repercussão internacional. Entramos na DVC, na CNN International, Al Jazira e uma série de outras emissoras internacionais na RAI, na França, na TV Sun. Enfim, tudo ali daquele estúdio que aconteceu, que virou um grande *bunker* do Palácio dos Bandeirantes, do ponto de vista de comunicação. A equipe da Secretaria de Saúde ficou basicamente lá, tínhamos a doutora Tatiana e a (“Meu Deus do céu, esqueci o nome agora,

depois eu lembro”), que eram especialistas em vacina que ficavam. Tinha as reuniões diárias de governo às 8h, porque também mistura muito do ponto de vista de comunicação política pública de saúde, política pública de comunicação e a comunicação propriamente dita.

Criamos grupos de WhatsApp com 645 secretários de comunicação dos municípios (número de cidades de São Paulo). Éramos um grupo para cada região. Ou seja, litoral, região metropolitana de Campinas, Ribeirão Preto, Franca. Tínhamos um grupo ali que passava as informações em “primeira mão” para esses secretários de comunicação, que passavam para as prefeituras. Ali tinha partidos de oposição, de situação de tudo.

Então era uma máquina de comunicação que funcionava todo dia, a partir das 6h da manhã. E tinha aquela coletiva das 11h da manhã, que se estendia ali pelos noticiários do meio-dia, a ideia era sempre ter um pouco disso. Acertamos todas as vezes? Na maioria das vezes. Tem alguns erros que são meus, é que são olhares meus agora, distanciados do tempo, que me permitem dizer alguma coisa, mas na “hora do calor” a gente fazia o máximo para tentar. Foi quando criamos, quando chegou o momento da vacina, o site da vacina já, em que cadastramos as pessoas, os grupos prioritários. Esse foi um trabalho da comunicação, redes sociais, trabalhamos demais.

Mas aí falando de *fake news*, tomávamos de “7 a 1” todo dia. Não tinha jeito. Você precisa para dar certo na internet ter um exército virtual trabalhando para você. Governo nenhum consegue ter isso, você é “vidraça” a todo momento. Trabalhávamos dentro dos meios de comunicação, que eram mais profissionais.

J3 – É, exatamente. A gente precisou sim reorganizar a equipe. Claro que a gente acabou reorganizando a equipe. No início da pandemia é como um todo. Assim aumentou o número da equipe. E reestruturou ali no sentido de ter algum grupo construindo materiais que pudessem ser subsídios para a construção de conteúdos contra a desinformação. Havia ali umas duas pessoas específicas só para levantar conteúdos técnicos. Levantar conteúdos que que podiam ser utilizados em produção de materiais contra a desinformação e tanto para a produção de *papers*, de materiais para os porta-vozes. Quanto é para a produção de conteúdos nas redes sociais? Que era o local onde havia, “né”? A disseminação da desinformação de um volume gigantesco e rápido, não é? Então reorganizamos a equipe sim. Tinham pessoas específicas para pesquisa de conteúdo. Dos que fossem utilizados. É pesquisa de conteúdo com a área técnica. Algumas pessoas ali que buscassem essa informação de uma forma mais ágil com a área técnica para construir. Assim é conteúdo em diversas frentes. Elas não eram responsáveis por construir esse conteúdo, mas para distribuir esse conteúdo tanto para as equipes de rede social tanto da assessoria social, quanto para as equipes que que produziam os materiais técnicos para ser subsídio dos porta-vozes.

J4 - É, tínhamos uma equipe, que ficava fazendo monitoramento de redes especificamente voltadas para o que eram as *fake news*. E era uma equipe do digital, né? Que ficava só focada nisso, vendo tudo o que saía. E aí ia monitorando.

WL - Eram muitas pessoas?

J4 - Eram. Acho que tinha cinco. Mas eles trabalhavam em turnos, “né”? Acho que mais ou menos uma equipe de cinco pessoas que era do dígito e aí? Eles monitoravam e iam avaliando o que que estava crescendo, né? Assim, tem milhares de *fake news* que rolando o tempo todo.

Mas íamos avaliando a temperatura, então está aumentando, tem mais alcance, então vamos focar nessa que está tendo mais. É alcance, “né”? Que está viralizando mais. Enfim, daí a gente criou dentro do portal do governo, na aba só com *cards* sobre *fake news*.

Infelizmente essa aba “foi tirada do ar” com o novo governo, não é? Mas ela estava lá até o final da gestão anterior, em que todos os *cards* identificávamos uma *fake news*. Fazíamos um *card*, escrevíamos “*fake news*”, aí colocávamos nas redes sociais, compartilhávamos em todos os grupos, tanto de imprensa quanto de usuários, enfim, de colaboradores. Tudo o que tínhamos, espalhávamos isso nos grupos de WhatsApp e trabalhávamos nas redes sociais e com a imprensa também. Então era uma equipe que identificava aquilo. Já fazíamos o *card* e já “colocávamos no ar”. Então tinha dia que fazíamos isso praticamente o dia inteiro, o dia inteirinho era desmentir *fake news*.

J5 - Olha, primeiro, 24 horas no ar, as equipes de prontidão. Eu, particularmente, trabalhei de “ponta a ponta” ali desde o processo de finalização dos estudos clínicos, anúncio pela aprovação da vacina pela Anvisa e a questão da distribuição para o Ministério da Saúde. Eu não tive folga nenhum final de semana ou feriado, trabalhava até tarde da noite. E aí a estratégia, na verdade, para combater era o seguinte, sinergia total entre as equipes de comunicação do Butantã, da Secretaria da Saúde e da Secretaria de Comunicação do Governo do Estado. A gente tinha um grupo no WhatsApp chamado CoronaVac e outros grupos para prontamente atender às demandas.

A Secretaria de Comunicação do governo do estado, especificamente, criou um núcleo de combate às *fake news*. A gente repassava as informações solicitadas pela Secretaria de Comunicação, porque criava *cards* para serem distribuídos via WhatsApp ou pelas redes sociais para esclarecer as questões de *fake news*: contra a vacina, a ciência, a prevenção e tudo mais.

Então o papel do Butantan, em um primeiro momento foi auxiliar com informações de pesquisadores e cientistas ali do instituto a fomentar esse núcleo anti-*fake news* da Secretaria de Comunicação. Depois o próprio Butantan criou um núcleo de mídias sociais, em que parte do trabalho realizado era combater a *fake news* e criar carimbos de “*fake*” em determinadas informações que circulavam. Mas o principal era a Secretaria de Comunicação que a gente fomentava.

A outra questão de estratégia foi estar atento – foi uma parceria muito grande que o Butantan teve com as agências de *fact-checking*, parte da equipe ficava bem próxima das agências para atender a essas demandas, que eram volumosas. Então procurávamos priorizar de certa forma essas agências de informação, seja por notas, por meio de conversas com pesquisadores e cientistas do Butantan, no caso da Secretaria da Saúde, também com os técnicos da Secretaria da Saúde para poder desmentir essas *fakes* que circulavam.

7. O que funcionou?

8. O que não funcionou?

J1 – Funcionou a campanha “*Fake news também é vírus*”. Era o antídoto ali emergencial, para quando surgir uma notícia mentirosa. Que a gente ia lá e desmentia e pronto. E aí você começava a conter aquilo. E a segunda coisa é trabalhar com a informação, é trazer esclarecimento para a população. Que aí entre as ações, entra esse aumento de postagens destacando o trabalho dos pesquisadores do Butantã. A popularização do instituto, foi orgânico aquilo que aconteceu com o MC Fioti, que era a vacina do *Bum Bum Tan Tan*. O funk dele e que virou a vacina do Butantã. E aí isso nasceu naturalmente. As pessoas começaram a vacinar e começaram a colocar essa música de fundo. E aí a coisa cresceu e ele mesmo se surpreendeu porque foi do “dia pra noite”, assim que voltou, essa música dele no auge. E aí ele falou que ia fazer uma versão então específica para a vacina. E ele fez. E junto com isso veio a ideia então de ele gravar o clipe dessa música dentro do instituto. E teve uma mobilização ali. Então foi tudo meio que acontecendo quase que organicamente. A história de aí quando traz ele, você também populariza aquilo para as crianças. Porque a gente o levou para um evento depois, já fora da pandemia, com escola de rede pública lá no Butantã, você precisa ver o fascínio que as crianças têm com ele. E quanto isso impacta, né? E aproximada população mais jovem, das crianças, você traz conhecimento.

Então a popularização do instituto naquele momento foi orgânica, associando-se a um artista do funk. A ciência é uma coisa meio que parece que ela é inatingível, ela é só para os Ph.Ds, né? E, aí que eu comentei.

A, ciência virou assunto de mesa de bar, todo mundo sabia as vacinas como fazia, todo mundo virou um pseudocientista. E aí começou a fortalecer e reforçar a credibilidade do instituto junto aos seus parceiros, mostrando, por exemplo, que a Sinovac, não era uma parceria nova. O Butantan, já tinha, como tem com outras “farmas”, grandes “farmas” e laboratórios nesse desenvolvimento de vacinas. De formar parceria. Não era assim: “Ah, descobrimos esse laboratório aqui lá na China. Um qualquer e pronto, resolve. E contestar e responder todas as notícias falsas. Outro: *fake news* que vale a pena responder que eu acabei falando das interações. A média diária de 8 mil menções. A gente tinha um time de *communities* que se revezava. O turno era direto de 24 horas, mas iam se revezando para poder responder àquela demanda, aquele volume. Eram 24 horas, o turno era direto. A gente tinha as escalas - é porque - as equipes se revezavam, entende? É como a fábrica de vacinas, ela não parava, era 24 horas, tinham os turnos. Então a gente tinha a equipe dividida em turnos que atuavam- aí uma *fake news* que foi também.

WL - E quantas pessoas eram?

J1 - Agora era um “timão”. Aí eu não vou saber precisar, se você colocar vai ser complicado. Só porque era um era um time que conseguia dar conta daquilo, mas era um volume grande. E aí o que que acontece? Aí vem a morte do Tarcísio Meira. Esse dia...nós recebemos quase 53 mil menções neste dia, neste único dia, quando foi anunciada a morte dele. Porque todo mundo falou, porque ele tinha tomado CoronaVac, ele e a Glória Menezes. E aí todo mundo falou: está vendo por que essa vacina é uma porcaria? Ele tomou e morreu, “tá”? E aí, como que a gente vai explicar para as pessoas que não é a vacina? Aí vem as situações inusitadas e orgânicas que nos salvavam. E a gente aproveitava todas as oportunidades, “né”? Aí o filho, o Tarcísio Filho,

foi no *Fantástico*. Porque foi uma comoção nacional. O Tarcísio Meira morreu e ele fala que a CoronaVac foi uma grande vacina e que salvou a mãe dele, porque o pai e a mãe tinham tomado a mesma vacina. Mas o pai tinha comorbidades, “né”? E que o pai dele foi fumante uma vida inteira. Que o pai dele tinha outros problemas de saúde. Parece que na época, o pai se expôs em alguma situação de vulnerabilidade ou saiu, algo assim, “né”? Naquele período de reclusão...

O depoimento dele ali no *Fantástico* é, ele inclusive, agradecia à vacina porque ele estava com a mãe dele viva. E aí obviamente que a gente pegava essas situações, a gente tirava esses trechos e trazia para as nossas redes sociais. Imediatamente conseguimos abrir um canal em alguma emissora de TV. Falávamos que a gente tinha um pesquisador que explicaria que não é a vacina que matou o Tarcísio Meira. É, a questão dele é outra. Então era muito rápido. Tinha de agir muito rápido, não só em rede social, porque a velocidade em rede social é enorme. Chegar em todos os canais possíveis. Então, vamos para a Record News. Não consegue entrar na GloboNews agora? Ah, vamos entrar em contato agora, com a Record que jornal que está agora? Nesse momento a gente já entrava, a imprensa já vinha, pegava a nossa pesquisadora que estava em toda a história das vacinas, para vir, explicar e desmistificar. Aí esse programa, essa entrevista virava um recorte para a rede social também. A Ana Maria falando que tomou a CoronaVac. Outro recorte, porque isso ajuda a disseminar a notícia correta.

WL - Agora, o que você acha que não funcionou? Aí nós já estamos tendo uma pergunta “8” aqui.

J1- Até para complementar, Serrana, O que aconteceu com Serrana só para você entender que tinha uma grande preocupação de chamar a população que estava servindo de cobaia- O que que aconteceu? Que foi um sucesso, inclusive que teve um *boom* imobiliário na época em Serrana. Serrana é uma “cidade dormitório” que servia de dormitório para cidades vizinhas da população que trabalhava na região e no entorno. Eles tiveram um *boom* imobiliário. As pessoas querendo alugar casas lá para ter lá o registro do imóvel para poder tomar a vacina antecipadamente, porque naquele momento só estavam tomando os profissionais de saúde ainda. Que estavam recebendo a vacina é em “primeira mão”. Depois que vieram as pessoas com comorbidades, os idosos e separados por faixa etária. Foi um sucesso e a gente só teve um lá batedor de bumbo tentando causar. Veio toda a imprensa internacional correspondente para fazer o registro da vacinação de Serrana.

WL - Mas o que que não funcionou?

J1- Nesse momento, eu não consigo lembrar de nada que não tenha funcionado. Eu acho que como notícia, como informação, não teve nada que não funcionou. Eu acho que o que ficou muito claro era que a gente passava informação confiável. A disseminação das notícias falsas nas redes sociais, ela foi enfrentada com informação científica confiável. Era essa a nossa premissa. E aí, a teve um *boom* que eu peguei essa rede com 8 mil seguidores e a gente chegou a 1 milhão de seguidores em nove meses. Organicamente a gente nunca impulsionou nada ou botou um centavo em nada pra ter um maior alcance das notícias.

WL - Você fala quando você fala esse número de 1 milhão em todas as plataformas, é isso, somando Instagram, Facebook?

J1- Não só de gente não. E se for somar todas, é muito maior esse número. A gente teve isso só no Instagram. Isso em exatamente nove meses. Tínhamos uma rede de pouco mais de 8 mil

seguidores, que chegou a 1 milhão de seguidores em nove meses. Sem impulsionamento, tudo organicamente.

J2 - É, eu acho que assim, o trabalho que a gente fez junto com a imprensa profissional, com as rádios, as TVs, os jornais, é toda aquela estrutura que a gente montava. Aquilo abasteceu muito a imprensa, funcionou muito bem de forma profissional, com tecnologia.

Como tudo para aquele momento, que era o momento em que as pessoas ali, lá no auge, a gente estava todo mundo em casa e só nós, jornalistas. E parte do governo estava do lado de fora. Então aquilo funcionou muito bem. Aquilo foi uma máquina de comunicação que no caso da Globo a gente tinha todo dia tinha um material produzido ali por São Paulo. Podia ter sido uma briga do Bolsonaro com o Doria, mas na maioria das vezes era informação prática sobre o *lockdown*. Sobre como é que estava o andamento da vacina, como é que estavam os estudos do Butantan e assim por diante. Então a gente conseguiu trabalhar muito. Onde a gente sofreu muito? Obviamente na internet, que era um terreno pantanoso. Na internet, apesar da gente fazer os *posts*, fazer as transmissões ao vivo, deixar abertos os comentários.

Ou seja, tem sido mais plural possível e aberto. Ali tinha um exército virtual. É que aí outros estudos já provaram. Aí vou denominar ele aqui como “gabinete do ódio”. Mas eu acho que ele é mais amplo. Ele tinha uma capacidade de arregimentar pessoas que acreditavam naquela crença e dispostas a lutar pela inverdade. Então essas pessoas inundavam as redes do governo com comentários negativos. Era muito pesado e a gente não tinha ferramental, seja ele técnico ou humano, para lutar contra isso. Então tomávamos esse “7 a 1” na internet apesar de se a pessoa estivesse disposta a procurar pela informação correta, ela achava no portal do governo, ela achava nos perfis. Ela achava no grupo oficial do Telegram, no grupo oficial, que é do WhatsApp. As informações estavam postas ali, mas elas não conseguiam ganhar a mesma repercussão do que “vai virar jacaré”. Tomávamos de “7 a 1” nisso, já na imprensa formal, a navegávamos de forma ampla e boa com informação mesmo.

WL - Enquanto você olha para o outro lado, você vê um exército virtual, um exército de seguidores e a e a potência de um presidente da República ao se comunicar, é isso?

J2 - Exatamente. E curioso, Wallace, sobre só fazendo um “som paralelo aqui”, “abrindo parênteses”. Você sabe que o Bolsonaro cometeu um dos maiores erros. Os maiores erros dele não foi ter anulado o Doria. Ele alimentou o Doria com essa história de querer lutar contra, porque se ele tivesse dito a única fala que todo presidente fala: Vacina quem compra é sempre o Ministério da Saúde. Se houver ela, o brasileiro terá...nunca teria existido esse embate do Doria e nunca teriam crescido tanto as *fakes news*, porque a verdade é essa. O Butantan, 100% do que produz, vende para o Ministério da Saúde. O Ministério distribui para estados, municípios e assim por diante. Se ele não tivesse entrado nisso, nunca teria havido aquela batalha. Ele entrou em uma seara muito louca. Só que como tudo deles é muito louco e estridente, virou essa maluquice. Foi um erro de comunicação dele, que era muito simples. Ele poderia ter anulado qualquer opositor dele com essa fala que ele tinha, a caneta na mão, era só ter empossado aí o ministro da saúde com as atribuições que ele de fato, o ministro da saúde tem. Nada disso teria existido. Mas foi uma maluquice que ele fez e essa maluquice foi crescendo de uma forma sem fim, então é um pouco disso.

WL - Ele falava que a vacina seria comprada, mas que nem era obrigado, que a vacina que ele ia comprar era a vacina. Mas não era a vacina, “né”?

J2 - Ele poderia ter saído desse embate e ter deixado isso na saúde. Você vê hoje, o governo federal tem sofrido com algumas vacinas. A vacina do Covid é uma vacina que tem faltado no mercado. Hoje aqui o Paraná sofreu bastante com o desabastecimento da vacina do Covid no final do ano, início desse ano.

É, mas você para apoiar do ponto de vista de comunicação, o Lula não está entrando nessa bola, está deixando isso daí na mão do Ministério da Saúde. Ou seja, não é uma “bola” que ele está trazendo para ele. Agora eu estou falando de comunicação. Mas tanto que cai a ministra. Esse é um dos problemas que cai, apesar de ter sido pouco falado. Mas faltou vacina nos postos de saúde. É, apesar de agora estar abastecido e estar sobrando. E agora eles estão fazendo a campanha publicitária aí do Zé Gotinha, tentando resgatar um pouco essa honra da vacina. E então era um pouco disso.

O Bolsonaro ganhava, ele conseguia dar estridência, principalmente por meio das redes sociais. Era o debate da vacina. Só que é algo técnico, é Ministério com a Anvisa, porque “tirava o corpo”. E aí também ele acabou dando um protagonismo para a Anvisa que nunca tinha tido na história dela, não é? Desde a época lá que o Serra criou lá atrás. E que, de repente, ela virou um órgão do governo federal, oponente ao discurso do presidente.

J3 - O que funcionou? É que eu consigo ver uma materialidade, é mais clara. Havia um espaço maior na grande mídia, no jornalismo, até por conta do cenário, todo mundo ampliou seus horários. Todo mundo ampliou seus espaços, para a produção de conteúdo. E o que funcionava bem e que trazia um bom resultado e que víamos e que acabava sendo um ponto positivo. Era a presença de porta-vozes técnicos em todos os espaços possíveis de rádios, emissoras de TV, jornais. Isso é algo que, por mais que as redes sociais, eram muito fortes naquele momento, a grande mídia também ganha um espaço maior.

E isso eu consigo ver que víamos resultado naquele primeiro momento da pandemia, em que as pessoas estavam mais em casa. Aquele primeiro ano, acho que isso funcionou muito bem de ter porta-vozes técnicos, tirando as dúvidas, combatendo a desinformação, mostrando o cenário de forma clara e transparente na grande mídia.

Outro ponto que aí eu acho que tentamos fazer, mas não consigo mensurar se funcionou. Mas acho que funcionou com menos efetividade: o combate a partir das redes sociais. Acho que tentamos por diversos canais. Por diversas formas trazer o combate à desinformação, trazer ali as informações da ciência por meio das redes sociais, seja por meios mais ágeis, como o WhatsApp, e outras redes de comunicação, como o Telegram e outros meios como esses ou pelas mídias como o Facebook, Twitter etc. Essa é uma guerra ali que a gente lutava constantemente, mas nitidamente a gente perdia.

WL - E você respondia aos *posts*, por exemplo, que uma pessoa publicada?

J3 - Respondíamos as postagens. Eu não digo que não funcionava. Eu acredito que atingia ali algumas pessoas. Mas a velocidade da desinformação nas redes sociais era tamanha, que eu acredito exatamente que é essa frente. Não conseguimos vencer. E lutamos ali, trouxemos novos instrumentos, produtos, reforçamos a equipe, produção de conteúdo, de inúmeras formas. Trabalhava com a maior agilidade que tínhamos, mas na rede de desinformação montada ali do

outro lado, era tamanha, que eu acredito – e aí é uma avaliação minha, não é uma avaliação de governo, é uma avaliação pessoal. É que eu acredito que por esse meio a gente não conseguiu, a gente não conseguiu vencer. Acho que a gente mais perdeu do que ganhou, levou a informação, a buscou meios. E criar meios, novas estratégias, métodos, eu acho que estávamos sempre correndo atrás nas redes sociais. É, eu acho que o espaço na grande mídia acho que fizemos bem, conseguimos construir bem, contrapontos interessantes. Conseguimos construir com os porta-vozes e até com os conteúdos que produzíamos e encaminhávamos para os veículos e trabalhávamos com os veículos de forma construtiva. Eu acredito que no ponto do ponto de vista das redes sociais no máximo empatava de vez em quando, porque era muito rápido.

J4 - Eu acho que foi essa persistência mesmo, né? É de continuar falando, continuar mostrando a efetividade das ações. Os números que estavam é sendo benéficos. Acho que tivemos uma overdose talvez aí de coletivas, “né”? Nós fizemos 256 coletivas de imprensa nesse período. Então é ao mesmo tempo que eu sei que foi uma overdose, que isso pode até ter prejudicado politicamente algumas coisas, na minha visão enquanto comunicadora: a gente estava na casa das pessoas, querendo ou não, todo dia falando para elas verdades. Tinha quem estava ali para assistir, só para falar que era mentira. Mas eu quero crer que muita gente viu ali e consegui entender as ciladas que estavam sendo colocadas ali para eles caírem.

WL - E o que não funcionou na sua visão?

J4 - Olha, eu acho difícil assim, porque você “elimina um e surgem três”. Então não acho que seja uma questão de equipe. Eu acho que é uma falha, que daí não é só da equipe de comunicação. Acho que é uma falha de governos. Eu acho que essa briga entre os governos prejudicou demais todo o trabalho que a gente estava tentando fazer, porque o foco saía muito daquilo que a gente considerava que era de fato importante.

WL - Então você acha que não funcionou, foi a ação política?

J4 - É, eu acho.

WL - Que ela acabou atrapalhando vocês?

J4 - Muito... por mais que ele tenha a gente tenha um entendimento de que era preciso ter um protagonismo diante do que estava acontecendo no governo federal, a briga eu acho que prejudicou demais. E eu acho inclusive que matou muita gente nessa briga. Dos dois lados.

WL - Como assim dos dois lados?

J4 - Porque eu acho que teve pessoas que deixaram de fazer. E tiveram, não é? Por acreditar no governo federal, é. Teve pessoas do lado que acreditavam que tinha de se relacionar com quem não acreditava e acabaram morrendo também por conta de falta de cuidados. Então acho que todo mundo acaba se prejudicando. Não vejo nenhuma vantagem para o que aconteceu, para essa separação que aconteceu no país.

WL - O que que funcionou, na sua visão?

J5 - Essas estratégias foram bem-sucedidas na medida em que o estado de São Paulo conseguiu uma cobertura vacinal contra a Covid-19 muito significativa em um primeiro momento. Contribuiu também o fato de a população estar assustada. O pânico que se gerou e com as mortes, todos os casos, os casos graves, vendo aquelas valas criadas pela Prefeitura de São

Paulo – quase faltou vala para gente – e isso contribuiu para que o pânico fosse gerado e as pessoas correram para tomar vacina. Foi um conjunto de fatores, não é? As estratégias anti-*fake news* da comunicação e o pânico da população em um primeiro momento - tanto é que quando abriu a vacinação, tinha pouca vacina e o que tinha ia se esgotando. Então isso contribuiu e funcionou.

WL - Sabe, eu estava me perguntando se quando você falou pânico da população, você está dizendo que as informações que levaram a população ficar mais “antenada”, seria isso?

J5 - É o pânico da população em relação às mortes e internações e casos graves pela Covid, que eram mostradas no noticiário.

WL - Então, como é que é? Isso funcionou no sentido de quer dizer, de mostrar o que estava acontecendo? Quer dizer, a transparência ajudou?

J5- Exato. A transparência da Secretaria da Saúde, do Butantan e do Governo do Estado e a parceria muito próxima que foi criada com os jornalistas, que semanalmente estavam nas coletivas, promovidas pelo governo do estado e envolvendo o Butantan. A vigilância epidemiológica, a Secretaria de Comunicação, o próprio governador do estado, o secretário da saúde e outros secretários contribuiu para que a população se vacinasse.

Eu me lembro que tinha mesmo fora das periferias, havia *blitz* que eram realizadas em locais - porque em determinado momento não só a saúde agiu, mas agiu também a polícia militar. Então havia *blitz* para flagrar festas que eram realizadas e aglomerações que estavam proibidas. Eu acho que foi um esforço conjunto e que contribuiu para que as pessoas tomassem consciência de que era importante vacinar mesmo aquelas que tinham alguma dúvida em relação à eficácia da vacina, a proteção que ela oferecia, foram na dúvida. Vou me vacinar porque, de fato, naquele primeiro momento, as pessoas foram tomar a vacina e a cobertura foi expressiva.

WL - O que não funcionou em termos de estratégia que vocês utilizaram pra desmentir as mensagens enganosas?

J5 - O que não funcionou foi o excesso. O que pode ter não funcionado, mas eu acredito que não funcionou foi o excesso de exposição do governante principal aqui de São Paulo.

Talvez nas coletivas se ele tivesse se ausentado, algumas ele até se ausentou, mas houve uma superexposição – tanto que se criou em parte da população uma visão dele negativa porque o isolamento social colou no governador. Parte da população atribuiu a ele o fato de ter de ficar em casa, de perder seus empregos ou negócios.

As pessoas tendem a não acreditar nos políticos, não é? E tinha um político ali. Eu não estou falando que ele fez errado. Ele foi um governante que se preocupou em trazer a vacina. Isso de fato foi positivo, mas de outro lado, ele acabou se expondo e isso atrapalhou na comunicação.

Ele se preocupou, tanto é que teve um documentário do Globoplay que foi até produzido aí pelo Fernando Lupo, pela Clarissa Cavalcante e eles gravaram uma conversa. Estava plugado ali o microfone, a mesa de som estava plugada ali na sala de reunião. E aí eles deixaram porque acharam relevante jornalisticamente ir “para o ar”. Em um determinado momento que o

governador achava que não estava gravando e tal, e ele começou a dar um esporro na equipe dele, no secretário e tal. E até estava o presidente do Butantan falou: “Olha, quando que vai chegar a vacina”? Eu estou me expondo tanto e a vacina não chega. E aquilo foi reproduzido no documentário, não é? E foi reproduzido no documentário como uma questão de disputa política com o então presidente da República. Eu entendi em um outro contexto. Eu entendi que era ele falando de fato da preocupação em trazer a vacina para que logo começasse a vacinação. Mas, de fato, a superexposição dele atrapalhou a comunicação. Isso na minha opinião.

COMENTÁRIO SOBRE AS RESPOSTAS:

Como as respostas vieram sobre duas questões (o que funcionou ou não funcionou), elas foram elaboradas criando esse paralelo. “J1” – apesar de citar que não se lembra de nada que não tenha funcionado – se recorda de um monte crítico que foi durante o noticiário da morte do ator Tarcísio Meira. Além disso, ela conta que uma estratégia utilizada – a de usar McFioti na campanha pró vacina – o rap criou o *Bum Bum Tam Tam*, uma música – ajudou a melhorar, inclusive, a penetração do Instituto Butantan nas redes sociais com o aumento expressivo no número de seguidores.

“J2” fala sobre como conseguia produzir um material informativo para os canais de comunicação e como apanhava nas redes sociais (“aquilo era um ‘7 a 1’). E ele faz até uma reflexão sobre o papel de Bolsonaro e de como ele poderia ter anulado a guerra midiática com Doria.

“J3” também reconhece que a derrota nas redes sociais era constante e que a velocidade da *fake news* era muito maior.

“J4” cita a persistência como algo que funcionou, mas assim como “J1”, relembra que a ação política foi danosa demais e que acredita que “essa guerra matou muita gente”.

“J5” citou a proximidade com os jornalistas, o trabalho constante, a transparência como fator que funcionou. E também fala da política como algo que prejudicou: a “superexposição”. Os trechos não serão destacados porque tantos foram relevantes.

9. Quais foram os dias mais difíceis de trabalhar com as mensagens de desinformação?

J1 - Ah, eu acho esse dia do Tarcísio mesmo... esse dia do Tarcísio foi um dia extremamente difícil. O primeiro ano de pandemia eu praticamente trabalhei de segunda a segunda-feira, eu não tive. Eu ficava no final de semana em casa, mas era em casa meio que de plantão, entrava *fake news*. Para tudo a aciona a criação. Tínhamos de fazer um *post*, podia ser em qualquer horário, a qualquer tempo. Então assim a gente ia, era eu e a equipe. Quando Doria fechou, né? Novamente tudo em março de 2021. Novamente tínhamos um longo tempo fechado.

A agência também fechou e o time foi para casa. E fiquei direto no Butantã... O fluxo de trabalho mudou completamente quando eu fiquei presencial no Butantã, porque era ali que tudo acontecia. Ali saía dose de vacina. A gente noticiava na rede, olha, estão tantas mais doses. Tem tantas mais vacinas saindo, sendo distribuída e o Doria ia lá três vezes por semana, a saída de dose, 8 horas da manhã já ele estava lá saindo com a dose coletiva. Então era assim: eu trabalhava 12, 14 até 16 horas por dia. Foi direto, finais de semana...teve um dia que eu estava indo visitar meu pai, era aniversário dele e era um sábado ou domingo. Entrou um *fake news* e eu parei tudo. Eu não visitei meu pai. Eu parei ali e fiquei trabalhando.

E então assim, eu acho que esse dia do Tarcísio foi um dia pesado, porque veio uma série de acusações sobre a vacina. Sempre que morria alguém famoso. Era pesado. Quando o Doria se contaminou pela segunda vez. Ele estava vacinado com a vacina CoronaVac, porque sabíamos que vinha ataque pesado dali. É porque sabíamos que já vinha uma avalanche de ataques e que teríamos de trabalhar pesadamente em cima daquilo para desmentir, para combater toda aquela desinformação.

Quando o Sílvio Santos também ficou internado...são figuras públicas muito marcantes. Imagina se o Sílvio Santos tivesse morrido de coronavírus, tendo sido vacinado com a CoronaVac, então? Essas situações nos deixavam muito apreensivos. Nos bastidores, ficávamos desesperados porque sabíamos a força que isso tinha.

J2 - Os maiores, os piores dias foram os dias daqueles hospitais de campanha lotados. Que teve lá do Ibirapuera, o número de mortes gigante, a gente sabendo de bastidores. Por exemplo, os carros frigoríficos que estavam acumulando corpos, os enterros que tinham de ser isolados e sem famílias. Esse talvez tenha sido um grande dilema, porque chega um momento que parece que a comunicação não está mais surtindo efeito. E tinha essa curva: os médicos falavam para a gente, vai ter uma curva do aumento de mortes. O isolamento, ele vai demorar para surtir efeito. Tem muita gente já contaminada. Então esse era muito difícil lidar com isso, principalmente com as imagens que eram feitas de mortes. E as imagens de morte, elas se misturavam com o luto pelo mundo. Não eram só imagens de morte de São Paulo e do Brasil. Já havia mortes, uma quantidade muito grande nos Estados Unidos, na Itália, na China. Então aquilo tudo começava a criar um impacto visual muito grande do poder da doença e da incerteza de quanto uma vacina ou a comunicação poderia ajudar a salvar nisso. Eu acho que esse é o o momento mais difícil.

WL -Mas as mensagens de desinformação, como é que elas agiam nessas situações?

J2 - É uma fase em que ainda havia um discurso de *fake news* para ninguém se isolar. Essa era uma fase porque tivemos “algumas ondas”, “né”? Era “Não se isole, não pare de trabalhar”. “Você não pode morrer de fome, é melhor morrer da doença do que morrer de fome sem trabalhar, perder o emprego”. E depois aí vem o ataque à vacina, que é quando a vacina

CoronaVac passa a ser algo tangível, promissor. Então nesse momento do auge das mortes, era o fator de fazer as pessoas irem para a rua, *fake news* estava focada em empurrar as pessoas para a rua, enquanto, por exemplo, lá no Palácio dos Bandeirantes, estávamos falando: “Fique em casa”. Você até falou de um erro. É um dos erros do ponto de vista de comunicação. E aí é na base do sigilo. Cometemos um erro que foi “marquetar” a tragédia. E o que que é isso? Demos nome para a tragédia, chamava “Plano São Paulo”. Que era o fechamento, aquelas fases: “Fase 1” e “Fase 2”. “Fase 3”. Tinha PowerPoint, logotipo, tinha tudo aquilo. Aquilo não era um momento de - apesar de ter uma intenção de deixar organizado - aquilo para mim hoje é uma organização da tragédia, é uma “marquetagem” da tragédia. Demos uma “roupagem” para coisas que as pessoas estavam vivendo, muito difíceis.

WL - Você faria diferente, de que forma?

J2 – “Puts”, talvez não tivesse logo, um PowerPoint padronizado. Talvez eu não insistisse tanto na “Fase 1”, “Fase 2”.”Fase 3”. Acho que era assim: “A missão nesta semana é esta. Vamos cuidar disso, vamos cuidar daquilo.” A gente tem uma roupagem como se fosse um plano de marketing, de vender uma marca, vender um produto, sabe? Você pega a indústria automotiva quando você pega um carro. Ele tem várias fases dentro do plano de marketing para chegar até a loja e atingir o público que você determinou na “Fase 1”, porque você atinge um público na primeira fase de vendas, um outro público na segunda fase. Para piorar, você tinha uma pressão que vinha ali do grupo, do presidente, do grupo contrário, que era: “ Não fique em casa, vai para a rua.”. Você não pode morrer de fome, “né”? Tudo aquilo, então você tinha ali. Desde taxistas a vendedores ambulantes. Pessoas pobres em comunidades se expondo porque tinha uma mensagem que por mais que a gente falasse “organizadinho”: “Não fique em casa.” “Fase 1”: hora que diminui o número de mortes, o número de infecções. Você pode abrir seu comércio por duas horas. É com máscara, sem máscara etc. E tinha uma mensagem muito simples do outro lado, que era: “Vai para a rua.”

E tem outra frase “suave”, que talvez eu erre a citação certinha: “Eu não tenho medo de gripezinha”. Um negócio assim, né? Comparo o Covid, que que são mensagens muito simples, mas muito objetivas na cabeça de alguém que já está predisposto a não cumprir uma determinação governamental.

Por outro lado, vinha o governo de São Paulo super organizado polpudo. E aquelas coletivas, todas “organizadinhas, bonitinhas”: diversas fases, “Médico 1 falando”, “Médico 2”, aquilo é tudo muito complexo para a população no final. Desculpa falar desse jeito, mas vinha um doido que falava assim: “Ah, não vou ter medo de uma gripezinha, não vou tomar “uma vacina e virar jacaré”. Mensagens simplórias, muito simples, mas objetivas e incisivas, principalmente para quem já estava predisposto a sair e não aguentava mais ficar de cesta básica, de assistencialismo. Não aguentava mais crianças dentro de casa, porque também a gente teve um problema muito grande em relação às escolas.

Hoje a gente estava ali na “Fase”, acho que era 3 milhões e 800 mil alunos no estado, mais ou menos, “né”? Então, na época do Serra eram 5 milhões , acho que eram uns 3 milhões e 800 mil crianças dentro de casa, com pais dentro de casa também. Quebramos muito a rotina da vida das pessoas. A pandemia quebrou muito a rotina e nós éramos as pessoas que colocavam a cara lá na frente para poder falar assim: “Ó, quebramos sua rotina, sua vida, suas contas pessoais. Nós estamos salvando sua vida.” Era muito difícil de lutar contra isso. Enquanto o outro falava: “Ó, vai pra rua, vai lutar por você,

que é um pensamento meio de guerra, né”? De essa coisa meio militar que é, quem vai morrer. São as casualidades, os efeitos colaterais, os danos colaterais. Um pouco disso...Então acho que tem esses contrapontos que hoje, cinco anos depois, dá para chegarmos com mais objetividade.

J3 - No começo da pandemia. Foi bastante complicado, porque a gente também não tinha um domínio total da informação da pandemia mesmo. E ali, o primeiro ano. Eu acredito que o primeiro ano ele é mais complexo. No primeiro ano, a oposição do governo federal, mas digo a posição do governo federal era muito mais enfática do que em relação aos outros anos.

No primeiro ano, quando o presidente tinha falas mais incisivas, no momento em que o presidente tinha ações mais claras, a favor ou contra algo. Eram momentos de maior dificuldade para a gente, porque conseguia mobilizar um número grande de pessoas. Ali naquele primeiro ano, onde havia ali uma campanha clara contra e a favor dos medicamentos como ivermectina, cloroquina, esses medicamentos que o governo federal fazia de uma forma muito clara e o tratamento precoce.

Ali eram momentos de muita dificuldade porque no começo da pandemia a gente também não tinha a clareza que esses medicamentos eram bons, ruins ou que funcionavam ou não. Mas a partir do momento em que isso já fica claro e aí eu diria que talvez mais ou menos no meio do primeiro ano, no segundo semestre do primeiro ano da pandemia, em que o governo federal continua defendendo o tratamento precoce de uma forma muito forte, não é? Principalmente o presidente. Nem diria o Ministério da Saúde, mas principalmente o presidente, defendendo isso de uma forma muito forte. Era um momento de maior dificuldade para a gente, porque no segundo semestre do primeiro ano da pandemia a questão do “Fique em casa” já era algo mais difícil de se manter, principalmente fora dos grandes centros. A gente conseguia manter isso nos grandes centros aqui, da grande São Paulo. Mas quando você ia para o interior, o discurso já não chegava com a mesma efetividade. E o discurso do governo federal chegava com mais efetividade.

Então eu acredito que esse é o ponto mais difícil, eu nem digo o ponto da vacinação, para mim é o momento mais difícil é o segundo semestre do primeiro ano, em que o governo federal – algumas pessoas do governo federal ainda defendem a questão do tratamento precoce, com muita ênfase. E a gente já tinha clareza que aquilo não funcionava e que outros métodos eram infinitamente mais eficazes. E para mim esse é o momento mais difícil.

E junto a esse final do primeiro ano ainda há um início, onde começa o processo de desinformação com relação às vacinas. Porque é ali, naquele processo final de testagem da CoronaVac. É o processo final ali de testagem de outras vacinas ao redor do mundo e ali começa uma desinformação ainda atrelando e junta essa questão dos medicamentos, que eu citei com o início do processo de desinformação com relação às vacinas. Mas pra mim, esses momentos com relação ao tratamento precoce é mesmo depois de surgir cientificamente, mostrando que não há uma efetividade. E combater isso era o ponto mais difícil na minha avaliação.

J4 - Olha, eu não consigo te dizer especificamente um caso de *fake news* que tenha sido mais que desestabilizou mais. Eu acho que as situações eram mais difíceis, “né”? Então eu me recordo que teve um dia que num dia morreu 1.700 pessoas e nesse mesmo dia a gente fez uma “batida”, não é “batida” que chama, né? Uma inspeção em um lugar onde estava tendo uma festa com 250 idosos. Então é uma *blitz*, desculpa. Eu estava tentando achar a palavra, uma *blitz*

que encontrou 250 idosos, sabe? No mesmo dia em que morreram 1.700 pessoas. Então isso era muito frustrante para o nosso trabalho, porque a gente estava tentando levar informação, mostrar a verdade, o que estava acontecendo, a necessidade de isolamento. E para a gente. Eu, em muitas vezes, senti que não estava funcionando, a gente estava falando: “enxugando gelo, apagando incêndio” e nada estava sendo resolvido, sabe? Mas eu não me lembro de ser uma *fake news*. Eu acho que a *fake news* que causou isso. A consequência foi isso. A *fake news* é que não tinha problema, né? Que era um exagero, que não precisava ficar em casa. E aí acaba que 250 idosos estavam lá se expondo em risco, enquanto 1.700 pessoas estavam morrendo no dia.

J5 - Teve um momento ali que o Butantan precisava concluir a pesquisa e de fato o Butantan já tinha os resultados. Só que o Butantan tinha um fornecedor, que era a Sinovac lá da China e o resultado inicial era de 50,4% de eficácia geral. O Butantan se viu em uma saia justa com a Sinovac, porque ele podia de fato ter anunciado ali logo na primeira coletiva a eficácia geral, mas houve um pedido da Sinovac para que esse número não fosse divulgado porque os chineses tinham essa mesma pesquisa em outros países.

E estava dando uma diferença muito significativa em relação à eficácia geral em outros países, “né”? Tinha, países com 70 e tantos por cento e mais de 80% de eficácia. Mas a metodologia de pesquisa clínica era diferente. Lembra que eu te falei do caso do Brasil? Foram só profissionais de saúde. Você vai recordar que logo ali, entre o final de dezembro de 2020 e o início de janeiro de 2021, houve três coletivas.

Na primeira coletiva, foi anunciado que a CoronaVac tinha chegado ao limiar preconizado pela Organização Mundial de Saúde (ONU), pela Anvisa. Mas não foi falado o número, o percentual. Em um segundo momento, dez dias depois, isso era no dia 7 de janeiro, foi realizada uma segunda coletiva em que o Butantã anunciou eficácia para casos que demandavam algum tipo de atendimento médico em 78% e eficácia para internação e óbitos que nem em ambiente controlado chegou a 100%.

Ou seja, nenhum vacinado com a CoronaVac morreu ou teve de ficar internado. Bem, naquele momento não se divulgou a eficácia geral. Isso gerou questionamentos. Questionamento inclusive por parte da imprensa, não é? Cinco dias depois, no dia 12 de janeiro, enfim, foi realizada uma terceira coletiva em que o então diretor médico, diretor clínico de pesquisas do Butantan, que era o Ricardo Palácios, explicou. Ali ele falou da eficácia de 50,4%, dando ênfase ao fato de que foi realizada entre profissionais de saúde e que era uma eficácia que poderia ser considerada expressiva porque foi realizada entre profissionais de saúde.

Então ali foi um momento muito difícil, porque de um lado, havia a pressão do Governo de São Paulo para que fosse aprovada a vacina rapidamente para distribuição e do outro lado tinha o fornecedor ali falando: “Espera, porque eu quero revisar esses números aqui”. Tudo o que foi divulgado foi informação verdadeira. Não, não houve em nenhum momento o Butantan não se furtou há divulgar informações que fossem corretas. Ele só no primeiro momento não divulgou a eficácia geral da vacina por um pedido do laboratório chinês, para que eles estudassem esse número melhor... Que acabou sendo divulgado depois dos 50,4%. Ali foi muito difícil e o Butantan sofreu críticas, porque fez três coletivas para anunciar na terceira o número geral de eficácia.

WL - Quando você fala que o Butantan sofreu críticas, pode se estender à Secretaria de Estado da Saúde e ao governo?

J5 -Sim, sim, sim, todo mundo “estava no mesmo barco”.

COMENTÁRIOS SOBRE AS RESPOSTAS: “J1” fala sobre o impacto de figuras públicas doentes. “J2” faz uma autocrítica e diz que não faria dos números da morte, os planos de divulgação como o “Plano São Paulo”. J3 aborda a dificuldade de se levar a mensagem para cidades menores, do interior.

“J4” lembra de uma *blitz* em uma festa com 250 idosos, enquanto “J5” recordou do momento de uma crise gerada por uma pesquisa sobre eficácia da CoronaVac. As cinco respostas têm potencial para nutrir um texto.

10. A perda de colegas durante a pandemia somada a onda de desinformação lhe trouxe algum tipo de trauma? Você chega a pensar em tudo o que passou? Faria algo diferente?

J1 - Eu perdi um colega direto de trabalho ...(suspira) Ele era meu *videomaker*. Ele era jovem, ele tinha 37 anos, ele era do nosso time. Foi a pessoa assim mais próxima que eu perdi. Eu, por sorte, graças a Deus, eu não tinha não. Não perdi nenhum parente, eu não perdi ninguém da minha família. Ele ficou meses internado, infelizmente jovem, um menino talentosíssimo. Eu tenho ainda muitos registros que ele fez de mim trabalhando ali, a gente junto acompanhando a coletiva. Produção de *posts*, foi muito duro, “né”? A gente perdeu uma pessoa do nosso time.

Dentro do Butantan não convivi, mas teve uma pessoa ali também da equipe científica, que morreu. Então para eles foi muito forte aquilo. Eu não tinha convivido com aquela pessoa. Eu perdi..., mas assim, eu tenho uma amiga muito próxima que hoje eu convivo com ela, eu trabalho diretamente com ela. E ela perdeu o marido com 48 anos, dois meses depois que teve Covid porque vira uma “panela de pressão”. Ele teve um AVC fulminante, provavelmente foi um “trombo” ali, que ele teve Covid leve, ele deve ter tido um trombo que ficou circulando no corpo dele. E aí veio um AVC fulminante, né? Eu, penso assim, que foi uma pena. Foi uma pena a gente não ter tido a vacina muito antes, como vários países tiveram, né? O caso das tratativas com a Pfizer, é um grande exemplo disso. Essa vacina poderia ter chegado muito antes da população e certamente a gente não teríamos mais de 600 mil pessoas perdidas, 600 mil vidas perdidas.

E tudo foi começando a ser tratado com normalidade. Quando a gente tínhamos aqueles índices de pessoas morrendo em um dia ali, em um grande volume. Quando acho que morreram 10 mil pessoas em um dia, eu não lembro que foi algo assim.

E aquilo foi também pesadíssimo. A situação, nós vendo pessoas sendo enterradas daquela forma, brutal. As pessoas não puderam se despedir dos seus entes, as pessoas não tinham caixão, a crise sanitária depois, não tinha oxigênio. Tudo isso era muito pesado. Muitas pessoas questionam a eficácia da CoronaVac: “Ai, que essa ‘vacininha água com açúcar’”. Eu falo assim: ainda bem que tínhamos essa vacina. Independente da questão política. Eu não sou direita, eu não sou esquerda. Eu estou ali “meio que no meio ainda”. Tenho minhas opiniões. É contra ambas os lados, mas o que eu quero dizer, esquece os lados e vão falar da saúde de vidas.

Não fosse o Doria...muito mais gente tinha morrido. Eu tenho uma série de coisas para dizer. Eu acho o Doria “super marqueteiro”, eu acho muito complicado a forma como ele também se posicionou ali. Tanto que a rede do Butantã, ela era isenta. Nunca trouxemos nada do Doria, evitávamos qualquer fala, associação, ligação. Fizemos um trabalho muito autônomo ali.

Sabemos de informação, de ciência. Obviamente divulgávamos as saídas de dose. Ele vinha de manhã, fazia ali a coletiva, mas evitávamos a imagem dele nas redes porque sabíamos que tinha uma narrativa política ali. Era uma guerra, mas tentávamos ser isentos para levar para a população informação.

WL - Quer dizer, essa questão do marketing, essa questão do marketing, o “Plano São Paulo”, vocês saíram disso?

J1- Não, nunca. Tanto que é o mérito é todo o Doria. Foi ele que “peitou” e falou: “Ah, o governo federal não vai trazer vacina?” Então eu vou trazer por São Paulo a vacina. E isso é todo um mérito do governo estadual de São Paulo, isso ninguém pode negar. Gostem ou não do Doria, é falando não de política, mas de atitude. Tudo que ele teve ali, foi uma atitude que salvou milhares de vidas. Porque quantos meses depois que a que a Pfizer chegou? Chegou muito tempo depois. E foi a CoronaVac, que meio que ali “salvou de largada” uma situação.

Se tivesse sido tudo feito de “mãos dadas”, com união, com as pessoas, teria morrido muito menos gente, eu imagino. A vacina teria chegado muito mais cedo pra população. E isso chocava, a questão de saúde.

Eu trabalhei na pandemia, um monte de gente morreu. Esse cara (Bolsonaro) esnobou a vacina, ele não trouxe a vacina, ele não fez um papel que ele tinha de fazer pela população naquele momento de pandemia. Eu não posso, eu não posso aceitar isso. Eu vi gente morrendo, eu vi, eu fiquei, eu acompanhei a vacinação dos profissionais de saúde dentro do Emílio Ribas, dois dias direto, né? O trabalho que todo mundo fez, todo mundo se doou. Eu não posso. Tem uma questão minha, pessoal aí. Eu trabalhei, todo o mundo “arregaçou as mangas”, pelo menos onde eu estava ali, dentro do departamento de comunicação do Butantan, virou quase que uma agência. Porque tínhamos ali.

WL - E uma coisa é contar...outra coisa é você ver...

J1- Exato. Eu tenho um amigo que é um executivo hoje de comunicação, de um grande grupo nacional e ele falou: “Olha que coisa, né? O Doria trouxe a vacina. E ele foi execrado da campanha para presidente. E o governador na época do Rio, não me lembro o nome, que não fez nada, ganhando o primeiro turno, a eleição. Sabe algo assim meio paralelo, que é muito doida a política, né? É muito maluco, gente, foi o cara, ninguém pode negar. O Doria “bateu de frente” e trouxe a vacina. Dentro da própria ciência tem profissionais que questionam: “Ah, mas a CoronaVac, ‘água com açúcar’, essa vacina”? Não importa. Era o que tínhamos naquele momento. O que podia ser feito. Eu me contaminei na pandemia e eu passei para o meu marido e para o meu filho.

Meu marido ficou 17 dias na UTI porque ele tinha comorbidades. Então quando víamos alguém que se contaminava, a gente se doía muito, não só por parentes, mas colegas de trabalho, quando sabíamos de alguém que estava... isso mexia muito com a gente. Porque foi um trabalho coletivo, que ninguém mediu esforços. Tempo de trabalho, eu pelo menos me joguei naquilo. Eu falo que foi um privilégio, fazer parte da história, infelizmente, uma história de muita dor. Mas eu aprendi muito, aprendi sobre rede social, ciência, vacina. Porque a pandemia também mostrou que tinham dois pontos que tínhamos muito frágeis: a educação e a saúde. A pandemia trouxe, escancarou isso. Como na educação ainda era muito frágil. Quando teve de ir para o *home school*. E na própria saúde também, como éramos frágeis, mas o sistema que temos de saúde é o SUS.

A vacinação é gratuita, que foi oferecida pelo governo mesmo, minha irmã mora nos Estados Unidos. Ela pagou a vacina, depois o plano de saúde reembolsou, era a forma do programa do governo deles. Que o Brasil tem de saúde pública é para se “tirar o chapéu”. Devíamos valorizar mais isso, não é? Aproveitar mais isso. E o que eu vejo também, que eu

acho que é importante. E o estrago, desse momento pandêmico, dessa desinformação está aí: os índices de vacinação baixíssimos, caindo, estratosféricamente. Nunca tivemos índices tão baixos de vacinação. Para vacinas que são dadas pelo governo, gratuitas. Vacinas de ponta. E estamos vendo as pessoas saírem disso. E vai voltar. É uma questão de tempo.

Vai ver doenças voltando, poliomielite voltando, essas situações. Então é muito sério, porque ainda tem consequência. Não é só consequência de gente que teve Covid longa teve, conheço muita gente que até hoje têm sequelas de Covid. Tem questões neurológicas que tiveram complicações, olha o Luciano Zafir, é um deles. Mas sofremos as consequências dessa *fake news* da pandemia, que é um índice de vacinação que está muito aquém do que deveria estar. Olha só, a Níssia (ministra da saúde) caiu. Não conseguiu reverter também essa situação, que é um ponto extremamente delicado. E é isso, Wallace, espero que eu tenha contribuído.

J2 - “Vamos lá.” O trauma é assim. Eu trabalhei todos os dias, não deixei de ir para o trabalho, saía da minha casa. Eu ia para o Palácio (dos Bandeirantes) todos os dias, bem como toda a equipe da Secom (Secretaria de Comunicação). A gente está falando aí na época somada, como pessoal da saúde, da comunicação, da saúde. Estava falando aí de umas 100 pessoas, gente que não esmoreceu e .a gente teve um colega que é o Luís Faro, não sei se se já ouviu essa história. O Luís Faro contraiu a doença e foi parar no hospital. E ele ficou 43 dias, se não me engano, 28 dias entubado. Ele não botou um pé do outro lado, ele botou um e-mail. Foi um milagre ele ter voltado. Foi muito grave a situação dele. Ele sofreu a doença.

A gente teve pessoas lá na equipe da Secom que contraíram, mas ficaram com aqueles sintomas mais leves, isoladas e tal. E as coisas do Samaritano. Mas ele quase morreu, tanto que quando saiu, ficou de cadeira de rodas por um “tempão”. Hoje ele está bem e tal, mas a cabeça dele, se você parar para conversar com ele, ele é um cara super traumatizado e o medo de morrer é algo presente na vida dele hoje, cinco anos depois.

Do meu lado, minha família acabou indo morar com os meus sogros. Fiquei sozinho, acho que quase três meses em casa, sozinho, para poder lidar, né? Porque não sabíamos. Lavávamos a roupa todo dia, tomávamos banho e esterilizávamos, toda aquela doideira que nós tínhamos. É isso agora, fazer diferente. Eu acho que assim, hoje, olhando para trás, tem esse ponto aí, talvez de ter organizado tanto. Ter feito uma coisa um pouco mais orgânica, menos “marketado”, pegar o pessoal do design para cuidar. Acho que talvez eu não faria isso hoje, mas na hora era o era o certo para fazer, o que nós sentíamos que era o correto para fazer. E tinha de ser feito, então é mais esse olhar para trás agora, conseguindo enxergar, mas na hora acho que era certo.

(WL) Em relação ao ambiente de internet, redes sociais, você acha que seria necessário fazer algo diferente? Porque pelo que deu para entender da sua entrevista até agora, é a estratégia para os grandes meios. Funcionou bem, com exceção dessa questão do marketing, da tragédia que acabou voltando contra, “né”? Mas eu ainda estou com aquele “7 a 1” que você citou na cabeça, ainda na minha cabeça, pensando...

J2 - Eu acho assim, se já tivesse acontecido hoje a pandemia diante de tudo o que eu sei, eu talvez montaria uma sala com umas 300, 500 pessoas, pagas pelo governo, tipo uma central de marketing de teleatendimento, sabe? Monitorando e gerando resposta para todo mundo, lutando nessa guerrilha, colocando informação, entrando em conversas, fazendo um telemarketing de combate.

Porque isso ainda é muito difícil, porque eu estou falando, eu vou te contar um caso pessoal que aconteceu comigo. Nós, na pandemia, ali para abril e maio de 2020, tinha um grupo da minha família. Eu tenho um tio, um irmão do meu pai, extremamente bolsonarista. Hoje ele está com uns 74,75 anos, ele é o legítimo “tio do zap”. Aí você fala assim: “Poxa vida, mas ele é uma pessoa simplória, não”?

Meu tio foi diretor financeiro de uma empresa multinacional no vale do Paraíba, de empresas alemãs, empresas norte-americanas, viajou para o mundo todo. Eu não estou falando de um cara com má formação ou que está em um extrato social ruim. Ele era um propagador. De vontade própria, ele não fazia parte do exército do Bolsonaro. Só acreditava e ele repassava tudo aquilo não só para grupos da família, como também para grupos de amigos. Eu acabei brigando com ele na época - esse é um outro trauma- eu acho que não só eu vivi isso, mas teve muitos afastamentos em famílias, entre amigos.

Um belo dia, voltando umas 11 horas do Palácio dos Bandeirantes e para casa, toca o meu telefone. Era ele. Talvez a última vez que eu tenha conversado com ele por telefone, fazia uns 10 anos. Era ele. “Oi, tio tudo bem?” “Tudo, ó, estou te ligando por causa de um de uma coisa que eu fiquei sabendo.” Aí você já para e pensa: “Lá vem”. E eu, no grupo da família, só mandando informação correta. Informação que a gente passa. A gente tenta fazer um “trabalho de formiguinha” nisso também. Bom, ele disse: “Olha tem um amigo meu de Minas Gerais, que é de um grupo que eu participo. Então que está com a documentação que o Doria é sócio desse laboratório chinês que está trazendo a vacina.” “Tio, é sério isso?” “Estou com a documentação e tal.” Na época eu passei para ele assim: “Eu vou te passar o telefone da redação da Globo e do Ministério Público, vai para cima.” (E ele): “Não, eu estou te ligando porque você trabalha com o Doria e eu não quero que você se ferre. Não sei o que eu falei, acho que foi assim: “Mas você tem certeza de que você viu os documentos?” “Não, não vi, mas esse meu amigo tal, ele está todo empenhado.” Estou dando toda essa volta. Olha só, vou te contar um negócio: é uma pessoa comum que estava empenhada em disseminar *fake news*. É difícil a gente lidar. Por mais que um Anhembi de telemarketing, mais de 10 mil pessoas...Metade do eleitorado que vota no Bolsonaro...se um terço disso aí resolver discutir na internet. Estamos falando aí de 30 milhões de pessoas. E essas pessoas curtem. É um exército que é muito difícil de lutar.

Você vê o próprio PT hoje com Lula, não consegue. De arregimentar um exército das mesmas proporções que essa direita mais radical conseguiu. É um fenômeno muito curioso. Obviamente tem a isenção das plataformas. Que isso é outro debate que é gravíssimo, porque se realmente as plataformas tivessem uma responsabilidade social sobre isso, social, cível, criminal, talvez não gerasse 10% do que tem hoje, “né”?

Ontem à noite mesmo estava no TikTok, estava olhando uma moça, ela deve ter por volta de uns 25 anos. A quantidade de coisas que ela propaga, de falsidades sobre ciência é um negócio inacreditável de teorias da conspiração, malucas assim, de ônibus espacial, de qualquer coisa. A menina tem uns 25 anos, o que ela sabe sobre ciência? O que ela sabe demais? O TikTok entrega para cada vídeo dela mais ou menos 2 milhões ou 3 milhões de visualizações. E quem desmente não consegue 15 mil visualizações. Eu a descobri por causa de um cara que estava a desmentindo, um cientista. E aí assim: ele 15 mil e ela 3 milhões de visualizações. Tem esse links também, que por mais que a gente na comunicação pública, faça uma política pública de comunicação, muito empenhado, sempre vamos estar lutando “meio Davi e Golias”.

J3 - Olha o impacto em saúde mental no decorrer do processo, sem dúvida nenhuma, é algo que trouxe um impacto grande. É difícil avaliar se faria algo diferente, porque acho que é muito cômodo hoje com um cenário “em mãos” mais claro e com um conhecimento técnico mais claro, eu diria que é fácil.

WL - Imagina que você está olhando uma nova pandemia...? Daqui seis meses, um ano, o novo vírus mortal vem, a mesma configuração. Você tomaria alguma atitude diferente daquilo que você fez? Porque a gente, dentro desses processos, você vai errando e acertando. Chega uma hora que você vai precisar repetir algumas coisas e outras vezes você sabe que não. Isso aqui não vai, não vai funcionar. Eu já tentei e não vai funcionar. É nesse sentido essa pergunta...

J3 - Perfeito. Acredito que em alguns pontos, sim, acho que a maioria eu considero, acho que o período com mais acertos do que erros. Mas buscaria tentar trabalhar melhor a informação em redes sociais como a gente.

Como eu comentei anteriormente, acho que esse é o ponto que a gente mais teve dificuldade e acredito que ainda mais no mundo com o passar dos anos, esse é um ponto onde as pessoas estão mais inseridas. Eu acredito que buscaria novas técnicas, procedimentos, para que a informação oficial tentasse ser disseminada de uma forma mais rápida. E o combate à desinformação é feito de uma forma mais ágil, principalmente nos meios digitais. Acho que esse é o ponto a ser feito de forma diferente, a ser aprimorado.

J4 - Olha, eu não faria nada diferente. Eu não tive um dia de *home office*...eu não tive um dia de folga. Eu me emociono até hoje só de lembrar. Eu tive um amigo muito próximo que era o Claro, você o conhece também, que ficou 47 dias internado entre a vida e a morte, saiu sem andar, teve de ficar um ano lá fazendo fisioterapia para voltar a ser quem ele era.

Enfim, em meio a isso tudo, a gente ainda tinha de ouvir *fake news* e lidar com essas pessoas e às vezes pessoas da própria família, “né”? Que é não acreditar naquilo que a gente estava ali fazendo. Foi um período bem traumático para mim. Eu sofri muito naquele período, trabalhei igual a uma louca. Acho que eu nunca na história na minha vida trabalhei tanto quanto naquele período e me sentia frustrada justamente por isso, porque a gente via gente morrendo, o nosso trabalho sendo feito e parecia que muitas vezes não estava valendo a pena. Mas hoje eu vejo diferente. Hoje eu acho que valeu a pena sim e não mudaria nada. Faria tudo de novo, me dedicaria tanto quanto eu me dediquei. Trabalhava às vezes das 6h à meia-noite, às vezes até às 2 horas da manhã, estava no aeroporto para receber vacina. Enfim, não faria nada diferente não.

J5 - Olha, eu acho que foi um aprendizado, trauma não, para mim não. Porque é assim, eu sou um profissional de comunicação, que eu procuro de alguma maneira, eu não sei se é virtude ou defeito, qualidade ou defeito, mas eu procuro tentar me distanciar do fato, por pior que seja, “tá”? Para poder exercer o meu trabalho.

Então eu via as coisas acontecendo. Eu me espantava com tudo que estava acontecendo. Eu entendia a dimensão do problema. Nunca tinha vivido isso, nenhum de nós, profissionais de comunicação, seja da imprensa, da comunicação corporativa, tinha vivido algo parecido, mas trauma eu não tenho. Tive um grande aprendizado. Eu acho que foi o momento que eu mais cresci na minha carreira, foi o momento da pandemia. O que contribuiu para isso? Wallace, é o fato de, na minha família, eu não ter tido ninguém que morreu ou ficou internado grave pela doença. E isso ajudou.

COMENTÁRIO SOBRE AS RESPOSTAS: “J1” e “J2” lembraram de amigos atingidos pela pandemia, um caso de morte e outro de sequelas. “J2” fala ainda em montar equipes maiores para poder melhor responder à demanda das redes sociais. “J3” falou em desenvolver novas técnicas. “J4” lembrou de como a jornada foi estressante. E “J5” fez uma reflexão: “só resistimos”, porque ninguém da sua família morreu.